

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

I. 1. Nome do candidato:

Leandro Villela de Azevedo

I. 2. Endereço Residencial:

Rua Bartolomeu Bermejo, 55

Casa Verde Alta CEP: 02565-000

São Paulo - SP

F: (0xx11) 6239-1673

e-mail: leandrovilleladeazevedo@hotmail.com

I.3. Nível:

Mestrado

I.4. Área:

História Social

I.5. Orientador:

Prof.Dr. Nachman Falbel

I.6. Título do Projeto:

"As narrativas de José do Egito No Midrash"

I.7. Ano de Ingresso no Programa de Mestrado:

2001

Agradecimentos

Primeiramente, e acima de tudo, quero agradecer a Deus,

Como destaque tenho muito, realmente muito a agradecer ao prof. Nachman Falbel, que continuou acreditando mesmo quando desacreditei, que foi um exemplo vivo da palavra Graça, que encorajou e ajudou muito além do que se poderia esperar de qualquer orientador,

Também tenho muito a agradecer à Vanessa Lima, minha esposa, por todo o apoio, desde idéias brilhantes a consolo afetivo nos momentos de dificuldade.

Agradeço também à

Moacir Martins e Damião Martins – pelo apoio em teologia,

Clarisse Silva, pelas aulas de hebraico

Ana Paula Magalhães, pelo apoio teórico e aulas de latim

Pr. Karl Kepler, pelo apoio especial na questão da lei x graça

Eliel Pereira de Azevedo(meu avô), pelo conhecimento bíblico

Laudezir Carvalho(meu pai), pelo apoio financeiro

Emília Moreira i.m. (minha avó), pelo conhecimento bíblico

Philip Yancey, pelo apoio moral em seus livros

D. Geraldo, pelo acesso à biblioteca do mosteiro beneditino de S. Geraldo

Paulo, pelo acesso à biblioteca dos redentoristas

CIP, pelo acesso à biblioteca

Eunice e Luciane do Saint Clair, pela compreensão e apoio

E por último não poderia deixar de agradecer a José, filho de Jacó, por ser a figura principal dessa dissertação.

Índice

I. Dados da dissertação	1
I.8 Resumo	2
I.9 <i>Abstract</i>	4
II. Questões técnicas	
II.I Com relação às palavras em hebraico.....	5
II.II. Com relação às abreviaturas utilizadas	10
II.III. Com relação à medida do tempo	14
III.1. Introdução	15
III.1.2 O Que é <i>Midrash</i>	16
III.1.3 O surgimento histórico dos <i>midrashim</i>	17
III.1.4 O <i>Midrash Rabbah</i>	19
III.1.5 O <i>midrash</i> de José do Egito	21
III.1.6 A Lógica dos <i>midrashim</i>	23
III.1.7. Linhas de pesquisa sobre o <i>Midrash</i>	25
III.2 Analisando o <i>Midrash Rabbah</i> - Muitos Rabinos, um único texto	

III.2.1 E os Rabinos começam a sua discussão	28
III.2.2 Quando os rabinos precisam fechar as lacunas.....	36
III.2.3 Os autores do <i>Midrash Rabbah</i>	43
III.3.1 Os temas a serem tratados.....	56
III.3.2 O valor da vida e a questão da primogenitura	61
III. 3. 3 A Relação entre os irmãos: amor x ciúmes	77
III.3.4 Tentação	96
III.3.5 Pecado: Perdão x Punição	109
III.3.5.A. A punição	111
III.3.5.B. Redenção	121
III.3.6 Os profetas, As profecias e A Profecia.....	127
III.3.6.A. Os profetas	127
III.3.6.B. As profecias e as "desprofecias"	142
III.3.6.C. A profecia : Redenção Messiânica	153
III.3.7 – Simbologia	176
III.3.7.A. A questão das vestes de José	176
III.3.7.B. Simeão e Manasses	183

III.3.7.C. A Tribo de Dã	190
IV.1 O Midrash Rabbah e outras fontes monoteístas	
IV.1.1. José e <i>Youssif</i> (ou José no Alcorão)	197
IV.1.2 A Vida de José na visão de Fílon de Alexandria	211
IV.1.2.A Quem era Fílon, sua obra, e o local onde estava inserido	211
IV.1.2.B. A vida de José por Fílon de Alexandria	213
IV.1.3. José e João: A figura de José nas "Cartas à Olímpia" de João Crisóstomo	230
V – Conclusão	234
VI. Fontes Bibliográficas	
VI.1 – Fontes Primárias	240
VI.2 – Bibliografia	241
VII. Índice Alfabético Remissivo	258

I.8. Resumo

A história judaica o período desde a destruição do Segundo Templo, no ano 70EC até a compilação do Talmud em 500EC é essencial para demarcar as bases da cultura que irá se estender por toda a Idade Média. Período em que as perseguições serão constantes e a cultura de exílio da terra santa irá se concretizar.

Esta época, bem como a época posterior, até a compilação do *Mishné Torá*, de Maimônides, será intensamente marcada pela produção do gênero literário conhecido como *Midrash* (p . *midrashim*). Uma espécie da exegese feita pelos sábios com a liberdade da lenda. Gênero este que, pouco a pouco, irá aglutinar elementos da tradição judaica com os novos problemas que estarão sendo enfrentados por essas comunidades. Sendo assim, um rico material para o estudo dos valores deste povo nesta época.

O *Midrash Rabbah* é a principal compilação de *midrashim* feita na época do *Talmude*. Em sua primeira parte, o *Bereshit Rabbah* isolamos a narrativa de José do Egito. A interpretação desta obra isola os elementos mais marcantes da narrativa de José e permite traçar eixos comparativos com outros *midrashim* da época e com outros textos correlatos das outras vertentes monoteístas¹.

Abrangendo desde valores como o da primogenitura, da vida humana, da relação entre irmãos e entre pai e filho, a riqueza de tal documento se estende até o principal elemento que permeia todas as outras questões que é o messianismo judaico medieval.

¹ Como o caso da narrativa sobre José do Egito no alcorão, por exemplo.

Palavras Chave: História Medieval de Israel - Judaísmo Talmúdico - Interpretação Bíblica - Midrash - Midrash Rabbah - José do Egito - Messianismo Judaico

I.9. Abstract

This dissertation is about the Jewish history from the period of the destruction of the Second Temple to the compilation of the Talmud. (70CE to 500CE). This period is essential to understanding the bases of the Jewish culture in the Middle Ages. It was a period of constant struggling for surviving and the period of the permanent Exile.

Since 70CE to the final of the Middle Ages the production of a special literary genre is constant, this is the Midrash (p. Midrashim). It's similar to an exegesis made by the wisdom but it has the liberty of creation, like a legend. This literary genre agglutinate elements of the Jewish tradition to the new problems that the jews were suffering by that time.

The Midrash Rabbah is the most important compilation of midrashim made before the 7th century. The first part of this compilation é the Bereshit Rabbah, it's about the genesis book, called "Bereshit" by the Jews. We isolated in this book the history of Joseph. Analyzing this narrative it's possible to make parallelisms to other midrashim and other correlated text in other monotheist religions.

The values treated in this compilation there are the value of life and the primogeniture, the relations among father and sons, the symbolism and the most important, the elements of the Jewish messianic ideas.

Key-words: Medieval history of Israel. Talmudic Jewish Thoughts – biblical exegesis – Midrash – Midrash Rabbah – Joseph from Egypt – Jewish Messianic Ideas.

II. Questões Técnicas


Este trabalho não tem como principal objetivo o estudo aprofundado da língua hebraica, embora a utilização de termos da língua original seja inevitável. Portanto, algumas convenções técnicas foram adotadas para que não se perdesse o conteúdo original, sem dificultar a sua leitura.

II.I. Com relação às palavras em hebraico

Palavras Dicionarizadas - A língua portuguesa em sua capacidade antropofágica englobou muitas palavras do hebraico, de tal forma que já estão presentes nos principais dicionários, como o Aurélio. Quando o termo original em hebraico admitir tal "aportuguesamento" da palavra então usaremos a palavra dicionarizada, em *itálico*. É o caso por exemplo de *torá*, *talmude*, etc.

A palavra Midraxé: A palavra hebraica *Midrash* (מדרש) foi utilizada por alguns autores, como G. Limentani de uma forma aportuguesada: *midraxé*; entretanto, esta forma ainda não foi dicionarizada. Para evitar o uso de caracteres hebraicos optamos pela utilização da convenção feita pela Enciclopaedia Judaica: *midrash*. Entretanto esta forma ainda deixa uma dúvida pela característica da língua inglesa, sendo, portanto *the midrash*, sem definição de gênero. Duas opções pareciam válidas, a *midrash*, já que os seus sinônimos em português são femininos, como "a lenda", "a narrativa", "a exegese" ou o masculino: *o midrash* sendo que na língua original esta palavra é masculina. Portanto, em respeito à língua original adotamos *o midrash*, cujo plural, portanto, fica sendo *os midrashim*.

Gênesis Rabbah ou Bereshit Rabbah - Embora a principal tradução utilizada deste livro tenha sido o *Midrash Rabbah*, da editora Ancor, e nesta edição utilize-se sem o termo Gênesis Rabbah, resolvemos, por respeito à língua original adotar *Bereshit Rabbah*.

Outras Palavras de origem hebraica - Algumas palavras hebraicas não possuem correlatos em português. Havia três possibilidades de sua utilização. Primeiramente utilizar as próprias palavras com os caracteres hebraicos. Entretanto, esta opção dificultaria a leitura de pessoas que desconhecessem tais caracteres. A segunda opção seria a utilização do padrão científico adotado para a transliteração de tais palavras. Porém, tal padrão utiliza-se de sinais que não são reconhecidos pelo computador, não havendo portanto como produzir o trabalho desta forma a não ser possuindo programas muito específicos para tal transliteração, como é o caso de . Assim sendo, adotamos as normas de transliteração para edições, segundo o proposto pela Enciclopédia Britânica. Tal norma se faz conforme tabela abaixo

א	Não transliterado
ב	b
ב	v
ג	g
ג	g
ד	d
ד	d
ה	h
ו	V (a não ser que seja vogal)
ז	z
ח	h ²

² A transliteração proposta pela enciclopédia britânica era h com um ponto embaixo, entretanto tal caractere não foi encontrado para utilização eletrônica.

As Narrativas de José do Egito No Midrash

ט	t
י	y ³
כ	k
כ	kh
ך	kh
ל	l
ם	m
מ	m
ן	n
נ	n
ס	s
ע	Não transliterado
פ	p
ף	f
פ	f
ץ	z ⁴
צ	z ⁵
ק	k
ר	r
ש	sh
ש	s

³ Apenas caso seja vogal. E caso esteja no final da palavra a transliteração é feita por "i"

⁴ A transliteração proposta pela enciclopédia britânica era z com um ponto embaixo, pelos mesmos motivos da nota 1, utilizamos apenas o "z"

⁵ idem

ת	t
ת	t
ֿ	a
ֿ	a
ֿ׃	a
ֿ׃	e
ֿ׃׃	e
ֿ׃׃׃	e
ֿ׃	i
׃ֿ	i
ֿֿ	o
׃ֿ	o
ֿֿ	u
ֿֿ	u
ֿ׃׃	Não transliterado

Tetragrama : O tetragrama são as letras que indicam o nome de Deus. יהוה (YHWH) ou (Yud, Heh, Waw, Heh). Não há vocalização no hebraico, portanto todas as propostas para o nome de Deus são meras aproximações. Em português muitas vezes o "yod" é transliterado pela letra "j". Assim sendo, alguns utilizam o nome "Javé", para designar o nome de Deus, outros utilizam "Jeová". A Bíblia de Jerusalém, na tentativa de ser fiel ao hebraico utiliza o nome "lahweh", outros

especialistas ainda propõe "Yehowah".⁶ Entretanto este trabalho não pretende adentrar nesta discussão, bastando-nos a apresentação do problema nesta pequena introdução técnica. Adotaremos durante o trabalho o termo "Deus" que evita qualquer discussão sobre o nome original utilizado. Na verdade apenas em um único capítulo a grafia do nome de Deus toma mais importância⁷ e neste momento mais informações serão passadas. Quando o termo é citado do *Midrash Rabbah* optamos por manter lahweh.

Neologismos: Não vi outra forma de expressar certas idéias a não ser com a criação do neologismo "*Midráshico*", palavra cujo significado óbvio é "referente a um ou mais *midrashim*". Tal palavra já existe na língua inglesa "*midrashic*" e facilita a escrita e a leitura do texto.

⁶ SILVA, Clárisse Ferreira, *O comentário, peshet de Habacuc*, p.8

⁷ O capítulo "A profecia"

II.II. Com relação às abreviaturas utilizadas

Abreviaturas de livros bíblicos: Optamos por utilizar a mesma abreviatura proposta pela *Bíblia de Jerusalém*. Seguindo, portanto, a tabela abaixo:

Torá (Pentateuco)	
Gn	Gênesis
Ex	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio

Profetas	
Js	Livro de Josué
Jz	Livro dos Juízes
1Sm	1º Livro de Samuel
2Sm	2º Livro de Samuel
1Rs	1º Livro dos Reis
2Rs	2º Livro dos Reis
Is	Livro de Isaías
Jr	Livro de Jeremias
Ez	Livro de Ezequiel
Os	Livro de Oséias

Jl	Livro de Joel
Am	Livro de Amós
Ab	Livro de Abdias
Jn	Livro de Jonas
Mq	Livro de Miquéias
Na	Livro de Naum
Hab	Habacuc
Sf	Livro de Sofonias
Ag	Ageu
Zc	Livro de Zacarias
Ml	Livro de Malaquias

Escritos (hagiógrafos)	
Sl	Livro dos Salmos
Jó	Livro de Jó
Pr	Livro dos Provérbios
Rt	Livro de Rute
Ct	Cântico dos Cânticos ⁸
Ecl	Eclesiastes (Coélet)
Lm	Lamentações
Est	Ester
Dn	Daniel
Esd	Esdras

⁸ ou Cantares dependendo da tradução

Ne	Livro de Neemias
1Cr	1º Livro das Crônicas
2Cr	2º Livro das Crônicas

Outros livros do antigo testamento segundo a versão católica

Tb	Tobias
Jt	Judite
1Mc	1º Livro dos Macabeus
2Mc	2º Livro dos Macabeus
Sb	Livro da Sabedoria
Eclo	Eclesiástico (Sirácida)
Br	Baruc

Livros do Novo Testamento

Mt	Evangelho segundo Mateus
Mc	Evangelho segundo Marcos
Lc	Evangelho segundo Lucas
Jo	Evangelho segundo João
At	Atos dos Apóstolos
Rm	Carta aos Romanos
1Cor	1ª carta aos coríntios
2Cor	2ª carta aos coríntios
Gl	Carta aos Gálatas

Ef	Carta aos Efésios
Fl	Carta aos Filipenses
Cl	Carta aos Colossenses
1Ts	1ª carta aos Tessalonicenses
2Ts	2ª carta aos Tessalonicenses
1Tm	1ª carta a Timóteo
2Tm	2ª carta a Timóteo
Tt	Carta a Tito
Fm	Carta a Filemon
Hb	Carta aos Hebreus
Tg	Carta de Tiago
1Pd	1ª Carta de Pedro
2Pd	1ª Carta de Pedro
1Jo	1ª Carta de João
2Jo	2ª Carta de João
3Jo	3ª Carta de João
Jd	Carta a Judas
Ap	Apocalipse

II.III. Com relação à medida do tempo: Sendo este um trabalho cujo documento central é um documento hebraico, poder-se-ia utilizar-se da contagem de tempo hebraica. Entretanto, isso talvez dificultasse a compreensão por quem não estivesse acostumado com tal utilização. Igualmente não pareceu certo utilizar-se das datações AC (Antes de Cristo) e DC (Depois de Cristo). Desta forma estaremos utilizando-nos de EC (Era Comum) e AEC (Antes da Era Comum) .

III.1. Introdução

O pensamento de um povo, semente repleta de um vasto poder caótico que quando direcionado é capaz de criar maravilhas ou destruir montanhas, vai muito além da lógica formal de alguns homens ilustres. Entretanto, ele é composto de um intrincado jogo de fatores emocionais, valores, crenças, regras sociais, episódios pessoais, episódios históricos, e tantos outros que são incontáveis. Neste ponto um gênero literário, conhecido como “fábula”, ou “lenda”, é um dos poucos que consegue permear por todos esses fatores, sendo um ponto de ligação entre as crenças sublimes e a vida cotidiana, entre a história passada, a presente e o sonho do futuro, entre os valores ideais e os que se encontram mais difundidos, entre a lógica formal e a emoção, criando um tipo de lógica que lhe é característica. Lógica esta que, segundo T. Todorov é a base das relações humanas⁹

O povo judeu se destaca por, apesar de não ter uma unidade política durante quase 1900 anos, manter certa unidade de costumes, crenças, valores e regras sociais. Não é de se espantar de que seja um povo que se utilize muito de relatos lendários, míticos e místicos, e que estes tenham uma grande importância tanto na vida cotidiana, como nas mais calorosas discussões teológicas. Em hebraico, a palavra mais próxima de lenda seria *Aggadah* (para ser narrada). Há, entretanto, um tipo específico de literatura, que possui todas as liberdades literárias das lendas, mas que tem o caráter de ser uma investigação sobre um tema específico. Este gênero literário é o *Midrash* (p. *Midrashim*). Perpassando em uma análise exegética, literária, os problemas e preocupações do povo que os escreve naquele momento.

⁹ Os gêneros do discurso, 242

III.1.2 O Que é *Midrash*.

O nome *Midrash* é extraído raiz hebraica triletre “DRSh”¹⁰ que significa pesquisar a fundo, investigar, acompanhado da preposição *Mi* que significa “quem”. Segundo o Dicionário Bíblico *The Ancor Bible Dictionary*¹¹ *Midrash* é : “O termo rabínico utilizado para exegese bíblica, palavra originada da raiz hebraica DRSh, que na bíblia significa investigar, fazer inquérito, geralmente tendo este verbo como objeto direto Deus ou um grande e importante rei” . Esta definição, entretanto, causa discordância de alguns autores, como veremos a seguir, mas, para caráter introdutório ela nos é suficiente.

O *Midrash* essencialmente se baseia tanto no livro sagrado, *Torá*, como na tradição oral, conhecida como *Torá oral*, parte desta compilada posteriormente, no *Talmude* . Então *midrash*, cujo plural é *midrashim* , é um instrumento que deveria possibilitar uma melhor compreensão dos conceitos da *Torá*, através de uma reinterpretação de elementos que a tradição popular usa para preencher as lacunas da *Torá*.

Diz a tradição que a *Torá* original teria sido escrita por Deus com fogo negro em folhas de fogo branco, onde o fogo negro é imutável, não deve ser tocado, ao mesmo tempo o branco, que é igualmente sagrado, deve ser interpretado, buscado¹². Estaria aí o motivo do *Midrash*. Se a *Torá* é também o fogo branco, temos na figura das chamas algo intenso, que dá pulos ao ar e é disforme, portanto o estudo desta chama (*Midrash*), através da tradição oral, igualmente pode, dependendo da situação, trazer elementos e interpretações diferentes, e por vezes até contraditórios¹³, incrivelmente, sem que isso crie uma contradição.¹⁴

¹⁰ “Dalet, Reish, Shin”

¹¹ The Ancor Bible Dictionary, vol4, Boubleday, 1992, p.815

¹² MIDRASH TANHUMA, I

¹³ LIMENTANI, Giacoma, *O Midraxe*, cap1.

¹⁴ GRAVES, Robert & PATAL, Raphael, *O livro do gênese – mitologia hebraica* , p. 231 .

III.1.3 O surgimento histórico dos *midrashim*

A primeira vez que a palavra *midrash* aparece claramente, é no livro de Esdras, 7,10, como objeto do verbo DRS^h. O sentido de *midrash* utilizado, entretanto, é diferente do que vai tomando no decorrer dos séculos. Nesta situação ele aparece com o significado puro de interpretação.

Outras duas vezes o nome *Midrash* aparece na bíblia, entretanto com um significado ainda mais diferente, trata-se de Crônicas 13,22 e Crônicas 24,27 e ao que parece eram relacionados a acompanhamentos que os rabinos faziam às escrituras.¹⁵

A primeira vez que surge um gênero literário provido da necessidade de interpretação (exegese) bíblica, objetivando justamente escrever estas lacunas presentes na *Torá*, em forma de fogo branco flamejante, é na comunidade de Qumran, portanto um século antes do nascimento de Jesus. Com a recente descoberta dos manuscritos do mar morto, este tipo de literatura foi descoberto, recebendo o nome de *Pesher* (p. *Pesharim*).¹⁶ Esta literatura é uma interpretação dos textos bíblicos, mas com o objetivo de mostrar a visão oficial da comunidade de *Qumran* acerca de determinado assunto.¹⁷

A maior parte dos pesquisadores identifica esta como a primeira produção midráshica que possuímos ainda em seu original, mesmo assim alguns autores como Maurya Horgan põem em dúvida sobre a possibilidade de se enquadrar os *Pesharim* como *midrashim*, já que estes são feitos para se colocarem como a visão oficial e única de uma comunidade, enquanto uma das principais características dos *midrashim* é justamente a pluri-autoria, que permite inserções e novas interpretações durante séculos e séculos.

¹⁵ The Anchor Bible Dictionary, vol5, Doubleday, 1992, p.243

¹⁶ idem, 244

¹⁷ Antes da descoberta de tais documentos acreditava-se que a *midrash* deveria ser a forma mais antiga desta manifestação

Já na época da queda do 2º Templo havia a produção de *midrashim*. Existem diversas tentativas de classificação dos *midrashim* escritos nesta época e posteriormente compiladas, como veremos a seguir. Ainda no final do século XIX temos uma tentativa de divisão em *Midrash Halakah* e *Midrash Aggadah*, assemelhando-se assim à divisão do Talmude, em Halakah, parte designada às leis, e *Aggadah*, parte destinada aos relatos, narrações, com intuítos de ensino.

Na década de 70, do século XX, com os estudos de Heinemann, é que temos uma nova tentativa de divisão, em *Midrash expositiva* e *Midrash de homilia*. Sendo que a primeira seguiria uma ordem igual à que os textos se encontram na *Torá*, enquanto a de homilia podia tratar de partes diferentes de livros diferentes, isolando em si um tema como um valor moral ou espiritual. Esta divisão tem o seu sentido de ser, desde que relembremos que o fato de que apesar da nomenclatura utilizada ser “de homilia” não implica que ela fosse em si um sermão ou homilia.

III.1.4 O *Midrash Rabbah*

Durante a época da elaboração e compilação do *Talmude* (séc.I a séc.V) e séculos posteriores à produção de *midrashim* foi intensa, sendo que até hoje existe produção de *midrash*¹⁸. Uma compilação do século V, entretanto se propôs a reunir as que existiam até então, focando-se especificamente sobre os 5 livros da *Torá*. Tal compilação conhecida por *Midrash Rabbah* vem sendo constantemente reeditada durante os séculos, possuindo ela mais de uma dezena de volumes. Esta é uma compilação de diversos relatos, citados por diversos rabinos, de *midrashim* que já existiam, entretanto ela é formada no que seria definido de *midrash expositivo*, já que segue uma ordem dos assuntos tratados igual à ordem que as passagens se encontram na *Torá*, tendo assim o objetivo de perpassar por toda a *Torá*.

Nesta compilação, dentro da parte referente ao *Bereshit Rabbah* (Livro do Gênese) há uma série de *midrashim* sobre a maior variedade de temas possíveis, todas partindo do texto da *Torá*, reinterpretando os espaços vazios.

O *Midrash Rabbah*, entretanto, não se caracteriza por uma ampla utilização de elementos lendários ou místicos. Por ser a primeira grande coletânea de *midrashim* ele possui certo cuidado ao entrar com interpretações que pudessem parecer por demais míticas ou muito diversas da interpretação tradicional. Os *midrashim* medievais, especialmente os que ocorrem durante a época das cruzadas, são muito mais ricos em elementos narrativos míticos e lendários, mostrando que realmente a mesma história ao ser reinterpretada no decorrer dos anos se enriquece de elementos narrativos e ganha mais liberdade.

A um desavisado que fosse pegar o *Midrash Rabbah* para ler se sentiria bem no meio de uma discussão rabínica, já que, a todo momento, existe a citação de um rabino, muitas vezes remontado ao que teria ouvido de seu mestre, fazendo

¹⁸ Embora por vezes com significados muito diferentes do original

com que o texto seja repleto de uma dinâmica oral muito semelhante às labaredas citadas anteriormente. Não existe, ao menos aparentemente um autor central, mas sim uma compilação de diversas opiniões sobre um mesmo verso. Entretanto a inexistência de contradições nos faz crer que houve , obviamente, o cuidado prévio na seleção das citações.

III.1.5 O *midrash* de José do Egito

Uma destas histórias presentes no *Midrash Rabbah* que mais nos chama a atenção é o conjunto das que se referem a José do Egito. Estas merecem destaque primeiro pela grande quantidade de vezes que foram reinterpretadas, mas também por tratarem de valores universais que estão sendo ao mesmo tempo tratados pelos cristãos, de forma semelhante, pelas parábolas e posteriormente pelos sermões.

Apenas como exemplo, entre os *midrashim* de José, temos o que fala sobre a túnica que havia ganhado de seu pai, e que esta túnica seria o símbolo do orgulho que José tinha, sentindo-se superior a seus irmãos, entretanto enquanto vestisse a túnica de orgulho não poderia cumprir corretamente os desígnios de Deus e despertaria ciúme nos irmãos. Portanto somente quando é despido para ser jogado ao poço, e nu era despido de qualquer orgulho, poderia seguir os caminhos de Deus como o menor dos homens (portanto o maior) . Por esse mesmo *midrash* se explica que a túnica sim morreu, enquanto José viveu, pois ela se encheu de sangue como desculpa de que José estava morto¹⁹. Embora esse seja apenas um parco resumo da quantidade de valores e símbolos que esse *midrash* faz, parece óbvio que os mesmos temas são tratados na parábola do “filho pródigo” , onde o irmão mais novo cheio de orgulho que a fortuna de seu pai lhe traz sai de casa, e somente após se rebaixar a alimentador de porcos é que despido do orgulho retorna ao lar, igualmente despertando ciúmes no irmão.

No *Midrash Rabbah* a parte destinada à interpretação da história de José de Egito possui 17 capítulos, sendo que cada um destes é constituído, em média, de 30 páginas. Estruturalmente cada capítulo é constituído por uma compilação da opinião de diversos “autores” que discutem entre si ou tem suas idéias expostas

¹⁹ GRAVES, Robert & PATAI, Raphael, *O livro do gênesis – mitologia hebraica* , p. 230

através de representantes ou discípulos. O texto é uma espécie de relatório revisto destas discussões.

III.1.6 A Lógica dos *midrashim*

O mundo dos *midrashim* se mostra como algo totalmente novo e provido de sua própria lógica, baseada essencialmente em 5 fatores, **dedução lógica, dedução literária, origem (raiz) das palavras, guemátria e interpretação fonética.**²⁰ Sendo que a palavra guemátria significa a transformação da palavra em seu equivalente numérico, o que é possível sendo que os números em hebraico são representados pelas letras. Com relação à origem (raiz) das palavras, vale lembrar que em hebraico não existem vogais, as letras são consonantais e as raízes triletres, sendo que taLMuD e LoMeD (estudo) têm a mesma raiz, LMD (que significa aprendizado). Há ainda mais um sexto fator que ao qual às vezes se refere, este é o **formato da letra**. Por exemplo, a letra hei :

הּ que é uma das que define o gênero feminino de uma palavra , é comparada a um útero, portanto um dos motivos que teria de ser definidora de feminino. Ou ainda a letra beth, que é a primeira letra da *Torá*:

בּ teria esse formato mostrando que o único caminho a se seguir é a esquerda (a leitura do hebraico se dá da direita para a esquerda), portanto ela convida a pessoa a acabar a leitura da *Torá*. Por fim, as 4 letras que formam o nome de Deus, quando postas uma sobre a outra: formariam a figura de um homem , com cabeça, braços e pernas, daí que pode afirmar que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus.

י
ה
ו
ה

²⁰ LIMENTANI, Giacomina, *O midraxe*, p. 26

A própria idéia de que a melhor racionalidade é aquela capaz de guiar o pensamento de um ponto "A" a um ponto "B" pelo menor caminho existente, portanto pictoricamente uma reta, não se mostra presente na lógica midráshica. Ao querer sair de um determinado ponto de raciocínio o trajeto lógico administrado possui o formato de uma parábola, que permite que este passe por uma série de elementos que a princípio pode, aos nossos olhos ocidentais atuais, não identificar qual o fim desejado para aquele pensamento. Mas assim que o objetivo é atingido é possível verificar que o trajeto feito foi de uma parábola perfeita, portanto predeterminado pelo autor de tal *midrash*. Entretanto não se pode dizer que ele é uma parábola²¹, já que, enquanto na Parábola típica do cristianismo parte-se de um ponto do mundo material, para uma situação imaginada, mas igualmente material, para se chegar a um valor espiritual. O *midrash* parte de um pressuposto da *Torá*, portanto espiritual, passando por elementos da tradição, chegando a um novo valor espiritual, que, por sua vez, também se difere do sermão, de onde se parte de um valor espiritual para se converter em uma ação no mundo material.

²¹ enquanto gênero literário

III.1.7. Linhas de pesquisa sobre o *Midrash*

Muitos autores como Robert Graves e Raphael Patai vêem os *midrashim* como uma manifestação de uma cultura presente desde os primórdios da religião judaica e que aos poucos tenta ser expurgado dos textos oficiais por ir de encontro à religião monoteísta que estava sendo compilada na *Torá*. Para isso se utilizam de rastros que essa cultura cheia de imaginação mítica e seres fantásticos teriam deixado no texto sagrado. Sendo assim essa cultura prévia à instituição no monoteísmo teria sobrevivido oralmente por séculos, e se escrita estes livros teriam sido queimados ou proibidos, e somente nos séculos onde os *midrashim* começam a ser compilados é que haveria liberdade o suficiente de liberar estes elementos do no papel, que de certa forma eram os formadores originais da religião judaica. Sendo esta hipótese aceita o estudo dos *midrashim* seria totalmente indispensável a qualquer análise tanto de cultura judaica como de sua religião, no âmbito que fosse. Como justificativa desta linha teórica, ambos os estudiosos levantam uma série de pontos presentes na bíblia que poderiam ser citações místicas e míticas que sobreviveram ao cerco, fechado que proibia a manifestação de tais.

Temos como segunda linha teórica de interpretação dos *midrashim* aquela originada do campo mais vasto de estudo psico-antropológico da mitologia, onde a teoria reinante é a existência de um único arquétipo mitológico presente em todas as pessoas, independente de sua cultura e tempo, e que este jogo de símbolos apenas acham formas diferentes de se manifestar dependendo da sociedade. Temos esforços neste sentido de diversos estudiosos desde o século XIX, como Ranke, Raglan e Campbell, que traçaram entre outras coisas um arquétipo padrão e universal para o mito do herói, definindo 33 pontos necessários ou desejáveis para se formar um mito heróico. Desta forma os *midrashim* seriam a forma de manifestação que os rabinos judeus da época talmúdica e posteriores tiveram para liberar este mito universal presente em qualquer pessoa. Ainda que esta

teoria possa parecer a-histórica ela pode nos ser extremamente útil não somente para facilitar a procura dos pontos de correlação entre os *midrashim* e as culturas que a cercam, mas principalmente para verificar em que pontos independentes desta estrutura elas são realmente fontes de expressão de uma cultura única.

A terceira teoria, ainda que não seja tão amplamente difundida quanto as outras duas, se baseia na aceitação de tal padrão do mito heróico não como uma constante imutável da humanidade, mas uma forma histórica de escrita (um gênero literário por assim dizer), desenvolvida e aprimorada aos poucos na região do crescente fértil e Grécia, aos poucos se espalhando pela Europa. Desta forma tanto na época babilônica, mas especialmente na época helenística o povo judeu tomou contato com estes elementos narrativos, utilizando-se deles, entretanto embora haja pontos de semelhança de estrutura, a mensagem passada pode ser totalmente diferente. Assim os *midrashim*, embora se utilizem de elementos alheios à religião e à cultura judaica, teriam como objetivo e discurso a disseminação e explicação de elementos estritamente judaicos, servindo para objetivos em nada opostos à religião judaica, mas sim um discurso desta. Temos nesta linha, por exemplo, David Stern e Limentani.

Por fim, a quarta teoria de interpretação dos *midrashim*, embora tenha sido deixada por último, não é em momento algum menos importante, ela apresenta profissionais sérios e de renome em seu meio, embora seja amplamente mal interpretada pela grande quantidade de charlatões que surgem neste campo. Trata-se da interpretação mística, que tem uma presença marcante desde os primórdios do judaísmo e está intimamente ligada com este. Os *midrashim* são textos básicos para a interpretação cabalística, que se utiliza dos 6 fatores de interpretação lógica, já explicados no item II.1.6 da introdução. A cabala se baseia basicamente sobre o texto da *Torá* em suas infinitas interpretações, tendo como mapeamento de estudo a figura da *árvore da vida*, espécie de esquema gráfico que seria capaz de traçar o mundo em qualquer um de seus aspectos, formada

por 10 *sephirot* (círculos, números), cujos nomes (*kether, chokmah, binah, Chesed, Geburah, Tiphareth, netzach, hod, yesod e malkuth*) representariam as 10 formas pela qual se chama a Deus, cujo nome não deve ser pronunciado (*Eliel, Jehovah, Elohim, El, Elohim Gúbor, Aloah, Jeovah Tzabaoth, Elohim Tzabaoth, Shaddai El Chai, Adonai Malekh*). Para um estudo mais profundo da teoria mística é necessário o conhecimento profundo do hebraico, dos *midrashim*, e do *talmude*, sendo que a análise sob o prisma da mística pretendida neste enfoque de trabalho é de citação e leves comentários apenas, por entender a impossibilidade de em tal estágio de conhecimento fazer uma análise profunda deste tema.

Uma linha específica, porém, que possui autores como Gershom Scholem, nos apresenta esta interpretação mística de forma incrivelmente histórica, mostrando em que circunstâncias houve o aparecimento desta mística e como ela se propõe a interferir no mundo real do povo judeu, desde antes da queda do 2º Templo, até a Idade Média. Esta vertente, apesar de inserida dentro da interpretação mística, fornece a um estudo histórico, elementos acessíveis e de grande valor historiográfico, permitindo que a riqueza destas interpretações místicas não se percam neste trabalho.

III.2 Analisando o *Midrash Rabbah* - Muitos Rabinos, um único texto

III.2.1 E os Rabinos começam a sua discussão

Para melhor compreender a natureza do estudo dos valores do povo judeu através dos *midrashim* precisamos ressaltar o seu caráter pluri-autoral. Embora o *Midrash Rabbah* tenha sido compilado em um momento específico da história, com uma localização no espaço e no tempo, devemos lembrar que as discussões ali colocadas já vinham de anos e muitas vezes com idéias distintas. Idéias estas que dependiam, inclusive da linha e da comunidade que as estudavam. Mesmo no momento da compilação vários rabinos se reuniram para redigir o texto, portanto em momento algum temos o clivo de um autor maior do que os outros que finaliza o texto segundo suas próprias conclusões. Ao contrário, quem define a conclusão final é justamente a capacidade de convencimento das quais os rabinos se utilizam.

Para melhor exemplificar esse caráter podemos selecionar o começo da parte do *Midrash Rabbah* referente a José, mais especificamente a interpretação da segunda parte do segundo versículo do capítulo 37 do gêneses.²²

“EIS A HISTÓRIA DE JACÓ. JOSÉ TINHA DEZESSETE ANOS. ELE APASCENTAVA O REBANHO COM SEUS IRMÃOS, - ERA JOVEM - IA COM OS FILHOS DE BALÁ E OS FILHOS DE ZELFA, MULHERES DE SEU PAI E JOSÉ CONTOU AO SEU PAI O MAL QUE DELES DE DIZIA” .

Pronto, este versículo²³ já cria uma lacuna na *Torá*, não está especificado claramente qual é o mal que se dizia dos irmãos de José. Isso serve, portanto, de

²² Midrash Rabbah, 84, 7

alimento para a mente dos rabinos a buscar que maldizeres seriam esses. Como a *Torá* praticamente não dá qualquer dica. A única forma possível de compreender que palavras seriam essas é a própria tradição oral, que segundo o costume teria sido revelada juntamente com a Lei escrita na época de Moisés.

Acompanhemos então como se dá essa discussão. O primeiro rabino a propor uma solução é o R' Meir. Qualquer leitor leigo poderia facilmente ler todo o *midrash* acreditando que todos os rabinos que aqui aparecem para discutir e propor suas idéias estavam em uma sala discutindo ativamente suas opiniões. Mas temos, desde o primeiro rabino a propor uma solução, um rabino que havia morrido há mais de 3 séculos antes desta compilação, ou seja, embora o texto lhe dê voz viva, eram seus discípulos que falavam por ele. O R' Meir viveu na metade do século II.

Dando então continuidade à discussão, portanto o R' Meir teria proposto a seguinte solução. Os irmãos de José estavam praticando uma espécie de ritual com o rebanho, comendo partes dos animais ainda vivos. A princípio parece difícil definir onde R. Meir se baseou para chegar a essa conclusão. Mas analisando um pouco mais profundamente o texto da *Torá* teremos visto que a única informação dada até o momento sobre José era que ele apascentava o rebanho junto com os irmãos, portanto qualquer que fosse o assunto de gravidade sobre o qual falavam, para que ele tivesse testemunhado, teria de ser relacionado ao rebanho, caso contrário teria sido apenas rumor.

Vejamos então um pouco da vida do R' Meir, tendo vivido na região da Palestina vendo apenas o fim da rebelião de *Bar-Cochba*, portanto tendo praticamente toda a sua vida vivido a perseguição iniciada pelo imperador Adriano em 135 EC. Durante essa época as escolas judaicas e as sinagogas foram proibidas de abrirem suas portas, de modo que o mais importante era a

²³ Na verdade é apenas uma parte do versículo. Ele completo seria : “Eis a história de Jacó. José tinha 17 anos. Ele apascentava o rebanho com seus irmãos – era jovem – com os filhos de Bala e os filhos de Zelfa, mulheres de seu pai, e José contou a seu pai o mal que deles se dizia”

preservação da cultura, e não a difusão. R. Meir ganha fama por ser um dos poucos rabinos confiáveis para a cópia da *Torá* em sua precisão. Justamente por isso temos na figura dele um rabino muito próximo a *Torá* e distante das discussões orais com outros sábios, o que mostra a sua necessidade de buscar na própria *Torá*, e não em algum conhecimento oral disperso entre vários sábios, a resposta para os dilemas que lhe são apresentados.

Após a apresentação da proposta do R. Meir, o texto do *midrash* segue com a proposição do R. Judá. O R' Judá Há-Nassi²⁴ viveu em uma época um pouco posterior a do R' Meir, o que denota uma evolução no pensamento, algo semelhante a, se eles fossem vivos na época da compilação do *Midrash Rabbah* provavelmente exporiam nesta ordem as seguintes frases. Vejamos qual seria a colocação colocada pelo R' Judá. Segundo ele o erro dos irmãos de José era chamar os filhos das serviçais, Bala e Zelfa, de escravos. Bala e Zelfa são duas serviçais de Jacó com quem ele teve filhos, devemos lembrar que isso era muito comum na época dos patriarcas, por exemplo Abraão, que antes de ter um filho com Sara chega a ter um filho com Agar, sua serviçal. Lembrando assim que além de Raquel, Jacó tinha Lia por sua primeira esposa, a filha mais velha de Labão.

Não há qualquer indício na *Torá* para esse objetivo, mesmo assim como apenas uma frase havia sido dita a respeito da história de José, havia sim do próprio estudo da Lei a chance de se chegar a essa conclusão. É o mesmo princípio utilizado pelo R. Meir, que embora tenha vindo de uma tradição oral, em momento algum entra em contradição com o texto da *Torá*, e parece outrossim provir deste próprio texto através de dedução lógica.

O R' Judá é o compilador da Mishná, é último dos rabinos presentes neste pequeno trecho de sucessão de opiniões rabínicas que reflete estas opiniões. Seguindo o mesmo trecho do *midrash* temos o pronunciamento do R' Simeão, já posterior a essa época e vivendo problemas diferentes dos seus predecessores.

²⁴ Grande parte das vezes o R' Judá aparece com o título "Rabenu há-kadosh" que significa "Nosso Santo Mestre"

A solução apresentada por ele era que os irmãos de José estavam "LANÇANDO SEUS OLHARES PARA AS FILHAS DAS NAÇÕES", ou seja, estavam procurando relações com povos gentios, não judeus. Essa colocação é bem diferente da dos outros dois rabinos por uma série de motivos. Primeiramente não há qualquer indício na *Torá* que possa justificar o porquê desta colocação. Como vimos, as outras duas apresentações se colocam por referência a elementos presentes no começo do versículo, entretanto nada está dito sobre qualquer contato com não-judeus, ou relações de amor, ou qualquer outro elemento que possa chamar a essa conclusão.

Temos ainda mais um empecilho para esta colocação, a análise da própria *Torá* provaria com facilidade que esta proposição é absurda no contexto do texto sagrado. A princípio temos naqueles homens, irmãos de José os filhos de Jacó, portanto a primeira geração de Israel, sendo esta a primeira geração de Israel é fácil de se concluir que os casamentos de seus filhos seriam feitos com pessoas de fora da "família" de Israel²⁵. Ainda que fosse possível imaginar o conceito de povos das nações para todos aqueles que não tivessem parentesco com Abraão seria impossível imaginar que fosse pretensão de Israel (Jacó) casar todos os seus filhos com parentes próximos.

Assim sendo percebermos que o R' Simeão não pode ter criado a sua explicação da lacuna nem pela própria análise textual da *Torá*, nem pela dedução lógica. Algumas opções ainda existem, uma delas seria a união de duas soluções precedentes tentando dar a elas uma unidade. Obviamente é impossível unir carnificina com o rebanho e maltrato dos filhos das serviçais e chegar a flerte com estrangeiros. Ainda duas soluções parecem existir, uma delas é que realmente o Rabino estivesse a apresentar um elemento mantido por tradição oral desde momentos muito antigos, quando a *Torá* foi escrita. Entretanto é de se supor que se assim fosse algum dos outros rabinos mais antigos, portanto mais próximos da

²⁵ Lembrando que Israel é o nome dado por Deus a Jacó.

mensagem oral original, tivessem proposto ou dado pistas desta colocação antes dele, mas não foi o que aconteceu.

Portanto parece que a única alternativa válida é que o R' Simeão espelhou-se em algo que estava ocorrendo a sua volta na sua época e o transpôs para a interpretação do texto da lei, tentando preencher ali com a sua própria opinião do que seria necessário para a sua própria comunidade. Assim ele preenche a lacuna da *Torá* com o elemento que ele acreditava poder preencher a lacuna da sociedade em que ele vivia. É importante ressaltar aqui que em momento algum esta pesquisa pretende mostrar um juízo de valores acusando tal rabino, é possível que tal atitude tenha sido feita inclusive sem sua própria consciência de que assim o fazia.

Vendo a vida do R' Simeão, na sociedade do exílio após a queda do templo e perseguições diversas ocorrendo a comunidades diversas, podemos notar que era um problema claro e grave a mistura do povo judeu com os ditos "povos das nações", ou seja, todos os não judeus. Em um momento em que o povo começa a se espalhar por todo o Império Romano e sofrer diversas perseguições, a forma mais simples de se manter a sua cultura é o isolamento.²⁶

O quarto e último rabino a entrar no ciclo de apresentações para solucionar este problema específico é o R' Judá Ben Simão, já do século IV. Ao contrário dos demais rabinos este não pretende dar uma nova solução para os problemas, mas sim unificar as três propostas anteriores em uma só. Mas por quê?

Segundo a tradição judaica, explicada com precisão na obra *Pirkei Avot* (A ética dos Pais) todas as discussões feitas acerca de lacunas da *Torá* não eram em si estudos e reflexões filosóficas baseadas em um preceito básico, mas sim exposições e transmissão de um conhecimento oral passado diretamente por Deus no Sinai e no deserto.

²⁶ Levando em consideração que o isolamento dito aqui ainda não é o típico isolamento que ocorre nos séculos posteriores da Idade Média, apenas o início do processo e distanciamento.

Ora, se não somente a *Torá* escrita é sagrada é revelada por Deus, mas também a *Torá* oral é sagrada e revelada por Deus, mas não foi escrita no momento da revelação e guardada oralmente até ser compilada mais tardiamente, então ambas tem a sua suma importância, não podem ser modificadas em hipótese alguma e apenas algumas pessoas específicas tem a capacidade de transmitir a tradição oral assim como só algumas pessoas específicas a capacidade de transcrever o texto dos rolos da *Torá*.

Se a revelação da tradição oral foi feita por Deus aos homens, e os homens não são mantenedores de perfeita memória, então é de se prever que gradualmente ela vá se perdendo aos poucos, apesar do esforço feito pelos que recebem essa tradição oral, portanto nunca um discípulo poderá ser superior ao mestre em termos do conhecimento da tradição oral. E mesmo que a lógica negue um princípio dito, nunca se pode ir contra ele pois isso significaria admitir ter se quebrado toda a corrente de transmissão oral de uma mensagem de Deus.

Temos nos séculos V e VI a compilação do Talmude, um compêndio que uniria toda a tradição oral de forma escrita para que não fosse perdida. Com toda a separação do povo judeu, as perseguições sofridas e colapso da sociedade como esta era conhecida houve a necessidade de se escrever esta tradição, embora de uma forma bem peculiar que lhe mantém a oralidade.

O *Midrash Rabbah*, também uma compilação de todos os *midrashim* transmitidos oralmente até então, foi compilado em uma época muito próxima ao Talmude, portanto tendo os mesmos motivos para ser feito. Havia uma necessidade de provar que aquele texto escrito realmente era proveniente desta tradição oral revelada por Deus, e portanto teria valor de lei, embora menor do que a *Torá*, já que o fogo da verdade revelada vai a cada geração perdendo a sua força, mas não deixando apesar disso de ser sagrado. Para que isso fosse possível era necessário provar que todo o conhecimento prévio de alguma forma se unia e contribuía para aquele texto que estava sendo escrito. Percebemos este

esforço no *Midrash Rabbah*.. Assim sendo era necessário unir todo o conhecimento prévio, mesmo onde este parecia contraditório, sem que se pudesse de forma alguma anular ou admitir qualquer conhecimento passado por alguma autoridade, ainda que ele não fosse baseado, a princípio, em nenhum texto da *Torá* e nem em análise racional deste.

Neste texto perceberemos como isso é feito na figura do R' Judá Ben Simão. Diz o rabino

“COM O RESPEITO DE TODOS OS TRÊS, A VERDADEIRA BALANÇA E MEDIDA SÃO AS DO SENHOR²⁷ O SENHOR , LOUVADO SEJA, REPROVOU JOSÉ, VOCÊ ACABA DE DIZER QUE ELES SÃO SUSPEITOS DE COMER PARTES DE ANIMAIS VIVOS, PELA VIDA DELES ELES VÃO FAZER ISSO EM UM RITUAL DE MATANÇA EM VOCÊ (E ELES MATARAM UM BODE²⁸) VOCÊ DISSE, ELES INSULTARAM OS FILHOS DOS CRIADOS OS CHAMANDO DE ESCRAVOS, POR ISSO VOCÊ SERÁ VENDIDO COMO ESCRAVO, VOCÊ DISSE, ELES OLHARAM PARA AS MULHERES DAS NAÇÕES, POR ISSO VOU INCITAR UMA FERA SOBRE VOCÊ (E A MULHER DO SEU SENHOR LANÇOU OS OLHOS SOBRE JOSÉ²⁹ .)

Apesar do texto ser enfático contra o fato de José acusar os irmãos, tentemos, primeiramente, continuar a linha de raciocínio anterior. Da lista dos três rabinos cada um havia dado uma solução diferente para a lacuna na *Torá*, como já vimos, aparentemente dois deles, os da época da *mishná*, baseados no próprio texto do gênesis, e o terceiro em sua comunidade. Entretanto como premissa básica para a colocação do R' Judá Ben Simão está a aceitação de que não uma

²⁷ Pv 16, 2

²⁸ Gn 37, 31

²⁹ Gn 39, 7

das alternativas, mas todas as três são verídicas e devem ser somadas. José não teria acusado os irmãos de um dos três atos, mas dos três, e para tentar provar e justificar isso este rabino usa a estratégia que vemos acima, mostrando que justamente por ter acusado enquanto as pessoas não devem julgar, mas o julgamento é de Deus, justamente por isso José teria passado por dificuldades depois relacionadas exatamente aos elementos que os rabinos anteriores tinham colocado para fechar a lacuna.

Ora, com isso o R. Judá concretiza como certo e incontestável o que foi dito pelos rabinos anteriores, sendo não a escolha de uma das soluções apresentadas, mas um conjunto de todas elas. Ao mesmo tempo não há a negação ou revisão de cada uma das soluções apresentadas, pois seria possível a alguém fora do momento vivido pelo R' Simeão e uma análise racional de sua opinião mostrar que ela não seria adequada para suprir aquela lacuna.

O interessante, mas desta vez já sem qualquer pista a princípio do porquê, é que justamente esta única colocação é a que ao ser justificada pelo R' Judá Ben Simão apresenta também uma relação racional falha. Se José estava sendo punido por falar mal dos irmãos os acusando de fazer matanças cruéis de animais e é o sangue do bode que marca ele ser afastado da família, e se ele estava acusando os irmãos de chamarem os outros de escravo e por isso mesmo ele é vendido como escravo, então tanto a escravidão como o sangue dos animais derramados injustamente são atributos passíveis de culpa. Entretanto pela mesma razão o fato de deitar-se com uma filha dos povos das nações também o seria, assim ele foi assediado pela esposa de Putifar. Entretanto essa linha de raciocínio suprime o detalhe que posteriormente ele se casa por vontade própria com uma estrangeira, e não uma pessoa qualquer, mas a própria filha daquela que lhe havia assediado anos antes, portanto não havia erro passível de culpa no casamento com os gentios, ao menos não na época de José, época esta que, pretensamente, os rabinos estudavam para a confecção dos *midrashim*.

III.2.2 Quando os rabinos precisam fechar as lacunas.

Até agora vimos como é que se estrutura um *midrash*, uma noção básica de quem são os seus autores, e por fim a forma como estes autores colocam suas opiniões e estas são somadas em um corpo único. O presente capítulo pretende verificar um outro fenômeno. Nem sempre o objetivo dos *midrashim* é completar lacunas que ficam. Segunda a nossa visão contemporânea, algumas destas lacunas podem se assemelhar muito mais a elementos de curiosidade do que realmente objeto de necessário estudo aprofundado. Obviamente, devido ao caráter de sagrado que recai sobre a tradição oral nenhum elemento é pequeno e todos são objeto de estudo sério para os rabinos.

Mas as vezes o que o *midrash* combate , através da colocação da tradição oral, não é um detalhe, mas sim elementos que aparentemente se assemelhavam a erros presentes na *Torá*, de modo que, se tais lacunas não fossem fechadas, seria possível querer provar que a *Torá* possuía contradições, o que em última instância ou seria uma prova de que Deus é contraditório, ou que a *Torá* não foi revelada por Ele no Sinai, ambas as opções catastróficas para as comunidades judaicas medievais. Ambas as opções acima enfraqueceriam a comunidade no fator principal de sua união, a religião, podendo inclusive gerar uma conversão em massa ao cristianismo, ou alguns séculos mais tarde, conversões ao islamismo³⁰.

Para exemplificar esta situação usaremos como exemplo o *Midrash Rabbah, Bereshit Rabbah*, capítulo 84, parágrafo 11 . Esta passagem referente aos sonhos de José, presentes na *Torá* no livro do gênesis, capítulo 37, versículos de 5 a 11.

³⁰ Justamente por se tratar de uma nova revelação o texto corânico poderia suprimir as contradições da *torá*, caso essas fossem formalmente admitidas.

As Narrativas de José do Egito No Midrash

Nesses versículos José tem dois sonhos. No primeiro ele vê os seus onze irmãos carregando feixes no campo, e quando ele próprio entra com o seu feixe, todos os feixes dos irmãos se curvam diante do dele. No segundo sonho de José este vê o Sol, a Lua e onze estrelas se prostrando diante dele.

A interpretação do primeiro sonho, embora não apareça explicitamente na Torá, parece bastante óbvia, que os irmãos se curvavam diante de José. Quanto ao segundo sonho, não aparece em momento algum qual seria a interpretação desse, mas Jacó e os irmãos logo identificam que este sonho significaria que Jacó, Raquel, que é a mãe de José, e os seus irmãos se prostrariam diante dele.

O único detalhe é que Raquel morre antes de tal fato ocorrer, conforme relatado em Gênesis, 35, 19. Assim sendo esse sonho profético de José jamais poderia se realizar, sendo que uma morta não poderia se ajoelhar perante quem quer que fosse. Como a história de José é centralizada na interpretação de sonhos proféticos, é de se crer que estes sonhos sejam proféticos e portanto tenham a obrigação de se realizarem, afinal uma das principais características das profecias de Deus é que elas sempre se realizariam, caso contrário seria em vão todo o chamado de todos os profetas, ou mesmo as promessas e alianças feitas com Deus.

Esta aparente contradição dentro do texto sagrado base de uma religião certamente tem um valor inestimável, devendo ser consertada quanto antes, obviamente sem que isso se pareça com uma reforma na idéia original, mas sim com uma explicação mais detalhada, afinal esta é a função dos *midrashim*. Para ressaltar a importância tão grande mesmo de algo que pode parecer um detalhe pequeno como este, no alcorão, na *surata* que se refere a história de José do Egito, a segunda profecia não aparece, e mesmo a primeira, ao ser realizada no final, quando os irmãos descobrem que o governante do Egito é José, o próprio texto corânico necessariamente informa aos leitores que fiquem atentos verificando que a profecia foi realizada. No final desta obra se encontra um

capítulo especificamente sobre o relato corânico de José, onde mais detalhes são apresentados sobre esse fechamento das lacunas e contradições da *Torá* aqui tratados.

O primeiro rabino a dar uma explicação, segundo o *Midrash Rabbah*, é o R' Isaac. A proposição dada por ele é que o sonho que José teve nada tinha a ver com Jacó e os seus irmãos, afinal seria impossível que ele se cumprisse pois Raquel realmente estava morta. Para este rabino a única proposição possível é que esta profecia na verdade se referisse a outro momento futuro e não à própria vida de José. Assim sendo, ele propõe que se trataria de um prenúncio à história de Josué, onde no livro de Josué, capítulo 10 versículos 12 e seguintes aparece a história da luta dos reis amoreus, onde para que o povo de Israel conseguisse perseguir todos os inimigos uma ordem teria sido dada ao Sol e à lua, para que ambos se fixassem no céu e ficassem parados esperando o que os homens tinham de fazer se cumprir.

Alguns detalhes tem de ser considerados aqui. Primeiramente o R' Isaac coloca o sonho de José como uma previsão para um evento posterior fora da própria *Torá*, No *Midrash Rabbah* existe até mesmo um diálogo entre Josué e o Sol, para dar maior ênfase nesta teoria de que o sonho realmente implicaria nesta previsão do que estaria para acontecer depois, e não relacionado ao outro sonho e portanto relacionado aos pais de José. Segundo o relato do *midrash* Josué ao ordenar ao Sol que parasse não usa o nome de Deus, pois se ordenasse em nome de Deus imediatamente o Sol teria parado. Mas realmente no livro de Josué não há qualquer tipo de invocação do nome de Deus. Seguindo então o relato do *midrash* o próprio Sol teria virado para o Josué e acusado que ele não tinha qualquer autoridade para mandar o Sol parar. Assim Josué acusa o Sol de ser um mal servo de Deus, e além de tudo desinformado, pois deveria ele lembrar que José já havia sonhado tal fato em profecia, e que portanto não era necessário ordenar em nome de Deus pois em um sonho profético tal já estava escrito,

portanto tal já havia sido escrito e ordenado pelo Senhor. Mediante esse argumento o Sol e a Lua obedecem sua ordem e ficam parados, portanto José teria anos antes visto justamente estes astros prostrados sob a ordem de Deus para cumprir o que havia sido designado ao povo de Deus.

Entretanto, sem perceber, com isso o R' Isaac teria criado uma outra lacuna. Como o sonho de José não se referia somente a um episódio ligado a seus pais e seus irmãos, e sim uma profecia para o futuro do povo de Israel, como poderia o próprio Israel repreender José pelo seu sonho (Gen, 37, 10). O *Midrash Rabbah* continua tentando explicar essas lacunas que ficam dentro do próprio *midrash*, mas daqui para frente não aparecem quais são os autores que tentam justificar a teoria, mas certamente não se trata mais do mesmo R' Isaac.

Segundo Jeremias, capítulo 29, todo aquele que repreende um profeta o repreende por falta de fé e portanto merece a punição. Ora, mas aqui quem repreenderia o profeta seria o próprio Jacó, o último dos patriarcas, em última instância o próprio Israel, representando todo o seu povo, portanto ele deveria ter tido um motivo justo para a repreensão.

Para explicar essa repreensão os autores do *midrash* seguem o próprio texto da *Torá* "QUE SONHO É ESTE QUE TIVESTE!, IRÍAMOS NÓS , EU E TUA MÃE E TEUS IRMÃOS PROSTRARMOS DIANTE DE TI?" Ora, embora a profecia dita no sonho de José realmente fosse sobre o fato que ocorreria posteriormente com Josué, Jacó não o sabia e não o percebeu, portanto, por não entender a profecia, pergunta ao seu filho o que o sonho diria, e o repreende caso ele significasse que todos aqueles se prostrariam diante dele. Assim sendo ele não vai contra a profecia em si, mas sim contra uma das coisas que ela poderia significar, mas não é o que ela realmente significaria. Para dar maior ênfase a essa versão os autores lembram que o versículo seguinte diz "SEUS IRMÃOS FICARAM COM CIÚMES DELE, MAS SEU PAI CONSERVOU O FATO NA MEMÓRIA" segundo essa versão

exatamente por saber que não poderia ser aquela a explicação, e sim provavelmente outra.

Entretanto apesar de tantos pontos levantados, um novo ponto parece se romper, como Jacó poderia achar que José previa que todos eles iriam se prostrar diante dele se ele sabia que sua esposa já tinha morrido? Oras, esse seria um erro menor pois não interferiria em uma profecia, mas qualquer um facilmente poderia usar esta pequena falha para acusar o texto como um todo, afinal certamente uma pessoa que soubesse que sua esposa está morta não acharia que o filho deseja que o morto se prostre diante dele, principalmente se levarmos em conta o fato de Jacó ser um personagens astuto da *Torá* que muitas vezes usa de artifícios, artimanhas para ser bem sucedido.

Quem tenta, então solucionar esta questão é o R' Levi, dizendo em nome do R' Huna Ben Hanina, que vive durante o século III. Para Levi o motivo de Jacó dizer tais palavras era que ele, Jacó, cria que no fim dos tempos a ressurreição dos mortos aconteceria. Obviamente o sábio raciocina com as crenças de seu tempo e as transfere para Jacó, uma vez que a questão permanece controversa entre os judeus até mesmo durante a época do segundo templo, onde os Saduceus negavam tal afirmação por não estar presente na *Torá*, e os fariseus aceitavam tal episódio ligado ao final dos tempos, por se tratar de parte da revelação da *Torá Oral*³¹. Entretanto como poderia Jacó crer na ressurreição dos mortos sendo que até mesmo séculos após a saída do povo do Egito, e mesmo séculos após o fim do exílio babilônico os sacerdotes ainda não aceitavam tal colocação ? Em última instância tal afirmação pretendia afirmar para todas as épocas tal crença, como se fosse extrínseca ao judaísmo e à história do povo judeu. Tal explicação é citada com o seu autor, sendo que , como já vimos, não se pode romper ou destruir qualquer comentário feito mesmo que dele se

³¹ A crença na ressurreição já aparece desde a época do exílio babilônico, no livro de Isaías, ou, dependendo da interpretação ela já está presente e vai aumentando gradativamente desde o livro dos salmos. Conforme aparece no capítulo sobre o messianismo.

discorde. Afinal, considerando a tradição oral como uma revelação de Deus e apenas conservada durante séculos não haveria como fazer novas descobertas pela tradição, apenas conservar de forma adequada para que ela não se perdesse, assim o sucessor não poderia ser superior ao seu predecessor.

Assim sendo, novamente em uma citação sem autoria, está dito que na verdade Jacó fez essa confusão pois na verdade não entendeu que a figura da Lua não se aplicava a Raquel e sim a Bilha, a camareira de Raquel que tratou José como um filho sendo que sua mãe morreu logo cedo após o nascimento de Benjamin. Com essa explicação parecia que todo o ciclo havia se fechado. Entretanto a grande vivacidade de colocações de diferentes autores sobrepondo as outras sem o poder de as negar acabava em si criando mais um problema, fechando assim um ciclo vicioso. Ora, como o *midrash* poderia por fim dizer que a confusão foi feita por Jacó por não perceber que o sonho falava não de Raquel mas de Billa e ao mesmo tempo dizer que o sonho nada tinha a ver com a época da José e sim com o futuro do povo no episódio de Josué ? Se realmente o significado da lua era Billa, para que era necessário toda a volta até chegar a Josué e à ressurreição dos mortos ? Esse ponto não será resolvido pelo *Midrash Rabbah*.

Uma vez que a discussão sobre este versículo parecia encerrada ela recomeça, mas não mais com a figura da lua como enfoque central, e sim com a seguinte parte do versículo "MAS SEU PAI CONSERVOU TAIS FATOS EM SUA MEMÓRIA". Segundo o R' Levi ele simplesmente teria pegado uma pena e escrito em um pergaminho o dia, a hora, o local e as palavras que haviam sido ditas pelo filho. A aparentemente estranha colocação deste rabino visava apenas mostrar que como Jacó não era capaz de entender o que se passava deveria deixar aquilo escrito, pois sabia que um dia tudo aquilo seria um dia explicado. Logo após aparece a explicação do R' Hiya, que, segundo a sua opinião, seria impossível entender esta parte do versículo isoladamente, assim buscando o restante dele:

"SEUS IRMÃOS FICARAM COM INVEJA DELE, MAS SEU PAI CONSERVOU TAIS FATOS EM SUA MEMÓRIA". Assim sendo o verdadeiro significado de pai não seria Jacó, pai físico de José, e sim Pai, o pai celeste, Deus, que teria guardado tais acontecimentos em sua mente para que os irmãos fossem pagar o fato de terem ficado com inveja. Após o R' Hiya outros dois se levantam para completar esta teoria, mas os dois simplesmente ignoram o que foi colocado pelo R' Hiya³². Este que vive nas proximidades do ano 220DC e tem papel importantíssimo na organização do pensamento judaico de sua época e tem seu trabalho continuado por discípulos e parentes. Esta colocação de Deus como o Pai de todos os homens, ou mesmo o Pai dos judeus (isso não fica claro na colocação feita) é um ponto que pode passar despercebido mas que pode ser ponto central de estudo. No capítulo referente à parábola do Filho Pródigo este ponto será novamente retomado.

³² Ou Hía segundo algumas traduções

III.2.3 Os autores do *Midrash Rabbah*

Até o presente momento, neste trabalho, já falamos do caráter pluri-autoral dos *midrashim* e inclusive citamos alguns dos seus principais autores. Este capítulo tentará levantar os principais autores e os dividir em épocas históricas e criar um contexto para essa produção cultural.

Segundo a tradição judaica a revelação da *Torá oral* se dá através de um ensinamento direto de Deus a Moisés, na saída do povo do Egito. Estes ensinamentos seriam uma espécie de complemento à *torá*, escrita, segundo a tradição, pelo próprio Moisés.³³

Assim sendo, esta mesma tradição diz que uma vez que Moisés tenha recebido tais ensinamentos os teria passado a Josué, seu sucessor. Estes ensinamentos teriam sido repassados para os anciões, destes aos profetas, e por fim a um grupo conhecido como *grande assembléia*

Segundo o autor David Romano : *“A Grande Assembléia é uma instituição de que bem pouco sabemos historicamente, pelo menos até o presente e, portanto, não é de estranhar que hajam historiadores que inclusive negam a sua existência. Admitido o seu caráter histórico, seria muito mais correto falar de Assembléias no plural”*³⁴, pois trata-se de uma instituição que se manteve durante vários séculos, não obstante seja difícil precisar sua duração exata. Embora se tratasse de uma instituição política e social, cuja origem e primeira constituição remontam a Esdras, dado que o Judaísmo estava sempre vinculado à religião, é lógico que certa atividade

³³ A análise histórica dos 5 livros da *torá*, entretanto, tende a colocá-los sobre autorias diferentes, tendo por base para tal tese as diferenças de forma literária e enfoque dos livros. Ao mesmo tempo que ainda defendem que alguns livros, como o *gênesis* (ou *Bereshit*) Teria dentro de si um agrupamento de várias fontes mais antigas que ele sendo portanto, uma compilação.

³⁴ Segundo o autor Jacob Neusner, em seu livro *“The midrash: an introduction”* mesmo que houvessem várias a ligação entre elas era intensa e a sua produção em constante troca cultural.

jurídico-religiosa caísse no domínio ou nas atribuições da referida Assembléia.

Seus componentes, ou ao menos alguns deles, preocuparam-se principalmente com três coisas: "ser circunspectos em seus juízos (ou seja, examinar escrupulosamente os textos), formar numerosos discípulos e erguer uma barreira em redor da Lei". Estes mestres, inteiramente dedicados à salvaguarda da religião e da tradição, formaram como que um grupo - reconhecido ou não - dentro da Grande Assembléia e são os que conhecemos como os sofrerim (literalmente "escribas", mas que se deve entender como "homens de letras"), ou seja, os herdeiros espirituais de Esdras, os quais conservaram e ademais, transmitiram aos "pares" o material tradicional."³⁵

A idéia de uma Grande Assembléia permite uma ligação perfeita, em elo, da época dos *Pares* com a época bíblica, mais propriamente dita, sem que se quebre a transmissão oral da tradição.

A dita grande assembléia teria sido substituída pelos *Sanedrim*. O último dos membros da Grande assembléia teria sido Simeão, o Justo, transmitindo os ensinamentos para Antígono de Soco. A época dos pares (*zugot*) é marcada por uma dicotomia entre dois líderes que juntos tem a função de passar a tradição. Embora por serem dois líderes isso permite discussão e portanto um aprofundamento da oralidade. A época dos pares é muito melhor relatada historicamente, em especial o último *par* , Hillel e Shamai.

A formação dos pares se daria por uma divisão de cargos. Enquanto um seria o *Nassi* (Presidente) o outro seria o *Ab Vet in* (juiz do tribunal). A época dos pares marca uma divisão entre os grupos de pensamento judaico. Enquanto os *saduceus* centravam-se apenas na torá escrita, os fariseus acreditavam na torá oral, além da própria torá escrita.

³⁵ Em seu livro "O que é Talmud", cap 2 "Mishná"

A época dos pares concentra o pensamento relacionado à torá oral, sendo portanto a primeira época de produção de midrash, que seriam compilados apenas séculos mais tarde no *Midrash Rabbah*.

Segundo David Romano : *“É difícil determinar as doutrinas que os fariseus sustentavam. Sabemos, desde logo, que era um grupo - portanto partido - popular (no qual militava a maioria dos sábios que procedia do povo) e anti-helenista, ao contrário dos saduceus, cujos membros pertenciam em geral à aristocracia e que junto à cultura religiosa da Bíblia aceitavam o legado da cultura secular dos gregos.”*³⁶

Os sábios Hillel e Shamaí não somente encerram a época dos pares mas como criam seguidores que vão estar criando “escolas” de interpretação da chamada tradição oral. Desta forma as interpretações serão tidas como da “casa de Hillel” (*Beit Hillel*) ou da “casa de Shamaí” (*Beit Shamaí*)

As principais diferenças entre esses dois sábios poderiam ser resumidas em uma pequena história. Esta conta que um homem vindo de uma terra distante havia tido contato com o pensamento judaico e pensava em se converter. Teria ele então proposto aos dois sábios o seguinte desafio. Que eles explicassem toda a essência do judaísmo enquanto este viajante ficasse sustentado por apenas uma de suas pernas. E se este aceitasse o que havia sido ensinado no curto intervalo de tempo se converteria e aprenderia o que viria depois. Ele teria ido primeiro a Shamaí, que ao ouvir tal proposta o expulsou com uma vara, dizendo que havia a necessidade de anos de estudo para que fosse possível começar a compreender a tradição. O mesmo homem dirigindo-se então a Hillel ouviu dele a seguinte resposta “a essência é: o que não queres que te façam não faça aos outros, o resto é comentário” Sendo assim tal homem teria se convertido.³⁷

³⁶ *idem*

³⁷ Apenas a título de curiosidade, muitos autores tentam inserir a figura de Jesus enquanto seguidor de uma das duas escolas, apesar de seus seguidores terem distorcido o seu ensinamento. Entretanto não há qualquer

Desta forma a figura de Shamai é vista como de um homem severo e intransigente, enquanto Hillel de um homem dócil e inclinado à tolerância. O encerramento desta época ocorre com a escrita de *Mishná Rishoná*, conforme descreve David Romano : *"Dada a posição altamente humana de Hillel - sua escola aceitava inclusive as opiniões de seus antagonistas - era lógico que suas teorias prevalecessem; tão somente em três casos recorda-se haver sido aceito o ponto de vista da escola de Shamai. Mas este predomínio de uma escola sobre a outra foi obra muito posterior, se bem que nessa época foi redigida - sempre verbalmente - a Primeira Mishná (Mishná Rishoná): a redação foi dupla: uma elaborada pelos discípulos de Hillel e outra pela escola de seu opositor."*³⁸

Posteriormente à época dos pares e das escolas de *Hillel* e *Shamai* temos a época conhecida como a dos *"Tanaím"* Abrangendo a época de 70EC até 220EC. O começo desta época é marcado pela queda do II Templo e perseguição feita pelos romanos. Características do pensamento são baseadas em tais atribulações. Não há mais a existência de um grupo de elite sustentado pelo Templo e não há mais a concentração da produção cultural em um único local. Pelo contrário começa aqui uma difusão da cultura judaica através de um exílio.

Assim sendo os sábios deste período tinham outras profissões e se dedicavam apenas parcialmente no estudo e ensinamento da *lei*, tanto a *lei*

versão oficial sobre qual das duas escolas ele seguiria. Enquanto uns defendem que ele seria seguidor da escola de Shamai, visto a severidade com relação à questão do pecado. Esta demonstrada por algumas passagens, como a que se deve arrancar o olho para que ele não olhe com desejo para a mulher de outro, ou que simplesmente quem não ama o outro já está de certa forma o matando. Igualmente severidade vista no que diz respeito à questão do matrimônio, sendo que Jesus abertamente falou contra o divórcio "o que Deus uniu o homem não separa". Ao mesmo tempo que tais argumentos são colocados outros o indicariam como seguidor da escola de Hillel, em especial o resumo de toda a lei em "amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo". Ambas as citações já aparecem na torá, entretanto teriam sido colocadas junto uma à outra pela primeira vez nesta citação, semelhante ao comentário de Hillel "o que não queres que te façam, não faça aos outros"

³⁸ *idem*

escrita, como a lei oral (Torá escrita e Torá oral). Isso pois : “segundo a mentalidade - muito lógica - daquela época, teria sido ignominioso obter qualquer proveito do estudo ou do ensinamento da Lei”,³⁹

A época dos Tanaím é dividida em 5 gerações de sábios.

- | | | |
|----|-----------|---|
| 1ª | 70 - 80 | R. Iohanan ben Zacai |
| 2ª | 80 - 105 | Gamliel II, Eliezer ben Hircanos
e Josué ben Hananiá |
| 3ª | 105 - 135 | R. Aquivá |
| 4ª | 135 - 170 | R. Meir |
| 5ª | 170 - 220 | R. Judá ha-Nassi |

O R. Iohanan b. Zacai era membro do Sanedrim, que deixa de existir após a queda do Templo. Era considerado um pacifista e tentou de diversas formas evitar revoltas contra Roma e fazer um reconcilia mento com o Império. Era discípulo da “escola” de Hillel. Estava em Jerusalém no momento do cerco romano e teria conseguido escapar escondido e ido direto à presença de Vespasiano. Por sua luta contra a revolta contra Roma e por já ter feito previsões de que este chegaria a ser imperador pede apenas uma concessão ao ataque À Jerusalém. A permissão de construir uma escola após o fim da guerra.

A cidade sitiada de Jerusalém foi conquistada, o Templo destruído e a escola realmente foi construída. Trata-se da escola de *lavné* , que garante a sobrevivência da cultura judaica durante os próximos anos de perseguição. Esta teria sido a época que marca a supremacia do pensamento de Hillel sobre o de

³⁹ idem

Shamai, uma vez que os seguidores do último apoiaram a revolta dos zelotes, sendo intensamente perseguidos após o ano de 70EC.

A principal crise enfrentada pelo R. Iohanan b. Zacai foi manter o judaísmo após a destruição do templo. Uma vez que todo o ritual judaico estava preso ao templo, tanto na celebração das festas, como nos sacrifícios oferecidos no Templo. Segundo ele "a caridade e o amor dos homens podem substituí-los"⁴⁰

A morte de Iohanan b. Zacai faz com que uma nova crise sobressaia sobre o judaísmo, visto que a escola de Iavné perdia uma unidade e muitas escolas começavam a aparecer em outras cidades. Em Iavné, Rabban Gamliel II assume como líder da escola. Por ser descendente de Hillel consegue o título de Nassi (Patriarca) . Este título dá a ele não somente poderes de ensino e cultural, mas também poderes políticos.

Apesar disso não consegue manter uma unidade, sendo que ao envolver-se em constantes disputas com sábios de outras escolas chega até mesmo a perder sua titulação para Eleazar Bem Azarirá. Suas principais discussões foram com os sábios R. Eliezer ben Hircanos e R. Josué ben Hananiá.

O primeiro de seus opositores, R. Eliezer, era conhecido por não querer permitir que fosse feita qualquer mínima inclusão ou exclusão à tradição, portanto *não permitir uma renovação mais adequada ao mundo que viviam. Enquanto o último , R. Josué, era visto como dócil e benevolente, disposto a fazer mais mudanças do que o que seria considerado aceitável Por Gamliel II.*

No final de sua vida Rabban Gamliel acaba por dividir o título de Nassi com Eleazar Bem Azariah.

A terceira geração é considerada a mais importante delas por ter como seu principal sábio o R. Aquiva b. Iossef. Este sábio inspira-se em Naun de Gimzo , da

⁴⁰ idem

geração anterior, mas sem maior renome. Durante a esta geração temos como fato histórico importante a rebelião de *Bar-Cochba*.

R. Aquiva vinha de uma família pobre, tendo passado parte de sua vida como pastor. Casa-se com a filha de seu patrão, e desta teria tido incentivo de começar a estudar a *Lei*, diante de tanta dedicação acaba se tornando famoso e conseguindo inúmeros discípulos.

Ele teria declarado que nenhuma única letra ou pequeno traço que fosse da *torá* deveria ser esquecido, pois todos eram igualmente sagrados e tinham um significado que deveria ser descoberto.

Outros importantes sábios que contribuem para a produção de *midrashim* nesta época seriam R. Ismael b. Elishá, grande dialético, que aumentou até 13 as 7 regras dedutivas de Hilel, ele se opunha a Aquiva dizendo que a *Lei* se expressa na linguagem dos homens, que há frases que nada acrescentam ao sentido e que só servem como ornamento. Além destes R. Tarfon e R. José ha-galili.

A quarta fase começa em 135EC, tendo como principal sábio o R' Meir do qual já falamos amplamente em capítulos anteriores. Outros sábios que precisariam ser citados são R. Simão b. Iohai⁴¹, R. José ben Halafta e R' Judá b. Ilái, os três pertencentes ao grupo dos sete discípulos de R' Aquiva ordenados por R' Judá ben Baba. E também Elishá b. Abuiá, um grande amigo de R' Meir, que - provavelmente por influência do gnosticismo - abandonou o Judaísmo, pelo que é conhecido como *Aher*, que em hebraico significa "outro"⁴².

A quinta geração tem como representante principal o R' Judá há-Nassí, sobre o qual também falamos largamente nos capítulos anteriores. Tendo como importante marco deste período a compilação da *mishná*, englobando todos os períodos antecedentes a ele.

⁴¹ A reclusão de 12 anos deu margem a que na Idade Média se lhe atribuisse a redação do *Zohar*.

⁴² ROMANO, David, *Mishná*, cap2

Após esta época teríamos a época dos *Amoraim*. Que vai de meados do ano 200EC até praticamente o ano 500EC. O centro da discussão rabínica está presente na Babilônia e não na região de Israel. São sete as gerações Amoraitas:

- 1ª 200-250 Rav e Samuel.
- 2ª 250-300 Huna e Judá bar Ezequiel.
- 3ª 300-335 Huna b. Hía, Hisda, Rabá, José bar Hía.
- 4ª 335-360 Abaié e Rava.
- 5ª 360-375 Papa.
- 6ª 375-425 Ashi.
- 7ª 425-500 Ravina II.

A deslocamento do centro de produção cultural judaico ocorre com a morte do R' Judá há-Nassí. Seus seguidores vindos da Babilônia retornam à sua cidade natal. O primeiro deles era Aba Arecha, conhecido mais comumente por Rav, que significa *mestre*. Era sobrinho do R' Hía, já citado em capítulo anterior. Havia estudado em Séphoris onde recebe instrução do R' Judá. Ao regressar à Babilônia é feito chefe da escola de *Nehardea*. Posteriormente renuncia a tal cargo o passando a Samuel, outro discípulo do R' Judá, que estudou com ele mas era natural desta cidade. Acabou por abrir sua própria escola na região de *Sura*. Dedicou-se não somente ao ensino das escrituras, mas ao auxílio financeiro dos alunos que tinham dificuldades de sustento. De modo de consegue uma

quantidade realmente grande de alunos. Teria sido o primeiro a começar a ensinar categoricamente cada um dos tratados da Mishná ensinados pelo seu mestre.

O segundo pilar desta geração foi R' Mar Samuel, também conhecido pelo nome de Ariocho, ou Samuel filho de Aba bar Aba. Fica a dirigir a escola de **Nehardea**, após a renúncia de Rav e dedica-se especialmente na questão do estudo e aplicação da lei no que diz respeito às questões civis. Além de estudioso religioso também era médico e astrônomo. Uma de suas famosas afirmações teria sido que: "*os caminhos do céu lhe eram tão familiares como as ruas de Nehardea*"⁴³.

Os dois cooperavam em seus trabalhos permanecendo em uma grande amizade e cooperação ao invés do clima de disputa, o que fortalecia a formação cultural judaica na região da Babilônia. Além dos dois principais há outros sábios que não devem deixar de ser citados, são eles: R. Ushaia, R. Josué ben Levi, adversário da Agadá e que por capricho do destino é protagonista de muitos relatos agádicos, R' Hanina b. Hama, assim como Iohanan bar Napaha e Simão bar Laquish.

A segunda geração é marcada por uma continuidade da primeira. Rav gera um importante discípulo e sucessor, igualmente o faz R' Samuel. R' Huna, sucessor de Rav, o sucede dirigindo a escola de **Sura**. Ligado ao campo consegue uma grande fortuna, como sábio é conhecido por seu vasto conhecimento, mas especialmente pela sua capacidade de organização. Permaneceu frente à citada escola por 50 anos, fazendo com que ela fosse conhecida não somente na região da Babilônia, mas que sua fama se espalhasse até a região de Jerusalém.

O discípulo de R' Samuel era Judá Bar Ezequiel. Dedicava-se não somente ao estudo, mas especial à prática da Lei. Dedicou-se especialmente às leis da *kashrut* (ou leis de pureza). Demonstrando como elas poderiam e deveriam ser

⁴³ ROMANO, David, *O talmud*, cap3.

cumpridas mesmo com a inexistência de um templo, as espalhando pelo mundo, enquanto normalmente eram praticadas apenas nas regiões mediadoras ao antigo 2º Templo. Viu a escola de *Nehardées* ser destruída em 259EC por Odenato, príncipe de Palmira. Desde então o centro de seus estudos e ensinamentos foi ***Pumbedita***.

Em 297EC morre R' Huna, assim sendo R. Judá Bar Ezequiel assume a coordenação de ambas as escolas, unindo as duas colunas. Entretanto, dois anos após assumir este cargo ele também morre. Com isso começa a terceira geração.

Tendo falecido Judá bar Ezequiel, recaiu a direção da Academia de Sura nas mãos de R' Hisda que se havia formado junto a Rav. Embora houvesse assistido as lições de R' Huna, seguiu o método dialético da escola de Pumbedita. Pobre em sua juventude, R. Hisda chegou a conseguir uma riqueza que se tornou mesmo proverbial. Por ocasião de sua morte, foi sucedido por Rabá bar Hana, que dirigiu Sura desde 309 até 323.

Nessa época os discípulos de Sura começam a emigrar, dirigindo-se à escola de Pumbedita, para cuja direção havia sido eleito Raba bar Nahmani, o qual renunciou em favor do rico Huna bar Híá, que manteve o cargo até a sua morte, ocorrida em 309.

Morto este, estabelece-se um pleito sucessório. Dois candidatos disputam o cargo: José bar Híá e Raba bar Nahmani. Mas como um astrólogo havia predito ao primeiro que só exerceria o cargo durante dois anos, renunciou este ao seu opositor.

Raba bar Nahmani, conhecido simplesmente por Raba, era natural da Galiléia e havia estudado nas escolas de seu país natal; porém logo se transferiu para a Babilônia, onde alcançou grande prestígio na halachá - também é conhecido por "remove-montanhas" -, ao contrário de seus irmãos Ushaiá e Hananiá, que se destacaram como agadistas.

Sob sua direção a escola de Pumbedita alcança o auge, comparecendo a ela doze mil discípulos, aos quais explicava sistematicamente todos os tratados da Mishná, porém entremeando as suas explicações com relatos agádicos para atenuar, desse modo, a aridez da matéria haláchica.

À sua morte, foi sucedido pelo já mencionado José bar Hífa, que gozava de reputação pela enorme quantidade de conhecimentos que guardava em sua memória, razão que explica o apelido de "Sinai" pelo qual é conhecido. Porém de saúde frágil, perdeu primeiro a vista e, mais tarde, a memória, o que é um indício do perigo que encerrava entesourar mais e mais conhecimentos confiando-os unicamente à memória para que uma enfermidade pusesse fim a toda a ciência adquirida.

A esta geração pertencem, entre outros: Rav Sheshet, R' Nahman bar Jacob, discípulo de Samuel, casado com Ialta, filha do exilarca e também o babilônio R. Zeira, cuja atividade se desenvolve na Palestina em uma época em que lá gozavam de preferências o agadista Abahu e os halachistas R' Ami e R' Ashi.

A quarta geração começa com Abaié, sobrinho de Raba bar Nahmani, assumindo a escola em Pumbedita. Esta é considerada uma época de decadência. O principal foco desta geração é a criação da escola de Mahoza, fundada por Rava bar Jose Rama. Entretanto após a morte de Abaié Rava voltou-se para a escola de Pumbedita praticamente abandonando a escola fundada por ele. Na Babilônia surge um destaque especial para R' Nachman bar Isaac e Hillel II.

A quinta geração é de especial importância pois é nela que é finalizada a primeira compilação do Talmude. David Romano chega a colocar como característica desta e da geração posterior: *"As condições favoráveis que até então haviam sustentado ao Judaísmo babilônico começam a decrescer e, em certas ocasiões, sofrem prolongado eclipse. Ante os perigos, físicos e*

*espirituais, que ameaçam a vida, começa-se a sentir a necessidade de pôr a salvo a tradição.*⁴⁴

Pumbedita era dirigida por Nachman Bar Isaac. Enquanto isso em Naresh R. Papa bar Hanan funda uma nova escola. Isso permite a passagem para a sexta geração.

Apesar de haver Amemar restabelecido a Academia de Nehardea, à frente da qual esteve de 390 a 422 E.C. , a supremacia volta uma vez mais à Academia de Sura, dirigida por uma das maiores figuras do período talmúdico, a de R. Ashi.

Rabana Ashi era de família de posses razoáveis e ainda jovem (tinha apenas 23 anos) foi nomeado chefe da Academia de Sura, cargo no qual permaneceu durante 52 anos. Isso ocorre por volta de 375. É evidente que esta longa permanência - tenha-se presente que durante o período em que Ashi esteve em Sura, em Pumbedita sucederam-se sete doutores - haveria de ter favoráveis efeitos no desenvolvimento e na fixação da tradição recebida. Rabana Ashi tinha, entre outras coisas, uma grande vantagem: à profundidade dialética própria dos doutores de Pumbedita unia os vastos conhecimentos tradicionais pelos quais eram célebres os mestres de Sura. Isto conferiu-lhe grande autoridade e explica o qualificativo de Rabana ("nosso mestre"), com que era designado.

Graças a ele, Sura converteu-se no centro indiscutível da vida religiosa do Judaísmo babilônico, tornando-se as suas aulas cada vez mais concorridas. Sua inteligência, autoridade e longa permanência no cargo tornaram possível que realizasse uma obra importante: recolher, recompilar tudo o que até então se havia elaborado. Cada ano, durante os "meses de reunião", dedicava-se a expor sucessivamente os tratados da Mishná, ao mesmo tempo que os ia comentando. Durante trinta anos foi recompilando materiais e, terminados estes, iniciou seu segundo período de atividades, ou seja, a elaboração mediante a qual havia de completar a obra de R. Judá ha-Nassi, pois a ele se deve a primeira ordenação do

⁴⁴ Idem

Talmude - alguns tratados foram redigidos em Pumbedita - que iria crescendo e sendo elaborado até que o encerrou definitivamente Ravina II.

Rabana Ashi não se limitou a levar a cabo um trabalho passivo ou de mera transmissão, mas, além disso, deduziu numerosas leis, resolveu as questões duvidosas e discutidas ou de conteúdo obscuro.

Em meados do século V a insegurança chega na Pérsia ao extremo. Ao mesmo tempo, e como consequência disso, a cultura religiosa vai decaindo a passos gigantescos, pois a maioria dos sábios se limita a repetir, sem tentar criar.

Entre 455 e 468, tem lugar um curto renascimento: é a época em que Mar, filho de Rabana Ashi, dirige a escola de Sura e, seguindo as diretrizes de seu pai, prossegue a obra deste. A seguir as coisas vão se complicando e a situação piora a olhos vistos. No ano de 470, o exilarca Huna Mari e vários sábios sofrem, pela primeira vez na comarca, o martírio. Quatro anos mais tarde foram suprimidos os tribunais judaicos e proibidas as assembléias dos "meses de reunião". Começa a emigração.

Os dois últimos amoraim, ou seja: Ravina II, chefe de Sura de 488 a 499 e R. José, de Pumbedita, consagram-se, com o auxílio de outros sábios, a terminar o Talmude, fazendo uma elaboração quase definitiva, até aproximadamente o ano de 500, quando R. José declara o Talmude encerrado.

III.3.1 Os temas a serem tratados.

Uma vez que tenhamos identificado os autores dos *midrashim*, o seu funcionamento e suas características, estamos prontos a analisar temas específicos dentro destas relatos traçando os devidos paralelos com as outras culturas monoteístas de sua época. Alguns dos temas que iremos tratar são de caráter universal e poder-se-ia fazer um paralelo com praticamente todas as culturas e todas as épocas, é o caso, por exemplo, do sentimento de ciúmes entre irmãos ou da relação entre pais e filhos, pontos que tomam eixo central na narrativa sobre José do Egito. Entretanto a idéia não é traçar um arquétipo padrão universal buscando analisar a natureza humana, mas sim o desenvolvimento histórico de idéias e conceitos que se relacionaram entre si durante anos e tiveram raízes semelhantes. Por isso ainda que em algum momento exista uma comparação distante, esta tem por objetivo verificar as peculiaridades existentes entre os que se basearam em uma idéia padrão inicial e os que não tiveram contato com ela, histórica e culturalmente falando.

Pela detalhada análise do excerto do *midrash* relacionado à narrativa sobre José do Egito no *midrash* foram detectados mais de 100 assuntos diversos, entretanto 10 destas tomam praticamente 90% do total do texto, sendo assim escolhidos e englobando temas próximos para permitir uma maior análise comparativa. Estes temas apesar de amplos se mostram intensamente presentes em outras passagens da *Torá* ou de textos sagrados de mesma raiz, como a bíblia, o alcorão e outros evangelhos apócrifos⁴⁵.

Assim sendo, serão estes os temas a serem tratados nos próximos capítulos:

⁴⁵ Tanto o novo testamento, como a patrística, como o alcorão aparecem citados nesta dissertação, ainda que em pequenas passagens anexas. Infelizmente, apesar da intensa riqueza que haveria na comparação com os Evangelhos Apócrifos, não houve aqui a possibilidade de tal realização, conforme está explicado na parte de Conclusão

1-) **O poder da profecia de Deus e a relação dos homens com esta profecia** – este tema é um dos eixos centrais da narrativa de José do Egito e um dos mais tratados pelo *Midrash Rabbah*, tendo em vista que na narrativa da *Torá* José através de seus próprios sonhos e da interpretação de sonhos de outras pessoas é capaz de prever o futuro, e que este dom é dado por Deus, temos no aspecto profético do livro bases para os futuros sonhos de Daniel, presentes não só na cultura judaica mas também na cristã e islâmica, temos o livro do Apocalipse como tema importantíssimo para a formação dogmática cristã, e essencialmente a católica, sendo este um sonho de João, o evangelista, e temos a profecia como aspecto fundamental do islamismo, principalmente na figura de Maomé, o profeta. Portanto este tema como eixo central da narrativa de José permite uma série de comparações e análises específicas de contextos de embates culturais entre as três vertentes do monoteísmo. Veremos nos capítulos a seguir que na verdade a questão da profecia se destaca sobre os demais temas em especial pelo caráter messiânico que *O Midrash Rabbah* apresenta.

2 - . **Pecado: Perdão x Punição** – Embora o tema da relação entre punição e perdão do pecado não apareça como foco central da narrativa de José na *Torá*, este tema toma força nos relatos os *midrashim*, onde temos, por exemplo, suposições que dizem que toda a perseguição que os judeus sofriram e sofreriam na idade média viria como punição pela venda de José pelos irmãos⁴⁶. Além disso, a figura do “bode expiatório” surge justamente na narrativa de José, de modo que novamente a questão da expiação do erro aparece como tema central. Obviamente o cristianismo por, na figura de Jesus tecer uma série de ensinamentos sobre esta questão, este tema igualmente merece destaque e

⁴⁶ existem até hoje escolas de pensamento judaico que defendem que a perseguição nazista teve o mesmo motivo

possui abertura para análise comparativa das culturas judaica medieval e cristã medieval.

3 – **Tentação** – O tema da tentação está presente desde a primeira parte da *Torá*, na figura da serpente tentando Eva e do primeiro pecado. Na narrativa de José do Egito temos novamente um momento tenso de tentação, onde ele na presença de Zuleica (nome dado pelos *midrashim* à esposa de Putifar) é tentado diversas vezes a se unir em intercuro sexual com ela, entretanto se nega diversas vezes, chegando até mesmo a correr nu pela casa para fugir de sua perseguidora. Obviamente a *Torá* dá indícios de que aquele episódio havia sido como uma grande tentação sofrida por José, entretanto mais do que isso os *midrashim* possuem uma intensa preocupação em explicar como um menino de 17 anos pode resistir a uma mulher que lhe assedia, portanto sendo um tema que adquire grande importância nos relatos midráshicos. Já a tentação também apresenta como ponto fundamental nas outras vertentes do monoteísmo, onde, por exemplo, o cristianismo, em seus relatos evangélicos, apresentam Jesus sendo tentado pelo demônio antes de poder seguir o seu caminho. Sendo assim a tentação e o resistir a essa tentação se apresenta como ponto de extrema importância de análise neste trabalho.

4 – **a Primogenitura** – Certamente a primogenitura não é um dos eixos da história de José do Egito, mas este assunto aparece diversas vezes nos relatos midráshicos, tanto na discussão entre os irmãos para ver o que fazer com José, como nos encontros destes irmãos com ele nos momentos de pedir trigo no Egito. Também aparecem nos contatos com Jacó, onde um irmão fala pelos demais. A questão da primogenitura é extremamente interessante dentro da cultura judaica, porque apesar das leis que dão mais direitos aos primogênitos na grande maioria das vezes não é o filho mais velho que recebe o maior enfoque ou a maior

importância, é o caso de José, é o caso de Abel, Salomão, ou de Jacó entre tantos outros. Portanto este tema merece especial atenção nos próximos capítulos

5 – A relação entre pai e filho – Certamente a relação entre pai e filho não é um dos principais temas no relato sobre José do Egito, na verdade são apenas quatro passagens relevantes e significativas em todo o relato, o momento em que José é mostrado como o filho preferido e por isso ganhando a sua túnica ornamentada, o momento em que Jacó recebe a notícia da morte do filho, ambos no começo da narrativa, e somente no final outras duas vezes, quando ocorre o reencontro e quando Jacó se prepara para a morte. Entretanto todas essas passagens criam margem para uma imensa diversidade de análises e interpretações nos *midrashim*, como, por exemplo, analisar se é justo um pai preferir um filho aos demais, como o ritual de luto ou a reação de um pai ao saber da morte do filho, como a bênção de Deus passada não a um dos filhos, mas a todos, ou o fato de Jacó adotar os filhos de José, e cada uma destas análises dão aberturas para uma diversidade de outras em todas as três vertentes do monoteísmo.

6 – A relação entre irmãos: amor e ciúmes: A relação entre irmãos também é um dos temas centrais da narrativa de José, aparecendo deste os seus sonhos, a preferência do pai por ele, a veste ornamentada, passando pelo episódio que os irmãos quase o matam, o vendem como escravo, terminando, por fim, quando ele perdoa os irmãos. Dentro das interpretações dos *midrashim* esse contato cresce, existem passagens inteiras no *Midrash Rabbah* que não existem na Torá, onde os irmãos, por exemplo, discutem o que fazer com José. O contato entre irmãos é tema presente desde o relato de Caim e Abel, permanecendo sempre eixo principal em todas as vertentes do monoteísmo, especialmente no cristianismo onde a idéia de ser chamado a ser filho de Deus torna todos os homens irmãos, em intensa contraposição com os islâmicos onde em momento

algum Alá pode ser considerado como Pai. No relato do filho pródigo, por exemplo, o contato entre irmãos retoma diversos elementos apresentados no caso de José. Portanto tanto análises medievais das parábolas, como os *midrashim* tratarão deste tema, consistindo um meio bastante propício para analisar e comparar os valores das vertentes do monoteísmo medieval.

7 - **Símbolos** – A narrativa de José é repleta de símbolos , desde os presentes nos sonhos até mesmo símbolos como a veste ornamentada e o bode expiatório. Estes símbolos praticamente ganham vida própria nas análises midráshicas, permitindo um verdadeiro leque de interpretações. Esta simbologia merece destaque especial embora sejam poucos os pontos de contato dela com o cristianismo ou o islamismo.

III.3.2 O valor da vida e a questão da primogenitura

Muitas vezes é difícil para o homem moderno lidar com o conceito de homens de maior valor do que outros, ao menos no discurso teórico, a *modernidade* traz a idéia de que todos os homens são iguais. Certamente tal conceito não é presente durante a maior parte dos milênios que acompanha a história da humanidade, não somente demonstrado pela diferença jurídica entre escravos e homens livres, e entre homens comuns e homens nobres, como também pela questão da primogenitura. O mais espantoso é perceber que estas idéias, longe de serem consenso geral, criavam discussões e diferentes pontos de vista que aqui perpassam o discurso religioso, e podem ser facilmente percebidos por alguns elementos da narrativa de José do Egito.

Temos basicamente três momentos da narrativa que se destinam a marcar essa diferença entre o valor de vida das pessoas. Primeiro, José é o filho preferido de Jacó, seu pai, e isso é sabido abertamente por todos os outros irmãos. José profetisa que seria o eleito de Deus, embora não fosse o mais velho e por último, os irmãos tramam a morte de José pelos dois motivos explicados acima. Temos ainda um último momento falando do valor da vida, tratando-se de um pequeno poema que Jacó teria feito comparando seus filhos a animais silvestres, cada um com a sua característica marcante. Todas essas passagens além de presentes na *Torá* recebem intenso comentário não só pelos primeiros *midrashim*, mas são motivos de debates até os dias de hoje.

Começando então do primeiro momento explicado. A *Torá* nos apresenta apenas:

As Narrativas de José do Egito No Midrash

"ISRAEL AMAVA MAIS A JOSÉ DO QUE A TODOS OS SEUS OUTROS FILHOS, PORQUE ELE ERA O FILHO DE SUA VELHICE E MANDOU FAZER-LHE UMA TÚNICA ADORNADA."⁴⁷

O texto da *Torá* estipula como motivo para o amor maior como o fato de José ser o filho da velhice, um filho já nascido em idade avançada, portanto bem mais novo do que os outros. Não aparece qualquer menção, em passagens posteriores ou anteriores, a outros motivos para esse amor maior. Igualmente esse texto apresenta como único elemento resultante deste maior amor um presente, a túnica adornada.

Sobre esse assunto especificamente o *Midrash Rabbah* não nos trás, a princípio, elementos que permitam um aprofundamento da discussão, pois nele os rabinos não identificam essa passagem como uma das que continham lacunas na *Torá*, assim, se limitam a fazer um pequeno adendo

"O R' RESH LAKISH FALANDO EM NOME DO R' ELEAZAR BEN AZARIAH DIZ: UM HOMEM NÃO DEVE FAZER DISTINÇÃO SOBRE OS SEUS FILHOS, FOI POR CULPA DE JACÓ E O SEU CASACO DE MUITAS CORES FEITOS PARA JOSÉ QUE OS IRMÃOS O ODIARAM"⁴⁸

Embora existissem muitas outras versões o *midrash* prefere encerrar com o acompanhamento literal da *Torá*, talvez pela própria intervenção de um argumento do R' Eleazar e os outros argumentos refutados no momento da escrita. Temos na

⁴⁷ Gen 37, 3

⁴⁸ *Midrash Rabbah, Bereshit Rabbah* - 84-8

tradição oral presente tanto em outros textos, como o caso do relato de Fílon⁴⁹ de Alexandria sobre José, quanto em posteriores, como o *Midrash Rabbati*, uma diversidade de outros argumentos sobre esse assunto e os motivos pelos quais um pai ama mais um filho do que os outros, e por fim, porque uma pessoa vale mais do que a outra.

Aparentemente a explicação de filho da velhice existente na *Torá* assume ares de lacunar quando se percebe que isso seria um atributo dado ao pai e não ao filho, portanto o pai fazia uma distinção errada e sem motivo, era necessário algo presente intrinsecamente no filho, José, que fizesse o pai o amar mais, algo que definisse José como superior aos demais e digno de ter tido tais sonhos e receber a veste que lhe daria maior destaque entre os irmãos.

A primeira explicação vem pelo fato dos outros irmãos serem filhos de Lia e José ser filho de Raquel. Este fato é claro e presente nos versículos anteriores da *Torá* (Gen 30 e 31) Mas mesmo dentro desta idéia há diversos motivos que façam José ser mais amado. A idéia defendida por Fílon é que José possuía naturalmente um espírito nobiliárquico facilmente perceptível por todos e que isso vinha de sua mãe. Aprofundando um passo a mais tal hipótese entraríamos em uma nova lacuna, se Lia e Raquel eram irmãs, ambas filhas de Labão, como era possível que tivessem graus diferentes de nobreza casando-se com o mesmo homem ?

Tão forte é esse vertente que inclusive na época em que o Alcorão é escrito ele apresenta essa como a verdade revelada

"REVELAMO-LO COMO UM ALCORÃO ÁRABE, PARA QUE RACIOCINEIS.

⁴⁹ Embora Fílon não seja representante da tradição oral rabínica certamente era nela que ele se baseava para começar as suas interpretações no caso deste relato em específico. – Em: Fílon, *A vida de José*.

As Narrativas de José do Egito No Midrash

NÓS TE RELATAMOS A MAIS FORMOSA DAS NARRATIVAS, AO INSPIRARTE ESTE ALCORÃO, SE BEM QUE ANTES DISSO ERAS UM DOS DESATENTOS.

RECORDA-TE DE QUANDO JOSÉ DISSE A SEU PAI: Ó PAI, VI, EM SONHO, ONZE ESTRELAS, O SOL E A LUA; VÓS PROSTRANDO-SE ANTE MIM.

RESPONDEU-LHE: Ó FILHO MEU, NÃO RELATES TEU SONHO AOS TEUS IRMÃOS, PARA QUE NÃO CONSPIREM ASTUTAMENTE CONTRA TI. FICA SABENDO QUE SATANÁS É INIMIGO DECLARADO DO HOMEM.

E ASSIM TEU SENHOR TE ELEGERÁ E ENSINARTE-Á A INTERPRETAÇÃO DAS HISTÓRIAS E TE AGRACIARÁ COM A SUA MERCÊ, A TI E À FAMÍLIA DE JACÓ, COMO AGRACIOU ANTERIORMENTE TEUS AVÓS, ABRAÃO E ISAAC, PORQUE TEU SENHOR É SAPIENTE, PRUDENTÍSSIMO.

NA HISTÓRIA DE JOSÉ E DE SEUS IRMÃOS HÁ EXEMPLOS PARA OS INQUIRIDORES.

EIS QUE (OS IRMÃOS DE JOSÉ) DISSERAM (ENTRE SI): JOSÉ E SEU IRMÃO (BENJAMIM) SÃO MAIS QUERIDOS POR NOSSO PAI DO QUE NÓS, APESAR DE SERMOS MUITOS. CERTAMENTE, NOSSO PAI ESTÁ (MENTALMENTE) DIVAGANTE!⁵⁰

Ora, se José era mais nobre por ser filho de Raquel e isso geraria o ciúmes dos irmãos e o maior amor do pai, então certamente tal fado recairia também sobre Benjamim. Tal tradição é ainda reforçada quando explica que teria sido esse o motivo pelo qual José, no Egito, apenas se revela após ver os irmãos se

⁵⁰ Alcorão, XII Surata - Youssif

oferecendo por prisão em troca de Benjamim, ele gostaria de comprovar se tinham o atirado no poço por ódio pessoal ou por ser filho de Raquel. Assim, apenas quando Judá se oferece como escravo em lugar de Benjamim é que José se dá a revelar, ou seja, naquele momento ele percebia que havia o arrependimento. Essa teoria, que pressupõe a diferença no trato do amor pela ascendência materna aparece no *Midrash Rabbah*⁵¹

Há ainda um terceiro motivo que aparece na discussão rabínica que daria motivos para José ser mais amado do que os outros irmãos, e nesse caso inclusive superior a Benjamim, o fato dele ter sido filho de um milagre.

*"RAQUEL VENDO QUE NÃO DAVA FILHOS A JACÓ TORNOU-SE INVEJOSA DE SUA IRMÃ (...) ENTÃO DEUS SE LEMBROU DE RAQUEL: ELE A OUVIU E A TORNOU FECUNDA, ELA CONCEBEU E DEU LUZ A UM FILHO E DISSE: DEUS ME TIROU A VERGONHA! QUE IAHWEH ME DÊ OUTRO!"*⁵²

Então enquanto os outros irmãos teriam sido filhos normais, inclusive Benjamim, José teria sido filho de um milagre, o que lhe daria status superior aos demais. Esse teoria seria fortificada pelo sonho das estrelas e dos feixes de trigo, onde estes se prostrariam diante de José, simbolizando que todos os irmãos se ajoelhariam diante dele. Entretanto isso também poderia ser explicado pelo fato de Benjamim não ter nascido.

Segundo a versão do sangue nobre atribuído as filhos de Raquel a questão dos sonhos é facilmente remediada pela questão da primogenitura, sendo que José e Benjamim teriam sangue nobre, entretanto, por, entre os filhos de Raquel José ser o primogênito a ele é que recairia a bênção de Deus. Ainda assim, Lia

⁵¹ Midrash Rabbah, Bereshit Rabbah - 93-7

⁵² Gen 30, 1 e 22-3

era esposa legítima, então a questão da primogenitura estaria também aliada a questão do amor, e em última instância não se pode dizer que Raquel tinha mais direitos do que Lia porque esta última era mais velha, embora isso seja de pouco valor pois a primogenitura se trata de uma hierarquia certamente de varões.

Tais interpretações poderiam ter conseguido dar conta da explicação do amor maior de Jacó por José, entretanto seria realmente a linha sucessória nobiliárquica a forma pela qual Deus distribuiria suas bênçãos? Acaso uma maior proximidade com essa linha faria o valor de uma pessoa ser maior do que o de outra? Aqui, nesta altura entramos em terreno perigoso e sem consensos. Enquanto a idéia de povo escolhido certamente requer o amparo da aceitação de uma maior proximidade com Deus, e possivelmente um maior valor, enquanto temos entre as tribos a dos levitas de onde saem os sacerdotes e juízes, enquanto temos a certeza do messias ser descendente de David, da tribo de Judá, que também não era o primogênito⁵³. Vemos durante toda a *Torá* diversos momentos em que essa pretensa superioridade se quebra com grande rapidez. Isso dá aos rabinos medievais um trabalho bem grande para definir o valor da vida humana e quais são os atributos que fazem uma pessoa valer mais do que outra, sem aceitar que esse valor possa ser igual, um nobre ou um servo terem o mesmo valor, um gentio ou um judeu terem o mesmo valor.

Examinemos mais profundamente o assunto.

Adão e Eva, após expulsos do paraíso tiveram dois filhos

*"O HOMEM CONHECEU EVA, SUA MULHER, ELA CONCEBEU E DEU A LUZ A CAIM, E DISSE: 'ADQUIRI UM HOMEM COM A AJUDA DE IAHWEH' DEPOIS ELA DEU TAMBÉM A LUZ ÁBEL, IRMÃO DE CAIM"*⁵⁴

⁵³ O primogênito de Jacó era Rubem, conforme Gen 29, 32

⁵⁴ Gen, 4, 1-3

Pelo princípio da primogenitura Caim deveria herdar a terra e a benção de Deus, mas no momento da oferenda feita por ambos a *Iahweh* apenas a oferenda de Abel é aceita. O que cria tamanha ira em Caim que mata seu irmão. Certamente existe uma imensidão de comentários midráshicos para essa passagens, tentando provar como Caim perde o seu direito não por uma escolha de Deus e sim por algum pecado ou erro seu, mas o texto da *Torá* não deixa pistas, sendo que todos os comentários trabalham em cima de argumentos posteriores ou que as comunidades judaicas viviam em seu tempo.

A passagem da *Torá* apenas diz

"IAHWEH AGRADOU-SE DE ÁBEL E DE SUA OFERENDA, MAS NÃO SE AGRADOU DE CAIM E SUA OFERENDA"⁵⁵.

Segundo o relato, nem Caim, nem Abel, possuem descendentes, a praticamente toda a humanidade teria como ascendente Set, o terceiro filho. Entre os patriarcas também temos algo semelhante, pela astúcia Jacó rouba de Esaú o direito de receber a benção de Deus que seria passada pela primogenitura.

"CARTA VEZ JACÓ PREPAROU UM COZIDO E ESAÚ VOLTOU DO CAMPO ESGOTADO, ESAÚ DISSE A JACÓ: DEIXA-ME COMER DESTA COISA AVERMELHADA⁵⁶ POIS ESTOU ESGOTADO - É POR ISSO QUE ELE FOI CHAMADO DE EDOM - JACÓ DISSE - VENDE-ME TEU DIREITO DE PRIMOGENITURA? ESAÚ RESPONDEU: EIS QUE VOU MORRER, DE QUE ME SERVIRÁ O DIREITO DE PRIMOGENITURA? - JACÓ RETOMOU:

⁵⁵ Gen 4,5

⁵⁶ Segundo a tradução da bíblia de Jerusalém "ruiva"

As Narrativas de José do Egito No Midrash

*JURA-ME PRIMEIRO. E ELE LHE JUROU E VENDEU O SEU DIREITO DE PRIMOGENITURA.*⁵⁷

Aqui ainda há o argumento que na verdade existia o direito e ele foi vendido, mas temos, já depois de ter sido concedida ao povo a *Torá* exemplo simples de sucessão sem ser por primogenitura, é o caso do rei Davi, que nem era descendente do antigo rei, Saul, e nem o mais velho dos filhos de Jessé.

*"DAVI ERA FILHO DE UM EFRATEU DE BELÉM DE JUDÁ, CHAMADO JESSÉ, QUE TINHA OITO FILHOS. NO TEMPO DE SAUL ESTE HOMEM JÁ ERA VELHO, CARREGADO DE ANOS. OS TRÊS FILHOS MAIS VELHOS TINHAM SEGUIDO SAUL PARA A GUERRA.*⁵⁸

A primogenitura aparece claramente na *Torá* como fator de valor de diferenciação das pessoas.

*"E EU, EIS QUE TENHO TOMADO OS LEVITAS DO MEIO DOS FILHOS DE ISRAEL, EM LUGAR DE TODO O PRIMOGÊNITO, QUE ABRE A MADRE, ENTRE OS FILHOS DE ISRAEL; E OS LEVITAS SERÃO MEUS. :PORQUE TODO O PRIMOGÊNITO É MEU; DESDE O DIA EM QUE TENHO FERIDO A TODO O PRIMOGÊNITO NA TERRA DO EGITO, SANTIFIQUEI PARA MIM TODO O PRIMOGÊNITO EM ISRAEL, DESDE O HOMEM ATÉ AO ANIMAL: MEUS SERÃO; EU SOU O SENHOR.*⁵⁹

Mas não obrigatoriamente ligada ao amor:

⁵⁷ Gen, 25, 30-34

⁵⁸ I Sam, 17, 12-13

⁵⁹ Num 3, 12-13

As Narrativas de José do Egito No Midrash

" QUANDO UM HOMEM TIVER DUAS MULHERES, UMA A QUEM AMA E OUTRA A QUEM DESPREZA, E A AMADA E A DESPREZADA LHE DEREM FILHOS, E O FILHO PRIMOGÊNITO FOR DA DESPREZADA, SERÁ QUE, NO DIA EM QUE FIZER HERDAR A SEUS FILHOS O QUE TIVER. NÃO PODERÁ DAR A PRIMOGENITURA AO FILHO DA AMADA, PREFERINDO-O AO FILHO DA DESPREZADA, QUE É O PRIMOGÊNITO. MAS AO FILHO DA DESPREZADA RECONHECERÁ POR PRIMOGÊNITO, DANDO-LHE DOBRADA PORÇÃO DE TUDO QUANTO TIVER; PORQUANTO AQUELE É O PRINCÍPIO DA SUA FORÇA, O DIREITO DA PRIMOGENITURA É DELE. "⁶⁰

Entretanto toda essa discussão sobre a primogenitura parece se dar mais a questão de valor legal e jurídico do que realmente a um maior valor em si, mesmo que alguns autores, como já vimos, discordem veementemente deste fato. Aparece, no entanto, outros elementos que marcam o valor da vida humana e há a necessidade de se debruçar sobre eles.

Enquanto o mais amado, José recebe apenas a túnica, não a primazia sobre tudo o que Jacó possuía. Temos no *Midrash Rabbah* um outro fator de medida de valor da pessoa. Temos no capítulo 85, 1 a seguinte declaração

SEPAROU DOS IRMÃOS"⁶¹ R' SAMUEL B. NACHMAN FAZ O COMENTÁRIO: POIS EU SEI OS PENSAMENTOS E EU PENSO EM VÓS. DISSE O SENHOR. OS ANCESTRAIS TRIBAIS ESTAVAM ENGAJADOS EM VENDER JOSÉ, JACÓ ESTAVA VESTIDO EM PANO DE SACO DE FAZENDO JEJUM E JUDÁ OCUPADO EM BUSCA DE UMA ESPOSA, MAS ENQUANTO ISSO, O SANTO, ABENÇOADO SEJA, ESTAVA CRIANDO A

⁶⁰ Deut, 21, 15-17

⁶¹ referente a Gen 38, 1

As Narrativas de José do Egito No Midrash

LUZ DO MESSIAS, POR ISSO, ... ACONTECEU QUE, NESTE TEMPO QUE PASSOU E ASSIM POR DIANTE.

MAS ANTES DE SENTIR AS DORES DO PARTO ELA DEU A LUZ⁶² OU SEJA, ANTES QUE ISRAEL SEJA ESCRAVO JÁ NASCERA O PRIMEIRO REDENTOR E POR ISSO ESTÁ ESCRITO, ACONTECEU QUE NESTE TEMPO QUE PASSOU⁶³

Necessitamos retornar a esse ponto do texto, já mencionado no capítulo anterior para melhor compreender o valor dado a vida. Quem seriam esses redentores aos quais o texto fala? Estes que traziam consigo a luz do messias?

Um outro *midrash* medieval talvez explicita essa dúvida com maior precisão com do que o *Midrash Rabbah*. Trata-se do *Tanchuma*⁶⁴, embora a passagem citada também se encontre no *Yalkut Shimoni*.⁶⁵

"E JOSÉ FORA LEVADO PARA O EGITO - NÃO LEIAM "FOI LEVADO" MAS "LEVOU" SEU PAI E SEUS IRMÃOS AO EGITO. DISSE O R' TANCHUMA, A QUE ISSO PARECE? - A UMA VACA QUE LHE QUEREM COLOCAR UMA CANGA E ELA TIRA O SEU PESCOÇO DA CANGA. QUE LHE FIZERAM ENTÃO? PEGARAM O SEU BEZERRO DETRÁS DELA E O COLOCARAM NO LUGAR O QUAL QUERIAM ARAR, E O BEZERRO BERRAVA. OUVIU A VACA A SUA CRIA E FOI CONTRA A SUA VONTADE ATÉ O SEU BEZERRO. ASSIM O SANTO, BENDITO SEJA, REALIZAVA O DECRETO : "SABE COM CERTEZA QUE SEUS DESCENDENTES SERÃO ESTRANGEIROS NUMA TERRA QUE NÃO SERÁ DELES. LÁ ELES SERÃO ESCRAVOS, SERÃO OPRIMIDOS

⁶² referente a Isaías 66, 7

⁶³ *Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 85, 1*

⁶⁴ Trata-se de uma importante compilação de *midrashim* medieval

⁶⁵ *Yalkut Shimoni* é uma compilação de *midrashim* do século XIII, próxima ao ano 1260, feita pelo R' Shimon Ashkenazi HaDarshan de Frankfurt, conhecida por trazer uma série de elementos "novos" à tradição oral, que não aparecem em nenhuma das compilações de *midrashim* anteriores.

As Narrativas de José do Egito No Midrash

DURANTE QUATROCENTOS ANOS. MAS EU JULGAREI A NAÇÃO À QUAL ESTARÃO SUJEITOS, E EM SEGUIDA SAIRÃO COM GRANDES BENS. E CAUSOU PARA QUE ACONTECESSEM TODAS ESSAS COISAS E DESCERAM AO EGITO E PAGARAM A PROMESSA⁶⁶

Portanto Deus já haveria determinado o futuro do povo, já havia preparado para eles a salvação da época de seca que assolaria todo o Egito e terras vizinhas, e já havia preparado a fuga do Egito rumo à terra prometida. Mas o povo simplesmente não iria por vontade própria. Ainda que essa fosse a vontade de Deus o povo tentaria resistir assim como a vaca ao seu dono que lhe manda arar a terra. Por isso José teria sofrido, em nome de ter salvado o seu povo, pois uma vez que ele tenha ido ao Egito e lá se tornado quem tornou pode levar todo o povo e evitar a sua destruição pela fome. Assim, o mal feito pelos irmãos se tornariam em bem.

Uma resposta mais precisa pode ser encontrada revendo o texto já mencionado do R' Ismael, séculos após a compilação do *Midrash Rabbah*.

"QUANDO AO REINO DA MALDADE DECRETOU A PERSEGUIÇÃO DOS SÁBIOS DE ISRAEL, COMPANHEIROS DE R' ISMAEL, SUMO SACERDOTE. DISSERAM-LHE: SUBA AOS CÉUS E VERIFIQUE SE ESSE DECRETO FOI DETERMINADO PELO SANTO, BENDITO SEJA. ENTÃO O R' ISMAEL PURIFICOU-SE, ENVOLVEU-SE NO MANTO DE ORAÇÕES E COLOCOU OS TEFELIN E PRONUNCIOU O SANTO NOME. DE IMEDIATO LEVANTOU-O O VENTO E O ELEVOU AOS CÉUS. ENCONTROU-O O ANJO GABRIEL E LHE DISSE. VOCÊ É ISMAEL, DE QUEM O CRIADOR SE ORGULHA DIARIAMENTE POR POSSUIR UM SERVO NA TERRA PARECIDO COM ELE. DISSE-LHE: SOU EU. ENTÃO

⁶⁶ h.n.bialik e i.h.ravnitzky, Sefer há-Agadã, p.39 tet, 94.

As Narrativas de José do Egito No Midrash

LHE PERGUNTOU, POR QUE SUBISTE ATÉ CÁ? DISSE-LHE: SUBI PARA SABER SE FOI DECRETADO O DECRETO PELO SANTO, BENDITO SEJA. RESPONDEU-LHE GABRIEL: ISMAEL, MEU FILHO, POR TUA VIDA, ASSIM OUVI POR TRÁS DA CORTINA : DEZ SÁBIOS DE ISRAEL FORAM ENTREGUES À MORTE PELA MÃO DO REI MALVADO. PERGUNTOU-LHE R' ISMAEL: POR QUE? RESPONDEU-LHE: PELA VENDA DE JOSÉ, POIS O RIGOR DA JUSTIÇA DIVINA ACUSA DIARIAMENTE O TRONO DA GLÓRIA DIZENDO: ESCREVESTES NA TUA TORÁ ALGUMA LETRA EM VÃO ? POIS DISSESTES 'E ROUBA UM HOMEM E VENDE, SERÁ MORTO, E EIS QUE AS DEZ TRIBOS VENDERAM JOSÉ E ATÉ AGORA ELES, OU SEUS DESCENDENTES, NÃO PAGARAM POR ISSO: E POR ISSO FOI DETERMINADO O DECRETO DOS DEZ SÁBIOS. DISSE-LHE R' ISMAEL: ATÉ AGORA O SANTO, BENDITO SEJA, NÃO ENCONTROU ALGUÉM PARA PAGAR PELA VENDA DE JOSÉ, APENAS NÓS? RESPONDEU-LHE GABRIEL: POR TUA VIDA, ISMAEL, MEU FILHO, DESDE O DIA EM QUE AS TRIBOS VENDERAM JOSÉ, NÃO ENCONTROU O SANTO, BENDITO SEJA, EM NENHUMA GERAÇÃO, JUSTOS E PIEDOSOS DENTRE AS TRIBOS SENÃO VOCÊS, E POR ISSO ELE EXIGIU O PAGAMENTO DE VOCÊS (...)

DE IMEDIATO DESCEU R' ISMAEL À TERRA E COMUNICOU AOS SEUS COMPANHEIROS QUE JÁ FOI BAIXADO O DECRETO, E, DE UM LADO, ELES SE QUEIXAVAM DE TER RECAÍDO SOBRE ELES UM DECRETO TÃO RIGOROSO, E, POR OUTRO, ALEGRAVAM-SE, QUE O SANTO, BENDITO SEJA, VALORIZOU-OS E EQUIPAROU-OS ÀS DEZ TRIBOS⁶⁷

⁶⁷ FALBEL, Nachman, *Kidush Hashem*, 293

Retomemos então novamente a questão, o que dava ao R' Ismael tamanho valor, sendo que ele seria maior do que Salomão, do que David, maior do que Moisés? Parece que o messias não poderia simplesmente vir e libertar todo o povo, pois este pagava por suas próprias transgressões, seus próprios erros. Era necessário que todos tivessem morrido pelos erros que cometeram. Temos uma série de leis sobre a expiação dos pecados na *Torá*, especialmente sobre o sacrifício de animais para pecados mais leves. Entretanto os pecados mais graves são sempre punidos com a morte. O primeiro pecado deveria ser punido com a morte, Adão e Eva comeram a fruta: "*pois no dia que dela comeres terá que morrer*"⁶⁸.

Como poderia então ser todo o povo liberto em um reino messiânico se todos estão ainda devendo para Deus? A resposta está nos redentores, homens que, embora sejam parceiros de toda a humanidade naquela primeira transgressão, tiveram uma vida tão justa, tão perfeita em todos o cumprimento de todas as leis são escolhidos para pagarem a transgressão da lei cometida pelo povo. Não para pagarem de uma forma de que sua morte simplesmente libertará o erro alheio, mas para que, de alguma forma, sirvam como o bezerro serviu para a vaca, conforme visto no *Yalkut Shimoni*.

Essa concepção aqui colocada do R' Ismael não é isolada na história do povo judeu, muito pelo contrário, o martírio que eleva o valor da vida em expiação de todo o povo está presente desde as perseguições no século I até a época do nazismo.

Temos durante a época das cruzadas diversos textos referentes a esse sentimento, o R' Efrain Bem Jacob, fugindo das aldeias judaicas em perseguição na França, relata a sua dor pelos mortos.

⁶⁸ Gênesis 2, 17

As Narrativas de José do Egito No Midrash

"CHORAREI NO DIA DA TRIBULAÇÃO E ME LAMENTAREI NA NOITE DA ANGÚSTIA PELOS MORTOS DE BACHARACH, A CÔLERA DIVINA FEZ COM QUE O SANGUE DOS PIEDOSOS FOSSE DERRAMADO , E , DEVIDO AOS NOSSOS PECADOS, NÃO CESSOU A ESPADA E O ARCO (...) GUARDAI NA MEMÓRIA, BENDITAS SUAS ALMAS"⁶⁹

Esse texto escrito em 1187 demonstra com clareza a idéia de que os justos, os piedosos, teriam o seu sangue derramado por causa das transgressões cometidas por todo o povo. Uma relação de causalidade, onde a transgressão exige uma punição, feita no momento mais propício.

"COMO ERAM QUERIDOS ESSES AMIGOS, POIS ERAM PLENOS NO CUMPRIMENTO DOS PRECEITOS! (...) POIS É GRANDE A SUA PIEDADE. PORQUE SANTIFICARAM-SE E PREPARARAM SEU PRÓPRIO HOLOCAUSTO. ASSIM COMO SEU PAI O FEZ COM ISRAEL. SUA FÉ AMPARARÁ SEUS FILHOS PARA CONSOLA-LOS NA TERRA DE SEU EXÍLIO E PROLONGAR SEUS DIAS EM PAZ"⁷⁰

Aqui temos claro que o cumprimento pleno dos preceitos, ou seja, a ausência de erros ou pecados referentes aos preceitos é que faz um homem ser completamente justo, e ao se entregar em holocausto (sacrifício) pela vida do povo o valor da sua vida se multiplica e passa então a ser realmente superior aos demais. José, portanto, teria sofrido quase a morte para que o povo depois não passasse fome durante os sete anos de seca.

⁶⁹ FALBEL, Nachman, "Kidush Hashem", p.181

⁷⁰ Idem, p.183

Uma vez que estas relações tenham sido estabelecidas é fácil incorrer em um erro grave. A simples comparação do sacrifício feito pela morte de tais homens com o sacrifício presente na idéia messiânica cristã.

Aparentemente há a idéia de homens justos, com valor da vida superior aos demais e cujo derramamento de sangue apaga transgressões de outras pessoas, garantindo-lhes a vida. Se os dez sábios do R' Ismael podiam pagar pela condenação dos dez irmãos de José e portanto por todos os descendentes das dez tribos de Israel, temos na figura do Jesus cristão aquele homem que paga pela condenação de toda a humanidade, portanto a figura do Redentor, unida à figura do Cristo⁷¹

"EIS, PORQUE, COMO POR MEIO DE UM SÓ HOMEM O PECADO ENTROU NO MUNDO E, PELO PECADO, A MORTE, ASSIM A MORTE PASSOU A TODOS OS HOMENS PORQUE TODOS PECARAM. POIS ATÉ A LEI HAVIA PECADO. TODAVIA A MORTE IMPEROU DESDE ADÃO ATÉ MOISÉS, MESMO SOBRE AQUELES QUE NÃO PECARAM DE MODO SEMELHANTE À TRANSGRESSÃO DE ADÃO, QUE É FIGURADA DAQUELE QUE DEVIA VIR.

ENTRETANTO, NÃO ACONTECE COM O DOM O MESMO QUE COM A FALTA? SE PELA FALTA DE UM SÓ, TODOS MORRERAM, COM QUANTO MAIOR PROFUSÃO A GRAÇA DE DEUS E O DOM GRATUITO DE UM SÓ HOMEM, CRISTO JESUS, SE DERRAMARAM SOBRE TODOS.
(...)

POR CONSEQUINTE, ASSIM COMO PELA FALTA DE UM SÓ HOMEM RESULTOU A CONDENAÇÃO DE TODOS OS HOMENS, DO MESMO MODO, DA OBRA DE JUSTIÇA DE UM SÓ RESULTOU PARA TODOS OS HOMENS A JUSTIFICAÇÃO QUE TRAZ A VIDA. DE MODO QUE, COMO

⁷¹ A palavra cristo significa messias.

PELA OBEDIÊNCIA DE UM SÓ HOMEM TODOS SE TORNARAM PECADORES, ASSIM, PELA OBEDIÊNCIA DE UM SÓ TODOS SE TORNARÃO JUSTOS."⁷²

Entretanto não se pode fazer tal ligação de forma simples. A idéia de pecado cristão difere da idéia judaica de transgressão da lei. Igualmente a idéia de *redenção messiânica*, embora tenha pontos de ligação difere em muitos aspectos, e mesmo dentro do judaísmo existe uma imensa diversidade dentro desse conceito, chegando até mesmo a alguns textos que falam da existência de dois messias⁷³

A questão do messianismo judaico está presente no capítulo "Os profetas, As profecias e A profecia" e o detalhamento da comparação entre as duas idéias messiânicas está presente como capítulo especial no final do trabalho.

⁷² Rom, 5, 1-20

⁷³ FALBEL, Nachman, "sobre o messianismo judaico medieval" in *leitura judaica e releitura cristã da bíblia*, p.145

iii. 3. 3 A Relação entre os irmãos: amor x ciúmes

A narrativa de José certamente é uma das mais importantes de toda a *Torá* no que se refere ao amor e ódio entre os irmãos, talvez sendo vencida apenas pela narrativa de Caim e Abel, pelo final mais trágico desta, entretanto nenhuma pode mostrar ao mesmo tempo as duas faces deste relacionamento, desde o pecado até o perdão, como em José. Por isso esse será o tema principal deste capítulo e a sua contribuição para esta obra no que se refere aos valores do povo judeu na época do *Midrash Rabbah* e *midrashim* posteriores

São basicamente quatro as passagens principais da *Torá* acerca deste tema. Primeiramente, no momento em que José conta os seus sonhos e os irmãos enchem-se de ciúmes, posteriormente quando este o vendem como escravo. Terminando em uma fase de perdão que ocorre desde o primeiro encontro de José com os irmãos, cheio de ira fazendo-os passar por grandes dificuldades e se ajoelharem perante ele, e por fim com o perdão em uma cena cheia de comoção quando José não se agüenta em sua farsa e revela ser o irmão perdido. Cada uma das quatro partes nos dão elementos para esta relação.

Este capítulo começa pela terceira na exposição por ainda não ter sido citada anteriormente. Os irmãos vendem José e depois de anos tem de ir ao Egito pois não havia comida em qualquer outra parte que não fosse lá. Um pequeno versículo da *Torá*:

"ENTÃO DESCERAM OS DEZ IRMÃOS DE JOSÉ, PARA COMPRAREM TRIGO NO EGITO."⁷⁴

⁷⁴ Gen 42, 13

dá margem a toda uma discussão no *Midrash Rabbah*. A questão principal é, se os irmãos eram dignos de serem chamados como tais e não pelos seus nomes ou simplesmente de "outros filhos de Jacó", porque motivo a *Torá* fazia questão de os apresentar justamente pela característica que deveriam ter perdido ao tentar matar José e o vender como escravo. Aqui estão algumas destas citações

"A ESCRITURA DEVERIA TER DITO *FILHOS DE JACÓ* MAS PORQUE MOTIVO ESTÁ ESCRITO *OS IRMÃOS DE JOSÉ* ? NO COMEÇO ELES NÃO O TRATARAM COM AMOR FRATERNAL, MAS O VENDERAM, SUBSEQÜENTEMENTE, ELES O REJEITARAM. A CADA DIA ELES DEVERIAM DIZER - VAMOS E INQUIRAMOS SOBRE ELE E TRAGAMOS ELE NOVAMENTE AO PAI DELE. E QUANDO JACÓ OS CONDENOU A IR PARA O EGITO ELES RESOLVERAM ENTÃO MOSTRAR O SEU AMOR FRATERNAL."⁷⁵

Não há qualquer indício na *Torá* que remeta a esse amor fraternal que continuava no coração dos dez, entretanto os rabinos colocam isso como certo, tanto que nem há sequer a citação de qual rabino havia colocado essa teoria. Ou seja, mesmo após terem feito tudo o que fizeram os irmãos sempre guardam esse amor fraternal dentro deles. Mais do que isso, o amor fraternal, mesmo no erro, se caracteriza em querer reparar o mesmo, no caso, a separação da família e a restauração do mesmo à sua família.

Seguindo o texto

"O R' SIMÃO DISSE: JOSÉ SABIA QUE OS SEUS IRMÃOS ESTAVAM DESCENDO AO EGITO. MAS COMO ELE SABIA ? ELE

⁷⁵ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 91, 6

As Narrativas de José do Egito No Midrash

MANDOU GUARDAS EM TODAS AS DEZ PORTAS E ORDENOU QUE ELES LISTASSEM O NOME DE TODOS OS QUE ENTRASSEM. E À NOITE ELES TRAZIAM AS SUAS LISTAS. UMA TRAZIA, RUBEM, FILHO DE JACÓ, OUTRA, SIMEÃO, FILHO DE JACÓ, A TERCEIRA LEVI, FILHO DE FAÇO, A QUARTA JUDÁ, FILHO DE JACÓ, E ASSIM POR DIANTE. DIANTE DISSO DEU A ORDEM DE FECHAR TODAS AS CASAS E ESTOQUE E DEIXAR APENAS UMA ABERTA. ELE ORDENOU DAR OS SEUS NOMES AO OFICIAL COMANDANTE DESTA CASA DE ESTOQUE, O INSTRUINDO : QUANDO OS HOMENS QUE TEM O NOME AQUI ESCRITO APARECEREM OS TRAGAM PARA MIM. DIVERSOS DIAS SE PASSARAM MAS ELES NÃO VIERAM. ENTÃO ELE MANDOU QUE ELES FOSSEM PROCURADOS NAS ESTADAS DAS PROSTITUTAS. MAS O QUE ESTARIAM FAZENDO ALI ? ELES TALVEZ ESTIVESSEM LÁ PELA SUA IMENSA BELEZA. ELES FORAM PRESOS E TRAZIDOS A JOSÉ"

Temos nesta citação duas partes distintas. A primeira que mostra que José já sabia da presença dos irmãos. A forma pela qual ele teria esse conhecimento é igualmente interessante, não por um pressentimento ou por amor, mas ele desde o princípio estava esperando pela chegada dos mesmos e por isso um controle tão rígido de todos os que entravam, esperando logo encontrar os nomes destes nas listas, tanto que todas as noites procurava por eles nas listas. Isso mostraria que , apesar de ter ficado preso, ter sido vendido como escravo, e todo o sofrimento que tinha não teria esquecido deles e ainda esperava que eles se o encontrassem. Apesar disso, não existe a clareza, apenas nesta citação, se na verdade a lista seria para tentar uma reaproximação, ou se era um desejo de vingança.

Aparentemente esse desejo de mostrar a intenção dos irmãos em se reaproximarem, mesmo após ter ocorrido a sua venda, mostraria a ligação de

sangue que existe entre eles, que está acima de qualquer problema interno ou cisão entre eles. A idéia do simples perdão natural⁷⁶ não está entre as práticas mais admiradas do povo judeu, entretanto, neste caso o erro antigo se mostra intensamente pequeno perto de algo maior, a noção de família, que se mostra especialmente importante em um contexto de perseguição e reclusão como o vivido na época da compilação deste texto.

Seguindo o texto há mais alguns elementos interessantes. Os irmãos, segundo o texto midráshico, teriam entrado por portas diferentes, cada um estava presente em uma lista. Seria isso uma forma de mostrar que eles se espalharam para procurar José, ou simplesmente teriam medo de entrar juntos? Seja como for eles, antes de buscarem o trigo, foram para a tenda das prostitutas, onde José os encontrou. Nada disso está escrito na passagem da *Torá*, entretanto aparece como certo no *Midrash Rabbah*. Seria uma forma de mostrar que apesar do amor fraternal os irmãos ainda estavam mais interessados em seus próprios negócios do que na família. Isso tendo em vista que eles foram enviados justamente para salvar a família da fome que estava ocorrendo⁷⁷.

Segundo o texto do *midrash* os irmãos já foram trazidos presos. Mas qual seria a acusação desta prisão? Ela se apresenta apenas após a entrevista feita com eles. A acusação aparece inclusive no texto da *Torá*:

"VÓS SOIS ESPIAS, E VIESTES PARA VER A NUDEZ DA TERRA"⁷⁸

Entretanto não há qualquer forma de provar tal acusação segundo o texto da *Torá*. Mas o *Midrash Rabbah* apresenta uma justificativa, justamente o fato de

⁷⁶ É importante fazer uma diferenciação entre o termo utilizado, simples perdão natural, que ocorre pela relação entre duas pessoas, sem qualquer ato especial ou forma de pagamento pela perda que lhe foi inferida, do perdão enquanto parte integrante da cultura judaica enquanto perdão divino no "dia do perdão" e expiação dos erros mediante uma série de rituais seguindo regras específicas e em datas específicas.

⁷⁷ Gen 42, 2

⁷⁸ Gen 42, 9

terem entrado cada um por um portão, sendo eles de uma mesma família porque procederiam desta forma?

A partir deste momento o texto do *midrash* toma uma forma muito mais intensa do que a *Torá*, inclusive precipitando alguns elementos que somente seriam revelados posteriormente. Eis o texto

"- E QUE NEGÓCIOS VOCÊS TINHAM NA RUA DAS PROSTITUTAS?

- NÓS HAVÍAMOS PERDIDO ALGO E PROCURÁVAMOS POR ELE

- AH, SIM, EU VEJO EM MINHA TAÇA QUE DOIS DE VOCÊS DESTRUÍRAM UMA GRANDE CIDADE E VENDERAM O SEU IRMÃOS A ÁRABES - DISSE JOSÉ A ELES

ELES IMEDIATAMENTE COMEÇARAM A TREMER E EXCLAMARAM

- NÓS SOMOS DOZE.

- ENTÃO, ONDE ESTÃO OS OUTROS DOIS?

- UM MORREU. O OUTRO ESTÁ COM O NOSSO PAI.

- ENTÃO VÃO E O BUSQUEM PARA MIM - ELE ORDENOU.

ENTÃO JOSÉ PEGOU SIMEÃO E O COLOCOU DIANTE DE SEUS OLHOS PORQUE ERA ELE, QUE O HAVIA EMPURRADO NO POSSO, E O SEPAROU DE LEVI (...)

DISSE SIMEÃO AOS IRMÃOS:

- ENTÃO O QUE VOCÊS FIZERAM COM JOSÉ QUEREM AGORA FAZER COMIGO.

- O QUE PODEMOS FAZER - RESPONDERAM ELES - PODEM OS MEMBROS DE NOSSA FAMÍLIA MORRER DE FOME?

- FAÇA COMO VOCÊS QUISEREM - RESPONDEU SIMEÃO - AGORA EU VEREI AQUELE QUE ME PORÁ NA PRISÃO.

As Narrativas de José do Egito No Midrash

JOSÉ O ENVIOU AO FARAÓ COM UM PEDIDO: ME ENVIE SETENTA DE SEUS MAIS FORTES HOMENS POIS EU ACHEI LADRÕES E OS GOSTARIA DE PRENDER-OS A CORRENTES.”

Convém fazer aqui uma pequena pausa para que essa parte, embora pequena, possa ser analisada em sua profundidade. A primeira pergunta de José parecia óbvia. Ele esperava que os irmãos fossem imediatamente para comprar comida, ao invés disso muitos dias se passaram e por fim foram encontrados na rua das prostitutas. Mas ainda assim o *midrash* não perde o brilho do amor fraterno. Dizem os irmãos que haviam perdido algo e o procuravam por lá, algo que eles não quiseram revelar. Parece simples de deduzir que este algo seria o seu próprio irmão. Não há qualquer referência a isso na *Torá*, entretanto é de muita riqueza perceber que esse ideal de amor necessita ser tão completo que mesmo os erros são revelados acertos por essa busca ao irmão perdido.

José, então, pegando a sua taça de adivinhações, finge que lá havia percebido o que ele na verdade sabia. Seus irmãos o haviam vendido como escravo. A destruição de uma grande cidade parece sem sentido somente nesta parte isolada do texto.

Os irmãos não tem a coragem de admitir a venda, e nem tampouco revelam que o estavam a procurar no Egito, se limitam a dizer que um morreu e o outro estava com o pai. O *midrash* ao descrever a cena provavelmente revela o motivo de se crer que tenha ocorrido desta forma, o medo que eles estavam sentindo, já que tremiam.

José ao separar Simeão teria o feito por motivo de vingança? Vendo o texto midráshico mais de perto verificamos que não. Ele o escolheu por ter sido justamente ele que o jogou no poço, o que aparentemente seria uma espécie de vingança. Mas logo no decorrer descobrimos que não, afinal, assim que estava sendo preso Simeão percebeu que estava sofrendo exatamente o que José havia

sofrido, principalmente quando os irmãos aceitaram a sua prisão e estavam prontos a voltar sem ele. O amor fraterno nunca deixa de existir, mas sim, coloca punições que acarretam aprendizagem, neste caso, imediata.

A discussão entre os irmãos e Simeão é igualmente rica, sendo que este, com medo diante da situação, e sabendo que estava sofrendo o que havia feito o seu irmão sofrer, não gostaria de estar sendo deixado para trás. Mas o argumento utilizado parece forte o suficiente, tanto que ele não contesta mais a decisão. Eles o estavam fazendo para salvar a família. Novamente o amor da família vem acima do amor próprio.

Por último, na parte citada, José manda que ele fosse preso pois ele havia achado ladrões, e não apenas um ladrão, ou seja, deixa bem claro aos irmãos que todos eram culpados do crime pelo qual Simeão estava sendo preso, ainda que apenas aquele estivesse ali enjaulado.

Seguindo o texto

"QUANDO O FARAÓ MANDOU OS HOMENS OS IRMÃOS DE JOSÉ OLHARAM O QUE ELE IRIA FAZER:

- JOGUEM ESSE HOMEM NA PRISÃO - ORDENOU JOSÉ

MAS ELES SE APROXIMARAM DELE, SIMEÃO CHOROU E FALOU ALTO PARA ESTES, E AO OUVIR SUA VOZ ELES FECHARAM SUAS FACES E SEUS DENTES SE QUEBRARAM, POIS ESTÁ DITO 'QUANDO O LEÃO RUGIR NA VOZ DO LEÃO FERROZ OS DENTES DOS LEÕZINHOS SE QUEBRARÃO'

AGORA MANASSES ESTAVA SENTADO DIANTE DE SEU PAI E O SEU PAI O PEGOU E DISSE:

- LEVANTE-SE

IMEDIATAMENTE MANASSES SE LEVANTOU, E DEU-LHE UM ARCO , O JOGOU NA PRISÃO E O COLOCOU EM GRILHÕES. JOSÉ

ENTÃO DISSE A ELES: ELE FICARÁ PRISIONEIRO ATÉ QUE VOCÊS TRAGAM O SEU IRMÃO E A SUA HISTÓRIA SEJA VERIFICADA.”⁷⁹

O dito apresentado "Quando o leão ..." é uma citação do livro de Jó, capítulo quatro, versículo 10. A princípio parece que a citação é feita apenas para dar maior validade ao que está sendo falado, ou para mostrar a validade prática do que está mostrado neste livro. Isso pois não há qualquer conexão clara entre as duas passagens, no momento da citação Elifás, um dos "amigos" de Jó dando-lhe um sermão que em nada fala de amor fraterno ou de qualquer ocasião ligada ao *midrash* em questão. Da mesma forma o motivo pelo qual José chama ao seu filho e faz com que ele veja a prisão de Simeão não ficaria claro à princípio. Entretanto após uma análise mais profunda deste trecho é possível perceber a riqueza presente nestas associações. Desta forma um capítulo inteiro, na seção "símbolos" está a explicar e tentar determinar o porquê destas inserções.

Seguindo o texto passemos diretamente para a parte que se refere ao segundo encontro dos irmãos. José, segundo o midrash, esperava pela sua volta e se prepara para ela criando algumas novas leis sobre o Egito

"ELE PROMULGOU TRÊS DECRETOS:

I - NENHUM ESCRAVO PODERÁ ENTRAR

II - NENHUM HOMEM ENTRARÁ COM RECURSOS DOBRADOS

III - NENHUM HOMEM ENTRARÁ SEM DAR O NOME DE SEUS

PAIS E AVÓS

MANASSES ESTAVA PARADO LÁ RECEBENDO O FORMULÁRIO DE CADA HOMEM.

⁷⁹ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 91, 6

OS IRMÃOS DE JOSÉ DIZIAM: VAMOS ENTRAR E PROCURAR POR ELE[JOSÉ]. SE O ENCONTRARMOS EM SUA PESADA SERVIDÃO ENTÃO BEM, MAS SE NÃO, DECIDIREMOS PELA MANHÃ O QUE FAREMOS⁸⁰

José desta forma esperaria encontrar os irmãos e saber antecipadamente se eles traziam Benjamim ou não... Quanto à presença de Manasses novamente nada pode ser acrescentado ao último comentário.

Por fim, a discussão entre os irmãos já os deixa preparados para a possibilidade de encontrar ou não José desta vez, e caso não o encontrassem alguma decisão precisariam tomar para que de, uma forma ou de outra o encontrassem. Entretanto o nome José aparece no *Midrash Rabbah* apenas inserido pelo comentarista, não há forma de saber se no momento de sua escrita quem estaria nestas condições seria o próprio José, ou Simeão, já que era este que estava sendo buscado neste momento. Na verdade o texto do Midrash, neste momento se mostra com acréscimos e modificações de modo que não é simples discernir sobre qual parte o texto fala, tendo em vista que a prisão de Simeão e a ida em busca de Benjamim aparece duas vezes consecutivas.

Seguindo o texto a discussão entre José e os seus irmãos é bem mais profunda. Após estes terem declarado serem doze no total, todos filhos de um mesmo pai José pergunta:

" - ENTÃO, ONDE ESTÁ ELE ? - QUESTIONA ELE

- NÓS O VENDEMOS - ELES RESPONDEM

- POR QUANTO ?

- POR CINCO SELAS - FOI A RESPOSTA DELES

⁸⁰ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 91, 6

As Narrativas de José do Egito No Midrash

- AGORA, SE EU DISSESSE PARA VOCÊS, DÊ-ME CINCO SELAS E EU O DEVOLVEREI PARA VOCÊ, ENTÃO, O QUE FARIAM - PERGUNTOU ELE.

- SIM - RESPONDERAM

- E SEU EU PEDIR, DÊ-ME O DOBRO DISSO?

- SIM

- MAS SE EU DISSER PARA VOCÊS, NÃO IMPORTE O QUANTO VOCÊS ME DÊM EU NÃO O DEVOLVEREI A VOCÊS, ENTÃO, O QUE FARIAM?

- NÓS REALMENTE DESCEMOS AQUI PARA ESSE PROPÓSITO, MATAR OU SER MORTO.⁸¹

Neste momento do texto novamente estamos no primeiro contato entre os irmãos, tendo em vista que a prisão de Simeão e a trazida de Benjamim ocorrerá novamente. Isso mostra uma versão mais contundente da conversa, onde aparentemente a busca do trigo parece ser totalmente secundária e o principal motivo da ida para o Egito era simplesmente resgatar José. E por esse propósito eles estavam inclusive dispostos a morrer, tendo em si igualmente uma certeza de que realmente ele estaria ali.

José, ao perguntar-lhes sobre o valor que eles estariam dispostos a pagar pelo irmão estaria apenas os testando para verificar se neles ainda corria o amor fraterno, apesar de seus atos, e apenas após serem testados é que ele poderia crer neste amor. Qualquer valor em dinheiro ainda não seria o suficiente, mas apenas quando os irmãos percebem que a vida de José valeria tanto quanto as suas próprias vidas, ou ainda mais na medida em que dele tentaram a tirar, então aí sim ele os considerou passando em seu teste.

⁸¹ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 91, 7

Seguindo apenas pela história da *Torá* há a impressão de que José, por sua vez, não havia perdoado os seus irmãos, tanto que deixa Simeão como prisioneiro. Entretanto a teoria do amor fraterno defendida pelo *midrash* não poderia ser completa caso também José não fosse possuidor deste amor que estaria acima de qualquer mágoa do passado. Desta forma, pelo texto midráshico, assim que os irmãos partem em busca de Benjamim, José liberta Simeão

"R' HAGGAI COMENTA EM NOME DO R' ISAAC: IMEDIATAMENTE ASSIM QUE ELES (OS IRMÃOS) SAÍRAM JOSÉ O TIROU (DA PRISÃO) E O DEU DE COMER E DE BEBER, O BANHOU E O UNGIU."⁸²

Outro elemento é ainda interessante relacionado ao amor fraterno. Segundo a *Torá* José havia ordenado que os guardas enchessem novamente os sacos de dinheiro que os irmãos usaram para pegar pelo trigo, segundo o *midrash* isso foi feito por José sabia que era impossível restaurar uma perda como a morte de um irmão, aquilo seria símbolo da restauração que estava por vir.

Ainda assim o texto da *Torá* ainda não estava adequado para a teoria pois novas dúvidas voltariam a aparecer. Se realmente todos os irmãos pensaram em José e este nos outros por todo o tempo como algo central de suas mentes, ainda que José tenha ajudado Simeão e logo o soltado, como poderia ele fazer esta dor aos outros irmãos, que agora achavam que haviam perdido mais um dos seus, sem ter nenhuma dica de que aquele homem no Egito era José?

Para isso o *midrash* também tem uma resposta que induz a mostrar que esse amor fraterno está acima de qualquer erro ou pecado. Vários parágrafos inteiros surgem como comentário a uma única passagem

⁸² Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 91, 8

As Narrativas de José do Egito No Midrash

"E DEUS TODO-PODEROSO VOS DÊ MISERICÓRDIA DIANTE DO
HOMEM, PARA QUE DEIXE VIR CONVOSCO VOSSO OUTRO IRMÃO, E
BENJAMIM."⁸³

Para esse único versículo, na verdade apenas a parte de um deles, vários parágrafos se seguem, como principal motivo resolver a questão que não estava presente no texto original da *Torá*, mas que a discussão rabínica acabou suscitando.

"R' FINEAS COMENTOU ESSA PASSAGEM EM NOME DO R'
HANAN DE SÉPORIS : FELIZ É O HOMEM A QUEM TU MAIS CASTIGAS,
OH SENHOR! AINDA QUE ELE SOFRA, POIS O SENHOR ENSINA A
TUA LEI."⁸⁴

A citação aqui feita é de um salmo, o de número 94, versículo 12. Entretanto com um acréscimo, a expressão "ainda que ele sofra" não está presente no salmo. Ou seja, mesmo quem está em intenso sofrimento, mesmo quando o homem de Deus está preso e subjugado, tudo ainda está sob controle e isso está ocorrendo apenas para que ele aprenda melhor a Lei, ainda que com isso ele sofra. Ou seja, José não tinha o seu amor diminuído por tal atitude, pelo contrário, essa forma de tratar os irmãos na verdade os colocaria em maior proximidade com Ele.

"(...) O R' ALEXANDRE DIZ: NÃO EXISTE HOMEM ALGUM SEM
SOFRIMENTO, MAS A FELICIDADE É DAQUELES CUJOS
SOFRIMENTOS SE PASSAM PELA SUA *TORÁ*. R' JOSHUA BEM LEVI

⁸³ Gen 43, 14

⁸⁴ *Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 92, 1*

As Narrativas de José do Egito No Midrash

DISSE, : TODO O CASTIGO QUE RECAI SOBRE UM HOMEM E O IMPEDE DE ESTUDAR A *TORÁ* SÃO CASTIGOS REPROVÁVEIS, ENQUANTO TODOS OS CASTIGOS QUE NÃO O IMPEDEM DE ESTUDAR A *TORÁ* SÃO CASTIGOS DE AMOR⁸⁵

Certamente o castigo que José estava impondo sobre os seus irmãos seria esse segundo tipo, pois estaria permitindo eles uma aproximação de Deus. Entretanto, obviamente esta aproximação a princípio não estaria diretamente ligada à lei, entretanto, punir os irmãos pelo crime que eles haviam cometido sim, faz parte desta lei.

A idéia de sofrimento necessário para se aproximar da lei é um dos centros do martírio judaico durante toda a Idade Média, visto como necessário para a vinda do Messias, que é mostrado em maiores detalhes no capítulo "A profecia"

Continuando ainda no âmbito da relação entre os irmãos temos mais um elemento muito importante. O *Midrash Rabbah*⁸⁶ apresenta que José, no momento do banquete, quis se sentar mais próximo a Benjamim do que dos outros, e além disso que ele sofria junto com ele a morte da mesma mãe. A *Torá* também mostra essa preferência, dizendo que o que tudo recebia Benjamim recebia 5 vezes mais. O *midrash* explica o porque do número 5.

"JOSÉ DAVA A ELE UMA PORÇÃO, ASSENET OUTRA, MANASSES OUTRA, EFRAIN OUTRA E ELE AINDA TINHA A PORÇÃO DE SEUS IRMÃOS."⁸⁷

⁸⁵ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 92, 1

⁸⁶ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 92, 5

⁸⁷ Idem

As Narrativas de José do Egito No Midrash

Ou seja, ele recebia 4 vezes da família de José, e apenas 1 única vez dos seus outros irmãos, mostrando que o parentesco entre José e ele era maior do que entre Benjamim e os outros irmãos, sendo que eram apenas meio irmãos.

Seguindo o texto da *Torá*, o momento mais tenso do encontro entre os irmãos é quando José revela a eles que era o seu irmão. Entretanto, todo o texto do *midrash* coloca isso como algo já sabido por ambas as partes, ou ao menos muito mais induzido do que a *Torá*, de modo que este momento perde sua intensidade neste *midrash*, não deixando, ainda assim, de ter elementos de extrema importância.

O episódio citado começa com os irmãos implorando que Benjamim não seja preso da acusação de ter roubado a taça de José, episódio esse forjado por ele.

"NOSSO PAI É IDOSO, ESSE É O FILHO DE SUA VELHICE, E O SEU IRMÃO ESTÁ MORTO.⁸⁸ MAS COMO PODERIA UM HOMEM TÃO PARTICULAR COMO JUDÁ FAJAR ALGO DO QUE ELE NÃO TINHA CERTEZA. *E ESSE IRMÃO ESTÁ MORTO* . JUDÁ, ENTRETANTO, PENSOU ASSIM: SE EU CONTAR QUE ELE ESTÁ VIVO ELE ME ORDENARÁ QUE VÁ E O BUSQUE, ASSIM COMO FEZ A RESPEITO DE BENJAMIM, POR ISSO: *Ó SEU IRMÃO ESTÁ MORTO.*"⁸⁹

A revelação começa com um momento de tensão, Judá é forçado a revelar sobre o seu outro irmão. É a primeira vez que ele revela isso segundo a *Torá*, entretanto tal revelação já havia ocorrido do outro encontro, segundo o *midrash*. Na verdade, segundo o *midrash* José já havia revelado saber que o irmão havia sido vendido como escravo, e na passagem anterior até disse que o possuía

⁸⁸ Citando Gen 44, 20

⁸⁹ *Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 93, 8*

As Narrativas de José do Egito No Midrash

enquanto escravo, perguntando quanto estavam dispostos a pagar por ele, inclusive com a sua vida. Ainda assim o *midrash* mantém este versículo como o original da *Torá*.

Pela continuação

" - QUEM SOU EU - CHORA JACÓ. - TALVEZ TENHA SIDO DECRETADO QUE RAQUEL E A SUA SEMENTE SEJA DESTRUÍDA DESTA FORMA. POIS ELA MORREU DESTA FORMA, JOSÉ MORREU DESTA FORMA, E AGORA BENJAMIM MORRE TAMBÉM, DESTA FORMA. EU MORREREI LOGO EM SEGUIDA A ELE. JOSÉ DIZ PARA JUDÁ (...)"

Não havia qualquer forma pela qual Jacó pudesse estar sabendo o que acontecia, embora certamente estivesse com medo do que poderia ocorrer com o seu filho Benjamim. Mesmo assim o texto o coloca tão presente e tão próximo dos acontecimentos que aparentemente ele estaria ali.

"JOSÉ DIZ PARA JUDÁ:

- JUDÁ, PORQUE VOCÊ É O PORTA VOZ, CERTAMENTE ALGUNS DOS SEUS IRMÃOS SÃO MAIS VELHOS QUE VOCÊ

- ENTRETANTO - ELE RETRUCUA - ELES SÃO IRRESPONSÁVEIS, MAS MINHAS ENTRANHAS SE CONTRAEM DE ANGÚSTIA.

- POR QUÊ?

- PORQUE EU ME TORNEI A SUA⁹⁰ GARANTIA

- MAS PORQUE VOCÊ SE TORNOU A SUA SEGURANÇA? - ELE PERGUNTA - COM PRATA? EU DAREI A PRATA. COM OURO? EU DAREI O OURO.

⁹⁰ Provavelmente de Benjamim, sobre quem discutiam a pena.

As Narrativas de José do Egito No Midrash

- NEM OUTRO NEM PRATA - ELE RESPONDEU - MAS POR TER DITO A JACÓ: EU SEREI AMALDIÇOADO NO MUNDO FUTURO SE EU NÃO O TROUXER DE VOLTA"⁹¹

Judá se tornou a garantia de Benjamim , como se tivesse penhorado a si mesmo como garantia pelo direito de levá-lo e tentar salvar Simeão. Novamente o valor da vida é medido em termos de ouro e prata, e novamente se mostra superior a ele. Entretanto no texto do *midrash* algo passa escondido. Na verdade Judá teria deixado os seus filhos como garantia a Jacó do retorno de Benjamim e não a sua própria vida em maldição caso falhasse. Não seria a vida se seus filhos mais importantes do que a sua maldição nos dias do mundo vindouro? Pelo texto do *midrash* definitivamente não.

O desfecho desta passagem sem dúvida é a mais importante de todas. Responde José a esse ato de amor de Judá para com o seu irmão Benjamim

"MAS PORQUE VOCÊS PEDEM A MIM BENJAMIM ? - ELE CONTINUA - SE É GRANDEZA QUE VOCÊS QUEREM, EU SOU MAIOR DO QUE ELE, SE É PODER, EU SOU MAIS PODEROSOS DO QUE ELE. PREFIRO SER ESCRAVO A TRAZER TRISTEZA AO MEU PAI. ESTÁ DITO, "AGORA, POIS, FIQUE TEU SERVO EM LUGAR DESTA MOÇO POR ESCRAVO DE MEU SENHOR, E QUE SUBA O MOÇO COM OS SEUS IRMÃOS. ONDE ESTÁ ESSE SEU IRMÃO QUE VOCÊ DISSE QUE ESTÁ MORTO - ORDENA ELE - ONDE ELE ESTÁ ? TEM CERTEZA QUE ELE ESTÁ MORTO !?"

- SIM - ELES RESPONDEM

- POR QUE MENTEM ? - ELE GRITOU COM ELES - VOCÊS NÃO O VENDERAM PARA MIM E EU NÃO O COMPREI DE VOCÊS . EU O

⁹¹ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 93, 8

As Narrativas de José do Egito No Midrash

CHAMAREI E ELE VIRÁ E RESPONDERÁ ! JOSÉ, FILHO DE JACÓ,
 JOSÉ, FILHO DE JACÓ ! - E ELE CHOROU. ENQUANTO ISSO OS
 IRMÃOS OLHARAM EM TODOS OS CANTOS DA CASA - O QUE
 PROCURAM ? EU SOU JOSÉ O SEU IRMÃO.

MAS ELES NÃO ACREDITARAM ATÉ QUE ELE SE DESPISSSE E
 MOSTRASSE AOS DE MAIS QUE ERA CIRCUNCIDADO."⁹²

Neste relato José se revela aos seus irmãos não por causa da pena ou do amor, mas aparentemente pelo ciúmes. Quando percebe que por Benjamim os outros, principalmente Judá, fariam qualquer coisa, inclusive colocar a própria vida como penhor da libertação sente-se em posição inferior ao seu irmão mais novo. Pelo midrash, ao contrário do que diz, por exemplo, Filon de Alexandria⁹³ a questão não seria de família, afinal tudo era feito por Benjamim, filho de Raquel, enquanto o oposto havia sido feito com José, filho da mesma mãe. Enquanto José foi vendido como escravo Benjamim para ser liberto ter a vida de Judá oferecida em penhor, enquanto José teria sido abandonado, Benjamim jamais seria deixado, antes disso deixariam qualquer outro irmão, enquanto José havia sido vendido por um pequena quantia de prata, mesmo oferecendo prata e ouro José não os convenceu a deixá-lo lá, em última instância estavam dispostos a pagar por ele.

Ora, José se sentindo em uma posição inferior tenta em desespero buscar o motivo desta posição. Temos então uma lista de elementos que poderiam categorizar o valor de uma pessoa: poder, grandeza. Mas em nenhuma delas Benjamim estaria acima dele, então por que motivo esse tratamento diferente.

O momento da revelação igualmente é de uma intensa riqueza cultural, pois mesmo após a revelação, dramática revelação em que José chama a si mesmo enquanto os outros irmãos procurar por ele a aparecer ao redor, mesmo após a

⁹² Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 93, 8

⁹³ ver o capítulo especial sobre a obra de Filon acerca de José

revelação de que ele era o mesmo irmão vendido não acreditam nele. O único motivo pelo qual os irmãos vieram a crer era quando José se despe e mostra a seu corpo circuncidado. Ou seja, apenas enquanto membro de uma família maior é que ele é reconhecido como o indivíduo na família menor. Apenas como membro de seu povo é que ele pode ser reconhecido como filho de seu pai e sua mãe. Ele não revelou histórias de infância ou qualquer outro segredo que apenas José poderia revelar, ou tampouco mostrou qualquer marca de infância que praticamente todas as pessoas têm, ao contrário, o que definiu a sua identidade perante todos os irmãos era justamente aquilo que era semelhante a todos eles e lhes conferia unidade, tanto de família, como de povo. Convém lembrar que Jacó é Israel, e todos ali tinham como traço de ligação serem filhos de Israel, não só o pai Israel, mas a nação a se formar.

Ainda seria importante que neste capítulo mais uma passagem fosse colocada, não do *Midrash Rabbah*, mas de dois *midrashim* posteriores, *Tanchuma há-kadum* e *Yalkut Shimoni*.

"DISSE R. SAMUEL BAR NACHMANI: UMA TRADIÇÃO DA AGADÁ POSSUÍMOS. ESAÚ NÃO CAIRÁ SENÃO PELAS MÃOS DOS FILHOS DE RAQUEL. POR QUE ? SE AS TRIBOS DISPUTAREM COM ESAÚ E LHE DISSEREM: POR QUE PERSEGUISTE TEU IRMÃO? ELE LHE DIRÁ: POR QUE PERSEQUISTES VOSSO IRMÃO JOSÉ? E VOCÊS NÃO SÃO MELHORES DO QUE EU ... E POR ESSE FATO SE DIRIGE JOSÉ, LHE DIZ: POR QUE PERSEGUISTE TEU IRMÃO? SE DISSER QUE LHE FEZ O MAL, TAMBÉM MEUS IRMÃOS ME FIZERAM MAL, MAS EU LHE PAGUEI COM O BEM. DE IMEDIATO ELE SE CALARÁ"⁹⁴

⁹⁴ h. n. bialik e i. h. ravnitzky, *Sefer ha-Agadá*, p.310, item 55

As Narrativas de José do Egito No Midrash

Outro aspecto importante aqui presente é que a questão familiar "irmãos" não corresponde apenas a filhos de um mesmo pai. Pelo contrário, ela se estende pelas gerações futuras destes irmãos, criando assim vínculos permanentes de "povos irmãos". Mais do que isso, o perdão dado por José aos seus irmãos não iria simplesmente influenciar a sua própria vida, mas as gerações futuras. Com o amor José pagou a maldade, isso se mostra superior à ação conforme mostra o exemplo de Esaú. Este, após ter a sua primogenitura vendida e roubada por Jacó, ao invés do perdão age com a perseguição.

III.3.4 Tentação

O tema da tentação é foco central das religiões monoteístas, inclusive fazendo parte da *Torá*, texto base para os demais textos sagrados monoteístas. E o foco central para explicar a natureza humana é o episódio da queda da humanidade através de uma tentação sofrida pelos primeiros habitantes, onde toda a humanidade teria caído nesta tentação no pecado pela figura de Adão, Eva e a serpente tentadora. O tema da tentação, a relação entre os dois únicos possíveis desfechos para ela, o resistir ou o ceder, são elementos centrais do cristianismo, do judaísmo e do islamismo, ambos recebendo enfoques bem diferenciados, portanto sendo excelente elementos comparativos da cultura de ambos os povos.

A história de José do Egito nos presenteia com algumas passagens onde a questão da tentação é bem apresentada, obviamente nenhuma delas se assemelhando a tanta clareza quanto a clássica passagem da serpente, que já foi infinitamente reinterpretada, e certamente ainda será indefinidamente até que o tempo realmente se finde⁹⁵. São basicamente duas as passagens referentes a tentação no relato sobre José do Egito, na primeira José é o objeto sobre o qual incidiria o pecado da tentação, e na segunda ele é o ser tentado. Temos, no momento em que os irmãos vêm a chegada de José e começam a planejar o que fazer com ele o primeiro destes momentos. A princípio nada estava planejado, podiam desde simplesmente o deixar passar ou apenas o repreender por suas atitudes até mesmo a alternativa mais radical, mata-lo assim como Caim mata Abel por ciúmes. A passagem apresentada na *Torá* não nos possibilita um grande

⁹⁵ Apesar de, nesta obra, o “final dos tempos” ter sido introduzido apenas como citação alegórica, certamente nas interpretações judaica, cristã e islâmica a tentação somente terminará com o final dos tempos, seja na redenção messiânica, no caso dos judeus, seja no segundo advento, no caso cristão ou na constituição plena do Islã no caso islâmico

embate moral entre os irmãos e a figura da tentação, mas nos relatos midráshicos estes embates são abundantes. A segunda passagem é a referente ao episódio ocorrido com a esposa do egípcio Putifar, nomeada pela tradição oral de Zuleica⁹⁶. Nesta passagem o próprio José é tentado a perder todo o seu luxo na casa do seu mestre em troca de prazer sexual oferecido incessantemente pela esposa dele. Também os relatos midráshicos aumentam excessivamente estas passagens.⁹⁷

Começemos a análise pelo momento em que José é tentado.

"ANTES DE SABERMOS PORQUE A MULHER DE SEU MESTRE LANÇOU SEUS OLHOS SOBRE JOSÉ É PRECISO SABER O QUE PRECEDE ESTA PASSAGEM. E JOSÉ ERA BELO DE PORTE E TINHA UM ROSTO BONITO, SENDO SEGUIDO EXATAMENTE POR A MULHER DE SEU SENHOR LANÇOU SEUS OLHOS SOBRE JOSÉ. ISSO PODE SER ILUSTRADO POR UM HOMEM QUE SE SENTAVA NAS ESTEIRAS, MAQUIAVA OS SEUS OLHOS, CURVAVA E EMBELEZAVA OS SEUS OLHOS, VESTIA-SE COM ADORNOS, ENQUANTO ELE PRÓPRIO EXCLAMARIA, AH, EU SOU MESMO UM HOMEM E OS EXPECTADORES DIRIAM ESTE É UM ANIMAL FERROZ, VAI E ATACA""⁹⁸

Esta passagem do *midrash* é extremamente rica e deve ser entendida em cada um dos seus detalhes. Primeiramente temos adições claras ao texto da *Torá*, e adições que não podem ser apreendidas somente pela própria análise racional do texto, portanto trata-se daqueles adendos já comentados nos primeiros capítulos. Desta vez temos ainda um detalhe a mais, não aparece o autor que faz essa citação, de modo que podemos entender que as considerações estão sendo

⁹⁶ Em alguns textos ela aparece apenas como a "sedutora" ou a "tentadora"

⁹⁷ Percebemos inclusive nos relatos corânicos uma grande presença de elementos desta cultura oral compilada nos *midrashim*, como pode ser percebido no capítulo referente a José no Alcorão.

⁹⁸ *Midrash Rabbah, Bereshit Rabbah - 87-4*

feitas no momento da compilação do Bereshit Rabbah, e não como elemento vindo da análise famosa de algum rabino anterior, ou que simplesmente fosse uma informação corriqueira passada pela cultura oral de forma tão aberta que não houvesse a necessidade de se citar qual rabino a recebeu e a linha desta transmissão.

A figura de um garoto de 17 anos se pintando e se arrumando cheio de adornos de embelezamento certamente não condiz com um pastor de ovelhas que passava a maior parte do seu tempo com o seu rebanho, mas poderia sim condizer com um garoto egípcio da época de José, tendo em vista que, apesar de escravo, ele tinha acesso a toda a casa de Putifar esta interpretação não é absurda. Com relação a vestimenta e adornos no final desta obra há um capítulo específico, relacionando-se as símbolos presentes no midrash.

Para este capítulo da tentação o mais importante é percebermos como o orgulho estaria sendo cultivado por José, não somente através de suas vestimentas e adornos, mas principalmente no momento em que ele olhando a si próprio no espelho estaria se auto afirmando como homem, como alguém cheio de dignidade e cheio de virilidade. Por essa interpretação a tentação recai sobre José porque ele mesmo a teria chamado através do seu orgulho. Justamente por se sentir grande, orgulhoso, cheio de virilidade é que justamente na virilidade seria embasada a tentação que o faria pecar e sair dos caminhos de Deus. A Idéia de usar os orgulhos e ações corriqueiras dos homens como sementes de grandes erros é sem dúvida o cerne da idéia dos sete pecados capitais, tanto que o orgulho se encontra entre eles.

Sendo assim a conexão da tentação com falhas de caráter já apresentadas e alimentadas por atitudes como os pecados capitais está presente em ambas as tradições, a cristã e a judaica. Aspecto semelhante a este apresentado acima no *Midrash Rabbah* pode ser encontrado em obras cristãs de análise de S. Tomás de

Aquino, onde o orgulho é apresentado como o principal alimentador das tentações que os humanos sofrem.⁹⁹

Segundo a interpretação do *Midrash Rabbah* o orgulho que se apoderava de José no momento em que se gabava de si mesmo diante do espelho o afastava de sua humanidade, se aproximando cada vez mais do comportamento de uma fera selvagem. Não é especificado pelos rabinos quem seriam esses espectadores, se seriam seus colegas de serviço a Putifar, ou se na verdade seriam anjos de Deus a o observar, quem quer que fosse tinha o conhecimento de que a atitude dele em encher-se de orgulho o assemelhava a um animal selvagem, pronto para atacar a primeira presa que aparecesse em sua frente.

Uma vez que ele mesmo alimentava em si o orgulho, gerador de tentação, ele já estava pronto para ser abatido, assim sendo Zuleica o começa a tentar tentando fazer com que caísse em seus braços se entregando ao prazer sexual com ela, independentemente dela ser a esposa de seu mestre.

O mesmo esquema de orgulho alimentando os defeitos em si mesmo e gerando tentação e posteriormente pecado é apresentado em outras obras, tanto cristãs como judaicas. Temos em diversos artigos de rabinos, interpretações ressaltando a importância do pai não fazer distinção entre os filhos, pois caso ame a um filho mais do que aos outros acabará gerando neste filho orgulho, defeito este que o tentará por toda a sua vida tentando-o a se desviar do judaísmo.¹⁰⁰ Na tradição cristã também não são poucas as interpretações que seguem esta linha, especialmente interpretações relacionadas às parábolas de Jesus, como a figueira sem frutos e o filho pródigo.¹⁰¹

⁹⁹ AQUINO, Felipe, *Os pecados e as virtudes capitais*, 22 – Nesta mesma obra existe a citação claro que seria pelo orgulho e soberba que Adão e Eva teriam caído em tentação, e que José teria sofrido todo o caminho que ele sofreu.

¹⁰⁰ O mesmo pensamento já é apresentado inclusive pelo *Midrash Rabbah* em *Bereshit Rabbah* 84 - 8

¹⁰¹ Henri Nouwen em seu livro *A volta do Filho Pródigo – A história de um retorno para casa* – defende esta idéia de forma muito semelhante ao apresentado no midrash. Ver capítulo relacionado à Parábola do Filho Pródigo.

Autores modernos ao interpretarem esse significado de tentação explicam por que motivo ela possuiria esse formato. Segundo o autor cristão Philip Yancey¹⁰² esta estrutura da tentação se daria por um motivo simples, todos os chamados pecados capitais alimentariam a sede da ação instantânea, exceto, é claro, a preguiça, que alimentaria a sede não ação. Assim o tentando por se sentir maior, que a situação (orgulho-soberba) por se sentir extremamente injustiçado e querendo justiça instantânea (ira) por se sentir maior merecedor (gula, avareza e luxúria) ou por se sentir em melhores condições do que outros para realizar o feito (inveja) tenderia a avançar o curso natural esperado e planejado por Deus para as coisas, de forma a diminuir a Sua glória. Esta interpretação vem do episódio da tentação de Jesus, onde este, é tentado a transformar pedra em pão, convocar os anjos ou simplesmente se coroar o messias para ser reconhecido e aceito pelo povo, o que na verdade era a sua função, mas não a hora certa e nem a forma certa de a cumprir.

Transferindo esse mesmo pensamento para o relato de José temos muitas interpretações, inclusive a de que realmente a tentação dele se entregar a Zuleica era válida já que o futuro que esta lhe reservado era entrar para a família de Putifar e lhe gerar descendentes, o que é cumprido com o casamento com Asenet, filha de Putifar e Zuleica.

Apesar de toda a diversidade de interpretações em momento algum, nem no ramo judaico nem no ramo cristão aparece o que seria a explicação racional mais simples para a recusa de José a Zuleica, sendo que como sabemos ele tinha apenas 17 anos, e ela possuía uma filha de idade semelhante a José, portanto deveria ser no mínimo 15 anos mais velha do que ele, com mais de 30 anos. Em momento algum, pelo relato da *Torá* José se mostra tentado a dormir com Zuleica, pelo contrário a rejeita com facilidade, tanta a ponto de sair correndo nu para se distanciar dela.

¹⁰² Em seu livro "O Jesus que eu nunca conheci" cap 4

No relato corânico Zuleica se justifica por ter ficado mal falada, pedindo que José se apresentasse na frente de todas as suas vizinhas, e antes lhes havia dado facas, desta forma quando ele entra todas cortam seus dedos por espanto à beleza do jovem, ao que explicaria porque Zuleica haveria caído em tentação por tal homem¹⁰³.

Mas por que motivo haveria a tentação. Uma vez que Deus já havia predestinado José a reinar sobre os irmãos e a se unir ao sangue da família de Putifar, por que motivo ele seria tentando a querer estas coisas antes da hora? Neste ponto temos uma grande divisão, não só entre os autores cristãos e os autores judeus, mas igualmente cisões internas dentro destes grupos. A tentação ora aparece como fruto de uma figura externa à relação homem-Deus, o demônio que tenta o homem a sair dos caminhos predestinados a ele, e ora aparece como prova colocada pelo próprio Criador para testar as suas criaturas, e por fim uma vertente que crê que o Criador coloca tais barreiras não para que o homem prove a Deus que ele pode vencer, mas senão que o próprio Onipotente prove ao homem que ele pode vencer tal tentação e se saiba ser maior em quando confia no Senhor.

Vejamos então no *Midrash Rabbah* como se dá tal desenvolvimento. Temos no momento da tentação um longo discurso de José explicando por que motivos não poderia se deitar com Zuleica:

"TEMOS ENTÃO ALGUMAS REFLEXÕES AQUI. MAS QUEM AS TEVE? JOSÉ: QUANDO EU ESTAVA EM CASA, PENSAVA ELE, MEU PAI ME DAVA MAIS COMIDA E BENS DO QUE AOS MEUS IRMÃOS, ELES VIAM ISSO E TINHAM INVEJA DE MIM. AGORA EU DOU GRAÇAS A DEUS POR ISSO, POIS ISSO TORNOU MAIS FÁCIL PARA MIM AGORA AS COISAS. MAS DEUS RETRUCOU: PALAVRAS VAZIAS! EU O

¹⁰³ Alcorão – Surata 12 - Youssif

As Narrativas de José do Egito No Midrash

*PROVAREI MANDANDO UMA BESTA SELVAGEM PARA O TENTAR. OU SEGUNDO OUTRO COMENTÁRIO É JOSÉ QUEM FALA: MEU PAI FOI TENTADO, MEU AVÔ FOI TENTANDO, MAS EU AINDA NÃO FUI TENTANDO, AO QUE DEUS DIZ, PELA SUA VIDA! EU AGORA TE TENTAREI TRÊS VEZES POR DIZER QUE NÃO HAVIA TE TENTADO ANTES!*¹⁰⁴

Temos claramente mais de uma versão neste parágrafo. Analisemos, portanto, cada uma delas separadamente. Sendo que a nenhuma das duas versões é dada a sua autoria devemos partir do princípio que elas tinham igual valor na discussão rabínica no momento da compilação do midrash. Segunda a primeira versão temos José declarando que havia aprendido com o que havia ocorrido antes em sua casa, ou seja, o fato de ter sido melhor tratado pelo pai o havia permitido aprender que o orgulho apenas o destruiria por causa da inveja causada aos irmãos, inveja esta que por sinal quase o matou e o fez escravo no Egito. Assim, quando ora tentado por Zuleica ele sabia que poderia resistir a não ser orgulhoso e não se achar superior ao que ele realmente era, e dizia isso abertamente a Deus.

Entretanto, apenas em palavras, tal afirmação seria vazia, de alguma forma haveria a necessidade de ocorrer um teste. Basta lembrarmos que segundo a comparação midráshica José é apresentado como uma besta selvagem pronta para abater a sua caça, portanto Zuleica lhe é colocada à sua frente pronta para ser abatida, também se sentindo como um grande animal alimentado pela tentação de possuir José. Desta forma caso ele realmente conseguisse desta vez resistir a tal tentação estaria provando ter aprendido com os erros do passado e, portanto pronto para seguir em frente no que Deus desejava a ele.

¹⁰⁴ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 87, 4

Não há explicação clara nesta passagem se tal prova era colocada por Deus para provar ao próprio Deus que José estava pronto, ou se era para provar a ele próprio que ele conseguiria vencer tal tentação. A segunda alternativa é muitas vezes defendida para evitar a contradição de um Deus onisciente que não saberia qual a reação do seu servo e por isso necessitaria dar-lhe uma prova.

Temos na segunda consideração uma idéia bem diferente. José estaria dizendo que ele não havia sido testado ainda, mas que percebia que os seus ancestrais já o haviam sido, ou seja, ele sabia da necessidade de ser testado mais ainda não tinha sido e pedia por esse teste. Aparecendo aqui então que a necessidade do teste é do homem, para provar a si próprio que é capaz de resistir a tentação e não a necessidade vinda de Deus, para provar a Si que o seu servo é capaz.

Eis que , segundo esta versão, José ao pedir para ser testado recebe a resposta de Deus dizendo que o testaria três vezes. Mas por quê ? Aparentemente é Deus e não o homem que deve definir a hora certa para a provação, e o homem a pedindo a recebe então três vezes maior do que deveria ser, para aprender humildade em ser testado na hora que Deus desejasse. Isso explicaria o porquê da tentação de José ser tão repetitiva e por tantas vezes ele precisar negar Putifar a tal ponto de precisar sair nu de sua casa. Por sinal a figura de José nu entra em total contraposição com a veste ornamentada que ele recebe de seu pai. Mas existe um capítulo específico para o tratamento do símbolo : Vestes de José.

Temos aqui , entretanto, todas as tentações partindo de Deus, como provações para o seu escolhido. A idéia da fonte da tentação no cristianismo, por sua vez, pode aparecer em vieses bem diferentes. Temos como o episódio clássico da tentação no cristianismo a passagem em que Jesus é levado ao deserto para ser tentado por Satanás e pular etapas de sua missão, sendo aclamado como Messias ainda em vida, sem necessitar passar pela morte pela

cruz. Sendo assim a tentação teria como origem não Deus, mas uma figura exterior a ele¹⁰⁵.

Tal construção não é oposta à *Torá*, tendo em vista que a tentação do pecado original é feita não por Deus, mas por uma serpente, que é identificada com Satanás, especialmente no cristianismo. É tão forte a identificação da serpente com o diabo no cristianismo que no último livro da bíblia, o Apocalipse de São João temos no relato das 12 tribos da Israel a serem salvas uma inversão das 12 tribos que aparecem na *Torá*, onde a tribo de Dã, identificada por Jacó com a serpente, é substituída por Efrain e Manasses representando seu pai José. Isso se dá pois não poderiam estar entre os representantes das tribos salvas aqueles que possuem a identificação com a cobra, e aproveitando-se do fato de Jacó ter adotado os dois filhos de José a sua sucessão poderia ser facilmente substituída pelos seus dois filhos, mantendo assim o número 12 às tribos de Israel, sem causar qualquer tipo de perda ao grande significado do número 12.

Independente da fonte da tentação, incorremos em outra pergunta. Uma vez a tentação apresentada, e segundo a sua própria definição, ela já é apresentada a quem a alimenta, como pode então este homem resistir a ela? No próprio *Midrash Rabbah* aparecem duas explicações diferentes. A primeira já foi vista, onde José diz que aprendeu com a última vez que havia sido tentando e por isso resistiu, assim a própria pessoa aprenderia a se fortalecer no caminho designado a ela e não sair mais dele. Entretanto a discussão volta a tona no

¹⁰⁵ O episódio da tentação de Jesus está presente no evangelho de Mateus, capítulo 4 “Então Jesus foi levado pelo Espírito para o deserto para ser tentado pelo diabo. Por quarenta dias e quarenta noites esteve jejuando. Então aproximando-se o tentador disse-lhe – Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães. – Mas Jesus respondeu: – Está escrito, não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus. Então o diabo o levou à cidade Santa e o colocou sobre o pináculo do Templo e disse-lhe – Se és filho de Deus atira-te para baixo porque está escrito: Ele dará ordem a seus anjos a teu respeito e eles te tomarão pelas mãos, para que não tropeces em nenhuma pedra – Respondeu-lhe Jesus, também está escrito, não tentarás ao Senhor teu Deus. Tornou o diabo a leva-lo agora para um monte muito alto e mostrou-lhe todos os reinos do mundo com o seu esplendor, e disse-lhe. Tudo isto te darei, se prostrado me adorares- Ai Jesus lhe disse – Vai-te Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele prestará culto. Com isso o diabo o deixou”

capítulo seguinte, e claramente vinda por dúvidas externas à discussão dos rabinos.

“E UMA MATRONA PERGUNTA ENTÃO AO R’ JOSÉ: COMO É POSSÍVEL A UM JOVEM DE DEZESSETE ANOS , COM O SANGUE QUENTE DE SUA JUVENTUDE, AGIR COMO FOI FALADO ? ESTÁ CLARO PELO LIVRO DO GÊNESIS E PELAS HISTÓRIAS DE RUBEM E JUDÁ. SE A ESCRITURA NÃO RETIRA A EXPLICAÇÃO NO CASO DELES, QUE ERAM MAIS VELHOS E MORAVAM NA CASA DE SEU PRÓPRIO PAI ENTÃO COMO PODE SER POSSÍVEL NO CASO DE JOSÉ, QUE ERA BEM MAIS NOVO E MANDAVA EM SI MESMO?”¹⁰⁶

Temos aqui uma questão clara levantada por esta “matrona” infelizmente não há quaisquer dados explicando quem poderia ser, a não ser o próprio rabino que recebeu a pergunta, José. Provavelmente se trate do R’ José Ben Há-galili do começo do século II na região da Palestina, embora também haja a possibilidade de se tratar do R’ José, pai de Rabi Aquivá.¹⁰⁷ O que está em questão aqui é a natureza humana. Se os outros personagens da *Torá*, igualmente conhecedores da Lei de Deus, caíram em tentação, como José poderia resistir a essa mesma tentação, a do desejo da mulher do próximo? Vemos aqui ainda, pelas palavras da matrona, a colocação de dois elementos como definidores da resistência de uma pessoa ao pecado, a idade, que gera sabedoria, e a proximidade dos pais, ou seja, da cultura de Israel. Estes dois fatores serviriam, na opinião dela, como redutores da força da tentação. Como não vemos em qualquer momento os rabinos discordando de sua colocação, pelo contrário, respondem tal pergunta, só podemos supor que a pergunta foi considerada sábia e pertinente para ser

¹⁰⁶ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 87, 6

¹⁰⁷ ROMANO, David, *A mishná*, cap. 2

colocada em um rol de discussão rabínica, especialmente se levarmos em conta que foi feita por uma mulher no século II.

Os rabinos passam alguns parágrafos tentando responder tal comentário, que em última instância seria uma explicação de como era possível se resistir à tentação. Entretanto já há aqui uma diferença do conceito acima ... antes o pecado é mostrado como algo não condizente com a natureza humana, mas com a natureza dos animais, já que José e Zuleica são comparados a bestas selvagens, mas, pela pergunta colocada, o pecado e a tentação já se mostram bem mais próximos à natureza humana, quase como se estivessem fazendo parte intrinsecamente a essa natureza.

Podemos inclusive chegar a conclusão que o homem é intermediário entre o que Deus desejou que ele fosse, "imagem e semelhança de Si mesmo" e um animal comum, incapaz de entender ou seguir uma ordem dada de não se comer de certa fruta, a cada vez que o homem caísse em tentação se aproximava mais da natureza animal, a cada vez que resistisse a ela, se aproximava mais da natureza divina. Esta questão, no âmbito de discussão cristão é resolvida da seguinte forma. Existiria uma natureza humana e uma natureza humana decaída, criada pelo pecado, e o homem perambula por entre ambas.

Seguindo o texto os rabinos começam a resposta, em Gen 39, 11 está escrito:

*"ORA, CERTO DIA JOSÉ VEIO À CASA PARA FAZER O SEU SERVIÇO E NÃO HAVIA NA CASA NENHUM HOMEM"*¹⁰⁸

Este versículo é usado, pelo *Midrash Rabbah*, para provar que José, naquele momento não era um homem, e por não ser um homem não conseguiria cometer aquele pecado, entretanto há duas vertentes, uma defendida pelo R' Judá, a de que ele não era um homem porque Deus agia nele, e outra defendida pelo R' Samuel Ben Nachman, que defendia que na verdade ele não era um

¹⁰⁸ Na versão portuguesa da Bíblia de Jerusalém está como "nenhum dos domésticos", entretanto o termo utilizado na Tora é homem.

homem naquele momento porque havia ficado temporariamente impotente. Ambas as interpretações apresentam a intervenção de Deus para evitar que José pecasse, embora de formas diferentes, na primeira temos Deus agindo diretamente como um milagre, dando-lhe força através do Seu Espírito para que resistisse à tentação, e na outra, que algo teria feito José se desviar da atenção de Zuleica e ficar impotente. A prova dada pelo R' Samuel de que este versículo significaria impotência sexual é relaciona a um versículo bem posterior, em Gênesis, 49, 24

"MAS SEU ARCO FOI QUEBRADO POR UM PODEROSO" ,

na benção que Jacó dá falando de seu filho José. Seja como for, ainda seguindo a proposta do R' Samuel temos duas linhas, a de que Deus simplesmente o deixara impotente, sendo Ele representado pelo termo "poderoso" ou simplesmente a versão do R' Huna, onde a lembrança de seu pai esfriou-lhe o sangue o deixando impotente.

De qualquer forma temos um ponto fundamental, é necessário evitar o pecado a qualquer custo, ou seja pela própria força e preparo humano, como no primeiro caso, ou seja por intervenção direta de Deus, como a explicação dada posteriormente, mas é necessário não pecar.

Ao analisarmos isso comparativamente com o cristianismo vamos ter, ao menos na teoria , uma grande diferença. Jesus teria aumentado o rigor das leis da *Torá*, e não a diminuído, por atribuir-lhe um caráter de ir além do que estava escrito e buscar-lhe a essência. Temos como a ordem mais rígida de Jesus a que encerra as bem-aventuranças, em Mateus 5, 48 *"Portanto deveis ser perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito"*.

Ora, se faz parte dos preceitos básicos de Deus, se faz parte das leis que devem ser seguidas por todos os homens, ser perfeito como Deus, então todos os

homens, sem exceção, serão pecadores, principalmente em se tratando de um Deus monoteísta dotado dos atributos de onipotência, onisciência e onipresença. Assim sendo temos por claro que no cristianismo não deveria, ao menos na teoria, haver a idéia de que a todo custo todo pecado deva ser evitado, seja por força humana, seja por força divina.

Mas o próximo capítulo tratará exatamente deste tema: Pecado, punição ou perdão.

III.3.5 Pecado: Perdão x Punição

O capítulo anterior se embasou praticamente no tema da tentação, o como resistir ou, por fim, o ceder. Apesar de todos os esforços e formas colocadas pelo *Midrash Rabbah* de como não cair nas tentações, em geral elas são vitoriosas levando os homens a pecarem. Conforme vimos, José, fugindo de Zuleica, é um fato especial e raro tanto na tora como nos livros posteriores judaicos ou cristãos.¹⁰⁹ Desde o primeiro homem e a primeira mulher a relação com a tentação não teria sido bem sucedida, tanto que Adão e Eva pecaram, e a linha de pecado não pára neles, seus filhos igualmente não conseguem resistir, simbolizado por Caim matando Abel, posteriormente o mundo todo cai em tentação, donde temos o dilúvio, e mesmo após ele o caso de Sodoma, e a linha continua pelo pecado dos patriarcas, os de Davi, os de Salomão. Aparentemente os grandes nomes dos primórdios do monoteísmo não conseguiram resistir bem à tentação.

Uma vez que a tentação tenha se sobreposto a todas as formas de a resistir, temos então um novo conceito, o pecado. Por natureza o pecado é algo que separa o homem de Deus, e como já vimos, separa o homem do que Deus deseja que este seja. Entretanto, quais são as conseqüências do pecado, existe para ele alguma solução?

Certamente pode-se indagar se o relato de José seria repleto de situações de pecado, e se realmente suscitaria uma discussão entre a comparação de redenção e punição. Realmente o texto da *Torá* não é repleto de análises sobre as conseqüências do pecado, embora seja nele que surja, por exemplo, o conceito de bode expiatório, e onde vemos o perdão concedido por José aos irmãos. Entretanto certamente este não é um dos temas centrais desta narrativa.

¹⁰⁹ Isso já não ocorre no Alcorão, onde o resistir a tentação recebe um tratamento bem diferenciado, conforme veremos no capítulo destinado à comparação entre os relatos midráshicos e os textos corânicos.

Apesar disto, o texto de José é amplamente utilizado, tanto pelas vertentes cristãs como pela judaica na análise das conseqüências do pecado, especialmente no *Midrash Rabbah* e outros *midrashim* posteriores, de modo que o tema é central não dentro do texto, mas aparentemente suscita discussões exteriores a ele.

Ao pecado consumado existem dois possíveis caminhos, a punição ou o perdão. Analisaremos aqui então, dentro das narrativas de José do Egito e outros documentos da época como esses caminhos são trilhados pelas três vertentes do monoteísmo, e quais as principais diferenças da teoria para a prática apresentada.

III.3.5.A. A punição

Para começarmos a análise das possíveis soluções para o pecado , ou seja, a tentação consumada, a transgressão. Vamos voltar à segunda referência da *Torá* onde ocorre a tentação, o caso onde José seria não o tentado, mas vítima da tentação que outras pessoas sofriam, conforme já havia sido citado no capítulo anterior. Aqui falamos sobre o momento em que os irmãos , apascentando o rebanho, encontram José e resolvem o atacar. Apesar do relato da *Torá* ser simples com apenas dois momentos de possível discussão, o texto midráshico faz acréscimos claros, de onde podemos depreender a natureza do pecado e das suas conseqüências na mentalidade rabínica medieval.

“E ELES O VIRAM (OS IRMÃOS VIRAM JOSÉ) VINDO À DISTÂNCIA. DISSERAM ELES: VAMOS MATÁ-LO JOGANDO CACHORROS SELVAGENS SOBRE ELE. E DISSERAM UM PARA O OUTRO, FIQUEM ATENTOS, O SONHADOR ESTÁ VINDO. E ELES EXCLAMARAM, OLHEM, LÁ VEM ELE, VESTIDO EM SEUS SONHOS. E O R’ LEVI DISSE: ELES EXCLAMARAM QUE ELE ESTAVA INDO PARA OS FAZER VIRAREM SERVOS. ... VAMOS, VAMOS AGORA E VAMOS MATA-LO E PODEREMOS VER O QUE VAI ACONTECER COM OS SEUS SONHOS. MAS DISSE O SENHOR DEUS, ABENÇOADO SEJA, NÓS VEREMOS, EU VEREI, AS SUAS PALAVRAS SERÃO CUMPRIDAS. E RUBEM OUVIU ISSO. MAS ONDE ELE ESTARIA ? O R’ JOSÉ DISSE, TODOS ELES SERVEM AO SEU PAI UM DIA, E ESSE ERA O DIA DE RUBEM. O R’ NEEMIAS DISSE, RUBEM PONDEROU: EU SOU O PRIMOGÊNITO, E EU SOZINHO TENHO A RESPONSABILIDADE PELO CRIME. OS RABINOS DISSERAM, ELE ME INCLUI ENTRE OS SEUS FILHOS E NÃO SEREI EU A

As Narrativas de José do Egito No Midrash

PAGAR POR ELES. EU VOU SER EXPULSO DENTRE MEUS IRMÃOS DURANTE O INCIDENTE, TU NÃO O POSSO ENTREGAR, NÃO ME ESQUECI DO SOL, DA LUA E AS 11 ESTRELAS. (...)

E ELES PEGARAM JOSÉ. MAS QUEM O PEGOU? SABEMOS POR SABER QUEM PAGOU POR ISSO, EM GÊNESIS 42,24 ESTÁ ESCRITO E ELE PEGOU SIMEÃO DENTRE ELES E OLHOU FIXAMENTE EM SEUS OLHOS”¹¹⁰

Percebemos por esta passagem uma diversidade de preocupações com a punição ao pecado que estavam prestes a cometer. Mesmo antes de cometerem este ato já estavam conscientes de sua conseqüência. Apparently os rabinos consideram o crime de assassinato como crime conhecido por todos os povos, mesmo que os irmãos de José não tivessem recebido a *Torá* era certo que eles sabiam que seriam punidos por tal morte.

Uma vez que estaremos analisando a punição dada a um pecado cometido vemos duas formas desta punição ser aplicada, a primeira delas, a punição aplicada diretamente pela divindade que, em seus atributos perfeitos, tem o direito de exigir a perfeição dos homens que a seguem¹¹¹, e por sua vez a punição cumprida pelos homens que seguem as leis deixadas por esse meu Deus, capazes, portanto, de julgar e condenar pelo ensinamento recebido.

Nesta passagem citada temos, em todos os momentos, a idéia de que a punição seria dada pelos homens e não por Deus, possivelmente baseada em regras dadas por Deus¹¹², mas o ato em si da punição seria feito por representantes deste conhecimento e não pela divindade em si.

¹¹⁰ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 84, 15-16

¹¹¹ perfeição no cumprimento da lei

¹¹² Possivelmente já que no momento da venda de José a *Torá* com as leis de Deus ainda não haviam sido entregues aos homens.

As Narrativas de José do Egito No Midrash

Percebemos isso, por exemplo, quando a primeira forma citada para se matar José seria jogar cães selvagens sobre ele. Assim sendo iriam conseguir encobrir o assassinato, de forma que os irmãos dele não poderiam ser condenados por tal ato.

Ao continuar da discussão rabínica temos tal evidência confirmada, já que os rabinos mostram que os irmãos poderiam usar do sonho de José em que este comandava os outros como a justificativa de que ele queria escravizar os irmãos, e estes então o teriam matado apenas em defesa da sua liberdade. Assim sendo não poderia recair sobre eles a punição dada aos assassinos.

A punição dada por Deus aparece não nesta passagem mas em outra posterior, no momento em que José está se defendendo de Zuleica. Acompanhemos o texto do *Midrash Rabbah*:

“EU TENHO MEDO DO MEU MESTRE (DIZ JOSÉ)
ENTÃO EU O MATAREI – RESPONDE ELA
JÁ NÃO É SUFICIENTE QUE EU SEJA CONSIDERADO UM ADÚLTERO
MAS TAMBÉM SEREI CONTADO ENTRE OS ASSASSINOS TAMBÉM ? –
RESPONDE ELE
APENAS SE VOCÊ ASSIM O QUISER.
(...)
EU TENHO MEDO DO SANTO, BENDITO SEJA.
MAS ELE NÃO ESTÁ AQUI – RESPONDE ELA
IAHWEH É MUITO GRANDE E LOUVÁVEL – RESPONDE ELE
E O R’ ABIN DIZ, ELA O LEVOU DE QUARTO EM QUARTO, DE CÂMARA
EM CÂMARA ATÉ QUE O LEVOU PARA A SUA CAMA. ACIMA DA CAMA
HAVIA UM ÍDOLO, E ELA O COBRIU COM UMA VENDA.
VOCÊ PODE TER COBERTO O ROSTO DELE POR VERGONHA, AINDA
ELE PODE TER ENCOBERTO O ROSTO POR VERGONHA DE TI, MAS

*ESTÁ ESCRITO. OS OLHOS DO SENHOR PERCORREM TODA A TERRA*¹¹³

Ou seja, por esta citação está claro que José conhecia que os pecados cometidos pelos homens são vistos por Deus e julgados por Ele, ainda que escapem de qualquer punição dada pelos homens na terra, Seus representantes. Em última instância está claro, por esta passagem, que os rabinos reconhecem ambas as formas de punição. Que a dada por Deus é mais eficiente e é desta que mais se deve temer, e que apenas os tolos, como os irmãos de José, crêem que por esconderem o fato dos homens podem também escapar da punição de Deus.

Apenas Rubem, o irmão mais velho, se revolta contra tal ato dos irmãos. Esta atitude diferenciada também recebe atenção especial dos autores do midrash. Vejamos. A primeira idéia seria de que ele havia sido escolhido naquela situação, pelo pai para cuidar dos atos dos irmãos, ou, em outra interpretação, por ser o mais velho ele sempre seria o responsável, acontece que por causa disso ele teria tido medo do ato de assassinato, e assim tenta mudar a situação. Ou seja, ele temia uma grave punição pelo seu ato. Percebemos ainda, pelo relato da *Torá*, que o fato do assassinato ser de uma pessoa de mesmo sangue tornaria o crime ainda mais cruel, portanto digno de uma punição ainda pior.

Por fim, ainda no âmbito da necessidade de punição temos uma pergunta formulada pelos rabinos, quem, dentre os irmãos, teria sido aquele a despir José, pois este mereceria uma punição maior do que a dos outros. Temos a idéia de punição necessária ao pecado, e por sua vez a idéia de que as desgraças são fruto de punições de pecados anteriores. Temos isso com tanta clareza e por tantas vezes no *midrash* que inclusive a prisão e venda de José como escravo no Egito teria obrigatoriamente de ser punição por algo feito por ele no passado.

¹¹³ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 87, 5

As Narrativas de José do Egito No Midrash

VENHA. VAMOS VENDE-LO AOS ISMAELITAS. VAMOS SEGUIR O QUE OS NOSSOS ANTEPASSADOS FIZERAM, DISSE RUBEM, QUANDO CANAÃ PECOU NÃO FOI CONDENADO A VIRAR ESCRAVO ? ENTÃO O MESMO DEVE OCORRER COM JOSÉ. VENHAM E VAMOS VENDE-LO AOS ISMAELITAS E OS DESCENDENTES DELE PAGARÃO POR ELE.¹¹⁴

Temos em capítulos posteriores do mesmo *midrash* uma explicação mais clara, dada pelos rabinos, do que eles consideravam como punições justas às transgressões cometidas. Punições que na época deles deveriam ser aplicadas pelos homens àqueles que transgrediam as ordens dadas por Deus, mas que no começo dos tempos teriam sido aplicadas pelo próprio Criador. Vejamos a passagem:

ADÃO NÃO VIOLOU NADA ALÉM DE UM ÚNICO E PEQUENO E LEVE MANDAMENTO, E POR ISSO ELE FOI BANIDO DO JARDIM DO ÉDEN, IMAGINEM ENTÃO UMA OFENSA GRAVE!

Seguindo o texto, principalmente nos capítulos posteriores, encontramos a idéia de que quanto mais próximo uma pessoa está de Deus maior deve ser a punição que ela recebe pelos seus erros. Por esse motivo Adão teria sido tão severamente punido. Desta forma, a punição dada pela lei era mais generosa do que a punição que seria dada por Deus sem o intermédio dos homens, sendo Ele capaz de destruir todo o mundo com uma única palavra.

A questão da punição dada aos pecados, ainda sobre a narrativa de José do Egito, toma rumos inesperados no decorrer da Idade Média. Temos especialmente na época das cruzadas uma série de explicações sobre o sofrimento dos judeus e a perseguição que sofriam, e não raras vezes a explicação recai justamente sobre

¹¹⁴ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 84, 17

a mesma narrativa de José. Um destes textos, referente ao *Midrash Ele Eskera*, é símbolo máximo desta idéia de punição:

QUANDO AO REINO DA MALDADE DECRETOU A PERSEGUIÇÃO DOS SÁBIOS DE ÍSRAEL, COMPANHEIROS DE R' ISMAEL, SUMO SACERDOTE. DISSERAM-LHE: SUBA AOS CÉUS E VERIFIQUE SE ESSE DECRETO FOI DETERMINADO PELO SANTO, BENDITO SEJA. ENTÃO O R' ISMAEL PURIFICOU-SE, ENVOLVEU-SE NO MANTO DE ORAÇÕES E COLOCOU OS TEFELIN E PRONUNCIOU O SANTO NOME. DE IMEDIATO LEVANTOU-O O VENTO E O ELEVOU AOS CÉUS. ENCONTROU-O O ANJO GABRIEL E LHE DISSE. VOCÊ É ISMAEL, DE QUEM O CRIADOR SE ORGULHA DIARIAMENTE POR POSSUIR UM SERVO NA TERRA PARECIDO COM ELE. DISSE-LHE: SOU EU. ENTÃO LHE PERGUNTOU, POR QUE SUBISTE ATÉ CÁ? DISSE-LHE: SUBI PARA SABER SE FOI DECRETADO O DECRETO PELO SANTO, BENDITO SEJA. RESPONDEU-LHE GABRIEL: ISMAEL, MEU FILHO, POR TUA VIDA, ASSIM OUVI POR TRÁS DA CORTINA : DEZ SÁBIOS DE ÍSRAEL FORAM ENTREGUES À MORTE PELA MÃO DO REI MALVADO. PERGUNTOLH-LHE R' ISMAEL: POR QUE? RESPONDEU-LHE: PELA VENDA DE JOSÉ, POIS O RIGOR DA JUSTIÇA DIVINA ACUSA DIARIAMENTE O TRONO DA GLÓRIA DIZENDO: ESCREVESTES NA TUA TORÁ ALGUMA LETRA EM VÃO ? POIS DISSESTES 'E ROUBA UM HOMEM E VENDE, SERÁ MORTO, E EIS QUE AS DEZ TRIBOS VENDERAM JOSÉ E ATÉ AGORA ELES, OU SEUS DESCENDENTES, NÃO PAGARAM POR ISSO: E POR ISSO FOI DETERMINADO O DECRETO DOS DEZ SÁBIOS. DISSE-LHE R' ISMAEL: ATÉ AGORA O SANTO, BENDITO SEJA, NÃO ENCONTROU ALGUÉM PARA PAGAR

As Narrativas de José do Egito No Midrash

PELA VENDA DE JOSÉ, APENAS NÓS? RESPONDEU-LHE GABRIEL: POR TUA VIDA, ISMAEL, MEU FILHO, DESDE O DIA EM QUE AS TRIBOS VENDERAM JOSÉ, NÃO ENCONTROU O SANTO, BENDITO SEJA, EM NENHUMA GERAÇÃO, JUSTOS E PIEDOSOS DENTRE AS TRIBOS SENÃO VOCÊS, E POR ISSO ELE EXIGIU O PAGAMENTO DE VOCÊS (...)

DE IMEDIATO DESCEU R' ISMAEL À TERRA E COMUNICOU AOS SEUS COMPANHEIROS QUE JÁ FOI BAIXADO O DECRETO, E, DE UM LADO, ELES SE QUEIXAVAM DE TER RECAÍDO SOBRE ELES UM DECRETO TÃO RIGOROSO, E, POR OUTRO, ALEGRAVAM-SE, QUE O SANTO, BENDITO SEJA, VALORIZOU-OS E EQUIPAROU-OS ÀS DEZ TRIBOS"¹¹⁵

Essa citação da baixa idade média é repleta de significado quando estamos analisando a idéia de punição de pecado no pensamento rabínico medieval. Temos aqui uma série de elementos que devem ser cuidadosamente analisados. Primeiramente temos o R' Ismael assemelhado a Deus e com o valor equiparado a toda uma tribo de Israel. Depois temos a figura de um Deus que não é capaz de perdoar, mas clama pelo sangue derramado, ou neste caso, um sangue que nem chegou a ser derramado, afinal José não é morto. Também a idéia de que a punição ao pecado passa de geração em geração e por fim a idéia de que alguém pode pagar o pecado de outra pessoa, desde que tenha o valor suficiente para isso. Analisemos um a um.

A idéia da carga de pecado de geração em geração está presente na Torá, especialmente quando Adão e Eva por seu pecado condenam toda a humanidade a uma série de males que não lhes havia sido designado desde o princípio dos tempos¹¹⁶, portanto não parece tão distante do texto da Torá tal pensamento

¹¹⁵ FALBEL, Nachman, *Kidush Hashem*, 293

¹¹⁶ Em especial o distanciamento da árvore da vida, ou seja, a condição de mortalidade.

rabínico. Esta idéia, bem antiga, se mantém presente inclusive na época de Jesus, na famosa passagem onde Jesus cura um cego de nascença. "*Ao passar, ele viu um homem cego de nascença. Seus discípulos lhe perguntaram: Rabi, quem pecou ele ou seus pais para que nascesse cego?*"¹¹⁷

Ou seja, a idéia de que um homem pudesse nascer cego por punição ao pecado de seus pais era idéia presente na época de Jesus, tanto quanto na época das cruzadas. Entretanto na *Torá* quando uma geração inteira é condenada, existe sempre uma explicação expressa de Deus, inclusive dizendo a quantidade de gerações a sofrer tal punição. Na citação apresentada o que remonta um fator de curiosidade é o fator de escolha dos 10 sábios, apenas eles seriam os santos escolhidos, desde a época de José do Egito até o século XII, ou seja, escolhidos antes que Moisés, Elias, Salomão, Hillel entre outros.

A segunda idéia, a da pena de morte das gerações posteriores, aparece em outros *midrashim* medievais, entretanto é bem mais rara. Mesmo o primeiro assassinato, segundo o relato da *Torá*, Caim matando Abel, não foi punido com a pena de morte, mas pelo contrário, Caim teria recebido uma marca para que ninguém quisesse vingá-lo pela morte do irmão, e mais, quem o matasse seria vingado sete vezes, entretanto a punição havia sido dada e cumprida para os seus descendentes.¹¹⁸

Fazendo aqui uma comparação do texto apresentado com o *Midrash Rabbah*, apresentando a soberba e orgulho como fonte dos pecados, teríamos uma grande dificuldade dos rabinos da alta idade média em aceitar este da época das cruzadas, a citação de que não haveriam justos desde José até a época de R. Ismael sem dúvida despertaria uma grande negação de seu texto, se não fossem as condições como foram escritos.

A possibilidade de transferir a punição do pecado de uma pessoa a outra pessoa também está presente na *Torá*. Isso se mostra especialmente no que se

¹¹⁷ João, 9, 1-2

¹¹⁸ gen 4, 13-15

refere aos animais, a serem sacrificados no Templo. A oferenda de animais para agradar a Deus aparece desde o princípio, com Abel. Entretanto nem todas as vezes que um animal é sacrificado recebe o intuito de agradar a Deus, mas às vezes de enganar o que poderiam aplicar a punição, como é o famoso caso do bode expiatório, morto pelos irmãos de José para enganar o pai Jacó pela pretensa morte de seu filho. Obviamente o sacrificio do bode não foi ordem divina, nem para o agrado de Deus.

Temos na *Torá*, especialmente no livro do levítico, uma série de leis referentes aos sacrificios a serem feitos a Deus, animais a serem mortos em nome do Senhor. Percebe-se que estes sacrificios estão quase sempre ligados à libertação de algum pecado ou erro ou impureza. Apesar de diferir do conceito de bode expiatório de José, apresenta a idéia de se passar o peso de uma punição causada pelo pecado, remida ao menos parcialmente por um sacrificio em nome de Deus. Devemos igualmente ressaltar que o sacrificio jamais poderia ser humano, isso está bem claro no episódio de Isaac e Abraão.¹¹⁹

Até aqui vimos um lado da moeda, a punição como resultado do pecado cometido. Esta idéia está presente nas três grandes vertentes monoteístas, havendo uma série de regras para que sejam feitas pelos homens, e outras para que sejam reconhecidas enquanto punições quando pretensamente ministradas por Deus. A punição dada em nome de Deus, ou aceita em Seu nome, é presente tanto nos textos judaicos, como nos islâmicos, como nos cristãos. Temos, por exemplo, no episódio das cruzadas, não somente muitos rabinos viram como causa do martirólogo pecados de seus antepassados, mas também muitos cristãos viram pecados judaicos como justificativa para a sua destruição. Temos na carta de Pedro, o Venerável, Abade de Cluny, dirigida a Luís VII um exemplo claro disso

¹¹⁹ Gen 22, 2 e seguintes

“POR QUAL RAZÃO DEVEMOS SAIR PARA IRMOS A PAÍSES LONGÍNQUOS PARA LUTAR CONTRA INIMIGOS DO CRISTIANISMO SE OS ÍMPIOS JUDEUS, MUITO PIORES DO QUE OS SARRACENOS, ENCONTRAM-SE EM NOSSO MEIO E MENOSPREZAM O NOSSO SALVADOR E DEUS SEM QUALQUER CASTIGO? POIS NÃO É QUE O SARRACENO CRÊ, COMO NÓS, QUE O SALVADOR NASCEU DO ESPÍRITO SANTO, E POR ISSO MESMO ELE É MERECEDOR DA MALDIÇÃO, PORQUE NEGA A SUA DIVINDADE, QUANTO MAIS O JUDEU QUE NEGA A TUDO E ZOMBA DE TUDO.”¹²⁰

Tal carta continua defendendo que o judeus deveriam ser, por justiça em nome de Deus, perseguidos e ter seus bens confiscados, pelo pecado de não crer em Jesus. Igualmente outros documentos da mesma época acusam os judeus de matarem Deus, portanto merecendo todos a pena de morte.

Entretanto, apesar da intensa força do ferro , seja usada para auto-flagelação, seja usada para matar em nome de Deus, ou , na melhor das hipóteses matar animais em nome dos pecados dos homens, essa não é a única alternativa apresentada, existe também o outro lado da moeda, a redenção.

¹²⁰ FALBEL, Nachman, *Kidush Hashem* , 338

III.3.5.B. Redenção

A palavra redenção, provinda de "remir" tem o significado de volta, libertação, livramento. Ou seja, a idéia de que apesar do erro cometido contra as leis de Deus, é possível que a pessoa seja libertada deste erro, voltando ao seu estado de pureza, sem que pague pela penalidade requerida como punição do pecado, ou dependendo da interpretação a redenção apenas ocorria após a punição cumprida.

A idéia de redenção está presente nas três vertentes monoteístas, embora sob vieses intensamente diferentes. O princípio básico das três idéias de redenção é o mesmo, a volta do contato com Deus, em sua proximidade, uma vida de paz em um reino de paz, governado pela cidade da paz (Jerusalém)¹²¹, e a redenção sempre marca o final dos tempos. Justamente por isso é necessário explicar cuidadosamente o conceito de redenção trazido pelos cristãos, sendo que obviamente após a morte de Jesus não foi instaurado um reino da plena paz governado diretamente por Deus.

O princípio básico do cristianismo em ver Jesus de Nazaré como o Cristo redentor está presente nos evangelhos bíblicos, mas ainda mais especialmente formulado nas cartas, especialmente as escritas pelo apóstolo Paulo.¹²² Pela crença em Jesus como o messias não somente um homem enviado por Deus, mas parte integrante de Deus na formação de um Deus trino, a morte de Jesus teria sido o sacrifício feito por Deus para a expiação dos pecados de toda a humanidade, assim como os animais que eram sacrificados no templo¹²³ em sua época. Por isso a idéia de "cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo"

¹²¹ Jeru-Shalom (Cidade da Paz)

¹²² Existe inclusive alguns historiadores modernos que tentam transformar a idéia de que o cristianismo na verdade seria um Paulismo.

¹²³ Trata-se do segundo templo, destruído em 70DC

As Narrativas de José do Egito No Midrash

Obviamente a idéia de Jesus como filho de Deus sendo entregue por Ele para a redenção se concretizar cria uma série de problemas com o judaísmo clássico, e não é somente na dificuldade da crença de Jesus como messias, na verdade outros fatores tornam a aceitação desta crença pelos judeus ainda mais difícil. Primeiramente que o judaísmo não permite o sacrifício humano, além disso todo e qualquer sacrifício a Deus seria feito no Templo, por fim, além da natureza divina, que certamente seria contestada, a época após a morte de Jesus foi cheia de conturbações políticas que levam à queda do Templo, ou seja, Jerusalém não só não se torna a capital do mundo em paz, como a paz não reina nem mesmo nesta cidade.

Apesar de todas essas barreiras, através das cartas de Paulo o cristianismo sobrevive com uma nova idéia de redenção. Segundo estas cartas Jesus realmente era o Messias, realmente foi morto pela redenção de todos os pecados de toda a humanidade, acabando assim com toda a culpa, entretanto apenas receberia tal perdão quem o aceitasse. Todos estavam perdoados, sem qualquer tipo de punição, mas para isso era necessário aceitar esse perdão, e o perdão era aceito pela fé que realmente Jesus era o Messias e Redentor. Assim sendo, ao aceitar tal perdão a pessoa passaria a fazer parte deste messias (Corpo de Cristo) que iria crescer até a segunda vinda do Messias, sendo o final dos tempos, mas não a redenção, que já teria ocorrido.

“DIFICILMENTE ALGUÉM DÁ A VIDA POR UM JUSTO; POR UM HOMEM DE BEM TALVEZ HAJA ALGUÉM QUE SE DISPONHA A MORRER — MAS DEUS DEMONSTRA SEU AMOR PARA CONOSCO PELO FATO DE CRISTO TER MORRIDO POR NÓS QUANDO NÓS ÉRAMOS AINDA PECADORES. QUANTO MAIS, ENTÃO, AGORA, JUSTIFICADOS POR SEU SANGUE, SEREMOS POR ELE SALVOS DA IRA (DE DEUS) POIS

As Narrativas de José do Egito No Midrash

QUANDO ÉRAMOS INIMIGOS FOMOS RECONCILIADOS COM DEUS PELA MORTE DE SEU FILHO”

(...)

ORA, A LEI INTERVEIO PARA QUE AVULTASSE A FALTA; MAS ONDE AVULTOU O PECADO, A GRAÇA SUPERABUNDOU, PARA QUE, COMO IMPEROU O PECADO NA MORTE, ASSIM TAMBÉM IMPERASSE A GRAÇA POR MEIO DA JUSTIÇA, PARA A VIDA ETERNA, ATRAVÉS DE JESUS CRISTO, NOSSO SENHOR”¹²⁴

Temos, portanto, no cristianismo um conceito novo, o conceito de graça¹²⁵. Para compreender a graça é necessário voltarmos às idéias de redenção demonstradas nas outras vertentes do monoteísmo, já que a graça é exclusiva aos cristãos. Na vertente judaica, para continuarmos o texto do *Midrash Rabbah*, temos na narrativa de José um momento em que os rabinos discutem sobre a redenção futura do povo trazida pelo messias que haveria de vir.

“ACONTECEU QUE , NESTE TEMPO QUE PASSOU, JUDÁ SE SEPAROU DOS IRMÃOS (GEN 38 , 1) R’ SAMUEL BEM NACHMAN FAZ O COMENTÁRIO: POIS EU SEI OS PENSAMENTOS E EU PENSO EM VÓS. DISSE O SENHOR. OS ANCESTRAIS TRIBAIS ESTAVAM ENGAJADOS EM VENCER JOSÉ, JACÓ ESTAVA VESTIDO EM PANO DE SACO DE FAZENDO JEJUM E JUDÁ OCUPADO EM BUSCA DE UMA ESPOSA, MAS ENQUANTO ISSO, O SANTO, ABENÇOADO SEJA, ESTAVA CRIANDO A LUZ DO MESSIAS, POR ISSO, ... ACONTECEU QUE, NESTE TEMPO QUE PASSOU E ASSIM POR DIANTE.

¹²⁴ Romanos, cap.5 ver 7-11 e 20-21

¹²⁵ Há alguns conceitos semelhantes anteriores ao cristianismo, entretanto a forma utilizada transforma-se em um novo conceito.

As Narrativas de José do Egito No Midrash

MAS ANTES DE SENTIR AS DORES DO PARTO ELA DEU A LUZ (ISAÍAS 66, 7) OU SEJA, ANTES QUE ISRAEL SEJA ESCRAVO JÁ NASCERA O PRIMEIRO REDENTOR E POR ISSO ESTÁ ESCRITO, ACONTECEU QUE NESTE TEMPO QUE PASSOU¹²⁶

O primeiro redentor nascido antes de que tudo acontecesse, segundo a continuação do midrash, seria ou José, ou o próprio Jacó, agora Israel, por estar em jejum e em luto pelas leis de Deus. Ou seja, a luz do messias seria trazida pelos homens que seguiam a lei de Deus, e o primeiro destes já havia nascido. Ora, então para a vinda do messias no tempo da compilação do *Midrash Rabbah* era necessário que as pessoas seguissem a risca a lei, e quanto mais a risca a seguissem, mais iluminariam o caminho do Messias, para que este trouxesse a redenção final. Os fariseus e os essênios, na época de Jesus, também esperavam por um messias, e criam que por suas orações, privações e forma de cumprir a lei apressavam a sua vinda.

Já no pensamento islâmico o tempo de paz somente será completo quando o Islã englobar todo o mundo, algo que parecia bem provável quando vemos que em 80 anos eles se espalharam por 3 continentes. E a forma de expandir o islã é através da Jihad. O termo Jihad, usado atualmente pelos fundamentalistas como guerra santa não significa apenas guerra física, mas principalmente guerra interna contra o mal que tenta a cada um. Novamente, para os muçulmanos, através do ato de vencer a tentação e seguir a lei é que a redenção chegaria com mais velocidade.

No cristianismo, por sua vez, a única coisa necessária para receber a redenção era aceita-la. Ela já estava cumprida, e entregue de graça a todos os homens. Teria sido entregue com um favor imerecido a todos, portanto é necessário compreendermos o significado do termo graça.

¹²⁶ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 85, 1

Apesar da graça estar amplamente presente no discurso de Paulo e raras vezes, apenas 3, aparecer nos evangelhos, a sua idéia perpassa todo o discurso de Jesus, especialmente as parábolas. Temos, por exemplo, a parábola da ovelha perdida, onde um pastor que cuida de 100 ovelhas, certa noite percebe que uma delas não havia voltado e sai, deixando as outras 99, em busca daquela que havia se perdido. Em comentários posteriores, como o de São Gregório, a passagem das ovelhas, em semelhança aos *midrashim*, toma uma longa jornada do pastor andando por espinheiros e passando uma noite sem dormir até achar a sua ovelha, por fim, quando a encontra a toma nos braços e se alegra por ter achado a sua ovelha perdida.¹²⁷ A ovelha que havia se perdido não precisou fazer nada para merecer ser salva da morte, na verdade ela fez o pastor sofrer, o fez se ferir nos espinhos, perder a noite de sono, entretanto, mesmo assim, ele por seu zelo a salvou, a ela precisou apenas aceitar estar envolvida nos braços do pastor.

Outra parábola onde o conceito de graça está ainda mais presente é a parábola do filho pródigo. Um rico pai, dono de uma grande propriedade, tem dois filhos, o mais novo pede a sua parte na herança e sai ao mundo gastando sem qualquer sabedoria o dinheiro que lhe havia sido dado, gasta tudo a ponto de perder tudo o que tem e começa a trabalhar alimentando porcos. O que ganha não é nem mesmo o suficiente para se alimentar, e seus senhores não permitem que ele coma a comida dos porcos. Resolve então voltar à sua casa, prepara um discurso *"PAI PEQUEI CONTRA O CÉU E CONTRA TI, NÃO SOU DIGNO DE SER CHAMADO TEU FILHO"* e pensa em ser servo de seu pai. Chegando à sua antiga casa um dos serviçais o vê e avisa ao pai. Ao chegar perto do pai o filho de ajoelha e começa o seu discurso, mas o pai lhe interrompe, o abraça e diz *"FESTEJEMOS, POIS MEU FILHO ESTAVA MORTO E VOLTOU A VIVER"*¹²⁸. A

¹²⁷ ROBERTS, Alexander, *Ante-Nicene Fathers: Third Century (Early Church Fathers)*, vol 3- Gregory Thaumaturgus

¹²⁸ Lucas 15

As Narrativas de José do Egito No Midrash

Parábola continua contando que o outro irmão, enciumado, vai ter com o pai reclamando que a ele, que sempre estivera junto com o pai este nunca havia dado uma festa, mas aos outro que havia gastado todo o dinheiro ele recebia com alegria.

Obviamente esta parábola está repleta do significado a graça, pois o filho que saiu de casa e gastou todo o dinheiro do pai nada havia feito para merecer o seu amor, e merecer continuar sendo chamado de filho, entretanto, mesmo assim, o pai lhe prepara uma festa para a sua volta. Obviamente a voz da justiça estava com o filho mais velho, entretanto não a voz do amor de Deus, segundo o discurso de Jesus.

Temos inclusive, embasada na mesma narrativa de José do Egito no Gênesis a idéia de que a graça sempre foi dispensada por Deus através do desejo do perdão concedido livremente entre os homens. E o episódio em que José chora e se revela perante aos irmãos, e apesar do temor destes em lhes ser retribuído o episódio do poço, este os abraça com alegria, a idéia de que a graça já deveria estar presente em todas as ocasiões. A vida do rei David seria o segundo momento claro, especialmente na sua relação com o rei Saul.

É importante ressaltar que nem sempre a teoria deste conceito de graça se faz presente na prática das religiões.

III.3.6 Os profetas, As profecias e A Profecia

A questão da profecia foi deixada como última questão a ser levantada não por coincidência ou por ser ela uma questão de menor importância. Na verdade, *como será visto no decorrer deste capítulo ela é a questão central e que envolve o entendimento dos valores e crenças do povo judeu no momento estudado, especialmente destacado pela história de José no Midrash Rabbah*

A questão das profecias é uma questão central da história de José do Egito, sendo que elas aparecem desde o momento em que ele ainda morava com os seus irmãos, através de seus próprios sonhos, como no momento em que ele está preso, na interpretação dos sonhos do copeiro e do padeiro, como principalmente na interpretação dos dois sonhos do faraó.

Cabe-nos dividir este capítulo em três partes, para que seja mais simples o seu entendimento. Falaremos a princípio da idéia do profeta, o portador das profecias ou da interpretação destas, depois das profecias em forma geral, para enfim conseguir discernir qual a profecia principal que está por trás das demais.

III.3.6.A. Os profetas

Analisando o relato do Alcorão referente a José, conforme está presente nos capítulos finais desta obra, verificamos que muitas alterações foram feitas em comparação com o texto original, da Torá, em especial com relação à eminência da figura de José e seu pai, Jacó. Principalmente no que se refere à percepção do cumprimento pleno das profecias inclusive em seus detalhes, conforme era de se esperar de um profeta no islamismo. Ao contrário do texto corânico, o texto da Torá apresenta alguns elementos que a princípio podem parecer estranhos,

fazendo de José um profeta no mínimo diferente da mentalidade comum do povo de Israel. José tem os seus próprios sonhos proféticos, porém não os interpreta¹²⁹, interpreta os sonhos de outras pessoas¹³⁰, e somente nesses ganha notoriedade¹³¹. A maior parte de sua vida passa ou odiado pelos irmãos, ou como escravo ou como prisioneiro, recebe reconhecimento em uma terra distante e sua profecia pouco tem a ver, a princípio, com o povo judeu. Apenas uma de suas profecias é ouvida. As profecias iniciais, de seus próprios sonhos não se realizam em sua plenitude ou de forma a ficar clara a sua realização, especialmente no que diz respeito à figura de sua mãe e seu pai se ajoelhando perante ele, sendo que pelos relatos da *Torá* ela já estaria morta no momento deste sonho. Não recebe tratamento especial de seu pai no momento da poesia final e da bênção dada a todos os filhos de Israel¹³². É assediado por uma mulher com quase o dobro de sua idade por sua intensa beleza¹³³. Casa-se com uma egípcia¹³⁴, seus filhos possuem nomes Egípcios¹³⁵ e ao ser morto é mumificado e seu corpo permanece no Egito.¹³⁶ Certamente essas não são as figuras dignas de um verdadeiro profeta de Israel, portanto o imaginário da época da escrita do *Midrash Rabbah* tem uma série de lacunas e dúvidas para serem respondidas com relação à profecia e à figura do profeta, sendo assim um dos pontos principais que devemos estudar neste trabalho.

Midrashim posteriores¹³⁷ trabalham ardentemente para mudar a figura de profeta estabelecida sobre José. No momento em que é vendido como escravo, por exemplo, ele não é levado junto com outros escravos, mas sim por

¹²⁹ Em Gênesis, 37, 6-10

¹³⁰ Em Gênesis, 40 e 41

¹³¹ Apenas na interpretação do sonho do faraó

¹³² Em Gênesis, 39, 1

¹³³ Em Gênesis, 39, 11-18

¹³⁴ Em Gênesis, 41, 45

¹³⁵ Em Gênesis, 41, 50

¹³⁶ Em Gênesis, 50, 26

¹³⁷ Há uma síntese destes *midrashim* na obra de GRAVES, Robert, & PATAI, Raphael, *O livro do Gênesis – mitologia hebraica*

mercadores de perfumes , dos mais perfumados do oriente, de modo que José em momento algum sofre na travessia, e pelo contrário, se deleita com o seu caminho. A mesma linha destes *midrashim* chega até mesmo a por em dúvida em que ele realmente teria sido preso, na verdade ele teria sido levado à prisão, após pedidos de desculpas de Putifar que sabia que ele era inocente, e lá ele trabalhava como ajudante do carcereiro, sem sofrer qualquer penalidade de uma prisão normal. Desta forma a figura do profeta vai sendo recuperada em sua incorruptibilidade e em termos da presença de Deus constante que o impede de sofrer e o torna superior aos outros homens.

Certamente essas colocações não são tiradas do nada, essas ainda possuem motivos bem fortes de embasamento na própria *Torá*. Por exemplo, a questão dos mercadores de escravos, no texto da *Torá* ela se encontra da seguinte forma:

"ERGUENDO OS OLHOS, EIS QUE (OS IRMÃOS DE JOSÉ) VIRAM UMA CARAVANA DE ISMAELITAS QUE VINHA DE GALAAD. SEUS CAMELOS ESTAVAM CAMELOS ESTAVAM CARREGADOS DE ALCATIRA, DE BÁLSAMO E LÁDANO QUE LEVAVAM PARA O EGITO. ENTÃO DISSE JUDÁ A SEUS IRMÃOS: DE QUE NOS APROVEITA MATAR NOSSO IRMÃO E COBRIR SEU SANGUE? VINDE, VENDAMO-LO AOS ISMAELITAS, MAS NÃO PONHAMOS A MÃO SOBRE ELE, É NOSSO IRMÃO , DA MESMA CARNE QUE NÓS. E OS SEUS IRMÃOS OUVIRAM.

QUANDO PASSARAM OS MERCADORES MADIANITAS, ELES RETIRARAM JOSÉ DA CISTERNA. VENDERAM JOSÉ AOS ISMAELITAS POR VINTE CICLOS DE PRATA E ESSES O CONDUZIRAM AO EGITO"

Referente a essa passagem o *Midrash Rabbah* dá poucas explicações. Sobre os dois nomes de mercadores que aparecem é dito apenas que "*QUANDO*

As Narrativas de José do Egito No Midrash

*SE DESEJA BEM SE É INSPIRADO PELO AMOR, QUANDO NÃO SE DESEJA BEM, SE É INSPIRADO PELO ÓDIO*¹³⁸ Dando a entender que na verdade ver os mercadores Madianitas eles apenas se inspiraram para o vender. E é o único papel deles na história. E com relação aos perfumes está dito apenas que "*R' ABBA BEM KAHANA OBSERVOU QUE OS ISMAELITAS CERTAMENTE TINHAM O COSTUME DE CARREGAR PELES E ITRAN*"¹³⁹ *MAS NESTA OCASIÃO O SANTO, BENDITO SEJA, ELE PREPAROU SACOS CHEIOS DE ESPECIARIAS PARA QUE AQUELE HOMEM JUSTO TIVESSE BELAS FRAGRÂNCIAS TRAZIDAS PELO VENTO PARA ELIMINAR O ODOR DOS NÔMADES*"¹⁴⁰

O mais importante de se notar nessa passagem é como a figura do profeta se monta na mentalidade dos rabinos desta época. Temos aqui, então, um primeiro elemento, ainda que eles tenham de passar por dificuldades Deus agiria de forma tal que amenizaria essa dificuldade, com toques especiais de cuidado, diminuindo a dor e o desconforto da situação. Embora a história apareça simples aqui, outros *midrashim* vão aumentando cada vez mais com toques de especial luxo na caminhada de José até ser preso. Mas é necessário continuar, e analisar as outras passagens citadas.

Sobre a vida de José na prisão. Os argumentos a princípio são simples, primeiramente o crime de adultério era pago com a morte e não simplesmente com prisão, especialmente se o causador do adultério fosse um escravo. Aqui, existem vários relatos posteriores que demonstram Zuleica, a esposa de Putifar, chorando em favor de José para que ele não fosse morto e quase assumindo a culpa e por isso é que ele teria sido levado à cadeia.

Temos na Torá apenas :

¹³⁸ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 84, 18

¹³⁹ O comentarista do Midrash Rabbah apresenta a sua explicação "uma espécie de resina usada para fazer luz que emana um odor ofensivo.

¹⁴⁰ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 84, 17

As Narrativas de José do Egito No Midrash

"O SENHOR DE JOSÉ MANDOU APANHÁ-O E PÔ-LO NA PRISÃO, ONDE ESTAVAM OS PRISIONEIRO DO REI"¹⁴¹

E no *Midrash Rabbah*:

"EU SEI QUE VOCÊ É INOCENTE, ASSEGURO-SE ELE (PUTIFAR) MAS EU PRECISO FAZER ISSO OU UM ESTIGMA CAIRIA SOBRE OS MEUS FILHOS"¹⁴²

Novamente a justiça recai sobre o profeta, ainda que estivesse indo para a prisão, o seu próprio mestre reconhecia a sua inocência. Outra característica então da figura daquele que detém o poder de profetizar em nome de Deus, além de uma proteção em especial, não pode recair sobre ele a injustiça.

Seguindo então os momentos de José na cadeia segundo a *Torá*

"ASSIM, ELE FICOU NA PRISÃO. MAS IAHWEH ASSISTIU JOSÉ, ESTENDEU SOBRE ELE, SUA BONDADÉ, E LHE FEZ ENCONTRAR GRAÇA AOS OLHOS DO CARCEREIRO-CHEFE. O CARCEREIRO-CHEFE CONFIU A JOSÉ TODOS OS DETIDOS QUE ESTAVAM NA PRISÃO, TUDO O QUE SE FAZIA PASSAVA POR ELE. O CARCEREIRO CHEFE NÃO SE OCUPAVA DE NADA DO QUE LHE FORA CONFIADO PORQUE IAHWEH O ASSISTIA E FAZIA PROSPERAR O QUE ELE EMPREENDIA"

Sobre essa parte o *Midrash Rabbah* tem elementos adicionais à narrativa da *Torá*. É dito que José adquiria tamanha liberdade dentro da prisão, em servir o carcereiro, que tinha direito inclusive de sair da prisão quando bem quisesse para

¹⁴¹ Gen 39, 20

¹⁴² Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 87, 9

As Narrativas de José do Egito No Midrash

cumprir outras tarefas fora dela, entretanto fora da prisão ele ainda era escravo de Putifar, assim, sempre que saísse deveria servi-lo, onde a esposa de Putifar continuava seus mal tratos, e ele firme jamais recaía em um pequeno erro que fosse, sequer olhá-la

"E TODA VEZ QUE ELE SAIA, QUE ELE IRIA LAVAR OS COPOS, LIMPADAS AS MESAS OU FAZER AS CAMAS, ELA, A MULHER DE PUTIFAR, GRITAVA COM ELE:

- VIU ! VIU COMO EU TE FIZ SOFRER ! PELA SUA VIDA, OU FAREI VOCÊ SOFRER DE OUTRAS MANEIRAS TAMBÉM.

MAS ELE RESPONDIA:

- *FAZENDO JUSTIÇA PARA O OPRIMIDO*¹⁴³.

- FAREI COM QUE A SUA COMIDA SEJA CORTADA !

- *DANDO PÃO AOS FAMINTOS*¹⁴⁴

- EU TE ACORRENTAREI.

- *IAHWEH LIBERTA OS PRISIONEIROS*¹⁴⁵

- EU VOU FAZER VOCÊ SE CURVAR

- *IAHWEH ENDIREITA OS CURVADOS*¹⁴⁶

- EU VOU TE TORNAR CEGO!

- *IAHWEH ABRE OS OLHOS DOS CEGOS*¹⁴⁷

MAS O QUÃO LONGE ELA REALMENTE FOI ? DIZ O R' HUNA EM NOME DO R' AHA. ELA FOI TÃO LONGE QUE COLOCOU UMA FORÇA DE FERRO EM SEU PESCOÇO DE MODO QUE ELE FOSSE OBRIGADO A OLHAR PARA ELA. MAS AINDA ASSIM CERTAMENTE ELE

¹⁴³ citando o salmo 146, 7

¹⁴⁴ *idem*

¹⁴⁵ *ib.*

¹⁴⁶ Salmo 147, 8

¹⁴⁷ *idem*

As Narrativas de José do Egito No Midrash

NÃO OLHOU PARA ELA POIS ESTÁ ESCRITO: AFLIGIRAM SEUS PÉS
COM GRILHÕES E PUSERAM-LHE FERROS NO PESCOÇO¹⁴⁸

Certamente esse trecho é um anexo imenso a *Torá* e certamente não pode ser deduzido por nenhum tipo de raciocínio, apenas tem o poder que tem por efeito da tradição oral, conforme já vimos. Entretanto, justamente por isso é uma passagem riquíssima para analisarmos de fato qual seria a figura de um profeta segundo o olhar rabínico da época. Não somente uma pessoa sobre a qual a justiça recairia, e aquela a quem Deus dá o seu especial cuidado, mas também, em situações extremas é uma pessoa que sabe manter a calma e se prender ainda mais nos caminhos de Deus, não desistindo nunca, não temendo nunca, não blasfemando ou querendo desistir nunca, mas do que isso, falando com sabedoria e citações de textos importantes, lembrando que os salmos não fazem parte da *Torá*.

Mais do que isso, José conheceria a lei de Deus¹⁴⁹ e outros livros importantes mesmo antes que esses fossem escritos. A pergunta sobre como José conheceria tais livros aparece não nesse *midrash*, mas em *midrashim* posteriores, e as respostas são duas, a primeira, que Deus, fora do tempo e tudo conhece teria inspirado ele a falar, a segunda que Abraão, por ter conhecido Deus de perto, teria recebido dele a *Torá*, mas apenas de forma oral, portanto, de pai para filho José já a conheceria. É interessante notar que como eles são personagens da própria *Torá* isso se equivaleria a eles conhecerem o livro que conta a própria história da vida deles, tendo conhecimento pleno de todo o futuro.

A figura do profeta como um ser um pouco acima dos homens chega a tomar proporções bem maiores com o passar dos tempos nos *midrashim*, dando a eles poderes totalmente sobre-humanos semelhantes aos semi-deuses gregos. Temos, por exemplo, a capacidade destes criarem vida, através do nome de Deus

¹⁴⁸ Salmos, 105, 18

¹⁴⁹ Segundo outras passagens, como a da tentação de Zuleica

escrito em objetos de barro ou metais, criando o *Golem* ou uma discussão sobre se na verdade a profecia se cumpria por ser uma previsão do futuro, ou se o futuro se moldava às profecias que os profetas traçariam. Certamente essa tendência, embora tome moldes bem criativos no decorrer da Idade Média, já estava presente em livros proféticos anteriores aos primeiros *midrashim*, como o profeta Elias, que não encontra a morte, é arrebatado com vida para o céu.

Sobre o poder dos profetas mudarem o mundo com as suas próprias palavras, temos inclusive uma passagem no *Midrash Rabbah*:

"UMA CERTA MULHER FOI AO R' ELEAZAR E DISSE PARA ELE: EU VI EM UM SONHO QUE A PARTE SUPERIOR DA DISPENSA DE MINHA CASA ESTAVA ARREBENTADA E ABERTA - EM RESPOSTA RECEBEU - VOCÊ CONCEBERÁ UM FILHO. ELA FOI EMBORA E ISSO ACONTECEU COMO HAVIA SIDO DITO. E NOVAMENTE ELA SONHOU O MESMO SONHO E O CONTOU AO R' ELEAZAR, ELE DEU A ELA A MESMA INTERPRETAÇÃO, E NOVAMENTE ELA SE REALIZOU. ELA SONHOU ISSO UMA TERCEIRA VEZ E FOI O PROCURAR PARA CONTAR TAL SONHO. MAS NÃO O ENCONTROU, E ACABOU CONTANDO AOS SEUS DISCÍPULOS. - EU VI EM UM SONHO QUE A PARTE SUPERIOR DA DISPENSA DE MINHA CASA ESTAVA ARREBENTADA E ABERTA. AO QUE RESPONDERAM A ELA - VOCÊ IRÁ ENTERRAR O SEU MARIDO. QUANDO O R' ELEAZAR CHEGOU OUVIU UMA MULHER CHORANDO E PERGUNTOU O QUE HAVIA ACONTECIDO. ELE CHEGOU PARA OS SEUS DISCÍPULOS E IRRITADO DISSE - VOCÊS MATARAM O HOMEM ! - NÃO ESTÁ ESCRITO: E COMO ELE NOS INTERPRETOU, ASSIM ACONTECEU¹⁵⁰."

¹⁵⁰ Trata-se da parte de um versículo, Gen. 41, 13

Por essa passagem temos a noção clara de que o profeta, segundo a mentalidade presente no *Midrash Rabbah*, não seria mero instrumento nas mãos de Deus para a revelação de fatos futuros àqueles que necessitariam saber, ou não seria simplesmente uma questão de fé. Mas que pelo contrário, eles seriam capazes de moldar o futuro segundo as suas próprias profecias, tanto que aqueles homens, por profetizar a morte do marido de tal senhora teriam sido na verdade culpados de sua morte. Seria quase como se no momento em que estavam em posse da palha de profecia tivessem o poder do "faça-se" que Deus usou para criar o céu e a terra.

Dando continuidade à figura do profeta devemos analisar o ápice da permanência de José na prisão. A chegada dos dois eunucos do Faraó e os seus sonhos. Neste ponto quero deixar claro que a princípio não analisarei os sonhos e as interpretações, a primeira parte do capítulo visa apenas analisar a figura do profeta, e tão somente após essa análise, na segunda parte, analisar a interpretação dos sonhos

"SUCEDEU, DEPOIS DESSES ACONTECIMENTOS, QUE O COPEIRO DO REI DO EGITO E SEU PADEIRO OFENDERAM A SEU SENHOR, O REI DO EGITO. O FARAÓ IROU-SE CONTRA SEUS DOIS EUNUCOS, O COPEIRO-MOR E O PADEIRO-MOR, E MANDOU DETÊ-LOS NA CASA DO COMANDANTE DOS GUARDAS, NA PRISÃO, ONDE JOSÉ ESTAVA DETIDO. O COMANDANTE DOS GUARDAS AGREGOU-LHES JOSÉ PARA QUE OS SERVISSE, E FICAM CERTO TEMPO DETIDOS."¹⁵¹

A análise da seção do *Midrash Rabbah* que se refere a essa passagem específica é bem agitada, aglutinando uma série de elementos que realmente

¹⁵¹ Gen 40, 1-4

reformam a imagem do copeiro e do padeiro. Entretanto, no meio destes argumentos um é especial para a análise da figura do profeta, convém, portanto, analisar todos eles, com este em especial destaque

"UMA MOSCA FOI ACHADA NA BEBIDA PREPARADA PELO COPEIRO E UMA PEDRA FOI ACHADA NO PÃO FEITO. O R' ABIATAR DISSE, *ESTÁ ESCRITO OFENDERAM O SEU SENHOR O QUE SIGNIFICA QUE ELES TENTARAM SEDUZIR UMA DAS FILAS DO SEU SENHOR, POIS NA VERDADE ELES PECARAM CONTRA O SEU SENHOR. É O FARAÓ SE IROU. R' JUDAH BEM SIMON E R' HANAN FALAM EM NOME DO R' JOHANA. DEUS FAZ COM QUE SERVOS SEJAM POSTOS CONTRA OS SEUS MESTRES PARA CONFERIR GRANDEZA SOBRE OS JUSTOS, E OS MESTRES CONTRA OS SERVOS PARA CONFERIR GRANDEZA AOS QUE AGEM COM JUSTIÇA. POR ISSO O FARAÓ SE IROU COM OS SEUS SERVOS, ENTÃO DEUS PODERIA CONFERIR A GRANDEZA A JOSÉ.*¹⁵² (...) R' JUDAN MOSTRA A SUA OPINIÃO, ELE DISSE: ELES TINHAM PUNHAIS ESCONDIDOS EM SEUS SAPATOS, QUERIAM ASSASSINAR ELE."

Por estas passagens percebemos não somente como a história simples vai sendo cada vez mais aumentada, e todas as versões posteriormente aglutinadas, como temos mais um elemento sobre a pessoa do profeta. Deus pode criar situações difíceis, até mesmo aparentemente injustas, para que seja mostrado a grandeza do seu profeta. Isso, aparentemente, não poderia quebrar a premissa de que nenhum mal recairá sobre o profeta.

Seguindo adiante a narrativa do documento temos algumas páginas dedicadas à interpretação dada por José aos sonhos dos dois funcionários do

¹⁵² O grifo não consta no original, é destaque desta obra

Faraó, mas não vem ao caso neste momento do capítulo as analisar, sendo que aqui apenas a figura do profeta é principal, certamente voltaremos a ela no próximo item do capítulo.

A parte mais importante então a ser levada agora é o momento final, a ligação da passagem da cena da prisão com a cena do faraó, que na *Torá* aparece em forma de uma única frase: "mas ele esqueceu"¹⁵³, se referindo a que o copeiro mor não se lembrou de falar às pessoas do palácio do dom que ele possuía. O *Midrash Rabbah* dedica bem mais do que uma única frase à interpretação desta

"ELE SE MANTINHA EM MUITOS SERVIÇOS TODOS OS DIAS, MAS UM ANJO SE IRRITOU COM ELE, ASSIM ELE PARA SE LEMBRAR FAZIA NÓS, MAS O ANJO VINHA E DESAMARRAVA A TODOS. DIZIA O SANTO, LOUVADO SEJA, PARA ELE: VOCÊ O ESQUECEU, MAS EU NÃO ME ESQUECI DELE, POR ISSO ESTÁ ESCRITO "MAS ELE ESQUECEU". MAS HÁ MAIS EXPLICAÇÃO, POIS DEUS DISSE A JOSÉ: O COPEIRO-MOR O ESQUECEU, MAS EU NÃO ESQUECI. QUEM TERIA ESPERADO QUE UMA CRIANÇA TIVESSE NASCIDO DE ABRAÃO E SARA EM SUA IDADE AVANÇADA ? QUEM TERIA ESPERADO QUE JACÓ CRUZASSE O JORDÃO COM NADA ALÉM DE SEU CAJADO E SE TORNARIA MUITO RICO? QUEM TERIA ESPERADO QUE JOSÉ VIRASSE REI APÓS IR AO DEGRAU MAIS BAIXO DE TODOS OS INFORTÚNIOS? QUE TERIA ESPERADO QUE MOISÉS, DEPOIS DE SER JOGADO NO NILO PUDESSE VIRAR O QUE ELE VIROU? QUEM TERIA ESPERADO QUE RUTE, UMA PROSÉLITA, SERIA A MANUTENÇÃO DA SOBREVIVÊNCIA DE ISRAEL? QUEM TERIA ESPERADO QUE DAVI VIRASSE REI ATÉ O FIM DE TODAS AS GERAÇÕES? QUEM TERIA

¹⁵³ Gen 40, 23

As Narrativas de José do Egito No Midrash

ESPERADO QUE JOAQUIM FOSSE LIBERTADO DA PRISÃO? QUEM TERIA ESPERADO QUE ANANIAS, MICHEL E AZARIAS SAÍSSEM SEM QUALQUER FERIMENTO DO FOGO? QUEM TERIA ESPERADO QUE O SANTO, LOUVADO SEJA, FOSSE ENTREGAR ISRAEL NOS DIAS DE AMAN? QUEM TERIA ESPERADO QUE NO EXÍLIO ATINGIRIAM FAMA E RENOME? QUEM TERIA ESPERADO QUE O SANTO, BENDITO SEJA, IRIA RESTAURAR O TABERNÁCULO DE DAVID, E COMO ESTÁ DITO: *NESTE DIA EU VOU LEVANTAR O TABERNÁCULO DE DAVID QUE CAIU?* E QUEM ESPERAVA QUE TODO O MUNDO SE UNISSE EM UM SÓ, POIS ESTÁ DITO, *PARA ELES EU TORNAREI TODAS AS PESSOAS EM UMA LINGUAGEM PURA, PARA QUE ELES POSSAM ME CHAMAR SENHOR E SERVIR COM UM CONSENSO*”¹⁵⁴

Temos aqui uma série de elementos de intensa importância para estabelecermos a figura do profeta. O profeta pode ser aquele que é esquecido pelos homens, mas jamais será esquecido por Deus. E quando é esquecido pelos homens, só o é pois assim Deus agirá de maior forma quando se lembrarem dele, e não para que no final caim no esquecimento. E ainda mais do que isso, o profeta não é simplesmente o profeta de Deus por falar palavras dEle, ou cumprir ações destinadas a Ele, mas na verdade ele é profeta por se tratar de um plano muito mais amplo, que vai desde Abraão até o último dos profetas, todos passariam por situações de prova, e todos superariam essas de uma forma inesperada, o que comprovaria o poder de Deus agindo sobre eles. O último dos profetas é parte do que veremos na última parte do capítulo, a grande profecia que está por detrás de todas as outras neste documento e em praticamente todos os *midrashim* medievais.

¹⁵⁴ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 88, 7

Sobre a mumificação após a morte de José não há praticamente nada no *Midrash Rabbah*, a não ser uma pequena discussão sobre quem teria o mumificado, uma corrente garantindo que apenas os próprios egípcios o poderiam ter feito, e outra dizendo que seria impossível crer que Deus permitiria que na verdade não fosse o próprio povo de Israel que cuidasse de seu corpo morto.

Obviamente se realmente existiu José e se realmente foi mumificado essa mumificação foi feita pelos embalsamadores egípcios. Essa discussão nos remonta mais um elemento sobre o profeta. Ele é uma pessoa tão importante que até mesmo o seu corpo morto seria especial, e deveria ser cuidado pelos próprios judeus, e não por um povo estrangeiro. Temos no profeta Eliseu esse mesmo significado, que se mantém no momento da compilação do documento. Segundo o relato do livro de Reis um homem teria retornado à vida simplesmente ao tocar em seus ossos, mostrando como o seu corpo, mesmo após a sua morte e putrefação, ainda era santo:

"E SUCEDEU QUE, ENTERRANDO ELES UM HOMEM, EIS QUE VIRAM UMA TROPA, E LANÇARAM O HOMEM NA SEPULTURA DE ELISEU; E, CAINDO NELA O HOMEM, E TOCANDO OS OSSOS DE ELISEU, REVIVEU, E SE LEVANTOU SOBRE OS SEUS PÉS"¹⁵⁵.

Sobre o casamento de José com Asenet, uma egípcia, não há qualquer relato no *Midrash Rabbah*, nem sobre a nacionalidade dela nem sobre o seu parentesco com Putifar, provavelmente filha de Zuleica, a mulher que tentou seduzi-lo anos antes.

Um último elemento que merece ser citado em relação à figura dos profetas é que este é sempre imune às coisas ruins que o tentam, inclusive quando aparentemente teria caído em um erro. Certamente não há qualquer proibição de

¹⁵⁵ 2Reis 13, 21

se beber vinho, mas sempre um aviso sobre a necessidade de não bebê-lo descontroladamente. Entretanto uma passagem do *Midrash Rabbah* nos mostra um elemento rico sobre a diferenciação da atitude dependendo da pessoa:

"DISSE O R' JOHANAN - TODOS OS SONHOS SÃO DEPENDENTES DAS INTERPRETAÇÕES DADAS A ESTES, EXCETO OS SONHOS SOB O VINHO. ÀS VEZES UM SONHO DE BEBEDEIRA DE VINHO ADVINHA CORRETAMENTE E OUTRAS VEZES APENAS DESGRAÇAS. QUANDO UM SÁBIO BEBE ENTÃO É UM BOM AUGÚRIO, SE UM IGNORANTE BEBER, CERTAMENTE SERÁ DESGRAÇA"¹⁵⁶

Chegando ao término deste capítulo consegue-se perceber que a figura de José do Egito, que a princípio é um profeta atípico, através dos relatos dos *midrashim* vai pouco a pouco se moldando a figura de um novo José. Esta nova figura não somente vai respondendo às lacunas ou contradições iniciais, como as usa para fazer de José um profeta em todos os sentidos da palavra. Chegando mesmo ao ápice, conforme vimos nos primeiros capítulos, a dizer que o sonho referente ao Sol, à Lua e às estrelas na verdade estava se referindo a Josué, e não aos seus irmãos. Esta nova figura que pouco a pouco se esvazia das características humanas.

Esvazia-se de humanidade à medida que perde certas características inerentes ao ser humano. Primeiramente a falibilidade. O *Midrash Rabbah* acaba criando um José que é incapaz de cometer erros, e mais do que isso, reflete a figura que um profeta tem tamanha capacidade de prever o futuro, que uma vez que a previsão tenha sido feita o futuro se molda a ela. Esvaziando-se de sua humanidade na característica que praticamente não é um ser passível de padecer. Sendo que a cada momento Deus estaria tão presente que este teria sempre

¹⁵⁶ Midrash Rabbah, Bereshit Rabbah, 89, 8

todas as suas dores diminuídas ao mínimo. É o caso dos perfumes colocados com os mercadores de escravos. Também este profeta romantizado seria tão infinitamente ligado a Deus, que além de não cometer erro algum, qualquer que seja, teria toda a escritura na ponta de língua, sendo assim capaz de responder qualquer ofensa com trechos da Escritura, ainda que estes nem tivessem sido escritos ainda. Chegando a um ponto de tamanha perfeição, que inclusive os seus restos mortais teriam poderes divinos. Assemelhando-se assim aos ossos do profeta Eliseu.

III.3.6.B. As profecias e as "desprofecias"

Analisemos, pois, agora, a interpretação dada pelos rabinos do *Midrash Rabbah* às profecias feitas por José, tanto através de seus próprios sonhos, como pela interpretação dos sonhos do copeiro-mor, do padeiro-mor, e principalmente do faraó.

Neste sentido já vimos uma das interpretações nos primeiros capítulos desta obra, se referindo a que o sonho do sol, a lua e as estrelas não falariam de Jacó e Raquel, mas sim do episódio que posteriormente ocorreria com Josué. Não nos ateremos mais nesta análise, por enquanto.

Sobre o primeiro sonho de José poucas são as informações adicionais que o documento traz, em especial referências a detalhes do sonho, como, por exemplo, a quantidade de vezes que as espigas de trigo teriam se ajoelhado. *Teriam sido exatamente cinco, pois seriam correspondentes a cada uma das vezes que os irmãos iriam se ajoelhar perante ele no Egito*¹⁵⁷.

Isso demonstra o intenso cuidado que deveriam ocorrer nos sonhos, inclusive nos detalhes, para que a profecia e a interpretação deles fosse precisa e rigorosa. Ainda que essa interpretação fosse apenas para si mesmo, sendo que José não a fala para os irmãos nem para o seu pai.

Analisando o sonho dos oficiais do Faraó a interpretação é bem mais intensa, cheia de elementos que vão além do que pode ser deduzido pela *Torá*, portanto, mais importante esta obra neste momento. A primeira das passagens de maior interesse está no momento em que os rabinos não podem aceitar que os sonhos e a interpretação estivessem ligadas apenas àquilo que José explicou pois havia a necessidade das interpretações vindas de Deus, das profecias dos atos que elas revelavam estarem todos ligados entre si em uma grande obra de Deus

¹⁵⁷ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 84, 10

na vida do povo judeu, então, por exemplo, os três ramos da videira, que José afirma categoricamente que significariam os três dias que o copeiro-mor ficaria preso até que lhe fosse dada a soltura e ele voltaria ao palácio, no *Midrash Rabbah* certamente significariam as três pessoas de intensa importância no livro do êxodo, que libertariam o povo de Israel para que esse voltasse a frutificar longe do Egito, ou seja, Moisés, Aarão e Miriam.¹⁵⁸

Mais do que simplesmente isso, vejamos pela continuação do texto:

"BASEADO EM QUÊ OS SÁBIOS INSTITUÍRAM AS QUATRO TAÇAS DA PÁScoa? R' HUNA FALOU EM NOME DO R' BANAYAH: ELES AS INSTITUÍRAM EM ALUSÃO ÀS QUATRO EXPRESSÕES DE REDENÇÃO QUE OCORREM COM RELAÇÃO AO EGITO: EU VOS LIBERTAREI DE SUA ESCRAVIDÃO E VOS RESGATAREI COM MÃO ENTENDIDA, TOMAR-VOS POR MEU POVO ... E DEPOIS OS FAREI ENTRAR NA TERRA SANTA¹⁵⁹. O R' SAMUEL B. NACHMAN FALOU: EM ALUSÃO ÀS QUATRO TAÇAS MENCIONADAS ESTÁ NA TORÁ: EU TINHA NA MÃO A TAÇA DO FARAÓ: PEQUEI OS CACHOS DE UVA, ESPREMI-NOS NA TAÇA DO FARO, COLOQUEI A TAÇA NA MÃO DO FARAÓ ... COLOCARÁS A TAÇA DO FARAÓ EM SUA MÃO¹¹⁶⁰

Podemos perceber por essa passagem que as profecias, além de sempre se referirem ao povo judeu, e estarem ligadas entre si de alguma forma, podem, por vezes, trazer elementos que complementam umas as outras, ou que servem principalmente para provar a sua veracidade e a força da cultura oral que está sendo compilada neste momento aumentando a força dos argumentos e portanto o caráter de revelação oral que ele possui. Muitas vezes quantos mais elementos

¹⁵⁸ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 88, 5

¹⁵⁹ Alusão ao êxodo 6, 6-8

¹⁶⁰ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 88, 5

As Narrativas de José do Egito No Midrash

se aglutinam como provas de algo que foi dito, como neste caso, por exemplo, a quantidade de vezes que a palavra traça aparece em determinado momento da *Torá*, não servem de base argumentativa para se propor alguma alteração ou novidade, mas apenas servem para reafirmar algo que já era presente como uma verdade, uma forma de atá-la com uma nova ferramenta, ainda que pareça simplesmente um mero detalhe, é um detalhe que fundamenta uma verdade que já estava posta e já era aceita por todos.

Entretanto a continuação do parágrafo traz novos elementos, vejamos a continuação

"O R' LEVI DISSE: [AS QUATRO TAÇAS SÃO] EM ALUSÃO AOS QUATRO IMPÉRIOS. O R' JÓSHUA BEM LEVI DISSE: EM ALUSÃO ÀS QUATRO TAÇAS DE FÚRIA QUE O SANTO, BENDITO SEJA, FARÁ COM QUE AS NAÇÕES DO MUNDO BEBAM, POIS COMO ESTÁ DITO: PORQUE ASSIM ME DISSE IAHWEH, DEUS DE ISRAEL, - TOMA DE MINHA MÃO ESTA TAÇA DO VINHA DA FÚRIA E FAZE BEBER DELA TODAS AS NAÇÕES ... BABILÔNIA ERA UMA TAÇA DE OURO NA MÃO DE IAHWEH POIS NÃO MÃO DE IAHWEH HÁ UMA TAÇA ... E UM VENTO FORTÍSSIMO É A PARTE DE SUA TAÇA"¹⁶¹

Primeiramente é necessário perceber que os quatro impérios referidos seriam os quatro que dominam Israel no decorrer de sua história, portanto Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma. No momento em que o *Midrash Rabbah* estava sendo compilado os quatro já haviam caído, portanto apesar do ar de profecia para o futuro que vemos no texto acima, ele falava, pelo menos nesta parte, de algo que já havia ocorrido, entretanto que ainda não havia sido completado, como veremos na continuação do texto.

¹⁶¹ idcm

Outros elementos que podem ser percebido com muita clareza aqui é a tradição oral sendo passada de pai para filho, enquanto o R' Levi começa o pensamento, seu filho Jóshua continua os seus estudos, lembrando que o "b." é abreviatura de "Ben" que significa "filho de:"

O mais importante, entretanto, de se ressaltar sobre essa passagem é a forma pela qual os versículos da *Torá* são alinhados para sustentar a teoria que está sendo proposta, embora ela seja considerada como algo já aceito e transmitido pela tradição oral. O que aparentemente é a citação de algum versículo da bíblia, já que é usada a expressão "como está dito" na verdade é uma verdadeira colcha de retalhos de passagens cortadas dos textos bíblicos e por vezes com singelas, mas não menos importantes, e modificações.

Acompanhemos passo a passo:

A primeira citação "PORQUE ASSIM ME DISSE IAHWEH, DEUS DE ISRAEL - TOMA DE MINHA MÃO ESTA TAÇA DO VINHA DA FÚRIA E FAZE BEBER DELA TODAS AS NAÇÕES " está presente no livro de Jeremias, capítulo 25, versículo 15. a princípio parece uma profecia destinada a explicar a punição que será dada aos quatro impérios que dominaram o povo de Israel, entretanto o texto de Jeremias é intensamente claro, basta ler os versos conseguintes.

"PORQUE ASSIM ME DISSE IAHWEH, DEUS DE ISRAEL: TOMA DE MINHA MÃO ESSA TAÇA DO VINHO DA FÚRIA E FAZE BEBER DELA TODAS AS NAÇÕES ÀS QUAIS EU VOU TE ENVIAR, ELAS BEBERÃO, CAMBALEARÃO E ENLOUQUECERÃO DIANTE DA ESPADA QUE EU VOU MANDAR PARA O MEIO DELAS. EU TOMEI A TAÇA DA MÃO DE IAHWEH E FIZ BEBER DELA TODAS AS NAÇÕES ÀS QUAIS IAHWEH ME ENVIARA. A JERUSALÉM E ÀS CIDADES DE JUDÁ, A SEUS REIS E A

As Narrativas de José do Egito No Midrash

SEUS PRÍNCIPES, PARA CONVERTE-LOS EM RUÍNA, EM OBJETO DE PAVOR, EM ESCÁRNIIO E EM MALDIÇÃO COMO HOJE"¹⁶²

Ou seja, segundo o texto original que está sendo citado pelos rabinos, a taça do vinho da fúria foi enviada não para todas as nações gentias, como está colocado no *Midrash Rabbah*, nem tampouco apenas para os quatro impérios que dominaram sobre Israel, na verdade a primeira nação que receberia tal vinho da fúria seria realmente Israel, todas as suas cidades que haviam caído em desobediência a Deus.

A segunda passagem "Babilônia era uma taça de ouro na mão de Iahweh" está presente no livro de Jeremias, capítulo 51, versículo 7. Essa passagem realmente fala da destruição da Babilônia pelos seus pecados, sendo assim parece estar menos em contradição com a idéia original do R' Jóshua do que a citação acima, mas o grande elemento de conexão, a taça, é justamente o elemento que traz a contradição. Vejamos o significado que a taça possui nesta passagem

"BABILÔNIA ERA UMA TAÇA DE OURO NA MÃO DE IAHWEH, ELA EMBRIAGAVA A TERRA INTEIRA, DE SEU VINHO BEBIAM AS NAÇÕES, POR ISSO AS NAÇÕES SE TORNARAM LOUCAS. MAS DE REPENTE CAIU BABILÔNIA E SE QUEBROU, GEMEI SOBRE ELA! TOMAI BÁLSAMO PARA A SUA DOR, TALVEZ ELA SEJA CURADA! NÓS QUERÍAMOS CURAR BABILÔNIA, MAS ELA NÃO FOI CURADA. DEIXAI-A! VAMOS CADA UM PARA A NOSSA TERRA"¹⁶³

¹⁶² Jer, 25, 15-18

¹⁶³ Jer, 51, 7-9

Embora o texto continue com a destruição da Babilônia, o significado que a taça possui não é, nem de longe, o mesmo significado dado a taça de fúria que seria dada aos povos para que eles bebessem sua destruição, embora o texto seja justamente sobre a punição de fúria a taça possui o sentido oposto, tanto que se quebra para que todo o processo comece.

A terceira parte da citação "pois não mão de Iahweh há uma taça" é o versículo 9 do salmo 75, que realmente possui todo o sentido que o texto está querendo dar

"POIS NÃO MÃO DE IAHWEH HÁ UMA TAÇA, CUJO VINHO
ESPUMA, CHEIO DE MISTURA, ELE O DERRAMARÁ, ATÉ AS ESCÓRIAS
O SUGARÃO, E TODOS OS ÍMPIOS DA TERRA O SORVERÃO"¹⁶⁴

A quarta e última parte da citação "um vento fortissimo é a parte de sua taça" vem do salmo número 11 versículo 6. Este versículo realmente está falando da punição, neste caso em especial na punição a ser dada por Deus aos ímpios. Ou seja, não se dirige exatamente aos impérios que pressionaram Israel, nem aos povos gentios, mas podemos considerar que é uma ligação óbvia que esses impérios tenham sido justamente aqueles que mais tenham agido impuramente para com os judeus. O detalhe, importante de ser ressaltado é que esse salmo foi escrito por Davi, provavelmente escrito por ocasião de seu refúgio nas montanhas durante a perseguição do rei antecessor a ele, Saul. Sendo assim os ímpios seriam do próprio povo de Israel e não nações estrangeiras, ou não somente elas pelo menos.

Desta forma, temos neste momento, sobre a interpretação de uma passagem do relato de José, por sinal uma passagem da Torá que aparentemente não deixa qualquer contradição ou lacuna, pois é justamente aquela que possui o

¹⁶⁴ Sal, 75, 9

sonho, a interpretação dada letra por letra, e o desfecho final com exatidão do que tinha sido previsto, portanto o único sonho profético do relato de José que é completo em todas as suas partes. Sobre esta passagem existe uma interpretação que, ao menos no que diz respeito puramente ao texto da *Torá*, não tem qualquer vínculo racionalmente acessível a não ser a palavra taça, ela remete a uma interpretação que se segue de outras interpretações, estas se remetem a textos fora da *Torá* e dos salmos¹⁶⁵ e que são costurados de forma a se criar um novo texto, chega a ir em oposto ao que o texto original dizia em seu contexto. Por todos esses elementos unidos, e com certa singularidade neste texto do *Midrash Rabbah*, temos um indício bem forte de que a profecia presente aqui é parte integrante de uma mensagem que perpassa o texto midráshico e que em si é uma de suas partes mais importantes, por ser exatamente um novo anexo, sendo assim a parte mais importante do texto para nós neste momento.

Ainda assim, a parte citada até agora não finda a profecia que está sendo posta, na verdade a segunda parte é que fará a passagem final para a grande profecia. Vamos seguir o texto:

"CORRESPONDENDO-SE A ESSAS, O SANTO, BENDITO SEJA, DARÁ À ISRAEL, PARA QUE BEBA, AS QUATRO TAÇAS DA SALVAÇÃO NO FUTURO MESSIÂNICO, POIS ESTÁ DITO, IAHWEH, MINHA PARTE NA HERANÇA E MINHA TAÇA, ÉS TUDO QUE GARANTES A MINHA PORÇÃO ... DIANTE DE MIM PREPARAS UMA MESA À FRENTE DOS MEUS OPRESSORES, UNGES MINHA CABEÇA COM ÓLEO, E A MINHA TAÇA TRANSBORDA ... ERGUEREI A TAÇA DAS SALVAÇÕES INVOCANDO O NOME DE IAHWEH: E NÃO ESTÁ DITO CÁLICE DA SALVAÇÃO, MAS TAÇA DAS SALVAÇÕES, UMA PARA O FUTURO MESSIÂNICO, E OUTRA PARA OS DIAS DE GOG E MAGOG."

¹⁶⁵ Em todo o *Bereshit rabbah*, depois da *Torá*, os salmos são o livro mais citado.

Essa segunda parte da profecia é pelo menos tão densa quanto a primeira parte e também convém ser dividida em vários segmentos. Entretanto, antes que isso seja feito, convém deixar claro um elemento de intensa importância. A principal ligação entre todas as passagens citadas tanto na primeira parte, referente à punição dos que oprimiram os judeus, como na segunda parte, referente ao futuro messiânico, temos como principal ponto de ligação entre as passagens citadas a palavra "taça". Seria possível realmente perceber uma ligação clara e indissolúvel entre elas caso fossem as únicas vezes que a palavra *taça* fosse citada no velho testamento, entretanto existe uma série de vezes que a palavra é citada, e que também não possuem nenhum tipo de ligação direta com o restante do texto do *Midrash Rabbah*.¹⁶⁶

Analisemos, pois, agora, cada uma das partes da citação acima, novamente composta de citações diferentes, desta vez, três citações de salmos.

A primeira

"OH SENHOR, MINHA PARTE NA HERANÇA E MINHA TAÇA, ÉS TU QUE GARANTES MINHA PORÇÃO"¹⁶⁷.

Trata-se de um salmo falando da herança que seria recebida por Davi por estar guardado em Deus, e resistindo a todos os ídolos:

"MINHA FELICIDADE NÃO ESTÁ EM NENHUM DESTES DEMÔNIOS DA TERRA. ELES SE IMPÕES A TODOS OS QUE OS AMAM, MULTIPLICAM SEUS ÍDOLOS, CORREM ATRÁS DELES"¹⁶⁸

¹⁶⁶ Por exemplo Jz, 6, 38 / 1CRO, 28, 17 / Sal. 16, 5 / 2 Sam. 12, 13

¹⁶⁷ Sal. 16,5

¹⁶⁸ Sal. 16, 3

permaneceria no Senhor sem vacilar recebendo assim a vida eterna "*POIS NÃO ABANDONARÁS MINHA VIDA NO XEOL, NEM DEIXARÁS QUE TEU FIEL VEJA A COVA*"¹⁶⁹.

Parece claro que realmente este versículo pode ser interpretado como um futuro messiânico, ocorrendo a ressurreição dos mortos e por fim a herança justa dada aos seguidores de Deus e a punição de morte no *Xeol* aos outros, por contrapartida.

A segunda parte, "*DIANTE DE MIM PREPARAS UMA MESA À FRENTE DOS MEUS OPRESSORES, UNGES MINHA CABEÇA COM ÓLEO, E A MINHA TAÇA TRANSBORDA*"¹⁷⁰ está presente em um dos mais famosos salmos, o de número 23.¹⁷¹ Aparentemente a única ligação entre os dois salmos é realmente a presença da figura da taça, neste salmo percebemos um momento de alegria e confiança em Deus, mas nenhuma referência sequer a tempos messiânicos, vida eterna ou ressurreição dos mortos, na verdade uma parte do versículo 6 poderia inclusive contradizer essa possibilidade "*SIM, FELICIDADE E AMOR ME SEGUIRÃO POR TODOS OS DIAS DA MINHA VIDA*" portanto não se tratando de um futuro messiânico onde tudo se resolveria, mas sim em uma felicidade e proteção durante a sua própria vida. Passemos então à última parte.

Primeiramente da última parte encontramos apenas uma parte dela nos textos dos salmos ou outros textos bíblicos: "*ERGUEREI A TAÇA DAS SALVAÇÕES INVOCANDO O NOME DE IAHWEH.*" sendo essa parte uma citação do Salmo 116, versículo 13. Este salmo fala sobre a libertação após o sofrimento, sobre uma libertação. Mesmo não falando em termos messiânicos certamente é simples deduzir a possibilidade de uma interpretação messiânica do salmo.

¹⁶⁹ Sal. 16, 10

¹⁷⁰ Sal. 23, 5

¹⁷¹ "O Senhor é meu pastor e nada me faltará ... "

Continuemos, pois, para a última parte, o comentário rabínico feito após a citação: "e não está dito cálice da salvação, mas taça das salvações, uma para o futuro messiânico, e outra para os dias de Gog e Magog" Gog e Magog aparecem no livro de Ezequiel, capítulo 38 e seguintes. Trata-se de uma terra, que estaria contra Deus, e o seu rei. Contra ambos é feita uma profecia. Entretanto esta seria uma profecia que não estava próxima a ser cumprida, o dia de seu cumprimento seria "após muitos dias e após muitos anos"

"APÓS MUITOS DIAS SERÁS CONVOCADA (GOG) . APÓS MUITOS ANOS VIRÁS A UMA TERRA RECUPERADA DA ESPADA QUE VEIO DENTRE MUITOS POVOS SOBRE OS MONTES DE ISRAEL, REDUZIDOS A RUÍNAS POR LONGO TEMPO. SAÍDOS DENTRE OS POVOS, HABITAM EM SEGURANÇA TODOS ELES. SUBIRÁS COMO TEMPESTADE, VIRÁS COMO NUVEM QUE VAI COBRINDO A TERRA, TU COM TODAS AS TUAS TROPAS E MUITOS POVOS CONTIGO"

Embora não esteja claro no texto de Ezequiel, a profecia parece ser a virada de uma grande era, pois envolve uma grande quantidade de povos, ou, enfim, o final dos tempos e a esperada redenção messiânica.

Para finalizar a interpretação do *Midrash Rabbah* sobre a pequena passagem onde José interpreta o sonho do copeiro mor do Faraó podemos concluir, em poucas palavras que, na verdade, nada é falado sobre a passagem em si, apenas permiti-se a liberdade de utilizar como único elo de ligação entre as passagens a palavra taça, e dela entrar em um grande texto sobre a salvação messiânica.

Ainda poderíamos, a princípio deduzir que na verdade haveria sim a possibilidade de que a palavra taça realmente guardasse consigo sempre um símbolo ligado ao final dos tempos, sendo assim tal conexão seria lógica desde

que se fosse instruído neste no conhecimento deste símbolo. Entretanto ao fazermos uma análise mais aprofundada da *Torá* perceberemos que a palavra *taça* aparece 8 vezes, todas na história de José, e no total dos livros do antigo testamento um total de 28 vezes. Analisando o sentido no qual cada uma delas aparece teremos uma grande variedade, desde os simbolismos que já foram apresentados, como aparentemente simplesmente o significado mais simples, *taça*, como aparentemente ocorre no episódio da interpretação do sonho do copeiro. Temos, por exemplo, no segundo livro de Samuel, capítulo 12, versículo 3 a passagem "O pobre nada tinha senão uma ovelha, só uma pequena ovelha que ele havia comprado, ele a criara e ela cresceu com ele e com os seus filhos, comeu do seu pão, bebeu da sua *taça*, dormindo no seu colo, era como sua filha". Esta passagem não possui qualquer menção que seja ao final dos tempos. Ou por exemplo é a passagem de primeiro livro de Reis, capítulo 7, versículo 26, onde a palavra *taça* é utilizada para explicar como seria a forma de uma das câmaras do Templo de Salomão.

Ora, percebemos assim que não há qualquer ligação da passagem de José com o final dos tempos que não seja única e exclusivamente a que o *Midrash Rabbah* está criando em sua compilação da tradição oral. Percebemos, entretanto que não é somente ao acaso que aparece a questão do messianismo, na verdade ele perpassa todas as profecias presentes no texto, como uma espécie de profecia superior as demais, a redenção messiânica não é uma profecia, ela é A Profecia, a profecia final, para a qual todas as demais caminham. Passemos agora então ao tema central do capítulo, que é o próprio coração do *Midrash Rabbah*, a profecia da redenção messiânica.

Estranhamente o essa obra não coloca uma única palavra que seja com relação à interpretação do sonho do Faraó, poucas inserções são feitas e apenas no que se refere ao cumprimento da profecia, e não ao sonho e à interpretação em si.

III.3.6.C. A profecia : Redenção Messiânica

Todas as profecias presentes no *Midrash Rabbah* referentes a José do Egito tem ao menos uma indicação à época messiânica. Mesmo quando não se refere diretamente à era messiânica há ligações. Por vezes, essa profecia aparece, como por exemplo, em José ser considerado o primeiro dos redentores que fariam com que a luz messiânica fosse acesa e o messias viesse.

Apesar de haver uma grande presença de referências ao messianismo, apenas as passagens referentes ao *Midrash Rabbah* não são suficientes para um estudo aprofundado do messianismo judaico, entretanto é justamente por essas passagens que convém começar para finalizarmos esse trabalho.

Escrever sobre o messianismo judaico em um país onde a grande maioria da população segue alguma religião cristã¹⁷² não é fácil. Muitas vezes termos simples e populares tem um significado totalmente novo no judaísmo, e quando há apenas a transposição de significados corremos um grande risco de erro.

O autor Gershom Scholem chega a dizer "Qualquer discussão de problemas ligados ao messianismo é uma questão delicada, pois isto é o conflito essencial entre o Judaísmo e a Cristandade, que se desenvolveu e continua a existir. (...) Um conceito totalmente diferente de redenção determina as atitudes do messianismo judaico e do messianismo cristão."¹⁷³

Justamente por isso este capítulo tratará apenas sobre o messianismo judaico, sendo que um capítulo posterior irá mostrar as devidas comparações com o messianismo cristão.

O termo messias (*mashiah*) surge para designar o ungido de Deus. Historicamente falando este termo está ligado com a formação da monarquia em

¹⁷² Segundo o último censo do IBGE as três maiores religiões no Brasil são o catolicismo, o cristianismo protestante ou evangélico e o espiritismo cardecista. Apesar de suas peculiaridades e diferenças todas as três são cristãs.

¹⁷³ SCHOLEM, Gershom, *The Messianic Idea in Judaism*, p. 1

Israel. Martin-Achard explica assim "Ele (o termo messias) era usado para designar o ungido, em geral - mas não unicamente - o rei, o qual, em sua investidura, recebia a unção com óleo e se tornava, com isso, um ser que participava da santidade de Deus, por isso, ninguém devia levantar a mão contra ele (1Sm 24,6-7.11-12; 1Sm 26,9.16.23)¹⁷⁴

A criação da monarquia em Israel se dá com os reis Saul, David e Salomão, legitimada pelos próprios profetas. Saul e Davi foram ungidos pelo profeta Samuel. Os profetas, dotados da capacidade de mostrarem a vontade de Deus, através dos oráculos de Deus¹⁷⁵ começam a profetizar acerca destes primeiros reis, especialmente Davi e Salomão, quando é dado à monarquia um caráter hereditário.

Nestas profecias está o cerne do messianismo. Especialmente na profecia do profeta Natã :

"VAI DIZER AO MEU SERVO DAVI: ASSIM DIZ IAHWEH: CONSTRUIRIAS TU UMA CASA EM QUE EU VENHA A HABITAR? EM CASA NENHUMA HABITEI DESDE O DIA EM QUE FIZ SUBIR DO EGITO OS FILHOS DE ISRAEL ATÉ O DIA DE HOJE, MAS ANDEI EM ACAMPAMENTO ERRANTE, DEBAIXO DE UMA TENDA DE ABRIGO. DURANTE TODO O TEMPO EM QUE ANDEI COM OS FILHOS DE ISRAEL, PORVENTURA DISSE A UM SÓ DOS JUÍZES DE ISRAEL QUE EU TINHA INSTITUÍDO COMO PASTORES DO MEU POVO ISRAEL: 'POR QUE NÃO EDIFICAS PARA MIM UMA CASA DE CEDRO? EIS O QUE DIRÁS AO MEU SERVO DAVI: ASSIM FALA IAHWEH DOS EXÉRCITOS. FUI EU QUE TE TIREI DAS PASTAGENS ONDE PASTOREAVAS OVELHAS, PARA SERES CHEFE DO MEU POVO ISRAEL. EU ESTIVE CONTIGO POR ONDE IAS E DESTRUÍ TODOS OS TEUS INIMIGOS DIANTE DE TI. EU TE DAREI UM GRANDE NOME COMO O NOME DOS

¹⁷⁴ Amsel, Asurmendi; Auneau; Martin-Achard, p.132

¹⁷⁵ Muitas vezes traduzido apenas como Palavra de Deus

As Narrativas de José do Egito No Midrash

GRANDES DA TERRA. PREPARAREI UM LUGAR PARA O MEU POVO ISRAEL E O FIXAREI PARA QUE HABITE NESSE LUGAR E NÃO MAIS TENHA DE ANDAR ERRANTE, NEM OS PERVERSOS CONTINUEM A OPRIMI-LO COMO ANTES, DESDE O TEMPO EM QUE INSTITUI JUIZES SOBRE O MEU POVO ISRAEL: EU TE LIVRAREI DE TODOS OS TEUS INIMIGOS. IAHWEH TE DIZ QUE ELE TE FARÁ UMA CASA. É QUANDO OS TEUS DIAS ESTIVEREM COMPLETOS E VIERES A DORMIR COM TEUS PAIS, FAREI PERMANECER A TUA LINHAGEM APÓS TI, GERADA DAS TUAS ENTRANHAS E FIRMAREI A TUA REALEZA. SERÁ ELA QUE CONSTRUIRÁ UMA CASA PARA O MEU NOME. ESTABELECEREI PARA SEMPRE O SEU TRONO. EU SEREI PARA ELE UM PAI E ELE SERÁ PARA MIM UM FILHO: SE ELE FIZER O MAL CASTIGÁ-LO-EI COM VARA DE HOMEM E COM AÇOITES DE HOMENS. MAS A MINHA PROTEÇÃO NÃO SE AFASTARÁ DELE, COMO A TIREI DE SAUL, QUE AFASTEI DIANTE DE TI. A TUA CASA E A TUA REALEZA SUBSISTIRÃO PARA SEMPRE DIANTE DE MIM, E O TEU TRONO SE ESTABELECEERÁ PARA SEMPRE¹⁷⁶

Deus, através das palavras de Natã, teria então feito uma aliança unilateral com Davi. Afinal, ainda que Davi ou seus descendentes fizessem o mal Ele não tirarei a sua proteção sobre eles, embora os pudesse castigar com a mão de homens. Mais do que isso a ênfase está sobre a última frase : "A tua casa e a tua realaleza subsistirão para sempre diante de mim, e o teu trono se estabelecerá para sempre."

Assim sendo a monarquia dos ungidos de Deus, pela linha hereditária de Davi deveria se manter para todo o sempre, mantendo em si as promessas feitas junto a essa. Isso, em si, não constitui um problema durante a época de Davi e de

¹⁷⁶ 2Sm 7, 5-16

Salomão, onde o reino de Israel prospera perante os seus inimigos e o Templo de Salomão é construído.

Entretanto, durante o governo de Salomão, e principalmente após a morte deste a monarquia israelita entrará em crise. Primeiramente com a divisão do reino de Israel e posteriormente com conquistas e exílio a era de relativa paz e grandeza terá o seu fim. Obviamente isso não poderia eliminar a promessa feita por Deus na época do profeta Natã.

Essa combinação de exílio com a crença de que a promessa seria cumprida será a base do messianismo segundo as suas características posteriores, inclusive durante a Idade Média. Apesar da dor e sofrimento do povo Deus não teria se esquecido de sua promessa e um dia haveria novamente um ungido de Deus que traria aqueles elementos da promessa de volta.

Seriam os elementos desta promessa. Um ungido (messias) enquanto rei de Israel, vindo da casa de Davi por linha direta mas não obrigatoriamente uma legitimidade pela primogenitura¹⁷⁷ Esse rei estabeleceria uma linha monárquica ininterrupta como era esperado da linha davídica. Este mesmo ungido deveria reconstruir o Templo, que havia sido destruído, e conseguir o livramento dos inimigos. O reino teria o seu centro na região de Israel: "e o fixarei (povo de Israel) neste lugar para que não mais tenha de andar errante"

Durante o período de exílio temos na figura nos profetas a principal manifestação do messianismo segundo descrito acima. Especialmente dois profetas destacam-se pela difusão deste pensamento: Daniel, e Isaias.

Segundo o livro de Isaias Deus irá redimir o homem e isso fará com que o reino de Israel seja novamente estabelecido.

"DISSIPEI AS TUAS TRANSGRESSÕES COMO UMA NÉVOA, E OS
TEUS PECADOS COMO UMA NUVEM; VOLTA-TE PARA MIM, PORQUE EU
TE REDIMI. EXULTAI OS CÉUS, PORQUE IAHWEH O FEZ! ERGUEI

¹⁷⁷ Já que nem mesmo Salomão era o filho mais velho de Davi, se a primogenitura tivesse de ser predominante Adonias seria o rei no lugar de Salomão.

As Narrativas de José do Egito No Midrash

ALTOS GRITOS, Ó PROFUNDEZAS DA TERRA! DAI GRITOS DE ALEGRA, Ó MONTES E FLORESTAS E TODAS AS ÁRVORES QUE AQUI SE ENCONTRAM PORQUE IAHWEH RESGATOU JACÓ E SE GLORIOU EM ISRAEL"¹⁷⁸

Por esta passagem temos que a redenção parte de Deus, fazendo com que as transgressões do povo sejam dissipadas, mas para tal seria necessário que o povo voltasse. A interpretação mais recorrente seria que o povo voltasse para o pleno cumprimento da lei, embora também a questão da volta territorial não é menos importante.

Temos também nessa passagem a idéia de que essa redenção não modifica apenas o povo, mas também a própria natureza da região que começaria a dar gritos de alegria..

"SOU EU QUE FRUSTRO OS SINAIS DOS ÁGURES E FAÇO DELIRAR O ESPÍRITO DOS ADIVINHOS, QUE CONFUNDO OS SÁBIOS E CONVERTO A SUA CIÊNCIA EM LOUCURA, QUE CONFIRMO A PALAVRA DO MEU SERVO E ASSEGURO O ÊXITO DO CONSELHO DOS MEUS MENSAGEIROS. QUE DIGO A JERUSALÉM: 'TU SERÁS REABITADA 'E ÀS CIDADES DE JUDÁ: 'VÓS SEREIS RECONSTRUÍDAS 'E REERGUEREI AS RUÍNAS DE JERUSALÉM, QUE DIGO AO OCEANO SECA-TE, EU FAREI SECAR OS TEUS RIOS' QUE DIGO A CIRO: 'MEU PASTOR' . ELE CUMPRIRÁ A MINHA VONTADE DIZENDO A JERUSALÉM: 'TU SERÁS RECONSTRUÍDA 'E AO TEMPLO: 'TU SERÁS RESTABELECIDO'¹⁷⁹

¹⁷⁸ Isa 44, 22-23

¹⁷⁹ Isa 44, 24-28

As Narrativas de José do Egito No Midrash

São três as informações que podemos tirar sobre a restauração messiânica através desta passagem, primeiramente que ela iria ocorrer de forma a confundir a ciência humana, indo além do que os sábios e áugures¹⁸⁰ poderiam prever. Segundo que essa restauração seria uma restauração física de um reino, uma vez que a cidade de Jerusalém seria reconstruída, assim como as cidades de Judá, e o próprio Templo teria de ser restabelecido. Mais do que isso, a estranha figura de Ciro, imperador da Pérsia, como instrumento nas mãos de Deus para que isso fosse feito.

Essa redenção, segundo Isaias seria eterna:

"MAS ISRAEL SERÁ SALVO POR IAHWEH, COM UMA SALVAÇÃO ETERNA, NÃO SEREIS CONFUNDIDOS NEM HUMILHADOS POR TODO O SEMPRE."¹⁸¹

Scholem nos coloca sobre Isaias : "Isaias conhece apenas um único mundo, no qual tanto os grandes acontecimentos como o fim dos dias aconteceria. A escatologia é de uma característica nacional, fala sobre o restabelecimento da casa de Davi, agora em ruínas, e de uma futura glória para o Israel retornando a Deus, também, mas em última instância, o virar-se de todas as nações para o um Deus de Israel e para longe de seus cultos e imagens." ¹⁸²

Entretanto a restauração do Templo e da cidade de Jerusalém , embora tenham realmente acontecido, não ocorreram da forma como estava descrito no livro de Isaias. Principalmente no que diz respeito à grandeza de Israel e à volta de todas as nações para a crença do Deus único. Igualmente o grande reino de Israel, que venceria os seus inimigos, tomou mais a característica de uma

¹⁸⁰ Os que tiravam os augúrios, ou seja, os adivinhos.

¹⁸¹ Isa 45, 17

¹⁸² SCHOLEM, Gershom, *The Messianic Idea in Judaism*, p.6

As Narrativas de José do Egito No Midrash

província dentro do Império Persa, especialmente após a conquista deste pelos Greco-Macedônicos, terminando pelos imensos conflitos gerados com a ocupação romana da região.

A ocupação romana de Israel foi imensamente conturbada, especialmente pela deificação da figura do imperador. Reis hebreus que tinham seu poder baseado em Roma mais do que no próprio povo, a cobrança dos impostos, a reforma do 2o Templo, culminando com a destruição deste no ano 70DC

Nesta época o messianismo toma uma caráter plural. Ao invés de tudo gradativamente ir se consumando aos poucos para um reino reformado, parecia que o revés romano seria constante. Foram vários os grupos de pensamento surgidos nesta época. Entre eles os essênios, o messianismo de Qumran¹⁸³ e o messianismo farisaico, que mais propriamente é o que está presente no *Midrash Rabbah*.

Segundo Nachman Falbel em seu artigo "Sobre o Messianismo Judaico Medieval" escrito para a *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, de tema *Leitura Judaica e Releitura Cristã da Bíblia*: "O Messias como personalidade escatológica começa a tomar corpo no período do Segundo Templo, quando a salvação de Israel surge como uma concepção corrente na literatura apocalíptica assim como aparece no livro apócrifo de Tobias, no qual se expressam os anseios da salvação de Jerusalém, do retorno da diáspora e da conversão das nações ao Deus de Israel. O mesmo podemos encontrar nos livros de Berr-Sira e Daniel. No Apocalipse Baruc (70-110EC) O messias deveria surgir durante o assim chamado quarto império, identificado como o Romano, e o levar à sua destruição"

Ao mesmo tempo que o messianismo ia se formando enquanto idéias pessoas começavam a conseguir seguidores intitulando-se os messias

¹⁸³ O messianismo de Qumran, por exemplo, segundo monografia de Clarisse Ferreira da Silva, seria considerada bicéfala por "compartilhar harmonicamente a idéia entre os Messias de Aarão e os de Israel. O messianismo sacerdotal seria proeminente, mas jamais conflitante com o messianismo laico" SILVA, Clarisse Ferreira, *O Comentário (Peshar) de Habacuc: A comunidade de Qumran reinterpreta o passado*, p.170

restauradores. Mostrando que o caráter temporal do messianismo não é deixado de lado, especialmente no que se refere à formação de uma monarquia que não seria destruída. É o caso de Judá, o Galileu, na época de Flávio Josefo ou Bar-Cochba, líder da sublevação contra os romanos nos anos 132-135, tendo esse último recebido inclusive o endosso do R' Akiba.¹⁸⁴

No século III e posteriores, a esperança de uma revolta armada que conseguisse a união e independência do povo hebreu e uma restauração monárquica e do templo por meios naturais pareciam cada vez mais distantes. Neste séculos, tanto as figuras literárias utilizadas para descrever o messianismo, assim como os exemplos históricos que teremos serão dotados cada vez mais de caráter sobrenatural ou místico.

Em termos de exemplos históricos temos Moisés de Creta, entre o ano de 440DC e 470DC que "prometia conduzir os judeus a pé, através do mar, à terra prometida, sendo que muitos morreram"¹⁸⁵. E também em 721DC Serenus que prometia levar o povo pelo ar à terra Santa.¹⁸⁶

Em termos literários teremos como eixo principal o messianismo presente no *Midrash Rabbah*, já que é este o principal documento deste trabalho, embora toda a literatura midráshica medieval seja repleta de elementos messiânicos, quando estes não são o assunto principal.

O *Midrash Rabbah* possui muitas referências ao messianismo, algumas já foram tratadas neste trabalho, como por exemplo a questão das taças da salvação. Vimos, inclusive que as citações que levam ao pensamento messiânico normalmente não tem qualquer vínculo claro com ele.

A citação abaixo é o comentário da primeira parte do versículo 14 do capítulo 43 de gênesis

¹⁸⁴ FALBEL, Nachman, "Sobre o messianismo judaico medieval", in *leitura judaica e releitura cristã da bíblia*, p.455

¹⁸⁵ *Chronicon Vedastinum, Monumenta Germaniae Historica*, cit in FALBEL, Nahcman, "Sobre o messianismo judaico medieval" in *leitura judaica e releitura cristã da bíblia*, p.456

¹⁸⁶ STARR, J, "Le mouvement messianique au début du VIII siècle" in *Revue des Études Juives*, 102, p.81

As Narrativas de José do Egito No Midrash

"QUE EL SHADDAI VOS FAÇA ENCONTRAR MISERICÓRDIA"¹⁸⁷

O versículo continua em um assunto que não absolutamente nada a ver com uma misericórdia geral de Deus com relação aos homens, antes com relação a Jacó pedindo que Deus faça os seus filhos encontrarem misericórdia no olhar do governante do Egito, que havia tomado um dos filhos como refém até trazerem Benjamim. Na verdade o governante era o próprio José, apesar do se pai desconhecer esse fato. Entretanto a interpretação rabínica segue uma linha diversa do simples comentário da torá, como já vimos nos capítulos anteriores.

R. FINEAS COMEÇOU O SEU DISCURSO EM NOME DO R. HANAN DE SÉPORIS: FELIZ É O HOMEM A QUEM O SENHOR CASTIGA, OH SENHOR. AINDA QUE ELE RECLAME O SENHOR ENSINA A SUA LEI. O QUE ESTÁ ESCRITO SOBRE ABRAÃO? E EU TE ABENÇOAREI E ENGRANDECEREI TEU NOME. TÃO LOGO ELE SAIU A FOME O ASSOLOU, E ELE NÃO RECLAMOU OU MURMUROU CONTRA O SENHOR. ENTÃO VOCÊS TAMBÉM, SE O SOFRIMENTO OS AFLIGE ENTÃO NEM RECLAME E NEM TENHA RESENTIMENTOS. R' ALEXANDRE DISSE: NÃO HÁ HOMEM SEM SOFRIMENTO: FELIZ É AQUELE CUJOS SOFRIMENTOS VÊM POR CAUSA DA TORÁ. R' JÓSHUA BEN LEVI DISSE: TODO CASTIGO QUE VEM SOBRE UM HOMEM E O IMPEDE DE ESTUDAR A TORÁ É UM CASTIGO DE REPROVAÇÃO, ENQUANTO TODO O CASTIGO QUE NÃO IMPEDE UM HOMEM DE ESTUDAR A TORÁ SÃO CASTIGOS DE AMOR. O R' JÓSHUA B. LEVI VENDO UM HOMEM CEGO ENGAJADO EM ESTUDAR

¹⁸⁷ O versículo completo seria "Que El Shaddai vos faça encontrar misericórdia junto desse homem e que ele vos deixe trazer vosso outro irmão Benjamim. Quanto a mim, que eu perca meus filhos, se os devo perder.

As Narrativas de José do Egito No Midrash

A TORÁ O ELOGIOU COM AS SEGUINTE PALAVRAS - PAZ A VOCÊ, É UM HOMEM LIVRE. AO QUE O HOMEM EXCLAMA - MAS VOCÊ JÁ OUVIU QUE EU ERA REALMENTE UM ESCRAVO? - NÃO, RESPONDE O RABINO, MAS EU QUIS DIZER QUE VOCÊ SERÁ UM HOMEM LIVRE NO FINAL DOS TEMPOS. R' JUDÁ OBSERVOU: ESTÁ ESCRITO: SE FIZER CAIR UM DENTE DO SEU ESCRAVO OU UM DENTE DE SUA SERVA, DAR-LHE-Á A LIBERDADE PELO SEU DENTE. QUANTO MAIS ENTÃO LHE SERÁ DADO PELO SEU SOFRIMENTO NO FINAL DOS TEMPOS. R' FINEAS DISSE EM NOME DO R' HOSHAIA: FELIZ É O HOMEM A QUEM TU CASTIGA, OH SENHOR. NÃO ESTÁ ESCRITO SENHOR COM O TETRAGRAMA MAS SENHOR YAH É COMO SERÁ SENTENCIADO POR UM JUIZ E CHORARÁ. QUE ASSIM SEJA. POIS DA MESMA MANEIRA NOSSO PAI JACÓ OROU: ELE QUE VAI DIZER CHEGA AOS NOSSOS SOFRIMENTOS NO FUTURO, QUE ELE DIGA "CHEGA" AOS MEUS SOFRIMENTOS, E QUE DEUS, TODO PODEROSO DÊ A SUA MISERICÓRDIA" ¹⁸⁸

Temos nesse excerto uma intensa riqueza e alguns elementos para isolar. Primeiramente parece claro que os sábios do *midrash* acreditavam em um final dos tempos. Obviamente a idéia de final dos tempos está intimamente ligada à idéia messiânica. Entretanto esse final dos tempos não poderia ser um simples advir de um rei por meios naturais. Isso se prova especialmente que não é simplesmente o final dos tempos, mas este final dos tempos, de alguma forma, ocorreria com a ressurreição dos mortos (ou de alguma outra forma que os mortos pudessem continuar a sua existência) . Isso pode ser claramente percebido pela passagem do escravo. Quando lhe é dito que no final dos tempos ele então seria livre. Certamente desta passagem não podemos entender que o

¹⁸⁸ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 92, 1

final dos tempos seria tão breve que o escravo ainda em vida seria libertado, especialmente pois no momento da compilação do *Midrash Rabbah* Joshua Ben Levi, autor da afirmação já estava morto há várias décadas. Assim sendo a liberdade de tal escravo só poderia se dar através de uma nova vida ou ressurreição final dos mortos.

Mais do que isso, aparece a clara idéia de que o sofrimento vivido pelo povo seria convertido em glórias futuras para esses, glórias que viriam justamente neste final dos tempos. Se pela Lei a dor da perda de um dente já seria revertida em liberdade então a dor do sofrimento pelo qual o povo estava passando no momento desta compilação e séculos anteriores certamente marcaria algo imenso para este tempo.

Temos inclusive uma interpretação mística através da troca e significado específico de cada letra que imbui à não utilização do tetragrama YHWH¹⁸⁹ à forma utilizada na torá referindo ao chamado de Jacó à Deus. Sem entrar em detalhes de qualquer interpretação mística, como já foi explicado na introdução, o importante é perceber que a forma utilizada se referia ao fim do sofrimento. O fim certo para o futuro, e que Deus pudesse dar o fim também no presente, através da misericórdia, que é o tema principal do excerto.

Há no começo do excerto a citação do salmo 94

"FELIZ O HOMEM A QUEM CORRIGES, IAHWEH, A QUEM
ENSINAS POR MEIO DE TUA LEI"¹⁹⁰

Este salmo começa da seguinte forma

"IAHWEH, Ó DEUS DAS VINGANÇAS
APARECE, Ó DEUS DAS VINGANÇAS

¹⁸⁹ A explicação do tetragrama aparece na parte introdutória desta obra

¹⁹⁰ Sl 94,12

As Narrativas de José do Egito No Midrash

LEVANTA-TE Ó JUIZ DA TERRA

DEVOLVE O MEREcido AOS SOBERBOS

ATÉ QUANDO OS ÍMPIOS, IAHWEH,

ATÉ QUANDO OS ÍMPIOS IRÃO TRIUNFAR

ELES TRANSBORDAM EM PALAVRAS INSOLENTES

TODOS OS MALFEITORES SE GABAM"

Um pensamento de justiça para quem sofria as perseguições, totalmente adequado ao momento de escrita do *Midrash Rabbah*. Ressaltando assim outro elemento do messianismo judaico, a justiça, que seria cumprida quando enfim a era messiânica chegasse.

Ainda assim, entretanto, esse salmo não poderia ser completamente correspondido à salvação messiânica no estrito sentido, sendo que a sua continuação se dá da seguinte forma

"É TEU POVO, IAHWEH, QUE ELES MASSACRAM,

É TUA HERANÇA QUE ELES HUMILHAM,

MATAM A VIÚVA E O ESTRANGEIRO

E AOS ÓRFÃOS ASSASSINAM"

Certamente este salmo estava falando de pessoas de dentro de Israel que tinham o comportamento dos ímpios, pois senão que sentido faria dizer que eles matam o estrangeiro, se fossem eles mesmos um povo estrangeiro.

Também é importante ressaltar que, apesar disso, o aparecimento da palavra estrangeiro no salmo apenas remonta ainda mais forte o seu caráter messiânico durante a época medieval, pois era exatamente o estatuto que os

As Narrativas de José do Egito No Midrash

judeus tinham onde quer que habitassem: estrangeiros, seja nas terras islâmicas, seja nas terras católicas.

A idéia de justiça que não deixará de vir no momento certo permanece pelo restante do salmo

QUEM PLANTOU O OUVIDO NÃO OUVIRÁ?

QUEM FORMOU O OLHO NÃO OLHARÁ?

QUEM EDUCA AS NAÇÕES DO MUNDO NÃO PUNIRÁ

(...)

ELE FARÁ SUA INIQUIDADE RECAIR SOBRE ELES

E OS DESTRUIRÁ POR SUA PRÓPRIA MALDADE

IAHWEH NOSSO DEUS OS DESTRUIRÁ!¹⁹¹

O comentário dos rabinos do *Midrash Rabbah* continuam por mais um parágrafo:

ASSIM TODO FIEL SUPLICARÁ A TI NO TEMPO DA ANGÚSTIA. ZADBI BEN LEVI, R' JÓSHUA BEN LEVI E R' JOSÉ BEN PATRUS CADA UM FAZ UMA COLOCAÇÃO QUE OS TEXTOS ABAIXO ENQUANTO ELE IA MORRENDO. UM COLOCOU: POR ISSO DEIXE QUE SE FAÇA UMA BOA ORAÇÃO AO SENHOR, O OUTRO COLOCOU: E O SENHOR PREPARA UMA MESA DIANTE DE MIN NA PRESENÇA DOS MEUS INIMIGOS; UNGES MINHA CABEÇA COM ÓLEO E MINHA TAÇA TRANSBORDA. E O TERCEIRO COLOCOU: POIS UM DIA EM TUA CORTE É MELHOR DO QUE MIL. OUTROS DIZEM QUE ELE COLOCOU

¹⁹¹ SI 94, 9-10.22-23

As Narrativas de José do Egito No Midrash

OH, QUANTO ABUNDANTE É A TUA BONDADE. O R' FINEAS DISSE EM NOME DO R' HOSHAYA: OH SANTO, ABENÇOADO SEJA, PEGOU OS PASSOS DE NOSSO PAI JACÓ E O FEZ IR DIANTE DO MAR, DIZENDO A ELE: VEJA OS MILAGRES QUE EU FAREI PARA OS SEUS FILHOS, POIS ESTÁ ESCRITO, QUANDO ISRAEL SAIU FORA DO EGITO, O QUE ALUDE A ISRAEL O PATRIARCA. R' HUNA DISSE EM NOME DO R' AHA. ELE FICOU DE PÉ DIANTE DE TODOS OS PATRIARCAS NO MAR ENQUANTO DIZIA: FRENTE A SEUS PAIS ELE REALIZOU MARAVILHAS. ISSO SIGNIFICA NO MOMENTO EXATO DA JUSTIÇA. TAMBÉM QUANDO A ALMA ESTÁ SENDO PRESSIONADA PELO CORPO, E POR ÚLTIMO, QUANDO O ACERTO FINAL DE CONTAS OCORRER. POIS QUANDO JACÓ VIU QUE ESSE ACERTO DE CONTAS ESTAVA COMPLETO ELE CHOROU COM INTENSIDADE ESSAS SÚPLICA : E QUE DEUS, TODO PODEROSO DÊ A SUA MISERICÓRDIA¹⁹²

Esse é um texto de intensa complexidade pois traz em si um emaranhado de citações de versículos de salmos. A primeira frase está presente no salmo 32.

"ASSIM, TODO FIEL SUPLICARÁ A TI NO TEMPO DE ANGÚSTIA
MESMO QUE AS ÁGUAS TORRENCIAIS TRANSBORDEM JAMAIS
O ATINGIRÃO"¹⁹³

Embora esteja presente em um novo parágrafo tal citação parece continuação da anterior, demonstrando que quando houvesse o final de contas, quando houvesse o "chega" aos sofrimentos, isso não traria qualquer peso sobre

¹⁹² Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 92, 2

¹⁹³ Sl 32, 6

o que é fiel. Ou ainda, que a fé daria ao fiel e condição de mesmo em tempos adversos sobreviver até a chegada do fim dos tempos. Ou seja, mesmo que os problemas viessem de forma torrencial sempre haveria um refúgio¹⁹⁴

Os versículos anteriores do mesmo salmo podem dar mais algumas informações sobre esse pensamento:

CONFESSEI A TI O MEU PECADO, E MINHA INIQUÍDADE NÃO TE ENCOBRI, EU DISSE: VOU A IAHWEH CONFESSAR A MINHA INIQUÍDADE E TU ABSOLVESTES A MINHA TRANSGRESSÃO E PERDOASTE O MEU PECADO.¹⁹⁵

O que é fiel sobreviverá, mas também aquele que estava vivendo em transgressão tem formas para voltar à condição de fiel, confessando a sua iniquidade e cumprindo novamente as leis que se recaem sobre ele.

Não há qualquer conexão aparente sobre estes fatos com a morte de Jacó, a não ser o final do próprio parágrafo que mostra que tal discussão proveria do que este viu momentos antes de sua morte. Apesar da apresentação do pensamento não há uma explicação de como ele se constitui e nenhuma dica para tal pelas citações dadas da *torá*.

A citação do primeiro rabino, Zabdi ben Levi provavelmente pertença aos salmos, embora este trabalho não tenha conseguido localizar com precisão essa citação. Há a possibilidade que seja uma alusão ao salmo 147, mas apresenta algumas discrepâncias. O salmo citado é

LOUVAI A IAHWEH, POIS É BOM CANTAR AO NOSSO DEUS,
DOCE É O LOUVOR

¹⁹⁴ A continuação do salmo é "Tu é um refúgio para mim, me preservas da angústia e me envolves com cantos de libertação"

¹⁹⁵ Sl 32, 5

As Narrativas de José do Egito No Midrash

Entretanto, para evitar erros é melhor que não se opte por essa possibilidade, deixando esta citação como desconhecida. A segunda citação, por sua vez é referente ao salmo 23.

IAHWEH É MEU PASTOR, NADA ME FALTA,
 EM VERDES PASTOS ME FAZ REPOUSAS
 PARA AS ÁGUAS TRANQUÍLAS ME CONDUZ
 E RESTAURA AS MINHAS FORÇAS
 ELE ME GUIA POR CAMINHOS JUSTOS
 POR CAUSA DO SEU NOME
 AINDA QUE EU CAMINHE POR UM VALE TENEBROSO
 NENHUM MAL TEMEREI, FOIS ESTÁS JUNTO A MIM
 TEU BASTÃO E TEU CAJADO ME CONSOLAM
DIANTE DE MIM PREPARAS UMA MESA
À FRENTE DOS MEUS INIMIGOS,
UNGES MINHA CABEÇA COM ÓLEO
E MINHA TAÇA TRANSBORDA.
 SIM, FELICIDADE E AMOR ME SEGUIRÃO
 TODOS OS DIAS DA MINHA VIDA,
 MINHA MORADA É A CASA DE IAHWEH
 POR DIAS SEM FIM¹⁹⁶

Esta citação mostra a certeza do sobreviver apesar das adversidades, e mais do que isso, uma espécie de carinho especial que dá a cada um dos que segue o seu caminho certa tranquilidade, ainda que diante da mesa dos seus próprios inimigos.

¹⁹⁶ Sl 23, 1-6, a parte grifada é a citada no Midrash Rabbah

As Narrativas de José do Egito No Midrash

O salmo termina com a afirmação de que a morada do salmista é a casa do Senhor, por dias sem fim, mais uma afirmação que daria a entender que o final do tempos traria em si não apenas uma transformação, para que após isso se desse uma continuidade de transformações. Mas pelo contrário, que o final dos tempos traria uma situação definitiva, por dias sem fim.

A terceira citação é referente ao salmo 84

"SIM, MAIS VALE UM DIA EM TUA CORTE"¹⁹⁷ QUE MILHARES A MEU MODO, FICAR NO UMBRAL DA CASA DO MEU DEUS QUE HABITAR NAS TENDAS DO ÍMPIO."¹⁹⁸

A última citação desta lista se refere ao salmo 31, 20.

Aparentemente a colocação de Jacó parado diante das águas se refere a continuação do salmo já citado. As outras citações são Salmo 114,1, para "quando Israel saiu do Egito" e Salmo 78,12 para "frente a seus pais Ele realizou a maravilha"

Alguns aspectos aqui merecem especial atenção. O final dos tempos não estava apenas ligado a um acontecimento futuro, pelo contrário já estaria escrito por Deus, de modo que os patriarcas já teriam visto, no momento da saída do povo do Egito todo o fim que o povo teria. Conforme cita o *midrash*, os patriarcas teriam visto o momento exato da justiça, mas também o momento da dor, de forma que Jacó teria, por esse motivo suplicado pela piedade de Deus. Ou seja, o período messiânico somente viria após muita dor por parte de todo o povo, dor essa que pareceria inacabável, mas que, enfim, terminaria com a redenção messiânica. Crença que ajudava a sobreviver nas condições adversas que eles sofriam naqueles momentos e séculos seguintes.

¹⁹⁷ A tradução da bíblia de Jerusalém marca como "em seu átrio"

¹⁹⁸ Sl 84, 11

O salmo 78 é o segundo maior dos salmos, com 78 versículos¹⁹⁹. Em seu corpo ele reconta toda a história do povo de Deus desde a eleição. Mas o tema principal não é a grandeza do Deus que ajudava o povo, mas sim a ingratidão de tal povo, que a cada milagre pedia um novo, que mal havia se saciado com uma vitória já chorava as dores da falta de uma nova vitória. E que assim a cada uma Deus ia realizando, desde as pragas do Egito, até o carinho em dar o pão no deserto, água no deserto e por fim até carne, vinda de aves enviadas para os alimentar. No salmo, a partir do versículo 30, Deus começa a aos poucos ir trocando os milagres por punições, e pelas punições muitos se convertem, mas não convertem o seu coração, purificam as suas bocas, mas não as suas línguas²⁰⁰. Então cada vez mais as punições vem vindo, e quanto mais elas chegam mais o povo vai enfim aceitando a conversão. O salmo termina com a construção do Templo por Davi e a condução do povo pelo sábio rei.

Esse salmo também mostra um resumo do pensamento messiânico, substituindo, é claro, a construção do Templo pela sua reconstrução, e a figura de Davi, o rei sábio e justo, pela figura do messias vindouro.

Ainda assim, mais um parágrafo é inteiramente dedicado aos tempos messiânicos. Seguindo então o *Midrash Rabbah* temos:

O R' JOSHUA BEN LEVI INTERPRETOU ESSA PASSAGEM²⁰¹ COM REFERÊNCIA AOS EXÍLIOS : E QUE DEUS, TODO PODEROSO DÊ A SUA MISERICÓRDIA. CONCEDEU-LHES MOVEREM-SE DE COMPAIXÃO TODOS AQUELES QUE OS MANTINHAM CATIVOS. DIANTE DO HOMEM, ALUDE AO SANTO, BENDITO SEJA, POIS ESTÁ DITO: O SENHOR É UM HOMEM DE GUERRA. QUE ELE POSSA SOLTAR O SEU IRMÃO, REFERIA-SE A TODAS AS 10 TRIBOS. O

¹⁹⁹ Só perde para o salmo 119 com 176 versículos

²⁰⁰ Versículo 36 e 37

²⁰¹ ainda se referindo à primeira parte do versículo 14 do capítulo 43

As Narrativas de José do Egito No Midrash

OUTRO E BENJAMIM, PARA AS TRIBOS DE JUDÁ E BENJAMIN. QUANTO A MIM, QUE EU PERCA OS MEUS FILHOS SE EU DEVO PERDER, NA DESTRUÇÃO DO PRIMEIRO TEMPLO, COMO EU POSSO PERDER, NA DESTRUÇÃO DO SEGUNDO TEMPLO, MAS EU NÃO OS PERDEREI JAMAIS.²⁰²

Esta citação traz muitas informações, embora não seja tão completa quanto as outras. Existem apenas duas citações a outros textos bíblico, o restante são apenas alusões à própria continuação do versículo citado do livro do gênesis. A primeira inserção é novamente de um salmo:

LEMBROU-SE DE SUA ALIANÇA COM ELES(POVO)
 E MOVEU-SE POR SEU GRANDE AMOR
CONCEDEU-LHES MOVEREM-SE DE COMPAIXÃO
TODOS AQUELES QUE OS MANTINHAM CATIVOS
 SALVA-NOS IAHWEH NOSSO DEUS
 CONGREGA-NOS DENTRE AS NAÇÕES
 PARA QUE CELEBREMOS TEU NOME SANTO
 FELICITANDO-NOS COM TEU LOUVOR
 BENDITO SEJA IAHWEH, DEUS DE ISRAEL
 DESDE SEMPRE E PARA SEMPRE
 E TODO O POVO DIRÁ: AMÉM!²⁰³

E a segunda inserção feita é um pequeno excerto do livro do êxodo:

IAHWEH É UM HOMEM DE GUERRA, IAHWEH É O SEU NOME²⁰⁴

²⁰² Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 92, 3

²⁰³ Sl 106, 45-48

O salmo citado fala sobre a libertação que o povo consegue sob comando de Davi após tanto sofrimento na terra estrangeira, no caso o Egito. Mas sofrimento no estrangeiro esse que é repassado, neste momento para o que estavam tendo neste período durante a Idade Média, sem ter sua própria nação, e divididos entre outros povos.

A segunda citação, êxodo 15,3 faz parte de um cântico de vitória cantado por Moisés e todo o povo após conseguirem passar pelo meio do mar, fugindo do exército do Faraó.

O restante é uma interpretação modificada do versículo original, que é:

"E QUE DEUS, TODO PODEROSO DÊ A MISERICÓRDIA JUNTO DESSE HOMEM E QUE ELE VOU DEIXE TRAZER VOSSO OUTRO IRMÃO E BENJAMIM. QUANTO A MIM, QUE EU PERCA MEUS FILHOS, SE OS DEVO PERDER"²⁰⁵

Assim sendo, segundo a interpretação rabínica, o homem ao qual Deus deveria dar misericórdia seria o próprio Deus. Misericórdia por causa de todas as transgressões que estavam sendo cometidas pelo povo, que mesmo conseguindo sobreviver e ganhando salvação de problemas que destruiriam a todos continuavam a reclamar. Essa misericórdia seria dada a todos os filhos de Jacó, portanto à todas as 12 tribos criadas pelos seus descendentes, dez representadas pelos irmãos que recebiam aquela mensagem, e mais a tribo de Benjamim e a do "outro irmão" o que completaria as 12.

Entretanto essa passagem cria uma nova lacuna, pois já vimos no capítulo referente ao amor entre irmãos que a interpretação midráshica chegava à

²⁰⁴ Ex 15, 3

²⁰⁵ Gen 43, 14

conclusão que seria Simeão o irmão preso. Assim sendo, por que motivo Judá seria citado aqui enquanto o outro irmão? Judá certamente não poderia estar preso pois alguns versículos antes, no de número 8, ele aparece implorando ao pai que deixasse levar Benjamim. Na verdade o próprio texto da *torá* deixa claro que a escolha havia sido por Simeão o que estaria preso.²⁰⁶ Provavelmente a colocação especial por Judá seja justamente por ser esta a tribo do sucessor de Davi que seria o messias.

Seja como for o pensamento dos rabinos nesse excerto segue claro. Se por duas vezes Deus já havia honrado a sua aliança, libertado o povo do povo opressor, tirado eles da terra estrangeira e os colocado em um reino próprio, se por duas vezes o Templo havia sido construído e mesmo assim os dois templos foram destruídos, que garantia haveria que a nova reconstrução do templo e o fim de mais esse exílio fossem enfim a era messiânica? Era essa onde eles estariam vivendo junto a Deus por dias sem fim. Ou que fosse a chegada do "fim dos tempos" como já vimos no começo do capítulo?

Então, justamente para evitar quaisquer dúvidas que essa redenção fosse a final o parágrafo termina com a afirmação de que a passagem: "que eu perca meus filhos, se os devo perder" seriam da autoria do próprio Deus, e que significaria que se eles vivessem em transgressões, sim que eles se perdessem com a destruição do primeiro templo, então haveria a reconstrução do templo, mas se novamente eles vivessem em transgressões, então que sim, que perdesse os filhos se os devesse perder, mas não pela terceira vez, pois Deus não suportaria ver tudo se desmoronar por uma terceira vez. De forma interessante a questão de que o Terceiro Templo seria o último não aparece com nenhum embasamento em qualquer texto escriturário, seja da *torá* ou dos salmos.

O próximo parágrafo continua com a mesma interpretação, mas desta vez indo de encontro a toda a interpretação que havia sido feita até então. O quarto

²⁰⁶ em Gen 42, 24

As Narrativas de José do Egito No Midrash

parágrafo apenas afirma que na verdade tudo aquilo poderia ter sido dito de forma literal. Que a piedade se referia ao homem governante do Egito, no caso José, que pudessem libertar o seu irmão se referindo a Benjamin e o outro se referindo a Simeão. Igualmente essa última interpretação que não se alonga não apresenta nem mesmo qual seria o rabino de sua autoria.

Outros elementos podem ser encontrados com referência ao messianismo judaico em outros *midrashim* medievais, alguns apenas completando as informações já discutidas até o presente momento neste capítulo, entretanto outros trazem em si informações complementares, é o caso da seguinte passagem do Pirkei do R' Eliazar , também presente no Yalkut Shimoni.

"E TOMA ESSA VARA NA MÃO. A VARA QUE FOI CRIADA NO ANOITECER FOI ENTREGUE AO PRIMEIRO HOMEM NO JARDIM DO ÉDEN, E ADÃO O ENTREGOU A ENOQUE, E ENOQUE O ENTREGOU A SEM, SEM A ABRAÃO E ABRAÃO A ISAAC, E ISAAC A JACÓ, E JACÓ O LEVOU AO EGITO E O ENTREGOU A JOSÉ. E QUANDO MORREU JOSÉ, TODA SUA CASA PASSOU AO PALÁCIO DO FARAÓ. E JETRO²⁰⁷ ERA UM DOS MÁGICOS DO EGITO, E VIU A VACA E OS SINAIS SOBRE ELA E A DESEJOU DO FUNDO DO CORAÇÃO, E A PEGOU E A LEVOU E A PLANTOU NO JARDIM DE SUA CASA, E NENHUM HOMEM PODIA SE APROXIMAR DELA, ATÉ QUE VEIO MOISÉS À TERRA DE MIDIAN, E ENTROU NO JARDIM DE SUA CASA E VIU A VARA E LEU AS LETRAS QUE ESTAVAM ESCRITAS SOBRE ELA, E ESTENDEU A MÃO E A PEGOU. JETRO VIU E DISSE. ESTE É O QUE REDIMIRÁ FUTURAMENTE ISRAEL DO EGITO, E POR ISSO LHE DEU SUA FILHA ZÍPORA COMO MULHER"²⁰⁸

²⁰⁷ Ex 3,1 – Trata-se do sogro de Moisés – “sacerdote de Midiã”

²⁰⁸ H. n. bialik e I, h, ravnitzky, *Sefer ha-Agadá*, p. 48, item 37

Tal passagem demonstra elemento que passará a tomar mais força nas próximas narrativas. A de que Deus teria feito uma vara no momento da criação e tal vara teria escrita em si as letras do nome de Deus, e quem fosse capaz de pronunciar tais letras e assim pronunciar o nome de Deus teria o poder de realizar qualquer milagre que pudesse imaginar. E esta vara, passando de geração em geração teria chegado até as mãos de Moisés, seria então, por isso, que ela teria o poder de abrir o mar, ou fazer sair água da rocha. Por esse mesmo pensamento a vara teria sido mantida junto com a arca da aliança, tendo sido passada a Davi, e posteriormente a Salomão, e desde então um sucessor da casa de Davi a possuiria passando de geração em geração apenas esperando o momento certo de se manifestar. O messias então seria facilmente reconhecido pela posse de tal artefato.

A questão messiânica cada vez mais vai se enriquecendo de novos elementos, sendo que até os dias de hoje ocasionalmente certos grupos tentam, através do embasamento da tradição, promover que alguém determinado é o messias. Obviamente não é objetivo desta dissertação fazer qualquer menção ou consideração a respeito do messianismo na atualidade

III.3.7 - Simbologia

III.3.7.A. A questão das vestes de José

A veste de José não é um elemento primordial no texto da torá, e mesmo no *Midrash Rabbah* ainda não se apresenta em sua total desenvoltura, estando dissipada em diversas passagens diferentes. Ela vai evoluindo a partir dos *midrashim* posteriores. Ainda assim é possível discernir nesta coletânea todos os elementos básicos para a sua constituição.

A famosa roupa aparece pela primeira vez em Gen 37, 3

"ISRAEL AMAVA MAIS A JOSÉ DO QUE A TODOS OS SEUS OUTROS FILHOS, PORQUE ELE ERA O FILHO DE SUA VELHICE, E MANDOU FAZER-LHE UMA TÚNICA DE MUITAS CORES. SEUS IRMÃOS VIRAM QUE SEU PAI O AMAVA MAIS DO QUE A TODOS OS SEUS IRMÃOS E ODIARAM-NO E SE TORNARAM INCAPAZES DE LHE FALAR AMIGAVELMENTE"

No *Midrash Rabbah* sobre essa passagem há apenas um comentário curto em *Bereshit Rabbah* 84, 8

"R' RESH LAKISH FALA EM NOME DO R' ELEAZAR BEM AZARIAS: UM HOMEM NÃO PODE FAZER DISTINÇÃO ENTRE OS SEUS FILHOS, POR CONTA DA VESTE DE MUITAS CORES QUE O NOSSO ANCESTRAL JACÓ FEZ PARA JOSÉ, ELES O ODIARAM"

O parágrafo seguinte continua a discussão não mais ligada ao texto da torá, mas sim nas letras que compõe a expressão: veste de muitas cores. De modo que cada uma daquelas letras seria uma espécie de previsão de um dos males que atormentaria José no decorrer de sua vida, sendo, portanto, todos aqueles males decorrentes da veste que havia recebido. Por fim, terminando em uma demonstração que a própria idéia de muitas cores em si já mostrava divisão.

Analisando com mais calma os elementos citados então teremos. A veste é o símbolo de um amor superior de Jacó por José, ao mesmo tempo que causa divisão entre os irmãos também é a fonte dos males que José iria sofrer. A veste, de muitas cores, era algo raro, especialmente para um povo que vivia como pastor, em uma terra distante dos grandes centros urbanos da época, era portanto um luxo. Nenhum dos outros irmãos recebe uma veste especial, na verdade em todo o gênesis este é o único momento em que há um adjetivo especial para uma roupa de alguém.

Esta roupa especial dada como prova de um amor maior do que aos outros certamente traria a José a idéia de que ele era especial, mas junto com essa idéia recairia sobre ele o orgulho. Certamente a idéia de orgulho não aparece de forma literal na torá e nem na citação feita do *Midrash Rabbah*, mas aparece, neste mesmo *midrash* em momentos posteriores, como por exemplo

"ISSO PODE SER ILUSTRADO POR UM HOMEM QUE ESTÁ SENTADO NA RUA, PINTANDO OS SEUS OLHOS, ENCARACOLANDO OS SEUS CABELOS E LEVANTANDO OS SEUS CALCANHARES ENQUANTO EXCLAMA A SI MESMO: EU SOU REALMENTE UM HOMEM"²⁰⁹

²⁰⁹ Midrash Rabbah, Bereshit Rabbah, 87, 3

As Narrativas de José do Egito No Midrash

Esta referida passagem apresenta-se antes de José ser aliciado pela esposa de Putifar, conforme o capítulo tentação já apresentou. Mas é importante mostrar como a idéia de um José orgulhoso, cheio de si, aparece presente em todo o *Midrash Rabbah*, sendo este praticamente o seu principal defeito. A própria Torá deixa transparecer a idéia de um José orgulhoso, especialmente no contato com os seus irmãos. Onde, ao invés de se revelar de imediato ele cria todo um espetáculo de prisões e solturas, falsos roubos e falsas acusações, até que em fim seu coração seja quebrantado e um imenso choro e por fim revela-se.

Seja como for, a veste multi-colorida como símbolo do orgulho de José parece bem aceitável. Entretanto o desdobrar de tal idéia não é pequeno. Se realmente o orgulho de José seria o principal causador de problemas durante a sua vida, tanto a irveja causada entre os irmãos, como a tentação de Zuleica, esposa de Putifar, como a tentação de não se revelar aos seus irmãos, entre tantas outras, então, de alguma forma, o orgulho deveria ser arrancado de José para que este pudesse cumprir os desígnios de Deus.

Assim sendo antes de José ser jogado no poço suas vestes lhe são arrancadas.

"ASSIM, QUANDO JOSÉ CHEGOU JUNTO DELES, DESPOJARAM-NO DE SUA TÚNICA, A TÚNICA ADORNADA QUE ELE VESTIA, ARREMESSARAM-SE CONTRA ELE E O LANÇARAM NA CISTERNA; ERA UMA CISTERNA VAZIA, ONDE NÃO HAVIA ÁGUA"²¹⁰

No *Midrash Rabbah*, *Bereshit Rabbah* 84, 16, aparece apenas uma discussão sobre quem seria aquele que teria tirado a túnica de José, chegando à conclusão de que somente poderia ter sido Simeão, a questão da escolha de Simeão está melhor explicada no capítulo específico sobre Simeão e Manasses.

²¹⁰ Gen 37, 26-27

As Narrativas de José do Egito No Midrash

Mas uma vez que a veste de José pode ser interpretada como símbolo de seu orgulho, a retirada de sua túnica seria então o despir-se de tal orgulho. E é justamente o que vai acontecer com José a partir deste determinado momento, uma vez que nu será jogado no poço, onde ficará por algum tempo até que por fim seja vendido como escravo, sem dúvida o status mais desqualificado de qualquer orgulho que pode ser imaginado. E assim, como escravo, e não como filho preferido vestindo uma túnica multicolorida é que chegará ao Egito.

O episódio de José sendo jogado no poço, por sua vez, apresenta uma ampla discussão midráshica. Especialmente pelo texto da torá apresentar aqui um elemento estranho.

"ERA UMA CISTERNA VAZIA, ONDE NÃO HAVIA ÁGUA"

Ora, se era uma cisterna vazia, obviamente não poderia haver água. Então qual o motivo da dupla colocação na torá. Por que motivo, Deus, autor da torá, iria se repetir? Como já vimos nos capítulos introdutórios isso irá criar uma demanda de esforço dos rabinos para explicar a possível repetição.

"HAVIA NA VERDADE DOIS POÇOS. REALMENTE NÃO HAVIA ÁGUA NELES, MAS UM COM COBRAS E SERPENTES, OUTRO CHEIO DE PEDRAS . MAS O R' AHA INTERPRETA AINDA: E O POÇO ESTAVA VAZIO, LOGO O POÇO DE JACÓ HAVIA SIDO ESVAZIADO. NÃO HAVIA ÁGUA NELE, NA VERDADE ISSO SIGNIFICA QUE NÃO HAVIA ENSINAMENTOS DA TORÁ NAQUELE QUE NÃO HAVIA ÁGUA, POIS OS ENSINAMENTOS DA TORÁ SÃO COMO ÁGUA, ENQUANTO VOCÊ LÊ A SUA SEDE É SATISFEITA."²¹¹

²¹¹ Midrash Rabbah, Bereshit Rabbah, 84, 16

As Narrativas de José do Egito No Midrash

Sendo assim, segundo a tradição rabínica haveriam dois poços. Um onde simplesmente não havia água, mas estaria, portanto, repleto de escorpiões e cobras, o outro que realmente estaria vazio. José foi jogado no poço vazio. Desta forma ele pôde sobreviver a ser vendido como escravo ao Egito. A idéia da venda de José, então, já preparada por Deus, não era fazê-lo sofrer e nem destruir a sua vida como punição de seu orgulho, mas apenas arrumar uma forma de fazê-lo se despir de tal. Assim sendo ele é jogado no poço seguro. Mais do que isso, o outro poço, onde simplesmente não havia água, seria o poço onde não habitaria a torá, que sacia. Ou seja, José nunca está desamparado de Deus e de sua Lei, mas ao contrário está sob sua proteção, o que é representado no momento em que os rabinos dão como certeza que o poço que estava vazio, só estava assim pois havia sido esvaziado. Aqui não importa quem o teria esvaziado, Jacó, os irmãos ou o próprio Deus, mas que esta não era a condição inicial dele, e apenas assim ficou para receber José, desnudo de seu orgulho, mas sem qualquer perigo contra a sua vida.

Após a venda de José, já desprovido de seu orgulho, as vestes continuam presentes em Gênesis 37, mesmo quando o seu antigo dono não está mais sendo mencionado. Após a venda :

"ELES TOMARAM A TÚNICA DE JOSÉ E, DEGOLANDO UM BODE, MOLHARAM A TÚNICA NO SANGUE. ENVIARAM A TÚNICA ADORNADA, FIZERAM-NA LEVAR A SEU PAI COM ESSAS PALAVRAS: EIS O QUE ENCONTRAMOS! VÊ SE É OU NÃO A TÚNICA DE TEU FILHO. ELE OLHOU E DISSE: É A TÚNICA DE MEU FILHO. UM ANIMAL FERROZ O DEVOROU. JOSÉ FOI DESPEDAÇADO! JACÓ RASGOU SUAS VESTES, CINGIU SEUS RINS COM UM PANO DE SACO E FEZ LUTO POR SEU FILHO DURANTE MUITO TEMPO"²¹²

²¹² Gen 37, 31-34

A túnica, enquanto símbolo do orgulho de José ainda teria de ser morta. Isso é feito de forma simbólica quando a túnica é imersa no sangue do bode e então entregue ao seu pai, Jacó. O choro em desespero de Jacó de ver o seu filho morto vê apenas a túnica adornada que ele mesmo havia dado, símbolo de seu amor superior a José em detrimento ao dos demais filhos.

No *Midrash Rabbah* aparece ainda uma tentativa de explicar que Jacó não teria sido enganado, e quando ele fala que uma besta selvagem havia devorado José, isso na verdade era uma profecia com relação ao que aconteceria quando a mulher de Putifar o atacasse.²¹³

José portanto é vendido como escravo, desprovido de sua veste e de seu orgulho, como escravo é bem recebido aos olhos de seu dono, Putifar, e pouco a pouco vai galgando escalas de reconhecimento até que, ainda sendo escravo, passa a controlar toda a propriedade dele. Então, neste novo momento de sua vida novamente o orgulho bate-lhe à porta, já vestido e com a vida recuperada, José poderia estar pronto para vestir novamente a veste de orgulho, ainda que aquela primeira vez multicolorida estivesse destruída.

Esse é o episódio onde a esposa de Putifar, Zuleica, começa a insinuar-se para ele. Como já vimos o episódio que cita José cheio de orgulho, usando maquiagem e dizendo a si mesmo que ele agora era um homem completo está bem aqui, na véspera do ataque de Zuleica. Ou seja, segundo a tradição rabínica ele recuperou o seu orgulho, e novamente vestido deste orgulho não teria condições de cumprir o que lhe estava por esperar.

Novamente as vestes se fazem presentes. Quando Zuleica o pega pela força ele é forçado a despir-se para fugir de sua atacante, e foge nu, desprovido de qualquer orgulho, mas optando por evitar o erro, motivo esse que lhe salva a vida, sendo apenas jogado na prisão.

²¹³ Midrash Rabbah, Bereshit Rabbah, 84, 19

As Narrativas de José do Egito No Midrash

Após essa escolha de não pecar, preferir antes sair nu José recebe o apoio de Deus

"MAS IAHWEH ASSISTIU JOSÉ, ESTENDEU SOBRE A SUA BONDADE E LHE FEZ ENCONTRAR GRAÇA AOS OLHOS DO CARCEREIRO CHEFE"²¹⁴

E é justamente depois desta segunda recusa de seu manto de orgulho é que José estava pronto para realizar o que deveria ser realizado, chegar até o Faraó e trazer o povo de Deus para o Egito, onde ficariam seguros na fome que se abateria sobre toda a região.

²¹⁴ Gen 39, 21

III.3.7.B. Simeão e Manasses

No capítulo relacionado à relação entre irmãos foi mostrada uma relação entre Simeão e Manasses, mas que não chegou a ser explicada naquele momento. Neste presente capítulo haverá o estabelecimento de relações e a tentativa de revelar o que o *midrash* apresenta enquanto conexões. Segue o texto citado no referido capítulo:

"QUANDO O FARAÓ MANDOU OS HOMENS OS IRMÃOS DE JOSÉ OLHARAM O QUE ELE IRIA FAZER:

- JOGUEM ESSE, HOMEM NA PRISÃO - ORDENOU JOSÉ

MAS ELES SE APROXIMARAM DELE, SIMEÃO CHOROU E FALOU ALTO PARA ESTES, E AO OUVIR SUA VOZ ELES FECHARAM SUAS FACES E SEUS DENTES SE QUEBRARAM, POIS ESTÁ DITO 'QUANDO O LEÃO RUGIR NA VOZ DO LEÃO FERROZ OS DENTES DOS LEÕEZINHOS SE QUEBRARÃO'

AGORA MANASSES ESTAVA SENTADO DIANTE DE SEU PAI E O SEU PAI O PEGOU E DISSE:

- LEVANTE-SE

ÍMEDITAMENTE MANASSES SE LEVANTOU, DEU-LHE DEU UM ARCO , O JOGOU NA PRISÃO E O COLOCOU EM GRILHÕES. JOSÉ ENTÃO DISSE A ELES: ELE FICARÁ PRISIONEIRO ATÉ QUE VOCÊS TRAGAM O SEU IRMÃO E A SUA HISTÓRIA SEJA VERIFICADA"²¹⁵

²¹⁵ Midrash Rabbah – Bereshit Rabbah – 91, 6

As Narrativas de José do Egito No Midrash

Conforme já mencionado o trecho "quando o leão rugir, na voz do leão feroz os dentes dos leõezinhos se quebrarão" é uma citação modificada do livro de Jó, capítulo 4, versículo 10. : "o rugido do leão e a voz do leopardo, e os dentes dos filhotes são quebrados"

Por que motivo Simeão é apresentado na figura do leão? Não seria Judá o filho representado através da figura deste animal? Está presente em Gênesis, 49, 8-10 :

"JUDÁ, TEUS IRMÃOS TE LOUVARÃO, TUA MÃO ESTÁ SOBRE A CERVIZ DE TEUS INIMIGOS E OS FILHOS DE TEU PAI SE INCLINARÃO DIANTE DE TI. JUDÁ É UM LEÃOZINHO: DA PRESA MEU FILHO SUBISTE: AGACHA-SE, DEITA-SE COMO UM LEÃO, COMO LEOA: QUEM O DESPERTARÁ? O CETRO NÃO SE AFASTARÁ DE JUDÁ, NEM O BASTÃO DE CHEFE ENTRE SEUS PÉS ATÉ QUE O TRIBUTO LHE SEJA TRAZIDO E QUE LHE OBEDEÇAM OS POVOS"

Já sobre Simeão, no mesmo poema, no versículo 5 a 7 está escrito

"SIMEÃO E LEVI SÃO IRMÃOS, LEVARAM A CABO A VIOLÊNCIA DE SUAS INTRIGAS. QUE MINHA ALMA NÃO ENTRE EM SEU CONSELHO QUE MEU CORAÇÃO NÃO SE UMA AO SEU GRUPO, PORQUE NA SUA CÓLERA MATARAM HOMENS, EM SEU CAPRICHOS MUTILARAM TOUROS. MALDITA SUA CÓLERA POR SEU RIGOR, MALDITO SEU FUROR POR SUA DUREZA. EU OS DIVIDIREI EM JACÓ, EU OS DISPERSAREI EM ÍSRAEL"

Enquanto os outros 10 irmãos são realmente abençoados, a benção que Simeão e Levi recebem não poderia ser propriamente chamada de benção. Na

As Narrativas de José do Egito No Midrash

verdade são colocados em divisão, dispersão, em termos de não se unir ao grupo. Não é apresentado sobre eles nenhum animal específico, como por exemplo: Gazela a Neftali, lobo a Benjamim, serpente a Dã, leão a Judá, jumento a Issacar; ou nenhuma função específica, como: guerreiro a Gad, pão abundante a Aser, rebento fecundo a José, marinheiro sobre os navios a Zabulon.

Talvez uma possível ligação seja justamente a atribuição das características de Simeão às do leão: violência, cólera, furor. Isso poderia ser ainda mais reforçado ao voltarmos à citação feita no *midrash* do livro de Jó. No versículo anterior ao que foi citado, portanto versículo 8 ao 12 está escrito:

"EIS MINHA EXPERIÊNCIA: AQUELES QUE CULTIVAM A INIQUIDADE E SEMEIAM A MISÉRIA SÃO TAMBÉM OS QUE AS COLHEM. AO SOPRO DE DEUS PERECEM, SÃO CONSUMIDOS PELO SOPRO DE SUA IRA. O RUGIDO DO LEÃO É A VOZ DO LEOPARDO, E OS DENTES DOS FILHOTES SÃO QUEBRADOS, MORRE O LEÃO POR FALTA DA PRESA E A CRIA DA LEOA SE DISPERSA. OUVI FURTIVAMENTE UMA REVELAÇÃO, MEU OUVIDO APENAS CAPTOU SEU MURMÚRIO"

Assim sendo a ligação entre as duas passagens seria a ira. Mas ainda que a ira seja o elemento conector em ambas as passagens a ira é posta como um elemento ruim. Na bênção de Jacó ela é o motivo para a retirada da verdadeira bênção sobre Simeão e colocado sobre ele quase uma maldição. Na passagem de Jó já aparece como um elemento ambíguo, pois ao mesmo tempo que é um elemento de destruição, consome, destrói, quebra os dentes e faz morrer pela fome, também é um elemento renovador, pois destrói justamente os que semeiam iniquidade e semeiam miséria.

No *midrash* a ira entretanto parece ser boa, no sentido de que Simeão, pela sua ira, resiste à 70 homens do faraó, e estes não lhe atrevem tocar. A ira então seria o elemento de resistência, que gera respeito, mas pelo temor.

Para que seja mais clara a relação é necessário continuar para o segundo elemento de paralelismo. Por que Manasses foi chamado por José, e ele é que consegue fazer Simeão calar-se?

A primeira ligação entre Manasses e Simeão apresentar-se-ia pela benção dada a Jacó a seus netos, ainda antes da benção dada a seus filhos.

"DEPOIS JACÓ DISSE A JOSÉ: EL SHADDAI ME APARECEU EM LUZA, NA TERRA DE CANAÃ, E ME ABENÇOOU E DISSE: EU TE TORNAREI FECUNDO E TE MULTIPLICAREI, EU TE FAREI TORNAR UMA ASSEMBLÉIA DE POVOS E DAREI ESTA TERRA COMO POSSE PERPÉTUA A TEUS DESCENDENTES. AGORA, OS DOIS FILHOS QUE TE NASCERAM NA TERRA DO EGITO, ANTES QUE EU VIESSE PARA JUNTO DE TI NO EGITO, SERÃO MEUS! EFRAIM E MANASSES SERÃO MEUS, COMO RUBEN E SIMEÃO. QUANTO AOS FILHOS QUE GERASTE DEPOIS DELES, SERÃO TEUS, EM NOME DE SEUS IRMÃOS RECEBERÃO A HERANÇA." (GEN 48, 3-6)

Ainda na continuação da Benção aparece claro que Efraim, mesmo sendo mais novo, deveria ser o primeiro, e Manasses, mesmo sendo primogênito seria o segundo. Assim sendo Manasses assumiria o lugar de Simeão, segundo filho de Jacó.

Como no poema de benção a seus filhos Jacó diz dispersar Simeão então portanto seria justo imaginar que seria Manasses e substituir Simeão. Assim sendo isso estaria mostrado no dramático encontro apresentado no *midrash* onde setenta homens não conseguiriam fazer Simeão calar-se, mas o olhar de

Manasses poderia acalmar a sua ira. Uma espécie de reconhecimento prévio que aquele que lhe aparecia era maior do que ele.

Entretanto isso ainda não pode ser simplesmente definido desta forma pois a própria Torá teria elementos claros que poderiam contestar tal teoria. Pois caso assim fosse não teria de ser Rubem o outro irmão a estar junto com Simeão na dita maldição? Ou senão poder-se-ia supor que seria Levi a ser citado em Gen 48, 5.

Ainda poderia haver um argumento em favor desta teria sendo que também Rúben recebe uma benção não gloriosa, e na verdade ambígua:

"RÚBEN, TU ÉS MEU PRIMOGÊNITO, MEU VIGOR, AS PRIMÍCIAS DE MINHA VIRILIDADE, CÚMULO DE ALTIVEZ E CÚMULO DE FORÇA, IMPETUOSO COMO AS ÁGUAS. NÃO SERÁS O MAIS EXCELENTE PORQUE SUBISTE AO LEITO DE TEU PAI E PROFANASTE MINHA CAMA, CONTRA MIM!" (GEN 49, 3-4)

Entretanto não há qualquer menção à separação dele dos demais irmãos. E ainda que o texto pudesse dar a entender tal possibilidade deveria então haver 3 filhos de José para que substituísse os três filhos de Jacó retirados da benção, o que faz com que tal linha não seja sustentável.

No livro de Deuteronômio, capítulo 33 temos uma poesia de bênção semelhante à que está em Gen 49. Trata-se da benção dada por Moisés às tribos de Israel. Neste poesia temos a seguinte passagem

"QUE RÚBEN VIVA E NÃO MORRA, E QUE SEJA PEQUENO O NÚMERO DOS SEUS HOMENS" (DEU 33, 6)

As Narrativas de José do Egito No Midrash

Desta forma seria possível deduzir que a punição dada aos descendentes de Rúben não seria a destruição, mas sim a redução de seu número, uma espécie de punição intermediária. Igualmente por essa poesia seria possível validar a substituição de Simeão por Manasses, pois na nova poesia não aparece o primeiro em nenhum momento, já Manasses, filho de José aparece em tal benção. Ainda assim uma falha se sobressai nesta teoria. Já que os outros 10 nomes citados além de Manasses e Rúben em tal poesia são: Judá, Levi, Benjamim, José, Efraim, Zabulon, Gad, Dã, Neftali e Aser. Ou seja, Levi, que deveria ter sido excluído pelo mesmo motivo que Simeão o foi não aparece excluído, e pelo contrário, tem sobre uma um destaque sobre as demais tribos. Já a tribo desaparecida é a tribo de Issacar.

Talvez, uma possível solução para este dilema esteja na própria poesia de Jacó. "Simeão e Levi são irmãos" poderia então significar que eles formam uma unidade. Neste caso ambos estariam presentes na poesia de Moisés, representados por Levi, e ambos representados no *Midrash Rabbah*, na figura de Simeão.

A prova de tal linha de pensamento estaria representada na passagem anterior do *Midrash Rabbah* citada :

Então José pegou Simeão e o colocou diante de seus olhos porque era ele que o havia empurrado no poço, e o separou de Levi.

Onde, já que formavam uma unidade, precisaria que a unidade fosse quebrada para que um deles fosse levado à prisão, no caso Simeão. Outro elemento que poderia ser utilizado para corroborar tal pensamento é a questão numérica. Onde são 6 os filhos de Lia, 2 os de Raquel, 2 os de Bala, serva de Raquel e 2 os de Zelfa, serva de Lia. Desta forma, após a poesia seriam 12 os presentes na formação de Israel, 4 os filhos de Lia, ao se excluir Simeão e Levi, 4

os filhos de Raquel, ao se incluir Manasses e Efraim e 4 os filhos de servas, unindo Bala e Zelfa. Sendo assim um conjunto de 3 vezes o número de 4 filhos, ou 4 tribos. Representando o tetragramaton (quatro letras do nome de Deus) em três vezes, simbolizando o triângulo na qual essas letras eram inseridas. Entretanto, conforme já explicar na introdução este trabalho não se vê em condições de adentrar a mística judaica.

Seja como for, o símbolo de um homem com tamanha coragem, representado pela ira de Simeão, que não se cala nem mesmo diante de 70 homens armadas, o exército do faraó, mostra exatamente o símbolo de resistência e coragem necessários para a manutenção do povo judeu durante a época do compilação do *Midrash Rabbah* . Igualmente a força do pequeno Manassés em conseguir calar o irado Simeão o símbolo de obediência necessário para tal sobrevivência.

O fato de Manasses está armado com um arco parece alusão clara ao mesmo poema de Gênesis 49 onde José aparece como:

"JOSÉ É UM REBENTO FECUNDO PERTO DA FONTE, CUJAS CANAS ULTRAPASSAM O MURO, OS ARQUEIROS O EXASPERAM, ATIRAM E O ABORRECEM, MAS SEU ARCO FOI QUEBRADO POR UM PODEROSO, FORAM ROMPIDOS OS NERVOS DE SEUS BRAÇOS PELAS MÃOS DO PODEROSO DE JACÓ, PELO NOME DA PEDRA DE ISRAEL."

Ainda sobre a questão simbólica presente na poesia sobre os irmãos de José temos a questão da tribo de Dã, presente no próximo capítulo.

III.3.7.C. A Tribo de Dã

Este capítulo é basicamente uma primeira introdução ou apontamento a um tema de intensa importância de análise, mas que infelizmente não será feita neste trabalho, servindo como anotação a uma futura pesquisa por minha própria parte, ou dica para qualquer interessado no estudo das simbologias presentes nos *midrashim*.

Basicamente todas as obras científicas analisam os *midrashim* como uma característica cultural intrinsecamente ligada ao povo judeu e o *Midrash Rabbah* como uma grande compilação capaz de abarcar praticamente todo o pensamento oral de importância criado até a sua época, talvez este capítulo venha para tentar trazer novas possibilidades a este enfoque.

A história de José do Egito não é uma história qualquer, na verdade, analisando mais profundamente, ela é o mito central de formação do povo hebreu, na figura de Israel, que é Jacó e seus doze filhos, no papel de cada uma das doze tribos hebraicas. Embora seja sobre José que tenhamos o enfoque principal da narrativa, há um momento específico onde Israel repassa a sua bênção para todos os seus filhos, e não somente a um primogênito como foi feito com Abraão e Isaac, sendo assim o momento em que a bênção e a aliança de Deus se estende por todo um povo.

O símbolo embutido sobre Dã, um dos irmãos de José, no poema que seu pai, Israel/Jacó teria proclamado sobre seus filhos²¹⁶ pode ser a principal chave para uma pesquisa mais aprofundada sobre a participação dos cristãos nos *midrashim*, ou mais propriamente, a participação dos *midrashim* no pensamento dos primeiros cristãos. Lembrando que durante período de mais de um século os

²¹⁶ Gen 49

cristãos foram considerados pelos judeus como uma seita dentro de seu próprio povo e religião.

No poema de Jacó, onde a benção é repassada a todos os filhos, bem antes de sua morte, portanto, o momento em que é criada a nação hebraica, Jacó diria:

"DÃ JULGARÁ SEU POVO COMO UMA DAS TRIBOS DE ISRAEL. DÃ SERÁ SERPENTE JUNTO AO CAMINHO, UMA VÍBORA JUNTO À VEREDA QUE MORDE OS CALCANHARES DO CAVALO E FAZ CAIR O SEU CAVALEIRO POR DETRÁS"²¹⁷

O nome Dã, em hebraico significa julga,²¹⁸, de onde parece óbvia a figura desta tribo como aqueles que julgarão o povo, mas o mais importante aqui é a figura do animal utilizado para representar a tribo, cada tribo obteve um animal símbolo, mas no caso da tribo de Dã esse animal foi a serpente.

O *Midrash Rabbah* se debruça sobre o estudo de todo o poema, e o porquê do animal escolhido para cada um dos filhos de Israel, são 3 capítulos inteiros²¹⁹, em duas linhas contínuas de interpretações, entretanto, apesar da profunda análise sobre cada um dos animais a análise apresentada sobre o porquê da serpente para a tribo de Dã é sempre esquivada, na verdade os rabinos se centram sobre uma única figura desta tribo, Sansão.

Segundo o *Midrash Rabbah* o motivo da escolha da serpente ficaria pela personalidade deste descendente.

"ASSIM COMO A SERPENTE É ACHADA ENTRE AS MULHERES TAMBÉM SANSÃO FILHO DE MANOÁ, ERA ACHADO ENTRE AS

²¹⁷ Gen 49, 16-17

²¹⁸ Também utilizado para "Juiz" - Desta forma Daniel significa "Deus é meu juiz" ou "Deus me julga"

²¹⁹ do 98 ao 100

As Narrativas de José do Egito No Midrash

MULHERES. ASSIM COMO A SERPENTE É PEGA EM ARMADILHA, TAMBÉM SANSÃO FOI PEGO EM ARMADILHA. ASSIM COMO A FORÇA DA SERPENTE RESIDE EM SUA CABEÇA, TAMBÉM A FORÇA DE SANSÃO RESIDE EM SUA CABEÇA. ASSIM COMO O OLHAR DA SERPENTE INDICA MORTE, TAMBÉM O OLHAR DE SANSÃO INDICA A MORTE"

Também durante o restante das afirmações relativas as tribos de Dã, sempre em comparação a Sansão, há uma palavra extremamente rara nesta obra, a palavra "discorda"²²⁰ onde o R' Levi e outros rabinos dizem discordar do R' Hunia e R' Iohanán. A tese levantada por esses dois rabinos vinha da análise do livro de Juízes 15, 15-19 onde Sansão clama pela ajuda de Deus após grande batalha onde havia matado dois mil homens pedindo água para que não morresse de sede e caísse na mão dos incircuncisos. A teoria seria de que Deus havia revelado que a única diferença entre aqueles dois povos era a circuncisão e não a fé.

Em toda a narrativa de José no nesta compilação de *midrashim* esta é a única vez em que aparece uma contradição explícita em palavras entre os rabinos, o que não é difícil de entender levando em conta todos os fatores já explicados do funcionamento da tradição oral, onde se trataria apenas da manutenção de uma verdade revelada oralmente pelo próprio Deus.

Na verdade esta não é a única peculiaridade deste trecho, creio que a dúvida mais marcante na mente de todos, mesmo os que não possuem conhecimentos aprofundados sobre o tema aqui tratado é, porque motivo em nenhum momento há qualquer palavra relacionando, ainda que negativamente, a serpente atribuída a Dã à serpente que incorpora a figura de Satanás no livro do gênesis. Uma vez que toda a forma argumentativa utilizada obriga o isolamento

²²⁰ Muitas vezes os rabinos apresentam textos discordantes um do outro, mas não deixando transparecer abertamente a discordância, apenas aparecendo como um complemento do que já foi falado, ainda que o contrário.

As Narrativas de José do Egito No Midrash

destes símbolos e a comparação entre si, como é o caso da roupa de José, ou da figura do Sol no sonho de José sendo relacionado com o episódio de Josué, como *poderia passar despercebido aos olhos dos rabinos tal conexão notável*. Certamente tal conexão não passou por despercebido mas não estava presente por algum motivo específico.

Talvez a solução a este mistério esteja mais propriamente fora da cultura judaica e sim dentro de uma seita judaica, surgida pouco antes da destruição do segundo templo, e que *alguns séculos após o seu surgimento tem a sua complexa separação*, a seita dos nazareus, conhecida obviamente pelo seu outro nome, cristianismo.

Os primeiros cristãos surgem dentre os judeus, certamente com a presença de muitos sábios, como o próprio Paulo. Obviamente a tradição oral que seria *posteriormente compilada no Midrash Rabbah era de conhecimento deles*, ainda que possamos certamente admitir a existência de diversos níveis de conhecimento e abertura deste conhecimento. Certamente os apóstolos e os primeiros cristãos bebiam da fonte da tradição oral, tão presente deste Hillel, Shamaí, passando pela literatura de Q'uram. Sendo assim é fácil admitir que a escrita dos primeiros livros *cristão pressupunham alguns destes conhecimentos*, ainda que outros mais hierarquizados pudessem lhe ser vetados.

Embora o cristianismo, pelo seu caráter de expansão universal, especialmente na figura de Paulo, não se utilize da necessidade da divisão das tribos de Israel e de significados especiais para estas, a não ser a ascendência de *Jesus como vindo da descendência de Davi*, temos um livro em especial que trata das tribos, de escrita atribuída a João. Trata-se do livro do Apocalipse.

Neste livro temos a seguinte citação, no que se refere àqueles que receberiam uma marca para serem selecionados entre todos no final dos tempos para julgarem a humanidade e reinar com o messias em seu segundo advento.

As Narrativas de José do Egito No Midrash

"E OUVI O NÚMERO DOS ASSINALADOS E ERAM CENTO E QUARENTA E QUATRO MIL, DE TODAS AS TRIBOS DOS FILHOS DE ISRAEL.

DA TRIBO DE JUDÁ, HAVIA DOZE MIL,
 DA TRIBO DE RUBEM, DOZE MIL,
 DA TRIBO DE GADE, DOZE MIL,
 DA TRIBO DE ASER, DOZE MIL,
 DA TRIBO DE NAFTALI, DOZE MIL,
 DA TRIBO DE SIMÃO, DOZE MIL
 DA TRIBO DE MANASSES, DOZE MIL,
 DA TRIBO DE SIMEÃO, DOZE MIL,
 DA TRIBO DE LEVI, DOZE MIL,
 DA TRIBO DE ÍSSACAR, DOZE MIL,
 DA TRIBO DE ZABULOM, DOZE MIL,
 DA TRIBO DE BENJAMIM, DOZE MIL²²¹

A tribo de Dã não aparece entre as tribos selecionadas no final dos tempos para reinar com o Messias, segundo a tradição cristã. A explicação não aparece no livro do apocalipse, aparentemente era algo comumente conhecido por todos naquele meio, normalmente quando uma verdade é revelada de forma encoberta apenas para alguns isso é mostrado no livro, como por exemplo no capítulo 13, versículo 18 do mesmo livro "AQUELE QUE TEM ENTENDIMENTO, QUE ENTENDA"²²¹

Parece óbvio o motivo pelo qual a tribo de Dã poderia ser considerada indigna de estar presente entre as demais, ela carrega sobre si símbolo da serpente , a serpente que criou o primeiro pecado pelo qual toda a humanidade

²²¹ Apo 7, 4-8

As Narrativas de José do Egito No Midrash

ainda estaria pagando até o final dos tempos, justamente à tribo de Dã, a dos juízes, é atribuído este animal com tanta carga negativa.

Mas o grande questionamento seria, se na época de Jesus e seus apóstolos era de conhecimento geral, de uma sabedoria oral, que a tribo de Dã carregaria sobre si uma espécie de maldição por essa ligação com a serpente, ao ponto dela não ser colocada no livro de João, então por que motivo esta narrativa, esta parte integrante da tradição oral não estava presente no Midrash Rabbah? O fator mais provável seria justamente a grande utilização feita desta narrativa por parte dos cristãos, ao ponto de ser fundamento de um dos seus principais livros do cânone sagrado.

Para ressaltar ainda mais a importância de tal discussão, na própria Torá existe uma importante base que justifica esse pensamento, da indignidade da tribo da Dã. *Jacó adota os filhos de José como seus próprios filhos*²²² "agora, pois, os teus dois filhos que te nasceram na terra do Egito, antes que eu viesse a ti no Egito, são meus: Efraim e Manassés serão meus como Rúben e Simeão." Justamente por isso na chamada das 12 tribos no texto cristão do século I EC temos como Manasses o representante da décima segunda tribo de Israel.

A explicação dada no Midrash Rabbah sobre essa passagem da adoção dos filhos de José é apenas pontual,

"RUBEM E SIMEÃO FORMARAM TRIBOS, ASSIM TAMBÉM
ESSES FORMARIAM TRIBOS"²²³

Bem adiante a única outra tentativa dada vem do R' Ammi que sugere que a tribo de José talvez recebesse poção triplicada da herança de Abraão.

²²² Gen 48, 4

²²³ Midrash Rabbah, Bereshit Rabbah, 97, 1

A esse ponto de nosso estudo chegamos a fortes indícios, mostrados tanto pelo formato da análises do Midrash Rabbah, como pelo que é considerado lacunar, e pelas lacunas que a próprio texto do midrash mantém que mais do que uma grande coletânea de *midrashim* o *Midrash Rabbah* estaria incluído em um projeto maior com um objetivo mais complexo. Talvez esse objetivo possa ser melhor compreendido na análise das profecias presentes neste documento. Especialmente o capítulo dedicado ao messianismo judaico : "A profecia"

IV.1 O Midrash Rabbah e as outras fontes monoteístas

IV.1.1. José e Youssif (ou José no Alcorão)

Continuando os esforço de comparação da cultura judaica através dos relatos de José do Egito, com as demais culturas coexistentes na época medieval, jamais seria possível deixar de lado uma comparação dos relatos vistos até agora com os presentes no mundo islâmico. Acima de tudo o relato presente do Alcorão. Sendo que a bíblia cristã e a *Torá* partem de um mesmo texto pouco se pode fazer em termos comparativos entre os dois textos a não ser, talvez, nuances de tradução, mas o texto do Alcorão, apesar de possuir o mesmo relato não sendo pura cópia ou transcrição da *Torá* nos permite adentrar a um novo mundo de comparações.

São 111 versículos presentes nele, através da décima segunda surata, que tratam da história de José. Esse relato se encontra em anexo no final deste trabalho. Apesar de passar pelos mesmos eixos básicos da história, a diferença de detalhes, principalmente após serem explorados pelos *midrashim*, podem facilmente se sobressair trazendo elementos chaves para a comparação dos valores culturais de ambos os povos.

Uma vez lendo o relato do Alcorão o primeiro ponto que notavelmente salta aos olhos é a figura de Jacó. Enquanto na *Torá*, Jacó permanece totalmente alheio às tramas dos seus outros filhos, não percebe o perigo que havia nem nas atitudes de José e muito menos nas suas próprias atitudes, já que é justamente ele quem presenteia a túnica de várias cores, motivo , segundo o *midrash*, do extremo orgulho que José sentia, e superioridade sobre os outros irmãos. No relato do Alcorão Jacó possui atitudes extremamente opostas, onde já sabendo que caso José se destacasse sobre os demais sobre eia recairia a inveja e o ciúmes dos irmãos, ele aconselha que José não se sobressaia :

As Narrativas de José do Egito No Midrash

“OH FILHO MEU, NÃO RELATES TEU SONHO AOS TEUS IRMÃOS PARA QUE NÃO CONSPIRE ASTUTAMENTE CONTRA TI. FICA SABENDO QUE SATANÁS É INIMIGO DECLARADO DO HOMEM”²²⁴.

Temos apenas em Gen 37, 10 certa repreensão de Jacó por ocasião dos relatos dos sonhos de José, mas esta repreensão aparenta muito mais ser a discordância com relação a inclusive ele se prostrar diante de seu filho, do que em si alerta para que o filho não relatasse tal sonho. Na verdade o próprio Jacó, por esta repreensão, segundo o relato da *Torá* não estaria aceitando que os sonhos de José pudessem ser revelações completas e de significado puro, mesmo que delas tenha guardado lembranças em seu coração (Gen 37,11)

Continuando a seguir pelo relato corânico temos:

“E ASSIM TEU SENHOR TE ELEGERÁ E ENSINAR-TE-Á A INTERPRETAÇÃO DAS HISTÓRIAS E TE AGRACIARÁ COM A SUA MERCÊ, A TI E À FAMÍLIA DE JACÓ, COMO AGRACIOU ANTERIORMENTE TEUS AVÓS, ABRAÃO E ISAAC, PORQUE TEU SENHOR É SAPIENTE, PRUDENTÍSSIMO”²²⁵.

Jacó praticamente toma forma de um oráculo de Deus predizendo o futuro que lhe teria sido ali revelado por algum dom de profecia, onde ele se refere a si mesmo pelo seu nome e não na primeira pessoa.

Ainda com relação à sabedoria de Jacó e conhecimento prévio de todos os acontecimentos , temos no relato da *Torá* que ao receber a túnica adornada das mãos dos filhos, dizendo que José havia sido devorado, Jacó encoleriza-se, rasga suas vestes, cobre-se com um saco e fica em luto por muito e muito tempo com a

²²⁴ Gn 37, 5

²²⁵ Gn 37, 6

morte de seu filho. Autores como Fílon de Alexandria perdem-se capítulos inteiros neste sentimento de dor e revolta pela morte do filho , mostrando que segundo este relato e seus futuros intérpretes era certo para Jacó que o filho estava morto. Já no relato corânico novamente Jacó assume uma postura de profeta capaz de distinguir o que realmente era verdade do que era ardil de seus filhos.

“ENTÃO LHE MOSTRARAM SUA TÚNICA FALSAMENTE ENSANGÜENTADA; PORÉM JACÓ LHES DISSE: QUAL! VÓS MESMOS TRAMASTES COMETER SEMELHANTE CRIME! PORÉM RESIGNAR-ME-EI PACIENTEMENTE, POIS DEUS ME CONFORTARÁ EM RELAÇÃO AO QUE ME ANUNCIAIS!”²²⁶

Este dom de profecia entretanto não está presente apenas na figura de Jacó, parece que este é um ponto fundamental da diferença entre a *Torá* e o *Alcorão*. Enquanto na *Torá* a deidade em sua infinidade de onipotência, onisciência e onipresença envia sinais aos homens tentando fazer com que estes a percebam, ou mesmo manda mensageiros em forma de anjos ou mensagens em forma de sonhos, no *Alcorão* parece que é função do homem por sua capacidade de profecia atingir a deidade. A *Torá* parece mostrar como o homem apesar de todos os seus defeitos consegue perceber Deus através de Suas ações, enquanto no *Alcorão*, o homem munido de grandes dons concedidos por Deus, consegue percebê-lo através das suas próprias ações humanas.

O próprio Putifar ao entregar José à sua esposa, cujo nome igualmente não aparece no *alcorão*, sobrando-nos apenas o midráshico *Zuleica* , ele diz :

“ÁCOLHE-O CONDIGNAMENTE; PODE SER QUE NOS VENHA A SER ÚTIL, OU PODEREMOS ADOTA-LO COMO FILHO. ASSIM

²²⁶ Gn 37, 18

As Narrativas de José do Egito No Midrash

ESTABILIZAMOS JOSÉ NA TERRA, ENSINAMOS-LHE A INTERPRETAÇÃO DAS HISTÓRIAS. Sabei que Deus possui total controle sobre os seus assuntos; porém a maioria dos humanos o ignora. E quando alcançou a puberdade, agraciamos-lo com poder e sabedoria; assim recompensamos os benfeitores”²²⁷

É fácil de se imaginar como recai sobre Jacó, herdeiro da benção transferida de Isaac, por sua vez recebida de Abraão, o dom da profecia e saber exatamente tudo o que ainda iria lhe ocorrer com o seu filho, mesmo não sendo enganado pelo ardil dos filhos que queriam que ele acreditasse que José havia sido devorado por um lobo. Mas como recairia sobre Putifar o mesmo dom profético, já que segundo a narrativa corânica nem mesmo os mercadores que encontraram José sabiam quem ele era *E LHE DERAM POUCA IMPORTÂNCIA, SENDO POR ISSO MESMO VENDIDO POR ÍNFIMO PREÇO*.²²⁸ Sendo assim a única forma pela qual Putifar poderia saber que aquele menino seria agraciado com poder e sabedoria, e que Deus pairava sobre ele era a profecia. Lembrando que Putifar era um eunuco egípcio, portanto nem mesmo conhecimento de Deus ele deveria ter, ou ainda que tivesse o veria como apenas mais um dos deuses.

Mesmo o episódio onde a esposa de Putifar tenta obrigar José a deitar-se com ela, outro episódio conturbado com uma série bem diversas de interpretações, aparece no alcorão com um viés bem diferente do da *Torá*, inclusive uma passagem totalmente nova. Primeiramente a questão legal da posição do rasgo nas vestes, já tratada nos capítulos anteriores, aparece aqui como integrante do texto sagrado. O Alcorão traz um episódio onde Putifar, por se deixar convencer de que José não era culpado de tal ataque à sua esposa, não o

²²⁷ Gn 37, 21 - 22

²²⁸ Gn 37, 20

condena e ele continua servindo como escravo em sua casa. Passagem essa bem condizente à sabedoria demonstrada pelo mesmo egípcio relatada na citação acima. Entretanto havia a necessidade de José ir parar na cadeia para que toda a narrativa tivesse continuidade.

Assim sendo, segundo o relato corânico, após a frustrada tentativa de Zuleica em seduzir José e a mais frustrada tentativa de o incriminar ela passa a ser mal vista pelas outras mulheres, suas vizinhas que a chamam de sedutora de escravos. Para ausenta-se de culpa ela convida todas as mulheres para um banquete em sua casa e lhes dá facas que seriam posteriormente manuseadas para que se servissem durante o banquete. Entretanto, ao perceber que todas as suas vizinhas já estavam com as facas em mãos ela ordena que José entre. Espantadas com a beleza sobre humana de José todas se distraem e deixam-se ferir com as facas que estavam em suas mãos, de modo que Zuleica prova sua inocência, sendo que nenhum mulher poderia resistir tal homem. Desta forma até mesmo a figura da esposa de Putifar aparece no relato corânico como uma mulher dotada de extrema sabedoria.

“E QUANDO O VIRAM, EXTASIARAM-SE, À VISÃO DELE, CHEGANDO MESMO A FERIR SUAS PRÓPRIAS MÃOS. DISSERAM: VALHA-NOS DEUS! ESTE NÃO É UM SER HUMANO. NÃO É SENÃO UM ANJO NOBRE. ENTÃO ELA (A ESPOSA DE PUTIFAR) DISSE EIS AQUELE POR CAUSA DO QUAL ME CENSURÁVEIS E EIS QUE TENTEI SEDUZÍ-LO E ELE RESISTIU”²²⁹

Sendo assim, segundo o relato corânico o motivo de José ter sido preso foi o seu próprio desejo de ir preso para evitar novas exposições da mulher de putifar, sendo que ela mesma teria lhe dado essa idéia sem que percebesse: “PORÉM, SE

²²⁹ Gn 37, 31 - 32

As Narrativas de José do Egito No Midrash

NÃO FIZER TUDO QUANTO LHE ORDENEI, JURO QUE SERÁ ENCARCERADO E SERÁ UM DOS VILIPENDIADOS" e José prefere então a prisão, que segundo o Alcorão teria sido apenas uma leve forma de separar ambos:

"MAS APESAR DAS PROVAS, HOVERAM POR BEM ENCARCERÁ-LO LÁ TEMPORARIAMENTE".

Ora, parece que some por completo deste relato qualquer dor ou sofrimento que José tem em intensidade na *Torá*, e mesmo a dor de Jacó simplesmente é retirada. Nenhuma desventura recai sobre os personagens que estão ao lado de Deus, pelo contrário, eles se submetem a tais posições para evitar que outras pessoas sofram ou pequem, parece que todos eles logo ficam repletos de uma santidade sobre-humana não presente na *Torá*, nem tampouco na parábola do filho pródigo. Seria o muçulmano chamado a ser menos humano e mais perfeito do que os cristãos e os judeus?²³⁰

O episódio de José na cadeia e da interpretação dos sonhos também passa por alguns elementos diferentes do da *Torá*, salientando outros aspectos que não o sonho em si. No Alcorão em momento algum se especifica quem seriam aqueles

²³⁰ Essas modificações presentes no Alcorão da história original da *Torá*, entretanto, não são de difícil entendimento ao se buscam os porquês delas terem sido feitas. Até hoje, profetas da neo-modernidade nascidos de um meio caótico capaz de criar as misturas mais bizarras no campo da religião usam exatamente esses elementos para acusar o texto da *Torá*. Um destes em especial merece uma rápida citação aqui, auto-intitulando-se *Petrus* com o seu livro *Moisés sem Máscara* ²³⁰ acusa todo o velho testamento de falar de um Deus diferente do Deus pregado por Jesus, e que o "deus judaico" seria fraco e malvado, justamente por permitir que José sofresse nas mãos dos irmãos e dos escravos, e que Jacó, mesmo sendo o escolhido de Deus, sofresse achando que o seu filho preferido havia morrido, estando esse vivo. Provavelmente tal "profeta" preferiria a versão corânica onde todos os escolhidos por Deus parecem sempre dotados de perfeita sabedoria e conhecimento do futuro. Mas mesmo que não se chegue a uma visão tão extremista, no mínimo, até ao leito mais desapercibido, pareceria mais verossímil um Jacó que após enganar Labão roubando seu gado, e lutar contra o Anjo de Deus não se deixasse enganar tão facilmente pelos filhos que visivelmente já estavam em contenda com o irmão preferido. O referido livro tem publicação virtual no site http://www.consciesp.org.br/moisés/introd_01.htm

As Narrativas de José do Egito No Midrash

dois presos que falam sobre seus sonhos e de que um deles seria salvo e iria passar a ser copeiro do faraó, e o outro morrer²³¹. Igualmente o faraó não possuía interpretadores de sonho, ao que parece José era o único na terra do Egito capaz de fazer tal, e todos aqueles que não possuíam um dom dado diretamente por Deus não se atreveriam a tentar fazê-los como charlatães. *“RESPONDERAM-LHE: É UMA CONFUSÃO DE SONHOS E NÓS NÃO SOMOS INTÉRPRETES DE SONHOS”²³²*.

No sonho do faraó apresentado pelo Alcorão as espigas secas não comem as espigas verdes, elas apenas aparecem lado a lado, talvez pela necessidade de mostrar que Deus não mandaria nem em sonho uma mensagem tão impossível de ser concretizada. Afinal realmente é difícil tentar imaginar como pode em um sonho ser imaginado uma espiga, não sendo dotada de qualquer órgão como boa, ou garras ou mesmo orifícios semelhantes a tais poderiam devorar outras espigas.

A interpretação de José também se faz mais complexa, de modo que no relato corânico ele precisa especificar que após os 7 anos de dificuldades após os 7 anos de fartura haverá mais um ano onde a colheita será normal, especificando que aquela visão não se estenderia para um ciclo eterno. Se formos comparar o relato do alcorão com o presente na obra de Filon de Alexandria, *De Vi Ioseph* teremos um grande abismo no que se refere às técnicas e formas que deveriam ser usadas para guardar o trigo colhido durante os 7 primeiros anos, segundo o relato corânico eis a forma como se conservaria tal alimento:

“DEIXAI FICAR TUDO EM SUAS ESPIGAS, EXCETO O POUCO QUE HAVEIS DE CONSUMIR. ENTÃO VIRTÃO, DEPOIS DISSO, SETE

²³¹ Como interessante detalhe o padeiro mor morre crucificado segundo o relato corânico

²³² Versículo 44

As Narrativas de José do Egito No Midrash

ANOS ESTÉREIS, QUE CONSUMIRÃO O QUE TIVERDES COLHIDO PARA ISSO, MENOS O OPOUCO QUE TIVERDES POUPADO À PARTE²³³.

Obviamente Filon tinha a intenção de explicar detalhes da administração já que fazia uma espécie de manual explicando como um líder deveria administrar o seu povo. Aqui percebemos entretanto algumas preocupações extra, a de que além do que foi guardado durante todos os anos e a forma como aquele alimento era racionado um ano a mais de provisões deveria ser feito para que pudesse haver e replantio após o final da seca, sem o qual não seria possível novas colheita apesar da fartura de chuvas.

No relato corânico entretanto toda a capacidade administrativa e ser o único em todo o reino do Egito que sabia ler sonhos ainda não era o suficiente para o Faraó libertar José e empossar ao cargo de primeiro ministro. Devemos lembrar que segundo o relato da *Torá* bastou a ele interpretar os sonhos de uma forma convincente, apesar do faraó estar cercado de uma diversidade de intérpretes. Para o Alcorão ainda mais uma questão deveria ser resolvida, José deveria ser inocentado pelos próprios que o acusaram a prisão. Vai então o faraó ter com a esposa de Putifar, querendo saber dela o que houve para que todas as suas convidadas se cortassem na presença daquele escravo.

Assim se dá a passagem no Alcorão

"O REI (FARAÓ) PERGUNTOU AS MULHERES: QUE FOI QUE SE PASSOU QUANDO TENTASTES SEDUZIR JOSÉ? DISSERAM: VALHANOS DEUS" NÃO COMETEU DELITO ALGUM QUE SAIBAMOS. A MULHER DO GOVERNADOR (PUTIFAR) DISSER: ACORA A VERDADE SE

²³³ Versículo 48

EVIDENCIOU. EU TENTEI SEDUZÍ-LO E ELE É , CERTAMENTE, UM DOS VERAZES."²³⁴

Não bastava estar ter sido escolhido por Deus e ser o único capaz de salvar o Egito da fome, era necessário que José pudesse provar-se íntegro em sua moralidade, portanto que todos soubessem que ele não atacou as moças que tentaram seduzi-lo. O detalhe é que o faraó quando vai as questionar já saber que foram elas que tentaram seduzi-lo, e em qualquer momento que seja ele é acusado de sedução, afinal isso já havia ficado provado na questão da posição do rasgo da roupa como vimos atrás. Mas era necessário saber se ele havia cometido algum delito ao fugir das sedutoras.

Talvez a passagem mais significativa de todo o texto se encontre no discurso de Zuleica após essa confissão de culpa, obviamente não presente na *Torá*, mas que traz sim elementos importantes nesta comparação cultural.

"ISTO PARA QUE ELE SAIBA QUE NÃO FUI FALSA DURANTE A SUA AUSÊNCIA, PORQUE DEUS NÃO DIRIGE AS CONSPIRAÇÕES DOS FALSOS. PORÉM, EU NÃO ME ESCUSO, PORQUANTO O SER É PROPENSO AO MAL, EXCETO AQUELES DE QUEM O MEU SENHOR SE APIADA, PORQUE O MEU SENHOR É INDULGENTE MISERICORDIOSÍSSIMO."²³⁵

Essa frase é um dos eixos centrais de comparação de valores que aqui fazemos. Porque fica bem claro que a mulher de Putifar , dotada de grande inteligência, tanto que arma o banquete das facas para diminuir a culpa que recaía sobre si, aceita a sua culpa, e principalmente diz não se envergonhar da culpa que

²³⁴ Versículo 51

²³⁵ Versículo 53

tinha. A primeira coisa que ela faz é dizer a verdade, porque em momento algum ela gostaria de passar por mentirosa, caso mentisse sim, aquilo seria um pecado grave que lhe causaria desvio de Deus, mas a partir da hora que admite o seu erro ela não se mostra em situação de se humilhar ou se encher de culpa, pelo contrário, simplesmente aceita que como o homem é propenso a fazer o mal ela o praticou. E principalmente, que somente aquele que pela imensa misericórdia de Deus recair sobre a sua piedade é que poderá resistir a tentação de fazer o mal. Sendo assim toda a questão da disputa entre o livre arbítrio e a providência divina, nesta passagem, tem a balança pendendo diretamente pela totalidade do poder da providência. Já que não cabe ao homem escolher o bem e o mal, mas todo homem há de escolher sempre o mal, a não ser que Deus intervenha por ele, piedosa e misericordiosamente, fazendo com que ele se afaste do mal e escolha o bem. O mais interessante aqui é que em momento algum, sendo que o livre arbítrio parece não ser levado em conta no relato da mulher, ela se sente culpada pelo que fez, e pela fraqueza de não ter contado antes a verdade. ... Aparentemente o único pecado sobre o qual a culpa recairia sobre ela seria a falsidade, e explica ela:

DEUS NÃO DIRIGE AS CONSPIRAÇÕES DOS FALSOS.

O valor da verdade como principal escolha que um homem pode fazer, sendo que os pecados realmente serão cometidos porque somente em Deus reside a força para lutar contra eles, não é uma novidade e já aparece em alguns outros filósofos anteriores ao alcorão, entretanto tomam uma força intensamente grande durante toda a época medieval.

Outra expressão não pode passar despercebidamente aqui, é a : "*ele é um dos verazes*". Se a providência divina é que tem o poder de escolha sobre aqueles que vão cair em pecado e aqueles que não cairão nele, então uma vez

As Narrativas de José do Egito No Midrash

que a uma pessoa já tenha sido escolhido vencer as tentações esta pessoa estará com Deus. Sendo assim José já havia sido escolhido e não cairia em pecado por estar com Deus, portanto, sendo ele um dos verazes. A todo momento estes escolhidos de Deus aparecem mostrados como os “virtuosos” os “detentores de visão” os “agraciados”, de forma que a noção de ao escolhido de Deus recair o sofrimento ou o pecado. Tanto que no alcorão as duas únicas vezes em que aparece um episódio de crucificação é no próprio livro que conta a história de José, onde o padeiro-mor é crucificado, e no livro *Al Maída* (*A mesa servida*), que fala sobre punições dadas aqueles que não servirem a Deus.

Entretanto, apesar desta aura de sabedoria cercando todos os personagens sobre os quais recai a graça de Deus, nem mesmo Jacó após receber as notícias de que o outro filho de Raquel havia sido aprisionado, Benjamim, seu filho mais novo, se mantém em tanta compostura assim:

“PORÉM, RESIGNAR-ME-EI A SER PACIENTE, TALVEZ DEUS ME DEVOLVA AMBOS, PORQUE ELE É O SAPIENTE , O PRUDENTÍSSIMO”²³⁶ .

É a primeira e única vez em toda esta Surata que Jacó pronuncia a dúvida sobre se Deus cumpriria ou não os seus designios. Mas logo após se recompõe de tal “falta”:

“OH FILHOS MEUS, IDE E INFORMAIVOS SOBRE JOSÉ E SEU IRMÃO E NÃO DESESPEREIS QUANTO À MISERICÓRDIA DE DEUS, PORQUE NÃO DESESPERAM DA SUA MISERICÓRDIA SENÃO OS INCRÉDULOS”²³⁷ .

²³⁶ Versículo 83

²³⁷ Versículo 87

O detalhe é que segunda a narrativa corânica José se revela desde o primeiro encontro com os irmãos, embora esses não o reconhecessem, parece que ainda que fosse para estar a serviço de Deus ele não poderia mentir, ou simplesmente não seria aceitável que Deus desejasse que alguém mentisse à seu serviço, já que, como foi citado: *"porque Deus não dirige as conspirações dos falsos"*.

Dentro de todos esses princípios, para que o jogo feito por José para trazer toda a família para o Egito pudesse ser feito temos também algumas considerações que vêm a ressaltar o que já foi dito até então. Lembrando que segundo o relato da *Torá*, se não fosse o jogo artiloso de José não haveria como ter trazido toda a família para o Egito, o segundo vimos, na interpretação de Filon, isso seria possível, mas sem que José tivesse a certeza de que os irmãos ainda não tramariam novamente contra ele.

Assim sendo, quando a taça é colocada entre os pertences de Benjamim, e aqui o detalhe é que a taça é apresentada como uma ânfora qualquer e jamais como uma taça de adivinhações, já que jamais um escolhido de Deus se envolveria com atitudes como magia ou adivinhações que não fossem pelo puro dom da profecia. Quando a ânfora, portanto, é achada no alforje de Benjamin os próprios irmãos, por saber que ele era justo, era um daqueles ditos "verazes" se põe a defende-lo da seguinte forma:

"SE BENJAMIM POSSUI A ÂNFORA É PORQUE UM IRMÃO SEU
JÁ HAVIA ROUBADO ANTES DELE!"²³⁸

Assim sendo, os irmãos, que já se conheciam como pecadores, jamais admitiriam que Benjamim a tivesse roubado, mas sim que qualquer outro entre

²³⁸ Versículo 77

As Narrativas de José do Egito No Midrash

eles o tivesse e para esquivar-se de culpa a escondido no alforje do irmão mais novo. Lembrando que neste momento de acusação José já havia se revelado aos irmãos.

O momento de revelação de José a seus irmãos ocorre no relato corânico, não em um mais em dois momentos, no primeiro encontro, onde temos:

"SOU TEU IRMÃO, NÃO TE AFLIJAS POR TUDO QUANTO TENHAM COMETIDO"²³⁹ E "DISSERAM-LHE: ÉS TU, ACASO, JOSÉ? RESPONDEU-LHES: SOU JOSÉ."²⁴⁰

A narrativa termina também de forma diferente, com muito menos continuidade ainda do que a da *Torá*, lembrando que justamente por ser a última narrativa do livro do Gênesis realmente não possui muita continuidade. Mas aqui antes da morte de Jacó da fixação de todos no Egito, aparecem todos os irmãos, o pai e a mãe entrando pelo palácio e se ajoelhando prestando homenagem a José, com o objetivo de deixar claro que a profecia dos primeiros sonhos de José foi cumprida. Na *Torá* a profecia somente se cumpre de modo subentendido, principalmente porque segundo os relatos da *Torá* Raquel, mãe de José de Benjamin, já teria morrido na ocasião dos primeiros sonhos, portanto jamais poderia prestar-lhe homenagem.

O último versículo desta surata ainda diz :

"EM SUAS HISTÓRIAS HÁ UM EXEMPLO PARA OS SENSATOS. É INCONCEBÍVEL QUE SEJA UMA NARRATIVA FORJADA, POIS É A

²³⁹ Versículo 69

²⁴⁰ Versículo 90

As Narrativas de José do Egito No Midrash

CORROBORAÇÃO DAS ANTERIORES, A ELUCIDAÇÃO DE TODAS AS COISAS, ORIENTAÇÃO E MISERICÓRDIA PARA OS QUE CRÊM.”²⁴¹

Quais seriam essas outras narrativas citadas aqui neste versículo no Alcorão? Há duas possibilidades na interpretação literal, primeiramente que fossem as narrativas presentes nas *suratas* anteriores, ou que fossem as outras narrativas sobre a mesma história de José do Egito. Entretanto de forma alguma poderíamos verificar que esta *surata* conclua o assunto das suas anteriores, pelo contrário, parece-lhe apenas um anexo, uma continuidade. Portanto as anteriores provavelmente sejam justamente as usadas pelos cristãos e judeus da época de Maomé. Realmente, como já vimos, a narrativa corânica se preocupa em acertar as arestas das profecias ditas, tanto no caso de especificar que após os sete anos de seca a chuva voltaria a cair normalmente, ou especificar que realmente os irmãos de José e seus pais lhe prestarem reverência conforme estava especificado nos primeiros sonhos. Assim sendo é bem provável que houvessem acusações que o texto presente no Pentateuco não mostrasse a grandeza da glória de Deus pois não deixaria especificado todas as profecias cumpridas, tanto que esta narrativa se mostra como a elucidação de todas as coisas, a corroboração das narrativas anteriores. Sendo que o escritor de tal texto as conhecia, sabia de detalhes e pretendia corrigir dentre esses detalhes o que ele via como falhas, *entretanto de forma muito diversa do mesmo esforço que estava sendo tomado pelos midrashim judaicos da época.*

²⁴¹ Versículo 111

IV.1.2 A Vida de José na visão de Filon de Alexandria

IV.1.2.A Quem era Filon, sua obra, e o local onde estava inserido

Apesar de uma parte relativamente grande das obras de Filon ter chegado até os nossos dias, podemos dizer que o mesmo não chegou a respeito de sua vida, da qual sabemos muito pouco. Sua data de nascimento está por volta de 20AC a 15AC e sua data de falecimento algum ano entre 45DC e 50DC.²⁴² Filon pertencia a uma família rica e de grande influência na cidade de Alexandria. Seu irmão, Alexandre Lisímacus, ocupava um posto de prestígio, ligado a coleta de impostos. Este irmão aparece citado algumas vezes na obra de Flávio Josefo, sempre símbolo de riqueza, inclusive por ter emprestado dinheiro ao general Agrippa.

Não se sabe ao certo o tamanho concreto da obra de Filon, atualmente cerca de 40 de suas obras ainda existem, essencialmente na língua grega, e com diversas traduções. Segundo estudos diversos acredita-se que este número compõe apenas metade de sua obra.²⁴³ Como ambiente histórico principal temos em suas obras a visão do mundo através dos olhos de um judeu vivendo em uma comunidade judaica fora da região de Israel, longe de Jerusalém e do Segundo Templo, enfrentando o contato com a cultura helênica ao mesmo tempo em que tenta se firmar enquanto comunidade com características próprias dentro deste mundo helenizado.

O conflito entre a necessidade de um líder político que represente a comunidade perante as nações estrangeiras, mas que não possui o poder secular em suas mãos, nem de coerção (tirania) nem de criação de leis gerais é um

²⁴² SELAND, Torrey, *What do we know about Philo*, p.1

²⁴³ *Idem*, p.5

As Narrativas de José do Egito No Midrash

assunto típico de sua época no local onde vivia e que estaria presente em todo o mundo judaico por séculos a fio. Desta forma não é de se espantar que este ponto será intensamente tratado na obra que estaremos analisando a seguir.

IV.1.2.B. A vida de José por Filon de Alexandria

Para Filon a vida de José seria um símbolo máximo da vida de um *líder político*. Trazendo, assim, todos os seus elementos para ensinar como alguém que tenha a função de representar deve agir e o que deverá aprender. Durante todo o texto essa idéia é desenvolvida, sendo pela utilização de elementos presentes na *Torá*, seja por elementos adicionados por Filon.²⁴⁴

Sendo assim, para Filon o motivo do maior amor depreendido por Jacó a José, por exemplo, se dá não por ser este o filho da veihice, segundo a própria *Torá* diz, nem tampouco por ser o filho de Raquel, aquela a quem ele realmente amava, segundo a tradição desenvolvida pelos *midrashim*, mas sim porque ele perceberia um espírito de nobreza²⁴⁵ que lhe permitiria representar outros homens.

A visão de um líder político como um pastor de homens já está presente aqui em Filon, tanto que para ele não poderia ser outra a profissão de José senão pastor, pois nesta ocupação ele aprenderia um dos três elementos básicos necessários para ser posteriormente um líder entre os homens. Entretanto José é mais do que um simples pastor, tanto que ele em geral não está presente entre os irmãos e sim acompanhando seu pai. A prova disso é que já aos 17 anos, quando todos os irmãos são enviados a Siquem para fazer o pastoreio José continua em sua casa. É enviando posteriormente para trazer notícias dos irmãos, portanto um cargo mais administrativo do trabalho dos irmãos do que realmente um pastor.

²⁴⁴ Na época de Filon a chamada tradição oral já estava bem delineada em um grupo de sábios, especialmente na época conhecida pelos "parcs" como Hillel e Shamai. Sendo um judeu de Alexandria Filon dificilmente teria acesso a esse mundo de discussões, de onde temos por pressupor que parte dos elementos adicionados por ele ao texto da *torá* foram de sua dedução própria ou de outras vertentes não representadas na elite religiosa judaica. Embora, alguns elementos ainda possuam certa semelhança.

²⁴⁵ Filon, *A vida de José*, 4

As Narrativas de José do Egito No Midrash

Com isso Filon passa a idéia de quem um líder político seria mais do que um pastor, mas talvez um pastor de pastores.

Também a questão das vestes da José e do orgulho possuem um tratamento bem diferente do apresentado nos *midrashim*²⁴⁶. Aqui mais do que o tratamento do conceito do orgulho existente sobre José, Filon aborda a inveja que recaía sobre os irmãos, o que é interpretado pelo filósofo como uma divisão política de uma casa, onde, estranhamente estavam todos contra apenas um. Mais uma contradição parece ocorrer com a tradição midráshica, porque segundo Filon, José conta sobre os seus sonhos por ser ainda muito ingênuo: "acreditando que os irmãos lhe agiriam amigavelmente"²⁴⁷. Ora, se ele erra por ser ingênuo não poderia ao mesmo tempo ser orgulhoso já sabendo qual seria o seu destino. Entretanto recairia sobre Filon a não percepção de uma palavra central que faz com que na compilação do *Midrash Rabbah* a tese recaia sobre o orgulho, que é o versículo:

E ELES O ODIARAM AINDA MAIS POR CAUSA DE SEUS SONHOS
E DE SUAS INTENÇÕES" (GEN, 37, 8)

Ou seja, pelo princípio utilizado no pensamento Midráshico²⁴⁸ não é possível permitir que uma única palavra passe despercebidamente, e se está presente a idéia de que os irmãos o odiaram por suas intenções, certamente não recairia sobre José a ingenuidade. Obviamente Filon não se esqueceu da palavra, entretanto a forma de exegese utilizada é diferente, onde para ele, que

²⁴⁶ Lembrando por exemplo que segundo a tradição midráshica a veste multicolorida simbolizaria o orgulho que recaía sobre José, por ser o mais amado dos filhos e já em seus sonhos prever que governaria sobre os irmãos. Orgulho este que teve de ser morto para que José pudesse cumprir os desígnios de Deus, tendo a morte do orgulho sendo simbolizada pelas vestes banhadas em sangue entregues a Jacó, enquanto José descendo partia para o Egito, portanto sem o seu orgulho e pronto para cumprir o seu caminho traçado por Deus.

²⁴⁷ Filon, *A vida de José*, 6

²⁴⁸ Onde a Torá é vista como letras de fogo negro escritas sobre fogo branco, conforme já explicado neste trabalho.

As Narrativas de José do Egito No Midrash

provavelmente estava lendo o texto de uma tradução em grego e não de uma cópia em hebraico²⁴⁹, o mais importante era a ligação racional das idéias segundo um padrão de lógica filosófica grega do que em si uma interpretação literal. Sendo assim temos uma interpretação alegórica da Torá.

Essa forma diferente de exegese, onde para Filon mais do que uma exegese em si trata-se de uma construção filosófica, permite a ele criar passagens inteiras, como por exemplo colocando palavras da boca de José "Eu achei – disse José – que a época da colheita havia chegado²⁵⁰ e que deveríamos ir logo ao campo realizar nossa colheita"²⁵¹.

Continuando no texto começamos a perceber que Filon faz sempre uma grande diferenciação entre o seu líder político, representado por José, e um rei, ou um tirano²⁵². Aliando isso ao uso de elementos da cultura judaica na explicação deste líder ... onde por exemplo temos "Nós, filhos de hebreus, seguimos leis e costumes que são especificamente nossos"²⁵³. Portanto Filon na figura de José não está simplesmente exortando a figura de um líder político, mas sim um líder político que não possui o poder de fato, apenas de representatividade, e que por sua vez se baseia em costumes especificamente judaicos. Essa união de características nos permite pensar que a figura de José do Egito, justamente por ser o primeiro dos judeus a viver em uma terra estrangeira, e ter conseguido fama e prosperidade nesta terra garantindo a futura vinda dos seus para lá na época das vacas magras, é ideal para representar o líder político judeu da época e local de Filon, vivendo sob autoridades não judaicas, mas representando uma comunidade específica, com costumes e leis específicas. Ainda que Filon não vivesse na época do exílio causado com a queda do 2º Templo no ano 70DC, ele

²⁴⁹ Em Filon, *A Vida de José*, 28 – está dito "mas e na nossa lingua, o hebraico, José significa ..." ou seja, o texto difundido da Torá na comunidade de Alexandria não era em hebraico, portanto traduzido.

²⁵⁰ Obviamente esta passagem se refere aos versículos Gen 37, 6-7, onde José conta o sonho que teve com os feixes de trigo dos irmãos se reclinando aos pés do dele.

²⁵¹ Filon, *A vida de José*, 6

²⁵² Filon, *A vida de José*, 69-72

²⁵³ Filon, *A vida de José*, 43

não morava em uma cidade judaica, e convivia com uma comunidade especialmente grande e forte em Alexandria, tanto que será ponto de referência após o exílio²⁵⁴.

Portanto analisar especificamente quais seriam essas características e qualidades de José apresentadas por Fílon, e que não se limitam àquelas apresentadas na tradição oral ou na *Torá* em si, mostra elementos que o filósofo acreditava ser indispensáveis para o progresso não só dos líderes políticos em terras estrangeiras, mas igualmente de toda a comunidade judaica presente nestas terras.

Para Fílon são três as características básicas deste líder político: A capacidade de agir como pastor, A capacidade de administrar e O autocontrole.²⁵⁵ Obviamente temos na figura de José do Egito estas três características. Examinemos cada uma delas separadamente, mas dando enfoque principal à última já que assim o filósofo o faz.

- Agir como pastor – Deus é visto como pastor de homens desde os primórdios da tradição judaica, são diversos os salmos, por exemplo, que clamam ao Senhor como Pastor²⁵⁶. Desta forma, também o homem que lidera, que representa, que zela pelos demais de sua família, seu grupo, seu clã, sua comunidade, também este deveria ter habilidades de um pastor. Fílon consegue facilmente provar isso também na figura de Moisés, que ainda que não fosse pastor, precisou morar em uma comunidade de pastores para que pudesse liderar o povo na sua saída do Egito. Especialmente Moisés realmente age como pastor de um povo em movimento, assim como as ovelhas. Essa característica do líder como pastor parece realmente ser um dos elementos que definem a cultura

²⁵⁴ já as obras de Fílon não serão base de referência, apesar de percebermos através de exemplos práticos posteriores, que infelizmente não poderemos estar citando neste capítulo, seriam facilmente ligados em semelhança aos conselhos que Fílon dá pela análise da vida de José.

²⁵⁵ Idem, 54

²⁵⁶ Sl 22 (O Senhor é meu pastor e nada me faltará) Sl 76, 21 (Guiaste teu povo com um rebanho) Sl 79,1 (Pastor de Israel) , etc.

judaica, a diferindo das demais de sua época. Temos, por exemplo, um levantamento das semelhanças entre os líderes heróicos de todos os povos, feito pelos estudiosos Rank e Raglan²⁵⁷. Onde seriam 22 os pontos de semelhança a se criar um padrão de valores passados na figura destes líderes heróicos, temos nestes pontos, por exemplo o fato de passar por uma grande ameaça de morte antes de atingir a idade adulta, ou de ser afastado daquele local ou povo sobre o qual reinará antes que pudesse reinar. Estes pontos são semelhantes não só a José do Egito, Moisés, mas também a uma infinidade de outros, como Sargão e Édipo. Entretanto não está entre esses pontos de semelhança a idéia do líder como pastor, nos chamando a possibilidade desta ser uma característica típica judaica (que posteriormente, com o cristianismo, há de se espalhar). Entretanto não será muito difícil de buscar a origem desta relação, já que o povo judeu é originalmente um povo de pastores nômades e sua cultura marcada de vários exílios.

Ainda dentro da idéia do líder político como pastor, temos, segundo Fílon, a reação de Jacó ao receber a falsa notícia da morte de seu filho. Rasgando violentamente suas vestes. Entrando em um luto profundo. Assim sendo, o principal motivo de tristeza para Jacó não seria tanto a morte do filho, mas a forma como ele acreditava que ela teria ocorrido, afinal vendo em seu filho os vestígios de uma nobreza que iria se desenvolver, não poderia imaginá-lo morto por animais selvagens ao invés de uma batalha gloriosa ... e como principal motivo de desgosto o fato de não haver sobrado qualquer parte de seu filho que ele pudesse enterrar, porque ainda que tivesse sobrado apenas uma pequena parte ele poderia fazer para ele um túmulo em sua honra, mas sem nenhuma parte do

²⁵⁷ RANK, Otto, "The myth of the birth of the hero" in *In the quest of the hero*, Princeton Univ. Press, Princeton, 1990

RAGLAN, Lord, "The hero: A Study in tradition, myth, and drama" in *In the quest of the hero*, Princeton Univ. Press, Princeton, 1990

corpo isso não seria possível.²⁵⁸ Morrer salvando aqueles a quem o líder representa é justo e honroso, mas morrer devorado por um animal selvagem, e ainda da forma mais selvagem possível pois até os ossos teriam sido digeridos, é intensa desonra, o que faz Jacó rasgar suas vestes de raiva.

Da mesma forma que um pastor é honrado em arriscar a sua vida ao lutar contra lobos para salvar suas ovelhas, e ao ir atrás das ovelhas desgarradas põe em risco a vida do rebanho, e ainda que morra nesta tarefa de cuidar de seus animais, ele terá uma morte nobre. Entretanto um pastor que simplesmente se desgarrar de seu rebanho e é morto por animais selvagens, além de ter tido uma morte sem motivo, sem nobreza, também estaria muito mais na posição das ovelhas do que de pastor em si, já que são as ovelhas que se desgarram e correm perigo de serem devoradas, e por isso precisam ser resgatadas, não os pastores.

- A capacidade de administrar – Esta capacidade também é facilmente notada em José, já que, como diz a Torá “Deus o assistia e fazia prosperar em suas mãos tudo o que empreendia”²⁵⁹

Oras, o que faz prosperar não é nem somente a sua própria capacidade, nem somente a vontade de Deus, mas sim a assistência dada por Deus, quase que um trabalho em conjunto. Mas como pode então um líder político se aliar a Deus para que sua administração prospere ? ... Filon nos mostra isso, sempre através dos costumes e principalmente da sabedoria dos judeus. Assim durante todo o texto elementos desta sabedoria oral , especialmente relacionada a costumes, estão presentes. Temos por exemplo

“POIS ASSIM A VERDADE É SEMPRE A MELHOR EM TODOS OS ASSUNTOS QUANDO SE TRATA DAS MENSAGENS DE DEUS TODO O RESTO É PROFANAÇÃO”²⁶⁰.

²⁵⁸ Filon, *A vida de José*, 25-27

²⁵⁹ Gen 39,3

²⁶⁰ Filon, *A vida de José*, 96

Ou seja, não usar nunca o nome de Deus em vão, apenas passar ao povo exatamente o que recebeu da mensagem do Senhor.

*Entretanto este seguir dos costumes judaicos, que aparece outras vezes no texto, sempre está unido a um conflito onde o líder não é rei, portanto sempre tem de saber se explicar aos que estão acima dele. E com um grande brilhantismo, Fílon define a ação do líder para com o rei como algo intermediário a ação do médico e a do cozinheiro. Pois o médico se preocupa apenas com o bem estar de seu paciente, preparando remédios que venham a melhorar o seu real estado de saúde, sem se importar entretanto com o gosto, o paladar de tal remédio ... pouco lhe importa que o gosto seja ruim pois sabe que o resultado será bom. O cozinheiro, entretanto lhe é o oposto, já que quando cozinha se preocupa apenas em dar todo o sabor àquela comida, a tornando agradável, prazerosa, sem entretanto, se preocupar em que ela seja saudável ou não. Sendo assim, esse político judeu, colocado sob a autoridade de outros povos, deve conseguir ao mesmo tempo que cria projetos para a melhoria, para sanar problemas, como o médico, não pode permitir que esses remédios sejam sem gosto ou de gosto amargo, mas por sua vez necessita que eles pareçam agradáveis e prazerosos aos que estão acima dele.*²⁶¹

Chega mesmo a afirmar que o político precisa ser um homem de diversos formatos e diversos lados (diversas faces)²⁶² Pois igualmente o médico não poderia curar qualquer paciente com um único remédio, mas exatamente dependendo de cada doença e de cada situação ele precisaria de um remédio diferente, igualmente o político tem de saber se ajustar a situação pela qual ele passa para que possa curá-la

Mas igualmente não pode o líder político em qualquer momento ir contra os seus valores. Lembrando sempre o "não levantarás falso testemunho". Portanto

²⁶¹ Idem, 62

²⁶² Idem, 34

Fílon deixa bem claro que mentir por medo da mão do tirano que está sobre ele é como comprar sua morte ... e lembra que não precisariam temer já que Deus os teria guiado para longe do pior tirano de todos os tempos, o Faraó do Egito.²⁶³

- Autocontrole – Sem dúvida o autocontrole aparece em grande estilo na história de José, tanto na versão da *Torá*, como principalmente nos relatos dos *midrashim* e no de Fílon, um jovem de 17 anos podendo resistir os diversos assédios de uma mulher querendo se entregar a ele. Mulher essa que, embora na *Torá* seja apenas "Esposa de putifar", na tradição oral receber o nome de Zuleica. Segundo o relato de Fílon José percebia como Deus lhe sorria ao entregar-lhe a grande prosperidade em tudo o que ele punha as mãos, dando a ele a possibilidade de administrar. E mesmo sendo um escravo na casa de seu mestre, Portifar, ele lá podia ir e vir e mandava sobre os demais pela graça de Deus. Portanto seria um erro terrível pôr tudo a perder por algo fútil, como querer possuir a única coisa na casa do eunuco que este não havia confiado a José, sua esposa. Enquanto os *midrashim* vão cercear o leque de interpretações, passando especialmente pela justiça ou não de um eunuco possuir uma mulher e não poder lhe cumprir os deveres conjugais, ou por sua vez como José, ainda na flor da idade, poderia resistir uma mulher se entregando a ele ... ou ainda o como poderiam os guardas do faraó provar a inocência ou a culpa de José quando Zuleica o agarra a força arrancando-lhe as vestes, Fílon usará um eixo principal, estranhamente a lei.

"NÓS, FILHOS DOS HEBREUS, SEGUIMOS LEIS E COSTUMES QUE SÃO ESPECIALMENTE NOSSOS. OS POVOS DAS NAÇÕES SÃO PERMITIDOS APÓS OS 14 ANOS ESCOLHER SEM INTERFERÊNCIA DE REGRAS TODAS AS VEZES COM QUEM VÃO FAZER UM CONTATO ENTRE SEUS CORPOS, MAS ENTRE NÓS A UM CORTESÃO NÃO É NEM

²⁶³ Idem, 72

As Narrativas de José do Egito No Midrash

PERMITIDA A VIDA, E A MORTE É A PENALIDADE PARA A MULHER QUE ENTREGA SEU CORPO. ANTES DA UNIÃO FEITA PELA LEI NÓS NÃO CONHECEMOS NENHUMA MULHER, MAS VAMOS COMO HOMENS VIRGENS PARA DONZELAS VIRGENS²⁶⁴

Essa passagem é extremamente interessante por uma diversidade bem grande de motivos. Primeiramente o fato de José não poder se entregar a Zuleica vem não pela aceitação e respeito ao contrato matrimonial estrangeiro existente entre ela e putifar, o que exclui qualquer decisão sobre saber se o casamento entre um eunuco e uma mulher é lícito ou não, mas sim pela proibição de um homem manter qualquer tipo de relacionamento com uma mulher antes que entre eles tenha sido feita uma união legal. Temos sim na Torá uma série de passagens que poderiam justificar tal frase, como por exemplo Jacó e Labão, onde a relação somente poderia ser consumada por um casamento e as filhas são trocadas.

Entretanto esta proibição não aparece como força de lei entre as proibições de práticas sexuais apresentadas no Levítico, capítulo 18. E mesmo entre as proibições ainda está claro que a punição para quem as cometer é a expulsão do meio do povo de Israel, e não a morte. Portanto esta pena aumentada para aqueles que se envolvessem em práticas sexuais fora do casamento parece uma prática presente na comunidade que Filon vivia e não como uma regra geral do judaísmo, porque, pelo contrário as regras se mostram não pela proibição, mas pela regulamentação. Assim sendo aquele que se deita com uma mulher solteira deve imediatamente casar-se com ela. Aquele que se deita com uma mulher casada, se ela estiver no campo ela é perdoada e o homem é culpado, se estiver na cidade, já que seus pedidos por ajuda poderiam ser ouvidos ela também seria condenada. Ou seja, a proibição recai sobre as relações com pessoas casadas, e

²⁶⁴ Idem, 43

não simplesmente por serem anteriores ao casamento. Da forma como Fílon trata delas aparenta que o principal era não só o respeito ao matrimônio, mas inclusive a proibição de uniões que seriam ilícitas, o que parece bem plausível de ser fielmente seguido em uma comunidade minoritária vivendo sob um governo secular de outro povo, com outros costumes, onde para manter os costumes da comunidade era necessário um fechamento, um certo isolamento, que somente seria mantido com o tempo havendo um rígido controle de casamento, e portanto proibindo as relações sexuais fora destes.

Acrescenta Fílon colocando palavras na boca de José:

“ATÉ HOJE EU ME MANTIVE PURO, E NÃO IRIA FAZER COM QUE A MINHA PRIMEIRA TRANSGRESSÃO FOSSE O ADULTÉRIO, O MAIOR DE TODOS OS CRIMES (...) QUEM NÃO É SEDENTO PELO SANGUE DO ADÚLTERO?”²⁶⁵

Nesta parte sim José então teria somado a transgressão de se deitar com alguém fora do casamento o problema do adultério. Já que dificilmente podemos acreditar que o adultério fosse um crime maior do que o assassinato, ou a violação do Templo, devemos entender que o adultério é o maior de todos os crimes sexuais. Portanto, José, que não havia cometido nem uma transgressão nesta área não faria de sua primeira transgressão uma que infligisse o máximo por além de se deitar com alguém fora de seu casamento, esta pessoa já estaria unida em casamento com outra pessoa.

Segundo Fílon qualquer pessoa sem honra em si teria se entregado a tal tentação, mas que ele, justamente por ter em si os princípios básicos necessários a um líder político, poderia se controlar e considerar friamente todas essas questões, principalmente evitando se envolver em assuntos que pudessem depois

²⁶⁵ Idem, 44

penalizar toda uma comunidade. Novamente servindo não só de interpretação da figura de José, mas regra para qualquer líder comunitário de sua época.

A questão da honra aparece dentro de todos esses três princípios, pois aquele que administra é aquele que honra seus compromissos, aquele que guia ovelhas, as guia com o brilho de sua honra, e aquele que tem um autocontrole honra a si próprio. Portanto a honra é um dos atributos fundamentais para qualquer líder. "TAL AUDÁCIA IRIA DESONRAR MEU CORPO"²⁶⁶

Além dos 3 princípios básicos, Fílon mostra uma série de atitudes, que seguem esses princípios, pelas quais o líder guia o seu povo. Temos por exemplo, no episódio da cadeia José com os dois presos, a interpretar os seus sonhos. Nesta relato José aparece como um homem preocupado com os demais, andando pelas celas diariamente e acompanhando a vida dos presos. E vendo dois deles em grande decepção e tristeza, ainda mais do que o comum, se viraria para eles diria:

"ALEGREM-SE, CONTE ESSES SONHOS PORQUE O SIGNIFICADO DELES SERÃO REVELADOS SE ESSA FOR A VONTADE DE DEUS, E DEUS SEMPRE QUER REVELAR OS SIGNIFICADOS ENCOBERTOS ÀQUELES QUE BUSCAM A VERDADE"²⁶⁷.

Analisando essa passagem, temos, primeiramente que o líder descrito por Fílon deveria ser preocupar individualmente com cada um dos seus, assim como cada pastor cuida especialmente de cada uma das ovelhas de seu rebanho, mas não somente com o seu bem estar físico, ou em garantir que ele não se separe dos demais (o que deveria ser um grande perigo em uma comunidade cuja cultura se helenizava cada vez mais) mas também o líder deve garantir aos

²⁶⁶ Idem, 50

²⁶⁷ Idem, 91

As Narrativas de José do Egito No Midrash

demais uma alta moral, uma alegria, um desejo de vida. O bem estar físico e mental da comunidade é feito pelo bem estar físico e mental de cada um dos seus integrantes.

Outro elemento extremamente importante neste parágrafo é que Fílon entra em uma questão que será intensamente debatida durante séculos e séculos na Idade Média, a relação entre a providência divina e o livre arbítrio do homem, sendo que como pode o homem ter a liberdade de escolher se Deus tudo sabe e somente Sua vontade é realizada. Fílon arruma uma solução muito interessante nesta passagem. Ele deixa bem claro, primeiro, que quem daria o significado do sonho não seria José, e que José menciona isso, pois o bom líder não guarda para si as glórias de Deus (temos diversas passagens bíblicas onde o líder é penalizado por tal feito) e ao mesmo tempo José não tem o poder sobre a vontade de Deus, portanto ele diz que Deus revelaria o significado dos sonhos se Ele quisesse. Mas ao mesmo tempo a todos aqueles que quisessem buscar a verdade Deus acabaria a revelando, portanto o homem também tem a possibilidade de escolha. Isso seria semelhante uma das idéias posteriores sobre a relação entre ambos adotada no mundo moderno. A vontade de Deus é soberana, o homem decide se a aceita ou se resiste em seu coração que ela seja realizada, deixando que ela seja realizada assim mesmo, mas ele sofre com tal.

Ainda dentro da revelação do sonho temos mais algumas características deste líder. Ele se alegra com as boas notícias dadas e se entristece com as más notícias dadas, de certa forma sua alegria se comporta como a alegria da comunidade, sua alma é a alma da comunidade. Portanto, ao dar más notícias, como a que José dá ao padeiro mor, ele sofreria.

“POIS NINGUÉM TREME MAIS DO QUE EU POR SER UM
MENSAGEIRO DE MÁS NOTÍCIAS. EU ME LIGO AQUELES QUE ESTÃO

As Narrativas de José do Egito No Midrash

EM DESGRAÇA E MINHA AFLIÇÃO É SENTIDA COM TANTA FORÇA
COMO A DOS VERDADEIROS SOFREDORES.²⁶⁸

Mas se o líder, assim como um pastor de ovelhas, sofreria ao ver a sua ovelha perdida e a ver ser devorada, ou ter de dar-lhe uma má notícia, acaso não seria melhor aliviar a sua própria dor e a da vítima das más notícias poupando-lhe das más notícias para que não sofra duas vezes, na hora da notícia e na hora do previsto ocorrer? Segundo Fílon não ... e justamente por esta tentação é que o auto-controle é indispensável.

“OS INTÉRPRETES PRECISAM DIZER A VERDADE, JÁ QUE SÃO
PROFETAS EXPONDO OS ORÁCULOS DE DEUS”²⁶⁹

E não somente isso,

“A VERACIDADE É A MELHOR EM TODAS AS MATÉRIAS ! MAS
EM SE TRATANDO DE ASSUNTOS DE DEUS QUALQUER COISA ALÉM
DA VERDADE É PROFANAÇÃO”²⁷⁰

Assim sendo temos um mesmo princípio para as revelações de Deus e as notícias do mundo, ainda que a quebra de cada um destas verdades possa ter uma validade diferente. Assim sendo o que poderia diferir este líder judeu dos demais é que ele não mentiria. Poderia sim ter várias faces, como já foi dito, mas em nenhuma delas carregar a mentira.

Dentro da parte de administração Fílon traz uma série de detalhes técnicos sobre os quais José teria passado instruções no momento, por exemplo, de colher

²⁶⁸ Idem, 94

²⁶⁹ Idem, 95

²⁷⁰ Idem, 95

o trigo durante os anos de fartura, para que estes não apodrecessem durante os anos de dificuldade. Portanto os aspectos administrativos não seriam somente por vontade divina, mas por conhecimento técnico dos homens. Vejamos o exemplo:

“E A COLHEITA DEVE SER TRAZIDA DA FORMA COMO ELA ESTÁ, AINDA EM FOLHAS, SEM QUEBRAR OU DOBRAR DE FORMA NENHUMA.”

Ou ainda

“ELAS DEVEM SER ESTOCADAS EM SUAS PRÓPRIAS VILAS OU CIDADES. SEM TRANSPORTAR GRANDES DISTÂNCIA²⁷¹.”

Seguindo este pensamento Filon, pela boca de José, diz que devem ser feitos grandes círculos com a colheita e que eles devem ser esvaziados gradativamente de dentro para fora, de modo que as pessoas não vejam a sua quantidade diminuir e não se desesperem fora de hora.

Percebemos aqui uma série de elementos técnicos agregados a capacidade de administração, indispensável ao líder, portanto é lícito e importante a este líder aprender todas as ciências “das nações” para aumentar os seus conhecimentos e saber liderar o povo, em momento algum deve simplesmente esperar que Deus os guarde sem fazer qualquer esforço.

E percebemos mais, além de técnicas para a administração dos bens da comunidade, percebemos também técnicas para administração da moral do povo liderado, o que não chega a ser uma permissão de se mentir, já que a mentira é sempre abominada o tempo todo nesta obra, mas sim formas de ludibriar esperando o bem do povo. A administração deveria, portanto pensar não somente

²⁷¹ idem, 112

nos fatores externos a comunidade mas nos fatores internos. No parágrafo 115 Fílon, ainda pela boca de José, mostra a necessidade de se preparar para a defesa física dos suprimentos, já que

“DURANTE ÉPOCAS DE FOME E ADVERSIDADES TUDO É INCERTO, E PRECISAMOS NOS PREPARAR PARA ENCONTRAR ESSAS INCERTEZAS. NÃO DEVEMOS ESPERAR QUE APENAS REMEDIEMOS QUANDO NÃO HOUVER MAIS REMÉDIO”

Chega a dizer, inclusive, que é durante a paz que as pessoas devem se preparar para a guerra. Portanto a administração também consiste em preparar o povo para se defender. Embora em momento algum seja lícito fazer uma guerra, é necessário estar preparado para a defesa. Se formos ver exemplos posteriores, várias vezes são essas preparações prévias que salvam diversas vidas em momentos da ira se voltando contra os judeus.

Entre as características do líder também aparece o fato de saber agir no momento escolhido por Deus para que ele aja. Embora desde cedo José tivesse todas as características para ser um líder, apenas ao revelar o significado do sonho ao Faraó é que ele será aclamado como tal. Até então vivia como um simples escravo, talvez já notavelmente diferente dos outros escravos, mas ainda assim aos olhos de todos apenas um escravo. Assim não importando qual for a sua anterior posição, mas no dia escolhido ele se “revela” assumindo tal fato, desde que, é claro, tenha sido escolhido por Deus para tal e possua as características básicas já explicadas:

“E QUEM PODERIA ESPERAR QUE EM UM ÚNICO DIA O MESMO HOMEM QUE FOI TRANSFORMADO DE ESCRAVO A MESTRE, DE PRISIONEIRO PARA O MAIOR DOS DIGNATÁRIOS, DE SERVENTE AO

As Narrativas de José do Egito No Midrash

VICE-REI (...) MAS ISSO SEMPRE ACONTECE QUANDO DEUS ASSIM O DESEJA.”²⁷²

Seria ainda outra característica marcante do líder, embora esta Filon passa apenas nas entrelinhas, a capacidade de deixar morrer o velho para nascer o novo, deixar-se desprender do mundo que antes vivia para apreender o que virá, passando essa capacidade para todo o povo. Pelas palavras do filósofo:

“ TALVEZ, COM CERTEZA, CADA UM DOS ESTÁGIOS, COMO ELE REINA SOBRE O SEU ANTERIOR, MORRE UMA MORTE ANTECIPADA. A NATUREZA SILENCIOSAMENTE NOS ENSINA A NÃO TEMER A MORTE QUE TERMINA A TUDO (...) NÃO MORRE O BADE PARA QUE EXISTA O MENINO, E O MENINO NÃO MORRE PARA QUE EXISTA O GAROTO, E ESTE PARA O JOVEM, E ESTE PARA O HOMEM, E ESTE PARA O VELHO, E O VELHO PARA O MORTO?”²⁷³

Portanto aceitar que a fase antiga morra para que a próxima nasça, e que esta reine sobre as demais, já que o líder deve ensinar o povo a viver no presente e não sobre um passado que não mais existe, o próprio líder tem de aceitar essa mudança em si, da morte do que não é mais, para a aceitação do próximo estágio. E que cada um destes é em si uma preparação para a morte, afinal em todos houve um ganho em conhecimento e nas capacidades de líder, sempre aumentando ao abraçar o novo estágio e deixando morrer o velho, portanto quando ocorre a morte do corpo, o novo estágio alcançado igualmente, seguindo a mesma lógica, seria mais evoluído do que os seus precedentes.

Ora, mantendo as três características básicas através dos exemplos e qualidades citadas, a função principal do líder seria conseguir guiar todas as suas

²⁷² Idem, 124

²⁷³ Idem, 129

“ovelhas”, todos os membros de sua comunidade rumo a prosperidade, manutenção de costumes e a uma vida melhor. Portanto, um dos principais pontos que um líder deveria ter é saber como se portar diante de divisões, cisões dentro do seu rebanho, tanto para manter o seu poder de representatividade, como para garantir que todos caminhem juntos e que ele não acaba se tornando na prática líder de apenas um pequeno grupo dentro do grupo maior que ele deveria liderar. Como um pastor que ficasse a cuidar apenas de ovelhas preferidas no centro do rebanho e deixasse os lobos devorar as periféricas.

Desta forma muitas vezes aparece a idéia de cisões dentro do grupo. A primeira, como já vimos no começo do trabalho, seria o próprio momento em que José é jogado no poço, onde seria como que uma cisão onde todos se voltavam contra ele. Mas quando ele realmente assume o poder no Egito e os irmãos o vão visitar, segundo a interpretação de Filon, José põe os irmãos a prova para saber se eles ainda mantêm uma divisão de casas ou não. Pela lógica do filósofo a única divisão possível, já que José foi colocado de lado pelos irmãos, seria entre os filhos de Lia e os filhos de Raquel²⁷⁴. Na época em que José foi jogado no poço Benjamin era muito novo para que entrasse na disputa, mas José, então temeria que a reação dos irmãos se um destes fosse preso seria diferente da reação tida caso Benjamin, o único outro filho de Raquel, fosse preso. Por isso primeiro viria José a fazer planos para prender Simeão, filho de Lia, e posteriormente prender Benjamin, filho de Raquel. Percebe entretanto que os irmãos choram igualmente pela prisão dos dois e com isso ele estaria pronto para aceitar restituir a todos o caminhar junto sob sua liderança.²⁷⁵

²⁷⁴ Gen 30 (Lembrando que Jacó, pai de José, casa-se primeiro com Lia, por ter sido enganado na cerimônia de casamento, e somente depois consegue se casar com Raquel, aquela a quem ele amava de verdade)

²⁷⁵ Filon, *A vida de José*, 236

IV.1.3. José e João

A figura de José nas "Cartas à Olímpia" de João Crisóstomo

O principal objetivo deste capítulo não é traçar um estudo sobre a vida, ou sequer sobre a obra de João Crisóstomo, conhecido por seu anti-judaísmo exacerbado. A escolha do autor e da obra, para servir de comparação com a narrativa judaica do *Midrash Rabbah* vem da proximidade cronológica e física.

Olímpia, nascida²⁷⁶ em Constantinopla por volta de 368 EC, se corresponderá com João Crisóstomo do ano de 404 a 405. O conteúdo das cartas são diversos, especialmente conselhos sobre como se deveria viver a sua vida sob os olhos da fé. A figura de José não é central nas cartas, entretanto ele é citado por diversas vezes, e é exatamente nestas citações que os paralelos poderão ser estabelecidos.

Justamente pela essência das cartas não se essencialmente a de um embate teológico há a liberdade de utilizar o imaginário como parte integrante das idéias que estão sendo passadas. Assim sendo com maior facilidade iremos encontrar pontos de contato entre o pensamento de João Crisóstomo e o pensamento midráshico.

Antes de entrar propriamente na questão de José convém deixar claro que por várias vezes em suas cartas Crisóstomo mostra repúdio ao povo judeu, não somente pela negação de cristo, como pelas suas diversas transgressões em diversas épocas, relatadas pela bíblia. Por exemplo, na carta 4 ele chama os judeus de "POVO SEM DISCIPLINA, SEM REFLEXÃO, ESCRAVOS DA CADEIRA, (...)

²⁷⁶ Crisóstome, Jean, *Lettres a Olympias*, p.8

DE MÚLTIPLAS VIOLAÇÕES,(...) VIVERAM A ESCRAVIDÃO, A FOME, A PESTE E A ANTROPOFAGIA²⁷⁷

São dois os principais momentos em que José é utilizado por Crisóstomo em suas cartas, especialmente na questão do orgulho e na questão da resistência aos prazeres da carne.

Ainda na carta 10, parágrafo 12d, temos o desenvolvimento de uma idéia de que a idade mais avançada é melhor do que a juventude, que apesar do vigor é molestada pelas paixões. Avançando neste pensamento das paixões carnis desviando o corpo da reflexão sobre Deus.

Começando pela citação do Provérbio de Salomão "ASSIM ACONTECE COM AQUELE QUE PROCURA A MULHER DO PRÓXIMO, QUEM A TOCA NÃO FICARÁ IMPUNE"²⁷⁸. Segundo ele José foi muito além de simplesmente resistir a tentação de tocar a mulher do próximo, pois morava junto a ela, e mais do que isso, foi ela quem o tocou, e ainda assim ele resistiu à tentação "ELE QUE FOI EXPOSTO A TANTO MAU, FOI PROVADO POR TANTAS ADVERSIDADES, ELE DESEJOU ARDENTEMENTE CALMA E SEGURANÇA"

Aparentemente, além das ligações claras entre o trecho do *midrash* e o da carta, não há qualquer outra ligação. Não há aqui qualquer citação à animalidade do pecado, nem tampouco a intervenção divina para que este não venha a ocorrer. Pelo contrário, na continuação da carta, parágrafo 13d, temos a colocação que para recompensar o esforço que a pessoa faz para evitar o pecado ela merece ser "COROADA COM TROFÉUS E CANTOS DE TRIUNFO".

Entretanto, alguns parágrafos depois, no 14e aparece "A AJUDA DE DEUS CHEGA EM GRANDE ABUNDÂNCIA". Ainda que, a princípio o mérito fosse próprio,

²⁷⁷ Capítulo 4.b

²⁷⁸ Pv. 6, 29

é na abundante ajuda de Deus que se encontra a força para a resistência da transgressão do adultério.

Apesar da questão de resistência ao pecado, especialmente aos pecados ligados ao ato sexual, ser o assunto principal da maior parte das cartas, temos no outro elemento citado as ligações traçadas com a narrativa midráshica.

Na carta XIII, parágrafo 2A temos a colocação de José como um menino cheio de si, sempre se gabando diante de seus irmãos, sem jamais se calar. Foi dito então pelos irmãos que uma besta selvagem havia devorado o seu irmão, que realmente estava morto, mas *"APÓS UM TEMPO CONSIDERÁVEL ALI ESTAVA ELE DIANTE DE SEU FILHO O PAI (...) ESTAVA DIANTE DE UM OUTRO HOMEM, UMA PESSOA QUE NÃO ACUSAVA, QUE NÃO BLASFEMAVA, QUE NÃO ATACAVA, QUE HAVIA SE LIBERTADO"*.

Nesta passagem há muitas ligações com as narrativas midráshicas. Conforme foi visto no capítulo sobre "As vestes de José" aqui também há a ligação clara do episódio onde os irmãos apresentam as vestes de José devorado pela besta com a morte de uma forma de sua ação, transformada por completa e revelada no novo encontra deste com a sua família. Assim como lá aparecia a morte do orgulho para que José permanecesse vivo, aqui aparece claramente a idéia de que ele era um novo homem, e justamente as características ligadas ao seu pretense antigo orgulho e que teriam desaparecido.

Segundo Crisóstomo a pessoa orgulhosa não consegue seguir os caminhos de Deus pois ela está sempre lançando acusações, mas as acusações são sempre forjadas contra elas próprias, as persegue e derrama o seu sangue. Um exemplo disso seria o próprio Judas, que acusou injustamente Jesus, mas acabou perseguido tão intensamente pela sua própria acusação que tirou sua própria vida.²⁷⁹ Seria por esse motivo, por exemplo, que Jesus nunca haveria acusado, e

²⁷⁹ Carta XIII, parágrafo 2c

As Narrativas de José do Egito No Midrash

que Davi, mesmo depois do seu famoso pecado de adultério teria permanecido vivo, por não ter acusado Saul no tempo que este era rei e o perseguia.

V - Conclusão

Inicialmente tenho a dizer que a única conclusão possível de se afirmar ao término desta dissertação é que ela não está em absoluto concluída. Na verdade seria impossível concluir um tema tão amplo e rico com apenas algumas centenas de páginas e em apenas alguns anos. Especialmente por se tratar de um tema praticamente novo em nosso país.

Assim sendo, esta parte poderia simplesmente fazer um fechamento das idéias básicas levantadas em cada capítulo. Entretanto eles já trazem em si conclusões parciais. Não vendo qualquer necessidade em fazer um resumo final do trabalho creio que a melhor forma de concluí-lo seria exatamente mostrando quais são os pontos do trabalho que não estão concluídos. Portanto sendo fontes para aprofundamento de pesquisa e criação de outros trabalhos, sejam pequenas publicações, ou inclusive aprofundamentos como uma futura tese de doutorado.

Tendo estabelecido esse objetivo para as conclusões :

1 – A relação entre Alcorão e *Midrashim*

Embora o tratamento dos relatos corânicos não fossem primordiais para a realização deste trabalho ele se mostrou extremamente rico em termos de comparações. Tanto que um capítulo inteiro do trabalho foi dedicado à figura de José no Alcorão. Entretanto não houve qualquer possibilidade de um aprofundamento nesta relação. Posso prever que tal aprofundamento seria uma fonte igualmente inesgotável. Isso se dá por uma série de motivos. Primeiramente a época em que os *midrashim* começam a ser produzidos é próxima à criação do Alcorão, distando de apenas alguns séculos, e estes continuam a ser produzidos

pelos séculos seguintes à criação do livro sagrado islâmico. O local de produção de ambos igualmente é muito próximo. Mas especialmente os temas e os elementos trazem ligações aparentes.

Durante a dissertação alguns destes temas foram levantados. Em especial que justamente os pontos levantados pelos sábios do *Midrash Rabbah* como lacunares, e portanto necessitando de uma maior interpretação e preenchimento com a "tradição oral". São justamente esses os pontos que mostram maior diferença entre o Alcorão e a *Torá*. Existem trabalhos que comparam o Alcorão e o pensamento talmúdico, e mesmo alguns que fazem a comparação com os *midrashim*. Entretanto em sua grande maioria a comparação feita é com relação a questões do direito corânico.

Certamente o pequeno estudo feito durante este trabalho não pode ainda levantar qualquer dado mais específico sobre este tema. Mas há a possibilidade de que haja mais pontos de contato entre o *midrash* e o alcorão e que de certa forma isso poderia trazer novas e poderosas luzes na compreensão histórica do surgimento do islã e mesmo para a questão de convívio entre esses dois povos. Em especial o autor M Saifullah em seu livro "*Is The Qur'anic Surah Of Joseph Borrowed From Jewish Midrashic Sources?*" já trata este tema de forma interessante, entretanto sem um aprofundamento mais completo. Especialmente porque não é levado a um comparação entre o completo da obra midráshica e o completo do texto do Alcorão. Existem inclusive alguns site islâmicos sem teor científico que pretendem provar que na verdade o *midrash* foi inspirado no Alcorão, uma forma de dizer que a tradição oral teria sido baseada na revelação divina do livro sagrado. Entretanto devido ao anacronismo tais considerações não podem ser levadas a sério. Mas talvez seja possível verificar a presença de algumas novas colocações na tradição judaica após o alcorão com a inserção de algum elemento corânico, embora isso seja muito pouco provável seria algo interessante de ser verificado.

2 – A Patrística e os *Midrashim* (especialmente o *Midrash Rabbah*)

A patrística é contemporânea aos sábios que escrevem o *Midrash Rabbah*, ainda que a sua compilação seja um pouco posterior. Por estarem dividindo a mesma época e se debruçarem sobre o mesmo texto, podemos extrair os principais focos de diferenciação e de proximidade do cristianismo patrístico e do judaísmo desta época. Este trabalho de mestrado não pôde se dedicar a esse assunto por um motivo muito simples. Tanto o *midrash*, como a patrística são obras praticamente inesgotáveis, de diversos autores e diversos temas. Seria necessário isolar primeiramente alguns temas. No caso a própria figura de José do Egito poderia ser o tema unificador para se começar a comparação. Verificando o que o pensamento da patrística fala sobre as passagens de gênesis referentes a José do Egito e fazendo uma comparação com a análise das mesmas passagens no *midrash* teríamos como comparar melhor os valores e os conflitos ideológicos entre essas duas religiões, ainda no berço de origem da diferenciação entre ambas.

Outra possibilidade talvez seria a comparação entre os textos do *midrash* com as parábolas cristãs e suas interpretações. Embora isso perdesse a ligação central de mesmo documento inicial, poderia promover uma análise mais aprofundada de valores universais a esses dois pensamentos.

3 – Análise da figura da mulher do *midrash*

Uma vez que os temas principais foram levantados para o aprofundamento destes precisou haver uma escolha entre os que ali estavam presentes. Dois deles foram deixados de lado, entretanto em qualquer oportunidade deveriam ser

resgatados pois são igualmente ricos. Aqui, em especial, a figura da mulher no *midrash*. Temos na narrativa de José do Egito poucas mulheres, mas de importância fundamental, em especial a tentadora, nomeada de Zuleica pela tradição. Na *torá* essa passagem não se alonga por mais do que uma pequena porcentagem de toda a história, mas no *midrash* ela passa a ser uma das figuras centrais, bem como a tentação sofrida. A mulher vista como uma fera selvagem, de difícil compreensão que mexe com os desejos do homem. A qual não é capaz de refrear os seus desejos animais, é culpada de qualquer tentação, enquanto o homem é apenas o tentado e aquele que tem a obrigação de vencer tais desejos ilícitos. Para dar maior profundidade a esse tema deveria ter sido feito um levantamento das principais mulheres presentes no *Midrash Rabbah*, e uma comparação entre as características atribuídas a essas, especialmente as características que não estivessem presentes abertamente no texto da *Torá*.

Outro elemento importante relacionado à figura feminina se encontra na já comentada citação do *Midrash Rabbah* onde uma matrona anônima aparece de simplesmente faz com que uma discussão que aparentemente já havia acabado precisasse ser recomeçada. Verificando assim a possível presença de outras inserções de formulações femininas no interior do *Midrash Rabbah* e como elas são tratadas, e caso seja em quantidade suficiente tentar delinear algo em comum entre a participação feita pelas mulheres.

4 – O corpo no *midrash*

Outro tema imensamente rico que não pôde ser abordado em sua profundidade é a questão da sacralidade do corpo presente com grande força no *Midrash Rabbah* e especialmente em *midrashim* posteriores. Há, por exemplo, a citação de que Moisés, no momento da fuga do Egito com todo o povo teve primeiro de procurar e achar onde estaria o corpo de José, e este teria sido

desenterrado para ser levado com todo o povo para a terra prometida. E o corpo teria sido levado com eles inclusive na tomada de Jericó. Desta forma José seria considerado mais agraciado por poder ter entrado, depois de morto, bem esse que Moisés não pôde ter recebido.

A questão do corpo está intrinsecamente ligada à questão do messianismo, uma vez que este se liga à crença da ressurreição dos mortos. Desta forma os corpos dos mortos são não somente sagrados mas devem estar na terra santa para o momento da vinda do Messias libertador do povo. Entretanto isso seria um pobre simplismo para toda a questão da importância do corpo após a morte presente no *midrash*, que somente poderia ser realmente estudada mais a fundo com um longo trabalho onde todas as citações desta forma fossem isoladas e analisadas para que pudessem ser comparadas entre si.

5 – O messianismo cristão e o messianismo judaico

A questão messiânica é sem dúvida o principal motivo de divergência do pensamento cristão e o pensamento judaico. Os *midrashim* surgem ao mesmo tempo que a literatura cristã está surgindo, desde a patrística até a teologia medieval. É justamente nos primeiros séculos de produção de *midrashim* e na época da patrística que as duas religiões criam entre si uma cisão até agora irrecuperável, que gera perseguições e guerras inacabáveis. Analisar o material produzido nesta época e verificar como a idéia de messianismo vai se transformando ou sendo mais elaborada no decorrer dos séculos talvez fosse um ponto de extrema importância para entender a base da discórdia dos dois pensamentos.

Quais são as justificativas judaicas para que Jesus não pudesse ser considerado o messias? Como os textos cristãos primitivos combatiam tais justificativas. Em que medida os textos judaicos da tradição oral e dos *midrashim*

vão se modificando com o tempo, e em que medida as idéias de messianismo cristão vão se evoluindo? Há algum ponto de contato? Será que em alguma medida a evolução de ambos os pensamentos se dá através de alguma antítese, onde uma seja a resposta para outra de modo a comprovar que o outro pensamento seria totalmente incoerente? Tais dúvidas colocadas acima podem ser apenas conjecturas totalmente sem sentido, mas caso haja alguma verdade nelas estas poderiam gerar um trabalho riquíssimo.

VI. Fontes Bibliográficas

VI.1 – Fontes Primárias

_____. , *Alcorão*, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, Lisboa, 1979

_____. , *Bíblia de Jerusalém*, Editora Paulus, São Paulo, 2001

_____. , *Talmud*, Ed. Cultura, São Paulo, 1912

_____. , *Pirkey Avot*, São Paulo, 1980

_____. , *Catecismo da Igreja católica* , Editora vozes, Petrópolis, 1992

ABELSON, Joseph, *Jewish Mysticism*, New Yorkm Hermon Press, 1969

AGOSTINHO, Santo, *Cidade de Deus*, Nova cultural, São Paulo, 2000

AGOSTINHO, Santo, *Confissões*, Nova cultura, São Paulo, 1999

AGOSTINHO, Santo, *Tratado sobre a graça*, Paulus, São Paulo, 2001

BIALIK, H. N. & RAVINITSKY, I. C. H. *Sefer Ha Agada*, Ed. Dvir, Tel Aviv, 1951, 3ª Ed.

CHRISOSTOME, Jean, *Lettres a Olympias*, Éditions du Cerf, Paris, 1947

JOSEFO, Flávio, *Obras completas*, 6 vols., Acervo Cultural, Buenos Aires, 1961

PHÍLON (de Alexandria) , *De Vita Contemplativa*, Éditions du Cerf, Paris, 1963

PHÍLON (de Alexandria) , *Yossef*, Éditions du Cerf, Paris, 1963

VI.2 – Bibliografia

_____. "From Text to Interpretation and From Experience to the Interpreted Text." *Prooftexts* 3, no. 2 (1983): 157-68.

_____. "Inner Biblical Exegesis: Types and Strategies of Interpretation in Ancient Israel." In *Midrash and Literature*, edited by Hartman, Geoffrey H. and Sanford Budick, 19-37. New Haven: Yale University Press, 1986.

_____. "Midrash and Indeterminacy." *Critical Inquiry* 15 (1988): 132-61.

_____. "Midrash." In *Approaches to Ancient Judaism I*, edited by William Scott Green, 29-50. Missoula: Scholars Press, 1978.

_____. "Midrash." In *Back To the Sources: Reading the Classic Jewish Texts*, 177-211. New York: Summit Books, 1984.

_____. "Old Wine in New Bottles: Intertextuality and Midrash." *Poetics Today* 8 (1987): 539-56.

_____. "Past and Present in Midrashic Literature." *Hebrew Annual Review* 2 (1978): 45-59.

_____. "Rabbinic Interpretation of Scripture." In *Hellenism in Jewish Palestine*, 47-67. New York: JTS, 1962.

_____. "The Hermeneutic Rules of the Aggadah." In *Hellenism in Jewish Palestine*, 68-82. New York: JTS, 1962.

_____. "'The Holy One Sits and Roars': Mythopoesis and the Midrashic Imagination." In *The Midrashic Imagination*, edited by Michael Fishbane, 60-77. Albany: SUNY, 1993.

_____. "The Nature of the Aggadah." Translated by Marc Bregman. In *Midrash and Literature*, pp. 41-55. Edited by Geoffrey H. Hartman and Sanford Budick. New Haven: Yale University Press, 1986. (First chapter of Heinemann's *Aggadah and Its Development*.)

_____. "The Proem in the Aggadic Midrashim - A Form Critical Study." *Scripta Hierosolymitana* 22 (1971): 100-22.

_____. "The Structure and Division of Genesis Rabbah [Hebrew]." *Bar Ilan Annual* 9 (1972): 279-89.

_____. "Torah and Tradition." In *Tradition and Theology in the Old Testament*, edited by Douglas A. Night, 275-300. Philadelphia: Fortress Press, 1977.

- _____. "Toward a New Agendum for the Study of Rabbinic Midrashic Literature." In *Studies in Aggadah, Targum and Jewish Liturgy in Memory of Joseph Heinemann*, edited by Petuchowski, Jakob J. and Ezra Fleischer, 55-73. Jerusalem: Magnes Press, 1981.
- _____. "Two Introductions to Midrash." In *Midrash and Literature*, edited by Hartman, Geoffrey H. and Sanford Budick, 77-103. New Haven: Yale University Press, 1986.
- _____. *Biblical Interpretation in Ancient Israel*. Oxford: Oxford University Press, 1965.
- _____. *De Davi ao Messias: textos básicos da esperança messiânica*, Petrópolis, Vozes, 2000
- _____. *Introduction to Rabbinic Literature*. pp. 221-546, New York: Doubleday, 1994.
- _____. *Midrash in Context: Exegesis in Formative Judaism*. Philadelphia: Fortress Press, 1983.
- _____. *Scripture and Tradition in Judaism*. Leiden: Brill, 1961; 2nd edition, 1973.
- _____. *The World of the Aggadah*. Tel-Aviv: MOD Books, 1990.
- _____. *What Is Midrash?* Philadelphia: Fortress Press, 1987.

As Narrativas de José do Egito No Midrash

_____, *Midrash Rabbah*, (translated by Rabbi Dr H. Freedman PH. D.),
Soncino Press, New York, 1976

_____, *Apócrifos - Os proscritos da Bíblia*, Ed Mercuryo, São
Paulo, 1989

_____, *Encyclopaedia Judaica*, Keter Publishing House Jerushalem
LTDA, 1971-2

AMÂNICO, Moacir, *O Talmud (simplificado)*. Coleção Menorah, ed. Iluminuras,
São Paulo, 1995

ANDERSON, G. W., *The History and Religion of Israel*, Oxford Univ. Press.,
London, 1966

AVANCINUM, Nicolaum, *Vita et doctrina Domini Nostri Jesu Christi / Vida e
doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo*, São Paulo, Paulinas, 1978. (bilingue –
port – latim)

BACHER, Wilhelm. "Bible Exegesis." In *Jewish Encyclopedia*, 3:162-65. 1901-
1906.

BARTH, Lewis M. "The Midrashic Enterprise." *Jewish Book Annual* 40 (1982-
1983): 7-19.

BARTH, Lewis M. *An Analysis of Vatican 30*. Cincinnati: HUC, 1973.

BARTON, George A., *The Religion of Ancient Israel*, University of Pennsylvania Press, 1928

BETTAN, Israel. "Early Jewish Preaching in the Synagogue." In *Studies in Jewish Preaching*, 3-49. Cincinnati: HUC Press, 1939.

BETTENCOURT, Dom Estevão, *Para entender os Evangelhos*, Editora Agir, Rio de Janeiro, 1960

BIALIK, Haim Nahman. "Halacha and Aggadah" (1917). Translated by L. Simon. *Contemporary Jewish Record* 7: 16 (December 1944).

BLOCH, Renee. "Methodological Note for the Study of Rabbinic Literature." In *Approaches to Ancient Judaism I*, edited by William Scott Green, 51-76. Missoula: Scholars Press, 1978.

BOYARIN, Daniel. *Intertextuality and the Reading of Midrash*. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

BREGMAN, Marc. "Joseph Heinemann's Studies on the Aggadah." *Immanuel* 9 (1979): 58-62.

BROWNLEE, William H., *The Midrash Peshar of Habakkuk*, Edward Brothers Inc, Michigan, 1979

CHOURAQUI, André, *des Hébreux au temps de la bible*, Hachette, Paris, 1960

COHEN, A., *Le Talmud*, Payothèque, Paris, 1977

COHEN, Norman J. *Self, Struggle and Change: Family Conflict Stories in Genesis and Their Healing Insights for Our Lives*. Woodstock, VT: Jewish Lights, 1995.

DAUBE, David. "Rabbinic Methods of Interpretation and Hellenistic Rhetoric." *HUCA* 22 (1949): 239-64.

DIAMOND, Eliezer. "Midrashic Literature." In *The Schocken Guide to Jewish Books*, edited by Barry W. Holtz, 64-6. New York: Schocken, 1992.

EDERSHEIM, Alfredo, *Festas de Israel*, União cultural editora,

EFROS, Israel, *Ancient Jewish Philosophy*, Bloch Publishing inc, 1976

EILBERG-SCHWARTZ, Howard. "Who's Kidding Whom?: A Serious Reading of Rabbinic Word Plays." *Journal of the American Academy of Religion* 55 (1988): 756-88.

ELATA-ALSTER, Gerda and Rachel Salmon. "Vertical and Horizontal Readings of the Biblical Text." *Linguistica Biblica* 60 (1988): 31-59.

ELIADE, Mircea, *Ferreiros e alquimistas*, Zahar editores, Rio de Janeiro, 1979

ELIADE, Mircea, *Mito do Eterno Retorno*, Editora Mercúrio, São Paulo, 1991

ELIADE, Mircea, *Mito e Realidade*, editora perspectiva, São Paulo, 1972

Enciclopédia Judaica, Jerusalém, Keter Publishing House, 1971-2

EPSTEIN, Perle, *Cabala – O caminho da mística judaica*, Ed. Pensamento, São Paulo, 1978

FALBEL, Nachman, *Kidush Hashem - Crônicas hebraicas sobre as cruzadas*, EDUSP, São Paulo, 2001

FALBEL, Nachman, "Sobre o messianismo judaico medieval" in *Leitura Judaica e releitura cristã da bíblia*, nº 40, Ed. Vozes, Petrópolis, 2001

FINKELSTEIN, Louis, *The Jews - Their Religion and Culture*, Schochen Books, New York, 1973

FISHBANE, Michael A. "The Garments of Torah: Essays in Biblical Hermeneutics." in *The Garments of Torah: Essays in Biblical Hermeneutics*,. Bloomington: Indiana University Press, 1989.

FISHBANE, Michel (org.) , *The Midrashic Imagination – Jewish exegesis, thought and history*, State University of New York Press, New York, 1993

FOHRER, Georg, *History of Israelite Religion*, Abingdon press, New York, 1972

FRAADE, Steven D. *Enoch and His Generation: Pre-Israelite Hero and History in Postbiblical Interpretation*. Chico, CA: , 1984.

As Narrativas de José do Egito No Midrash

FRANKEL, Yonah. *Darkhei ha'aggadah wehamidrash*. Jerusalem: Yad La-Talmud, 1991.

FRIES, Heinrich, *Conceptos Fundamentales de la teologia*, Ediciones Cristianidade, Madrid, 1966 (5 Tomos)

GINZBERG, Louis, *On Jewish Law and lore*, The Jewish Publication of America, Philadelphia, 1962

GINZBERG, Louis, *The legends of the jews*, The Jewish Publication of America, Philadelphia, 1969

GOLDIN, Judah. "The Freedom and Restraint of Haggadah." In *Midrash and Literature*, edited by Geoffrey H. Hartman, and Sanford Budick, 57- 76. New Haven: Yale University Press, 1986.

GOLDMAN, Edward A. "*Parallel Texts in the Palestinian Talmud to Genesis Rabba*." Rabbinic Thesis, HUC, 1969.

GOUGH, Michael, *The Early Christians*, Thames and Hudson, London, 1961

GRAVES, Robert, & PATAI, Raphael, *O livro do Gênese – mitologia hebraica*, Ed. Xenon, Rio de Janeiro, 1994

GREEN, William Scott. "Romancing the Tome: Rabbinic Hermeneutics and the Theory of Literature." *Semeia* (1987): 147-68.

GREEN, William Scott , *Writing with Scripture: The Authority and Uses of the Hebrew Bible in Formative Judaism*. Philadelphia: Fortress Press, 1989. Reprint. Atlanta: Scholars Press, 1993.

GRELOT, Pierre, *A Esperança judaica no tempo de Jesus*. São Paulo , Loyola, 1996.,

HALIVNI, David Weiss. *Peshar and Derash – Plain and Applied Meaning in Rabbinic Exegesis*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

HANDELMAN, Susan A., *The Slayers of Moses: The Emergence of Rabbinic Interpretation in Modern Literary Theory*. Albany: State University of New York, 1982.

HARTMAN, Geoffrey H. "On the Jewish Imagination." *Prooftexts* 5 (1985): 201-20.

HEINEMANN, Isaak. *Darkhei ha'aggadah*. 2 ed. Jerusalem: Magnes Press, 1954.

HEINEMANN, Joseph. "Happetihot bemidreshei ha'aggadah: meqoran wetafqidan." *Proceedings of the Fourth World Congress of Jewish Studies* 2 (1969): 43-7.

HELLER, Ann Williams, *Cabalá – O caminho da liberdade interior*, ed Pensamento, São Paulo, 1990

HERR, Moshe David. "Genesis Rabbah." In *Encyclopedia Judaica*, 7:399-401. Jerusalem: Keter, 1972.

HOLTZ, Barry W. *Finding Our Way—Jewish Texts and the Lives We Lead Today*. New York: Schocken, 1990.

HORGAN, Maurya, P., *Pesharim: Qumran Interpretation of biblical books*, Washington, The Catholic Biblical Association of America, 1979

ILDELSOHN, A. Z., *Jewish Liturgy and its development*, Dover Publication Inc., 1995, New York

IUSIM, Henrique, *As raízes do judaísmo clássico*, Editora B'nai B'rth, Brasil (Sem cidade), 1968

JACOB MANN. *The Bible As Read and Preached in the Old Synagogue*, 2 vols., edited by Sonne, Jacob. Cincinnati: 1940. (Reprint of vol. 1. New York: KTAV, 1971.)

JACOBS, Irving. *The Midrashic Process*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

JEREMIAS, Joachim, *As parábolas de Jesus*. São Paulo, Paulinas, 1980.

JEREMIAS, Joachim, *Teologia do Novo Testamento: a pregação de Jesus*. São Paulo, Paulinas, 1977.

JEREMIAS, Joachim, *Jerusalem en tiempos de Jesus: estudio económico y social del mundo del Nuevo Testamento*, Madri : Cristandad, 1977

KLAUSNER, Joseph, *De Jesus a Paulo*, São Paulo, Paulinas, 1980.

KUGEL, James L. "Early Interpretation: The Common Background of Late Forms of Biblical Exegesis." In *Early Biblical Interpretation*, edited by Kugel, James and Rowan A. Greer, 11-106. Philadelphia: Fortress Press, 1986.

KUGEL, James. *In Potiphar's House: The Interpretive Life of Biblical Texts*. San Francisco: Harper Collins, 1990.

KÜMMEL, Werner Georg, *Síntese teológica do Novo Testamento: de acordo com as testemunhas principais Jesus Paulo e João*, Sinodal, (Sem data)

LAVERGNE, Ceslas & BARDY, G. & REGAUX, B., *Jesus Cristo e as origens cristãs*, São Paulo, Paulinas, (Sem Data)

LEDEAUT, Roger. "Proposing a Definition of Midrash." In *Interpretation*, 1971

LENHARDT, Pierre & COLLIN, Matthieu, *a Torah oral dos fariseus*, Ed. Paulus, São Paulo, 1997

LIEBERMAN, Saul. "Introduction; The Greek of the Rabbis; The Greek of the Synagogue." In *Greek in Jewish Palestine*, 1-67. New York: JTS, 1942.

LIFSCHITZ, Daniel, *Cain e Abel, a Hagadá sobre Gênesis 4 e 5*, Paulinas, São Paulo, 1998

LIMENTANI, Giacoma, *O Midraxé – Como os mestre judeus liam e viviam a bíblia*, Paulinas, São Paulo, 1998

LOEWE, Raphael. "The 'Plain' Meaning of Scripture in Early Jewish Exegesis."
Papers of the Institute of Jewish Studies [London] 1 (1964)

LORENZ, F. V., *Noções elementares de cabala*, Editora pensamento, São Paulo, (sem data)

LUZZATTO, Moses Chayin, *Ha-Shem*, New York, 1974 (Inglês)

MACK, Hananel. *The Aggadic Midrash Literature*. Tel Aviv: MOD Books, 1989.

MAIMON, Moshé Bem, *Os 613 mandamentos (Tariag Há-mitzvoth)*, Editora Nova Arcária, São Paulo, 1991

MAISONNEUVE, D., *Paraboles rabbiniques*, Cahir Evangile, Paris, 1984

MARMORSTEIN, Arthur. "The Introduction of R. Hoshaya to the First Chapter of Genesis Rabba." In *Louis Ginzberg Jubilee Volume on the Occasion of His Seventieth Birthday*, edited by Marx, Alexander and Saul Lieberman, Shalom Spiegel and Solomon Zeitlin, 247-52. New York: American Academy for Jewish Research, 1945.

MARTINEZ, Florentino García, *Textos de Qumran*, Petrópolis, Vozes, 1995

MEHLMANN, D. João, *História da Palestina nos tempos do novo testamento*, vol.1, E. Simões de Paula, São Paulo, 1961

As Narrativas de José do Egito No Midrash

MEUROIS, Anne & GIVAUDAN, Daniel, *O Caminho dos Essênios*, Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 1987

MIHALY, Eugene. *A Song to Creation*. Cincinnati: HUC, 1975. Odeberg, Hugo. *The Aramaic Portions of Bereshit Rabba*. Lund, 1939.

MILLER, Merrill P. "Midrash." In *Interpreters Dictionary of the Bible: Supplementary Volume*, 593-7. Nashville: Abingdon Press, 1976.

MINTZ, Alan. *Hurban: Responses to Catastrophe in Hebrew Literature*. New York: Columbia University Press, 1984.

MIRSKY, Aaron. *The Origins of the Forms of Liturgical Poetry [Hebrew]*. Jerusalem: Schocken, 1969.

NEUSNER, Jacob. *Invitation to Midrash*. San Francisco: Harper & Row, 1989.

NOVECK, Simon, *Estes Homens fizeram o judaísmo*, Editora Documentário, Rio de Janeiro, 1974

PIAT, Stéphane, Pe, *L'Évangile de la pauvreté: ce que Jésus pensait des riches et des pauvres*, Paris, Franciscaines, 1955

PORTON, Gary. "Defining Midrash." In *The Study of Ancient Judaism I*, edited by Jacob Neusner, 55-103. New York: KTAV, 1981.

As Narrativas de José do Egito No Midrash

PRAT, Ferdinand, SJ, *Jesus Cristo: Sa vie sa doctrine son oeuvre*, Paris, Beauchesne, 1933.

RAWIDOWICZ, Simon. "On Interpretation." In *Studies in Jewish Thought*, edited by Nahum Glatzer. Philadelphia: JPS, 1974.

REHFELD, Walter I. , *Tempo e Religião*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1988

REHFELD, Walter, *Introdução à Mística Judaica*, Ed Ícone, São Paulo, 1986

ROSENBERG, Roy A., *Guia conciso do judaísmo*, Ed. Image, 1990

RUSSELL, Jeffrey Burton Russel, *O Diabo - As percepções do Mal da Antigüidade ao Cristianismo Primitivo*, Editora Campus, Rio de Janeiro, 199

SANDMEL, Samuel. "The Haggadah Within Scripture." *JBL* 80 (1961): 105-22.

SARASON, Richard S. "Kadushin's Study of Midrash: Value-Concepts and Their Literary Embodiment." In *Understanding the Rabbinic Mind: Essays on the Rabbinic Thought of Max Kadushin*, edited by Peter Ochs, 45-72. Atlanta: Scholars Press, 1990.

SAULNIER, Christiane & ROLLAND, Bernard, *A Palestina no tempo de Jesus*. São Paulo, Paulinas, 1986.

SCHOLEM, Gershom, *Zoar – O livro do Esplendor*, Ed. Renes, Rio de Janeiro, 1977

SCHOLEM, Gershom, *The Messianic Idea in Judaism*, ed. Schocken Books, New York, 1972

SEAMANDS, David, *O poder curador da graça*, Ed. Vida, São Paulo, 1990

SHINAN, Avigdor. *The Aggadic Literature: A Reader Selected From Tarbiz--A Quarterly for Jewish Studies [Hebrew]*. Jerusalem: Magnes, 1983.

SICUTERI, Roberto, *Lilith - a lua negra*, Editora Paz e Terra, rio de Janeiro, 1986

SILVA, Clarisse Ferreira da, *O comentário (Peshet) de habacuc - a comunidade de Qumran reinterpreta o passado*, dissertação de mestrado defendida pela USP, 2004, 2vol.

SLONIMSKY, Henry. "The Philosophy Implicit in the Midrash." *HUCA* 27 (1956):

SPIEGEL, Shalom. *Introduction to Legends of the Bible by Louis Ginzberg*. Edited by Judah Goldin. Philadelphia: JPS, 1956. Reprint. New York: Bantam Books, 1970.

STEINSALTZ, Adin, *The Essential Talmud*, Basic Books, Estados unidos (em cidade) , 1976

STERN, David. "Midrash." In *Contemporary Jewish Thought*, edited by Cohen, Arthur A. and Paul Mendes-Flohr, 613-20. New York: MacMillan, 1987.

- STERN, David. *Parables in Midrash – Narrative and Exegesis in Rabbinic Literature*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.
- STRACK, Hermann L. revised by Gunter Stemberger. *Introduction to the Talmud and Midrash*. Translated by Markus Bockmuehl. Fortress Press, 1992;
- TERRA, J. E. M., *Anjos e Demônios na Bíblia*, Edições Loyola, São Paulo, 1981
- TODOROV, Tzvetan, *Os gêneros do discurso*, Martins fontes, São Paulo, 1978
- VALLÉS, Carlos G., "Fé e Justiça" in *O Poder da Fé*, ed Martin Claret, São Paulo, 1997
- VERMES, Geza. "Bible and Midrash: Early Old Testament Exegesis." In *Post Biblical Jewish Studies*, 59-91. Leiden: E. J. Brill, 1975.
- VERMES, Geza, *Os manuscritos do Mar Morto*, São Paulo, Mercuryo, 1995
- VISOTZKY, Burton L. *Reading the Book: Making the Bible a Timeless Text*. New York: Doubleday Anchor, 1991.
- YANCEY, Philip, *O Deus (in)visível*, Ed. Vida, São Paulo, 2000
- YANCEY, Philip, *Maravilhosa Graça*, Ed. Vida, São Paulo, 1999
- YANCEY, Philip, *Decepcionados com Deus*, Ed. Vida, São Paulo, 1997

As Narrativas de José do Egito No Midrash

YANCEY, Philip, *O Jesus que eu nunca conheci*, Ed. Vida, São Paulo, 1998

WILLAM, Franz Michel, *A vida de Jesus no país e no povo de Israel*. Petrópolis, Vozes, 1952.

WILLIAMS-HELLER, Ann, *Cabala – O caminho da liberdade interior*, Ed. Pensamento, São Paulo, 1990

WOOLGER, Roger, J. *A Deusa Interior*, ed. Cultrix, São Paulo, 1989

WRIGHT, Addison. *The Literary Genre Midrash*. Staten Island: Alba House, 1967.

VII. Índice Alfabético Remissivo

- Abel ——— 59, 66, 67, 75, 77, 96, 109, 118, 128, 138,
- Adão ——— 66, 73, 75, 96, 109, 115, 117, 174
- Alcorão ——— 37, 56, 63, 127, 197, 199, 200, 202, 203, 204, 207, 210, 234
- Bar-Cochba — 29, 49, 160
- Benjamin ——— 41, 171, 174, 208, 209, 229
- Caim ——— 59, 66, 67, 77, 96, 109, 118, 138
- S. Crisóstomo ——— 230 (todo o capítulo)
- Dã ——— 189, 191, 192, 194, 195
- Davi — 68, 137, 149, 154, 155, 156, 170, 172, 173, 175,
- Diabo – ver *Satanás*
- Efraim ——— 186, 188, 189, 195
- S. Gregório ——— 125
- R' Hanan de Séporis ——— 54, 88, 161
- Isaac – 64, 119, 174, 190, 198, 200
- R. Isaac ——— 38, 39, 53
- Isaías — 124, 156, 158,
- Jacó ——— 28, 30, 31, 37, 39, 40, 41, 42, 58, 59, 61, 62, 66, 67, 69,
78, 79, 91, 92, 93, 94, 95, 104, 107, 119, 123, 124, 127, 137, 142, 157, 161, 162,
163, 166, 167, 169, 172, 174, 176, 177, 179, 180, 181, 184, 185, 186, 187, 188,
189, 190, 191, 195, 197, 207, 207, 209, 213, 221

As Narrativas de José do Egito No Midrash

Jesus — 17, 57, 58, 75, 99, 100, 103, 107, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 193, 195, 232, 238.

Josué — 38, 39, 41, 43, 47, 48, 51, 140, 142, 193,

Judá ————— 184, 188, 194,

R' Judá Ben Simão — 32

R' Judá há-Nassí — 30, 49

Judá Bar Ezequiel — 51, 52, 54

Levi ————— 81, 88, 184, 187,

R. Levi ————— 40, 41, 111, 144, 192

Lia ————— 30, 63, 66, 188, 229,

Manassés ————— 189, 195

Maomé ——— 57, 210

Messias ————— 66, 70, 73, 76, 89, 100, 103, 121, 122, 123, 124, 153, 154, 156, 159, 170, 173, 175, 193, 194, 238.

Moisés — 29, 43, 73, 75, 118, 137, 143, 160, 172, 174, 175, 187, 188, 216, 217, 237, 238

R. Meir ——— 29, 30, 49

Perdão ————— 57, 77, 80, 95, 108, 109 (todo o capítulo), 126

Profecia ————— 37, 38, 39, 40, 57, 76, 89, 127 (todo o capítulo), 198, 199, 200, 208, 209, 210

Putifar ——— 35, 58, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 129, 130, 131, 132, 139, 178, 181, 199, 200, 201, 204, 205, 220, 221

Putífera ——— ver Zuleica

Raquel ————— 30, 37, 38, 41, 63, 91, 93, 94, 142, 188, 189, 207, 209, 213, 229

Saduceus ————— 40, 44, 45

Salomão --- 59, 73, 109, 118, 152, 154, 156, 175, 231.

Satanás ----- 64, 103, 104, 192, 198.

R. Simeão ----- 30, 31, 32, 35

Yalkut Shimoni ----- 70, 73, 94, 174

Zelfa --- 28, 30, 188, 189

Zuleica ----- 58, 97, 99, 100, 101, 102, 106, 107, 109, 113, 130, 139, 178, 181,
199, 201, 205, 220, 237